



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

LAINI DE SOUZA SANTOS

Apropriação de Espaços Públicos: a restrição do contato entre indivíduos de grupos sociais diferentes

Florianópolis

2019

Laini de Souza Santos

Apropriação de Espaços Públicos: a restrição do contato entre indivíduos de grupos sociais diferentes

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Renato Tibiriçá de Saboya

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra

Santos, Laini de Souza

Apropriação de Espaços Públicos : a restrição do contato entre indivíduos de grupos sociais diferentes / Laini de Souza Santos ; orientador, Renato Tibiriçá de Saboya, 2020. 183 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Espaços Públicos. 3. Restrição do Contato. 4. Segregação Socioespacial. 5. Forma Urbana. I. Saboya, Renato Tibiriçá de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Laini de Souza Santos

Apropriação de Espaços Públicos: a restrição do contato entre indivíduos de grupos sociais diferentes

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Soraya Nórr, Dr^a
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Gabriela de Souza Tenório, Dr^a
Universidade de Brasília – UNB

Prof. Renato Tibiriçá de Saboya, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Prof. Dr. Fernando Simon Westphal, Dr.
Coordenador do Programa

Prof. Renato Tibiriçá de Saboya, Dr.
Orientador

Florianópolis, 27 de Novembro de 2019

Aos jovens do Nordeste que resistem, por me fazerem acreditar.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é resultado de um conjunto formado por pessoas e sonhos, logo, não é possível finalizá-lo sem os devidos agradecimentos a esses motivadores.

A minha família, nas pessoas da minha irmã Fernanda que me deixou ainda no seu despertar da juventude, mas desde pequena me incentivou a buscar o melhor, principalmente na vida acadêmica. Aos meus pais que nunca mediram esforços para me auxiliar na busca dos meus sonhos. Aos meus avós pelas palavras de motivação. Aos meus irmãos pelo companheirismo. Aos meus sobrinhos por toda doçura. Aos meus tios e primos por todo carinho.

À Universidade Federal de Santa Catarina pelo acolhimento. Ao PósARQ pelos ensinamentos de todo seu corpo docente, em especial aos professores Almir, Maria Inês, Rodrigo Bastos e Vera Bins Ely. Também aos seus funcionários, principalmente à Mariany e à Adriana que alegremente me auxiliaram da melhor forma.

À Capes pelo suporte financeiro que possibilitou o estudo de forma integral no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço com todo carinho ao meu orientador Renato Saboya, por todos os direcionamentos nesta pesquisa, pelos conselhos que levarei para a vida, por toda sua empatia e benevolência. Obrigada pelo acolhimento, por entender e acolher as mil Lainis que me habitam e enxergar o melhor lado de cada uma. Gratidão eterna.

Aos eternos mestres que sempre levarei no meu coração, Igor e Dona Cida do ensino médio que despertaram meu interesse pelo estudo; Rafael, Simone Torres e Odair da Graduação que acreditaram e me incentivaram a seguir o caminho da pesquisa.

Aos amigos da vida Day, Edson (pelas leituras constantes nesse manuscrito, desenvolvendo e entendendo minhas ideias), Jair, Jobson, Nathalia, Márcio, Tiago, Thais, Priscila, Rodolfo, Will e Willy. Aos amigos que o PósArq me apresentou e certamente levarei para a vida: Lais, Isa, Andrei, Igor, Angélica, Flávia, Fábio, Carla, Babi, Daniel, Timóteo e Odila. Ao Lucas pelo afeto.

Aos sujeitos que contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa, nas formas de entrevistas, questionários e lições de vida. Aos membros das bancas avaliadoras de qualificação e defesa (Gabriela e Soraya) pela disponibilidade e ensinamentos.

A todos que colaboraram direta e indiretamente para a concretização deste trabalho. A todos vocês o meu muito obrigada!

A esses raios sem o dia que trazes, ou somente | Como alguém que vem pela rua |
Invisível ao nosso olhar consciente | Por não ser-nos ninguém (FERNANDO
PESSOA, 1924)

A sociedade enquadra as pessoas em diferentes classes, papéis e posições, o espaço
urbano pode ser um dos meios de reintegração (JOHN PEONIS,1989).

E as pessoas se olham e não se falam. Se esbarram na rua e se maltratam. Usam a
desculpa de que nem Cristo agradou. Falô! Cê vai querer mesmo se comparar com o
Senhor? (CRIOLO, 2006).

Jamais houve na história um período em que o medo fosse tão generalizado e
alcançasse todas as áreas da nossa vida: medo do desemprego, medo da fome, medo
da violência, medo do outro. (MILTON SANTOS, 2015)

RESUMO

Os estudos sobre segregação socioespacial têm apresentado de forma eminente a fragmentação do espaço social, por meio da apropriação e consumo desigual entre os grupos sociais diferentes, resultando na homogeneização das relações sociais, provocando as restrições, tanto de caráter espacial, como nas formas de comunicação. Embora esse efeito seja um dos mais básicos do fenômeno da segregação, poucos estudos aprofundaram suas dimensões, sobretudo ao investigar a influência da forma urbana no estabelecimento ou omissão das redes de contato social, uma vez que, se preocupam apenas em evidenciar os aspectos socioeconômicos. Esta dissertação parte desse pressuposto e pretende investigar a copresença e os contatos sociais e suas restrições nas praças Pereira Magalhães e Coronel José Alves, localizadas na cidade de Arapiraca, AL, relacionando-os a aspectos morfológicos do contexto urbano e a aspectos socioeconômicos e individuais dos usuários. Para isso, as duas praças estão situadas em duas áreas socioeconômicas diferentes. Nestas aplicamos uma abordagem multimétodos de viés qualitativo e quantitativo fundamentando-nos atributos espaciais de cada espaço e nas relações sociais estabelecidas e restritas a partir deles. Considerados os resultados gerais, evidenciamos que a praça Coronel José Alves, do bairro Baixão, dispõe de atributos espaciais mais globais que influencia na variedade dos grupos sociais que se apropriam do espaço, diferentemente da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, que tende a manter as trocas entre iguais, por causa da sua inserção socioespacial com características mais locais. Sendo assim, consideramos que os arranjos socioespaciais que situam as duas praças são determinantes para o estabelecimento das relações sociais e, sobretudo de suas restrições, evidenciando que a renda, uso do solo, integração e, sobretudo, a configuração visibilizam as formas mais básicas de desigualdade. A relevância desse conhecimento para as ações de planejamento urbano parte do pressuposto que a configuração urbana deve ser um dos principais elementos a serem analisados no desenvolvimento das políticas públicas que propaguem a minimização das decorrências do capitalismo que divide as relações sociais pelo poder econômico.

Palavras-Chave: Segregação socioespacial. Espaços Públicos. Restrição do contato. Forma Urbana.

ABSTRACT

Studies on socio-spatial segregation have eminently presented the fragmentation of social space, through the appropriation and unequal consumption among different social groups, resulting in the homogenization of social relations, causing restrictions, both spatially and in the forms of communication. Although this effect is one of the most basic of the phenomenon of segregation, few studies have deepened its dimensions, especially when investigating the influence of urban form on the establishment or omission of social contact networks, since they are concerned only with highlighting socioeconomic aspects. This dissertation starts from this assumption and intends to investigate the co-presence and social contacts and their restrictions in the Pereira Magalhães and Coronel José Alves squares, located in Arapiraca, AL, relating them to morphological aspects of the urban context and to the socioeconomic and individual aspects of the cities. users. For this, the two squares are situated in two different socioeconomic areas. In these we apply a multimethod approach of qualitative and quantitative bias based on spatial attributes of each space and the social relations established and restricted from them. Considering the overall results, it is clear that Coronel José Alves square in the Baixão neighborhood has more global spatial attributes that influence the variety of social groups that appropriate the space, unlike Pereira Magalhães square in the Cacimbas neighborhood, which tends to maintain exchanges between equals, because of their socio-spatial insertion with more local characteristics. Thus, we consider that the socio-spatial arrangements that situate the two squares are determinant for the establishment of social relations and, above all, their restrictions, showing that income, land use, integration and, above all, the configuration show the most basic forms of social relations. inequality. The relevance of this knowledge for urban planning actions assumes that urban configuration should be one of the main elements to be analyzed in the development of public policies that propagate the minimization of the consequences of capitalism that divides social relations by economic power.

Keywords: Socio-spatial segregation. Public spaces. Contact restriction. Urban form.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Zonas de crescimento do modelo de Burgess.....	30
Figura 2 - Padrões de apropriação de classes sociais.....	37
Figura 3 – Modelo de Rotinização	50
Figura 4 - Exemplo de copresença, rotinização e interação social.....	54
Figura 5 - Exemplo de Copresença, Rotinização e Interação Social - Carro	54
Figura 6 - Síntese dos procedimentos metodológicos da pesquisa.....	58
Figura 7 - Localização de Arapiraca/Alagoas/Brasil.....	59
Figura 8 - Espacialização da Renda na Zona Urbana de Arapiraca	60
Figura 9 - Integração Global da zona urbana de Arapiraca.....	61
Figura 10 - Renda e Integração Global da Zona Urbana de Arapiraca	62
Figura 11 - Escolha das áreas – 1 bairro Baixão e 2 bairro Cacimbas	63
Figura 12 - Localização da praça Coronel José Farias no bairro Baixão	64
Figura 13 - Localização da praça Pereira Magalhães no bairro Cacimbas.....	65
Figura 14 - Escolha da contagem de pedestres em cada praça.....	67
Figura 15 - Pontos de análise das praças à esquerda Cel. José Alves à direita Pereira Magalhães.....	70
Figura 16 - Distribuição das categorias de análise da pesquisa.....	78
Figura 17 - Relação de proximidade entre os bairros.....	81
Figura 18 – Integração Global das praças	83
Figura 19 - Rotas de ônibus dos bairros Baixão e Cacimbas	84
Figura 20 - Funcionamento das vias do bairro Cacimbas	85
Figura 21 - Pontos de Contagem de Pedestres da praça Pereira Magalhães	86
Figura 22 – Localização das ruas que compreende a feira livre de Arapiraca	87
Figura 23 - Fluxo de pedestres praça Pereira Magalhães. Pontos 1 e 2	88
Figura 24 - Pedestres que usam a praça Pereira Magalhães como rota.....	88
Figura 25 - Configuração do bairro Baixão.....	89
Figura 26 - Pontos de Contagem de Pedestres da praça Cel. José Alves	90
Figura 27 - Fluxo de pedestres praça Cel. José Alves. Ponto 1 e 2.....	91
Figura 28 – Fluxos de cruzamento no interior da praça Cel. José Alves	91
Figura 29 - Condições de cuidados da praça Coronel José Alves – bairro Baixão	92
Figura 30 - Condições de cuidados da praça Pereira Magalhães – bairro Cacimbas	92
Figura 31 - Distribuição do uso do solo do bairro Cacimbas	94

Figura 32 – Distribuição do uso do solo do bairro Baixão.....	95
Figura 33 – Cheios e Vazios do bairro Cacimbas	96
Figura 34 – Cheios e Vazios do bairro Baixão.....	98
Figura 35 - Densidade habitacional dos bairros em relação com as praças	99
Figura 36 - Bairros de residência dos usuários da praça Pereira Magalhães (bairro Cacimbas)	102
Figura 37 - Bairros de residência dos usuários da praça Cel. José Alves.....	104
Figura 38 - Mapa Comportamental da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas	107
Figura 39 – Praça Pereira Magalhães e albergue noturno Monsenhor Jose Neto.	109
Figura 40 - Mapa comportamental da praça Coronel José Alves, do bairro Baixão.....	110
Figura 41 - Usos internos da praça Pereira Magalhães, no bairro Cacimbas	114
Figura 42 - Distância entre os bairro Baixão e Santa Edwirges	167
Figura 43 - Rotinização do perfil masculino – Praça Cel. José Alves.....	168
Figura 44 - Distância entre os bairro Baixão e Bom Sucesso	169
Figura 45 - Rotinização do perfil feminino – Praça Cel. José Alves.....	170
Figura 46 - Possibilidade de encontro entre os perfis rotinizados.....	171
Figura 47 - Possibilidade de encontro entre os perfis rotinizados.....	172
Figura 48 - Distância entre os bairro Cacimbas e Itapoã.....	173
Figura 49 - Rotinização do perfil masculino na praça Pereira Magalhães	174
Figura 50 - Distância entre os bairro Cacimbas e Alto do Cruzeiro.....	175
Figura 51 - Rotinização do perfil feminino na praça Pereira Magalhães	176
Figura 52 - Possibilidade de encontro entre os perfis rotinizados.....	177
Figura 53 - Possibilidade de encontro entre os perfis rotinizados.....	178
Figura 54 - Bairro dos entrevistados da praça Pereira Magalhães	180
Figura 55 - Bairro dos entrevistados da praça Cel. José Alves	181

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Contagem de pedestres no PONTO 1 (Pessoas/Hora)	86
Gráfico 2 – Contagem de Pedestres no PONTO 2 (Pessoas/Hora)	86
Gráfico 3 - Contagem de Pedestres no PONTO 1 (Pessoas/Hora).....	90
Gráfico 4 - Contagem de Pedestres no PONTO 2 (Pessoas/Hora).....	90
Gráfico 5 - Usos das praças	105
Gráfico 6 - Média de usuários por hora da praça Pereira Magalhães.....	109
Gráfico 7 - Média de usuários por hora na praça Coronel José Alves, no bairro Baixão	112
Gráfico 8 - Relações estabelecidas ao longo do contato entre usuários das praças.....	123
Gráfico 9 - Motivos dos usos das praças	162
Gráfico 10 - Relações estabelecidas ao longo do contato entre usuários das praças.....	164
Gráfico 11 – Atividades realizadas ao longo das relações estabelecidas nas praças.....	165

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Identificação dos perfis da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas	100
Quadro 2 - Identificação dos perfis da praça Cel. José Alves (bairro Baixão).....	103
Quadro 3 - Personas das rotinizações da praça Cel. José Alves.....	166
Quadro 4 - Personas das rotinizações da praça Pereira Magalhães	173
Quadro 5 - Caracterização dos entrevistados da praça Pereira Magalhães	179
Quadro 6 - Caracterização dos entrevistados da praça Cel. José Alves	180

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MNRU - Movimento Nacional pela Reforma Urbana

TSE - Teoria da Sintaxe Espacial

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisas

CEPSH - Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

MC - Mapas Comportamentais

USP – Universidade de São Paulo

SMTT – Secretaria Municipal de Transporte e Trânsito

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TEMA	23
1.2 OBJETIVOS	24
1.3 DISPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS	25
2 REFERENCIAL TEÓRICO	27
2.1 O TRATAMENTO DO ESPAÇO NOS ESTUDOS DA SEGREGAÇÃO	27
2.1.1 O espaço para a Escola de Chicago	28
2.1.2 O espaço para a corrente marxista	30
2.1.3 O espaço nas abordagens recentes da segregação	33
2.2 SEGREGAÇÃO: COMO RESTRIÇÃO DO CONTATO	38
2.2.1 O contato e sua restrição em espaços públicos	41
2.2.2 Processos espaciais na promoção do contato e sua restrição	44
2.2.2.1 Copresença	49
2.2.2.2 Rotinização	49
2.2.2.3 Interação Social	51
3 MÉTODO.....	57
3.1 FASE 1: QUANTITATIVA	59
3.1.1 Escolha das áreas de análise	59
3.1.2 Análises dos Atributos Espaciais das Praças	65
3.1.3 Análises das Relações de Contato e suas Restrições	68
3.2 FASE 2: QUALITATIVA	69
3.2.1 Análise do comportamento no espaço	69
3.2.2 Análise das Relações e Restrições de Contato.....	71
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	78
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL DAS PRAÇAS ESTUDADAS	79
4.2 AS PRAÇAS: APROPRIAÇÃO E CONTATOS	100
4.3 CONTATO RESTRITO POR ATRIBUTOS MORFOLÓGICOS	113
4.4 CONTATO RESTRITO POR ATRIBUTOS SOCIOECONÔMICOS	119
4.5 CONTATO RESTRITO POR ATRIBUTOS INDIVIDUAIS.....	124
4.6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	131
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS	142

APÊNDICE 1 – TABELA CONTAGEM DE PEDESTRES.....	151
APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIOS	152
APÊNDICE 3 – TABELA PARA MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL.....	153
APÊNDICE 4 – TCL ROTINIZAÇÕES.....	154
APÊNDICE 5 – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA	155
APÊNDICE 6 – ROTEIRO ENTREVISTAS	159
APÊNDICE 7– TCL ENTREVISTAS.....	160
APÊNDICE 8 – RESULTADO DOS QUESTIONÁRIOS	162
APÊNDICE 9 – RESULTADO DAS ROTINIZAÇÕES	166
APÊNDICE 10 – RESULTADO DAS ENTREVISTAS	179



INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Desde os primeiros modelos de cidades, o fenômeno da segregação socioespacial se materializa como reflexo da ocupação desigual do espaço por diferentes grupos sociais. Os estudos sobre esse contexto nem sempre contemplaram a exploração desse entendimento, porque até a década de 1950 o espaço urbano era visto como palco das melhores adaptações humanas, um consenso dos sociólogos urbanos da Escola de Chicago (PARK, 1916; MCKENZIE, 1923; BURGESS, 1928), que lançaram suas contribuições a partir de explicações generalizadas das cidades americanas, utilizando os conceitos da Ecologia Sociológica e naturalizando a concentração de grupos sociais em determinadas áreas da cidade.

Com as transformações econômicas do mundo pós-guerra, as cidades passaram por mudanças que suscitaram problemas estruturais de ordem socioespacial e as interpretações existentes sobre seu espaço urbano já não conseguiam esclarecer todas as suas dimensões (HARVEY, 1980). A partir da década de 1960, uma nova onda de estudiosos (LEFEBVRE, 2001, 2004; HARVEY, 1980; CASTELLS, 1983; LOJKINE, 1997), movidos pelo método dialético, passaram a considerar o modo de produção, o processo de acumulação do capital e os aspectos inerentes à força de trabalho (MARAFON, 1996) para explicar a constituição desse fenômeno, elucidando aspectos da divisão social do espaço, sobretudo na questão habitacional.

No Brasil, as análises dos modelos de segregação seguiram esse viés e seus reflexos se apresentaram nas pesquisas, por meio da ênfase na exclusão social (KOWARICK, 1979), na lógica da produção de moradias (ROLNIK, 1980; RIBEIRO, 1997), no preço do solo urbano (MARICATO, 1997, 2014), nas distâncias físicas influenciadas pelos aspectos econômicos que, conseqüentemente, interferem na localização de residências entre classes sociais diferentes (VILLAÇA, 2001, CALDEIRA; 2011; SUGAI, 2015), no reforço dos padrões de segregação por meio das ações do Estado (VETTER e MASSENA, 1975; FIX, 2001; MARQUES e BICHIR, 2001; SUGAI, 2015), nas condições de pobreza e sociabilidade (MARQUES e BITAR, 2002; MARQUES, 2010), em redes sociais e mobilidade (NETTO, 2014), dentre outras extensões.

Desde a consolidação dos primeiros estudos, até esses mais recentes, há a indicação de diversos efeitos oriundos dessa realidade. Os estudos brasileiros, em especial, estão voltados às metrópoles e denunciam que a segregação, como forma de consumo desigual entre as classes sociais, provoca dificuldades de acesso a equipamentos, serviços e infraestrutura pública (VARGAS, 2004; AZEVEDO, 2014); exposição à violência (HUGHES, 2004; CALDEIRA, 2010); diferenças salariais e redução de oportunidades de empregos (GUIA e FARIA, 2010;

CUNHA e JAKOB, 2010); preconceito e discriminação (RODRIGUES, 2007; CARVALHO, 2014; OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2015); inflação e altos impostos que diminuem o poder de consumo (MELLO, 2014); falta de estímulo a programas socioculturais, da saúde e da educação (MAAS et al., 2019) e restrição da interação entre classes sociais distintas (ANDRADE e MENDONÇA, 2010; NETTO, 2014). Grande parte desses efeitos já recebeu tratamento por pesquisas científicas (HUGHES, 2004; VARGAS, 2004; FLORES, 2006; BICHR, 2006; AZEVEDO, 2014; NETTO, 2014), sendo que alguns aparecem com mais frequência nas literaturas nacionais e internacionais.

O último efeito citado, - restrição da interação entre classes sociais distintas -, por sua vez, é o foco desta pesquisa, e é comum a muitos outros estudos, porque se expressa inerentemente a outras implicações da segregação, sobretudo ao isolamento social (KAZTMAN, 2003; MARQUES, 2005;) e à evitação social (KOWARICK 2003; MARQUES, 2005). O estudo sobre essa restrição aparece em um contexto de investigação relacionado, quase sempre, às limitações dos fatores espaciais, especificamente na disposição habitacional, e dificilmente exploram as limitações das relações de interação. A exceção advém da perspectiva de Freeman, em 1978, ao criar um índice para medir as limitações desse contato. Esse trabalho inaugura o entendimento sobre a estruturação das relações sociais de forma puramente quantitativa nos estudos sobre segregação, abrindo portas para seu aprimoramento. Com isso, pesquisadores começaram a desenvolver estudos por meio desse direcionamento. No Brasil, Netto (2014) concentrou seus estudos na restrição da interação por meio das questões de mobilidade dos agentes nos espaços, focando nos corpos como condições cotidianas para formação e interação entre indivíduos socialmente distintos.

Esses estudos apresentam resultados que agregam no entendimento da segregação como a ausência da interação entre classes socialmente distintas, e nos permitem conceber questões possíveis de análise, que se configuram além dos aspectos espaciais, propriamente ditos do fenômeno da segregação, incluindo as relações sociais que são produzidas e restritas em espaços públicos como uma variável fundamental de investigação. Entendemos que analisar a segregação a partir da formação do contato social e, sobretudo, da sua restrição, é reconhecer que não estamos diante de um processo que envolve apenas materialização no espaço, mas também de questões estruturais de desigualdade social que, quando não são consideradas, reforçam o discurso da restrição exclusivamente pelo próprio viés espacial.

Deter-se nesse panorama implica, primeiramente, no conhecimento da forma urbana e seus processos sociais, os quais Hillier e Hanson (1984) já identificaram como indissociáveis, conforme as premissas da Teoria da Sintaxe Espacial (TSE). Por meio dessa conjectura,

partimos do entendimento que o espaço materializa o fenômeno da segregação e seu efeito da restrição do contato, mas apresenta condições morfológicas de aproximação entre indivíduos de classes sociais diferentes, a partir do estímulo ao movimento e seus elementos resultantes, como integração global alta e uso do solo diversificado, por exemplo, facilitando as possibilidade de encontro (HILLIER e HANSON, 1984; VAUGHAN e ARABACI, 2011).

Ressaltamos que esses condicionantes não são geradores de contato social ou explicam de forma direta suas restrições, no entanto, a associação entre as propriedades desse movimento oferece informações sobre o comportamento da morfologia urbana como campo potencial de encontro e interação entre diferentes grupos e permite entender como a configuração espacial pode estruturar as relações sociais (ZECHIN, 2014) e, possivelmente, restringi-las. Além disso, teríamos uma maior compreensão das desigualdades sociais, a partir da sua relação com a forma urbana e vice-versa, conjunto importante para o desenvolvimento das políticas públicas que visem reverter o problema existente.

Nesse contexto, as praças são classificadas como essenciais no processo de sociabilidade, além de proporcionar capacidade das pessoas se reunirem, discutirem e reconhecerem a presença do outro (ARENDRT, 1958). Sendo assim, neste trabalho investigamos duas praças na cidade de Arapiraca-AL, situadas em áreas socialmente distintas. Nesses espaços, realizamos uma pesquisa de campo com viés quantitativo e qualitativo visando compreender como acontecem os contatos sociais, como e em que condições eles são restringidos entre grupos sociais diferentes, e as relações com aspectos socioespaciais, socioeconômicos e individuais.

1.1 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TEMA

O ser humano é, por natureza, constituído de relações sociais, muitas das quais se estruturam a partir da sua condição social. Nas sociedades contemporâneas, essa condição é fruto de um processo de produção engendrado no capitalismo, que se manifesta nas formas de apropriação e consumo do espaço físico. Obviamente, a exploração desse espaço é realizada de forma desigual e condiciona indivíduos semelhantes a usufruírem de espaços condizentes com a sua classe, promovendo uma homogeneização das relações e impondo restrições perante outras classes diferentes, tanto no âmbito espacial como nas formas de contato.

Embora essa restrição seja um dos efeitos mais básicos das desigualdades sociais, seu contexto ainda merece ser explorado, porque em seus estudos correspondentes, dificilmente se apresenta como categoria principal de análise, sobretudo quando correlacionada diretamente

com os aspectos da morfologia urbana, ou se relaciona exclusivamente com as transformações das relações sociais como resultado da urbanização e evoluções tecnológicas (KAZTMAN e RIBEIRO, 2008), ou nos modelos explicativos da reprodução da pobreza (MARQUES, 2010). A exceção advém do estudo de Netto (2014), por abranger o conceito de restrição; no entanto, o autor o relaciona à mobilidade dos agentes, deixando espaço para uma análise em espaços públicos a partir do mesmo contexto.

Assim, avançar no entendimento da restrição do contato é de grande relevância para entendermos como a “segregação molda as relações sociais entre os grupos, impondo a distância social e a invisibilização do diferente” (NETTO, 2014, p.45). Para isso, é importante tratar esse processo como um conjunto multidimensional, proveniente de uma estrutura baseada nas diferenças sociais, que devem ser rompidas por meio de diversas ações, sobretudo com o contato social. O contato social é a principal forma de relacionamento entre os seres humanos, exercendo grande influência na formação da personalidade de cada indivíduo, conforme encontrado nos estudos de Savoia (1989). A mesma autora identifica ainda tipos de socialização a partir das redes de contato na vida das pessoas, desde as fases da infância até a velhice, endossando sua importância para a composição dos papéis sociais da atualidade.

A possibilidade de contato social provoca diversos aspectos positivos na vida de um indivíduo estigmatizado. O estudo de Pettigrew e Tropp (2008), por exemplo, identificou correlações significativas no contato entre pessoas de grupos sociais distintos e a redução da ansiedade, aumento da empatia e perspectiva, e desenvolvimento do conhecimento sobre o outro, em uma abordagem focada na informação como um meio de diminuir o preconceito; já o estudo de Briggs (2005) identificou através do capital social aumento da confiança e coesão social, dados importantes a serem considerados em sociedades desiguais, como é o caso da brasileira.

Desta forma, acreditamos que o avanço no conhecimento dessas relações sociais podem influenciar no entendimento de como elas podem ser restritas e ajudar, de maneira geral, nas políticas de planejamento urbano com ações de melhorias nas trocas de informações e desempenho de atividades, que proporcionam um espaço público apropriado, com possibilidade de contato entre grupos socioeconômicos diferentes.

1.2 OBJETIVOS

Como objetivo geral, esta pesquisa pretende investigar a copresença e os contatos sociais e suas restrições nas praças Pereira Magalhães e Coronel José Alves, localizadas na cidade de

Arapiraca-AL, relacionando-os a aspectos morfológicos do contexto urbano e a aspectos socioeconômicos e individuais dos usuários.

Visando atingir esse objetivo, alguns específicos foram propostos, como:

- a) Compreender as motivações de ordem socioeconômica e socioespacial para uso e evitação de porções específicas das praças;
- b) Investigar a influência dos atributos espaciais de cada praça na consolidação dos encontros entre grupos sociais diferentes;
- c) Analisar os efeitos da restrição do contato nas relações entre grupos sociais diferentes.

1.3 DISPOSIÇÃO DOS CONTEÚDOS

O texto está subdividido em três seções, além desta Introdução e das Considerações Finais.

Na primeira seção, intitulada **Referencial Teórico**, apresentamos a base conceitual que deu suporte para a construção do objeto de estudo, a partir de dois enfoques: o primeiro demonstrando o tratamento e papel do espaço na materialização do fenômeno da segregação, bem como no efeito da restrição do contato; e o segundo evidenciando as múltiplas facetas dessa restrição, sugerindo a instrumentalização de conceitos capazes de proporcionar caminhos de análise.

Na segunda seção, por sua vez, denominada **Método**, discorreremos sobre os aspectos metodológicos que possibilitaram a construção do estudo. Iniciamos com a apresentação das escolhas das áreas de estudo, e em seguida, explanamos os procedimentos que compõem cada fase, por meio da natureza de cada uma: quantitativa e qualitativa.

Na terceira seção, nomeada **Análise dos Resultados**, apresentamos os resultados obtidos em todas as fases dos procedimentos realizados no método e suas correspondentes discussões.

Finalizamos com as considerações, clarificando as constantes evoluções desta pesquisa, a partir das dificuldades metodológicas em campo, sugestões de melhorias e resultados importantes encontrados.



REFERENCIAL TEÓRICO

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A segregação não é um processo novo no contexto das cidades, embora seus estudos tenham sido mais abrangentes no último século, procurando explicações, medições, conceituações e perspectivas para entender e minimizar suas principais causas e consequências no espaço urbano. Essas pesquisas percorrem a lógica social, política, econômica e cultural, nas mais diversas linhas de conhecimento, portanto é fundamental revisitá-las para o entendimento do contexto. Assim, analisamos esses principais marcos epistemológicos, teóricos e empíricos para desenvolvermos aqui as bases do nosso objeto de estudo. Para a presente discussão não pretendemos esgotar todas as dimensões desse percurso, embora saibamos da sua magnitude e importância para o tema, pois nos preocupamos apenas em extrair as principais considerações a respeito do nosso objeto de estudo. Para tanto, fracionamos em dois momentos.

No primeiro momento, discutimos a segregação a partir do tratamento e papel do espaço na materialização desse fenômeno, destacando sua influência na separação entre grupos diferentes e seus efeitos, pois entendemos que o cerne das relações sociais, assim como sua restrição, sofre influência direta do espaço, mais precisamente, em suas formas de apropriação. Logo, o classificamos como um dos principais meios para o entendimento da nossa pesquisa. Para isso, percorremos estudos que vão desde o surgimento do conceito da segregação até trabalhos mais atuais.

No segundo momento, por sua vez, entendido como uma continuação do primeiro, todavia focado numa perspectiva mais direta ao objetivo desse estudo, adentramos na abordagem da segregação como restrição do contato. Chamamos a atenção, inicialmente, para as distâncias sociais que causam a apropriação desigual do espaço, e inevitavelmente promove as restrições; depois apresentamos as dimensões dessa restrição e, posteriormente centralizamos esse contexto para espaços públicos e possíveis formas de análise, a partir de alguns conceitos importantes, como copresença, rotinização e interação social.

2.1 O TRATAMENTO DO ESPAÇO NOS ESTUDOS DA SEGREGAÇÃO

Os pressupostos teóricos referentes ao espaço que nortearam os estudos da segregação partiram de três períodos diferentes. Segundo Bógus (2009), o primeiro se deu com os sociólogos urbanos da Escola de Chicago, no início do século XX (PARK, 1916; MCKENZIE, 1923; BURGESS, 1928); o segundo com a corrente Marxista, entre os anos 1960 a 1980 (LEFEBVRE, 2001, 2004; CASTELLS, 1983; LOJKINE, 1997, SANTOS, 1978, 1979, 1996;

HARVEY, 1980); e, por fim, pelas abordagens mais atuais (VILLAÇA, 2001; MARCUSE, 2004; PRÉTECEILLE, 2004; RIBEIRO, 1997, 2003). A seguir extrairemos as principais considerações importantes para a pesquisa de cada período.

2.1.1 O espaço para a Escola de Chicago

Demarcada por Lefebvre (2001) como o evento que inaugurou a Idade Moderna, a Revolução Industrial não implementou apenas novidades tecno-científicas que transformaram a humanidade, mas também diversos problemas estruturais para as cidades, sobretudo na formação ou desenvolvimento dos processos de exclusão social e como uma das principais consequências, a acentuação da segregação. Esse fato resultou, no início do século XX, nos primeiros estudos dessa realidade, por meio dos sociólogos urbanos da Escola de Chicago (Robert Park, Roderick Duncan Mckenzie e Ernest Watson Burgess). Esses estudiosos basearam-se nos conceitos da Ecologia Humana para explicar o comportamento humano a partir de uma perspectiva positivista. Conforme Negri (2008) para esses especialistas a cidade funcionava como um organismo vivo e aquele que melhor se adaptasse ao estilo de vida urbano conseguiria habitar as melhores áreas.

O primeiro a tecer considerações foi Park, com seu artigo intitulado “*A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*”¹, publicado em 1916. Esse trabalho considerava a cidade como um organismo que possibilita o agrupamento de seus indivíduos, a partir de uma organização física de ordem moral, ou como considera o autor um “conjunto das unidades de vizinhanças que tendem a distribuir e a segregar” (PARK, 1916, p. 611).

Park não pondera a dimensão econômica, por se deter a um viés orgânico e simbólico, mesmo assim, deixa entendida a forma de ocupação do espaço por meio do valor social, cultural e étnico do indivíduo, fato que nos chama atenção, devido à indicação de alguns efeitos da segregação.

As causas que fazem surgir o que aqui descrevemos como “regiões morais” são devidas em parte às restrições que a vida urbana impõe; e em parte à permissibilidade que essas mesmas condições oferecem. Temos dado muita atenção, até bem recentemente, às tentações da vida citadina, mas não temos dedicado a mesma consideração aos efeitos das inibições e repressões de impulsos e instintos naturais sob as condições transformadas da vida metropolitana [...] esses fatos têm

¹ The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the City Environment.

consequências cuja significância somos ainda totalmente incapazes de estimar (PARK, 1916, p. 611 – tradução nossa – grifo nosso)².

O segundo estudo, considerado um aprofundamento do trabalho de Park, foi o de McKenzie, que em seu livro *“A Vizinhança: Um Estudo da Vida Local em Columbus, Ohio”*³, publicado em 1923, conceituou a segregação mediante a diferenciação de áreas do uso do solo, sendo que na parte residencial evidenciava a organização a partir dos aspectos socioeconômicos. Conforme o autor, “a renda familiar tende a segregar a população de uma cidade em distritos econômicos diferentes, da mesma forma que o preço dos bilhetes em um teatro divide o público em vários estratos diferentes [...]” (MCKENZIE, 1923, p. 152, tradução nossa)⁴. Para Negri (2008) esse entendimento nos dá a conotação de homogeneização e heterogeneização do espaço, em que estaria ligada a raça, cultura, cor, entre outros.

Posteriormente, o trabalho de Burgess, intitulado *“Segregação Residencial em Cidades Americanas”*⁵, publicado no ano de 1928, apresentou uma teoria que propôs um modelo de crescimento, por meio de zonas que se expandiam da sua estrutura central, e pode se dividir a partir da sua representação social e econômica no tecido urbano, conforme identificado na **Figura 1**. A Zona I, conhecida como Loop, é o centro da cidade que concentra os principais usos de comércio e serviços, como bancos e lojas. A Zona II, por sua vez, é chamada de Zona de Transição, e segundo Burgess (1928), detém as construções mais antigas e em estado de degradação. É habitada predominantemente por uma população mais pobre, que trabalha na Zona I, devido à facilidade de locomoção. A Zona III é chamada de Zona dos Trabalhadores com condições sociais melhores que a Zona II. A Zona IV é a Zona Residencial, essencialmente habitada por uma classe média com melhores condições de moradia quando comparado com a Zona III. Por fim, a Zona V é ocupada pela classe alta e se localiza mais afastada do centro da cidade, geralmente chamadas de cidades satélites.

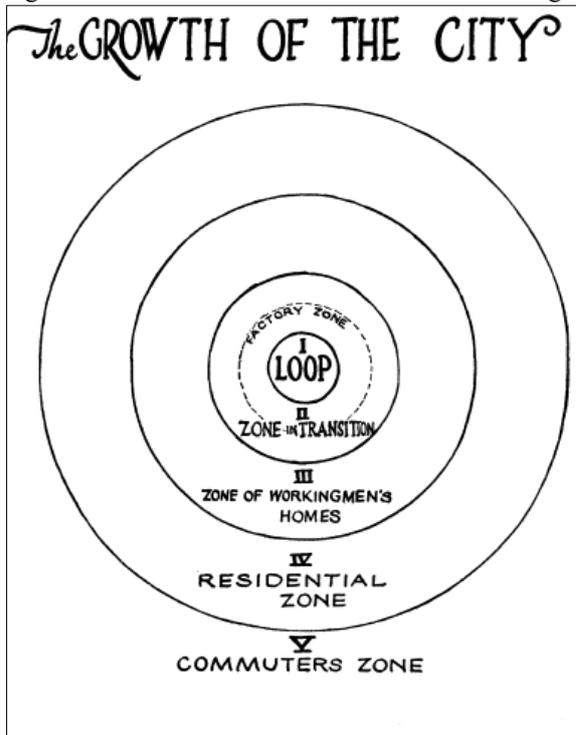
² The causes which give rise to what are here described as "moral regions" are due in part to the restrictions which urban life imposes; in part to the license which these same conditions offer. We have until very recently given much consideration to the temptations of city life, but we have not given the same consideration to the effects of inhibitions and suppressions of natural impulses and instincts under the changed conditions of metropolitan life [...] These facts have consequences the significance of which we are as yet wholly unable to estimate (PARK, 1916, p. 611)

³ The Neighborhood: A Study of Local Life in the City of Columbus, Ohio.

⁴ Family income tends to segregate the population of a city into different economic districts much the same as the price of tickets at a theater divides the audience into several different [...] (MCKENZIE, 1923, p. 152).

⁵ Residential Segregation in American Cities.

Figura 1 - Zonas de crescimento do modelo de Burgess⁶.



Fonte: Burgess (1928)

De acordo com Gottdiener (1997), o modelo de Burgess tem na centralidade sua essência do desenvolvimento, pois era ocupada pela classe com renda mais baixa, enquanto a mais alta escolhia a periferia, devido a maiores oportunidades de qualidade de vida e segurança. Para Negri (2008), a conjuntura desses três trabalhos promovia explicações generalizadas do espaço urbano, ao mesmo tempo em que combinava uma naturalização das relações de classes estabelecidas, devido ao seu aporte teórico proveniente da Ecologia Humana. Posteriormente, esse entendimento foi perdendo forças por não sustentar outras interpretações, como por exemplo, o viés econômico. Essa ausência influenciou também sociólogos, agora com base Marxista, a entender o espaço urbano através dessas relações, devido à importância de considerarmos todas as dimensões, mesmo que estejamos em constantes transformações. Essa categoria será melhor trabalhada no item a seguir.

2.1.2 O espaço para a corrente marxista

Os conflitos atuantes no espaço urbano do período Pós-Guerras acentuaram os debates sobre a segregação. As principais discussões tiveram início na França e foram movidas por uma perspectiva Marxista e têm nos estudos de Lefebvre (1991, 2001) o advento dos trabalhos. Esse

⁶ Growth zones of the Burgess model

filósofo trazia ao centro do problema as causas do fenômeno, a partir das relações das classes sociais em consonância com seus modos de produção e buscava desmistificar todo o conjunto de ideias que foram trabalhadas pelos sociólogos da Escola de Chicago.

Diversos autores também introduziram esse viés em seus estudos. Milton Santos (2008), por exemplo, nos apresentou um amplo leque de considerações sobre a percepção equivocada que faziam do espaço. Conforme o autor “o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima” (SANTOS, 2008, p.10). Segundo Corrêa (1995), quando Milton Santos propõe tais categorias nesse entendimento, considera um conjunto de objetos reproduzido pelo trabalho humano. Fato antes destacado por Lefebvre (1991, p.75), ao descrever o espaço como trabalho que “é reproduzível sendo resultado de repetitivas ações”.

Lefebvre e Milton Santos muito se assemelham em seus posicionamentos no estudo do espaço, e conseqüentemente em suas formas de apropriação, sendo que o primeiro utiliza os conceitos de espaço abstrato e social, enquanto o segundo classifica como forma, função e estrutura. Ambos corroboram que esse espaço materializa as desigualdades, fato que expressa sua totalidade (CORRÊA, 1995). Para Lefebvre é uma “totalidade nunca sistematizada, nunca acabada; nunca perfeita, mas que, contudo, se vai consumando, se vai realizando” (LEFEBVRE, 1973, p. 5), tornando-se aberta a contradições; e para Milton Santos “uma totalidade em transformação determinada pela sociedade, modos de produção, distribuição da população, entre outras necessidades” (SANTOS, 1979, p.10).

Discutindo também esse conceito, Harvey (1980) nos chama a atenção para o processo de institucionalização da apropriação desse espaço que pode determinar o processo social, em especial das relações sociais de classes. Os reflexos desse conjunto expressam os conflitos de uma sociedade embasada na divisão do espaço entre abstrato e social de Lefebvre, o primeiro é aquele concebido pelos interesses do capital, enquanto o segundo se fragmenta pelas estratégias dos seus diferentes atores (CARLOS, 2005).

De acordo com Corrêa (1995), as táticas desses agentes no espaço social⁷ (Proprietários dos Meios de Produção, Proprietários Fundiários, Promotores Imobiliários,

⁷ O significado de espaço social que será trabalhado ao longo de todo este estudo é o mesmo apresentado e discutido por Bourdieu (2013), o qual é “constituído pelo conjunto dos subespaços ou dos campos (campo econômico, campo intelectual etc.), dos quais cada um deve sua estrutura à distribuição desigual de uma espécie particular de capital, pode ser apreendido sob a forma da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que funcionam, simultaneamente, como instrumentos e objetos de lutas no conjunto dos campos” (BOURDIEU, 2013, p.133).

Estado e Grupos Sociais Excluídos)⁸ são determinantes para a organização do espaço urbano, e suas ações resultam em um instrumento de desigualdade, bem como sugeriu Santos (1973), ocasionando os conflitos socioespaciais como a sua forma mais básica de expressão, conforme salientou Gottdiener (1997).

[...] essa divisão e reivindicação do espaço por uma multidão de atores e instituições produziu uma “explosão de espaços” – a articulação múltipla das relações sociais estratificadas com o espaço. Essa explosão de distinções espaciais muito bem afinada entre pessoas e grupos da sociedade resulta num caos de espaços contraditórios que proliferam as fronteiras em que aparece o conflito sócio-espacial (GOTTDIENER, 1997, p.30).

Essa dominação do espaço pelo capital e a fragmentação dos seus agentes é muito intensa e gera as mais diversas causas da segregação, devido “a tendência à organização do espaço em zonas de forte homogeneidade social entre elas, sendo esta disparidade compreendida não só nos termos de diferença, mas também de hierarquia” (CASTELLS, 1983, p. 210). A segregação aparece nesse contexto como intrínseca à produção do espaço, que segundo Castells (1983) não apenas condiciona o posicionamento social e espacial de um indivíduo, mas também assume posição característica de um processo de acesso desigual de muitas outras perspectivas entre as classes sociais, sobretudo em sua forma de apropriação.

Soja (2008) também reforça esse entendimento ao indicar a importância da segregação para a dominação do espaço, fato que considera como um instrumento de separação e exclusão social.

O lugar de residência de uma pessoa já determina grande parte de suas oportunidades e condições. Também, o local de vida já é sugerido pela classe social da pessoa em uma estrutura de sociedade capitalista. Essas estruturas socioespaciais encaminham para uma injusta distribuição de todo tipos de bens, como acesso a condições básicas de habitat, serviços públicos, infraestrutura, educação e trabalho [...] Mais do que sua expressão espacial de segregação, **o espaço atua na produção de exclusão social** (SOJA, 2008, p. 1-2 – grifo nosso).

⁸ **Os grandes proprietários dos meios de produção** atuam em razão da dimensão de suas atividades e são grandes consumidores de espaço. Necessitam de terrenos amplos e baratos que satisfaçam requisitos locais pertinentes às atividades de suas empresas – junto a portos, a vias férreas ou em locais de ampla acessibilidade à população. **Os proprietários Fundiários** atuam no sentido de obterem a maior renda fundiária de suas propriedades, interessando-se em que estas tenham o uso mais remunerador possível, especialmente uso comercial ou residencial de *status*. Estão interessados no valor de troca da terra e não no seu valor de uso. **Os Promotores Imobiliários** são um conjunto de agentes que realizam, parcialmente ou totalmente, as seguintes operações: incorporação; financiamento; estudo técnico; construção ou produção física do imóvel; e comercialização ou transformação do capital-mercadoria em capital-dinheiro, agora acrescido de lucro. **O Estado** atua na organização espacial da cidade. Sua atuação tem sido complexa e variável tanto no tempo como no espaço, refletindo a dinâmica da sociedade da qual é parte integrante. **Os grupos sociais excluídos** são aqueles que não possuem renda para pagar o aluguel de uma habitação digna e muito menos para comprar um imóvel. Este é um dos fatores, que ao lado do desemprego, doenças, subnutrição, delinham a situação social dos grupos excluídos. A estas pessoas restam como moradia: cortiços, sistemas de autoconstrução, conjuntos habitacionais fornecidos pelo agente estatal e as degradantes favelas (CORRÊA, 1995a, p.05-10).

Lojkine (1997) discute ambas as concepções a partir do papel determinante do Estado para a manutenção do fenômeno da segregação, por meio da propriedade privada, evidenciando a terra como mercadoria. Segundo o autor, o Estado tende a flexibilizar as legislações para suprir a demanda do capital monopolista, favorecendo um grupo pequeno e específico. Dessa forma, a segregação se divide em uma parte “central monopolizada pelas atividades de direção dos grandes grupos capitalistas e do Estado, e zonas periféricas onde estão disseminadas as atividades de execução assim como os meios de reprodução empobrecidos, mutilados, da força de trabalho” (LOJKINE, 1997, p.171). O resultado deste processo é uma organização territorial desigual, injusta e conflitante, que rompe com a relação e constitui por si só, uma ordem totalitária, que tem por objetivo estratégico quebrar a totalidade concreta e espedaçar o urbano (LEFEBVRE, 2001).

De maneira geral, o espaço urbano dentro do fenômeno da segregação é discutido na corrente Marxista a partir da terra como mercadoria, sendo um condicionante específico para a luta de classe, que resulta na apropriação desigual e como consequência têm-se a segregação (por classe, bairro, profissão, idade, etnia, sexo, dentre tantas outras vertentes), sendo esse processo compreendido como um instrumento de dominação necessária para a atuação da ideologia da classe dominante, e tem como principais efeitos os acessos díspares a bens, serviços, consumo e empregos.

2.1.3 O espaço nas abordagens recentes da segregação

Atualmente, as discussões sobre a segregação se prolongaram sustentando o posicionamento da corrente Marxista, fato que tem percorrido as distintas áreas do conhecimento, desde a Antropologia, Arquitetura e Urbanismo, Geografia, Sociologia, dentre outras que trabalham a relação dialética entre espaço e sociedade. Conforme Negri (2008), muitos desses trabalhos enfatizam os aspectos metodológicos do processo, como por exemplo, as formas de medi-lo; outros já estão preocupados em relacioná-lo às políticas públicas; outros em verificar o grau de controle e produção do espaço urbano pelas classes superiores ou, então, as consequências para as classes de menor renda. Com isso, os debates incluíram as mais diversas dimensões.

Nos Estados Unidos, Negri (2008) citou que poucos estudos focaram com veemência nos aspectos socioeconômicos (PRÉTECEILLE, 2004; MARCUSE, 2004), posto que havia uma maior predisposição para as questões étnico-raciais (MASSEY e DENTON, 1993; FARLEY, 1997). Já na América Latina grande parte das pesquisas reforçaram o processo

desigual de ocupação da classe econômica dominante (SABATINI, 1998; LUCO, VIGNOLIA, 2003; ROITMAN, 2003; KAZTMAN e RETAMOSO, 2005).

No Brasil, em específico, as discussões se iniciaram com Gilberto Freyre (2014), em 1930, mas só apresentaram aprofundamento a partir da década de 1970, quando emergiu uma crescente centralidade das cidades e dos fenômenos urbanos na cena nacional, com os intensos processos de urbanização e metropolização (MARQUES e TORRES, 2005). Esses trabalhos foram motivados, em primeira ênfase, pelos reflexos na exclusão social e na pobreza acentuada; posteriormente, passaram a englobar a produção de moradias em áreas segregadas e as ações do Estado para a manutenção deste fenômeno, ação que configura as distâncias físicas influenciadas pelos aspectos econômicos. As discussões desses trabalhos partem de uma perspectiva focada no materialismo dialético e histórico, tendo a metrópole como lócus de investigação e retratam a organização social a partir dos processos econômicos e políticos, por meio de um olhar, quase sempre, residencial ou em localidades específicas, como favelas, assentamentos precários, conjuntos habitacionais etc.

O primeiro estudo a retratar a segregação por meio dos seus efeitos na exclusão social é o de Lucio Kowarick no ano de 1979, chamado de “A Espoliação Urbana”. Esse trabalho denunciou as vivências citadinas de grupos estigmatizados nas condições desumanas de vida da metrópole paulista do início dos anos 1970. A espoliação, nesse caso, é um conjunto de análises constituídas a partir da reprodução das desigualdades sociais, em especial nas formas de extorsão do trabalho fabril. Esse conceito possibilitou uma leitura dos processos sociais e trouxe para o cerne do problema os efeitos do capitalismo no espaço urbano como reprodutor da exclusão social, sobretudo na questão da moradia, transporte, infraestrutura e emprego.

Já na década de 1980, o Brasil passava a ser palco das maiores lutas em defesa do direito à cidade, à habitação digna, ao transporte e aos demais serviços públicos de qualidade, por meio do Movimento Nacional pela Reforma Urbana (MNRU). Raquel Rolnik, Nabil Bonduki e Ermínia Maricato são as principais referências das análises da segregação a partir da produção habitacional desse período. Rolnik (1994), por exemplo, discutiu a segregação como um processo de separação espacial das classes e o papel do Estado como seu reprodutor. Segundo a autora, a cidade capitalista “é demarcada por cercas, fronteiras imaginárias, que definem o lugar de cada coisa e cada um dos moradores” (ROLNIK, 1994, p. 41).

Maricato (2003), por sua vez, discute o preço da terra que inevitavelmente promove a divisão social do espaço, sobretudo na questão habitacional e reforça que o processo de urbanização desestruturado, em que alguns poucos possuem acesso à qualidade de serviços,

enquanto outros tantos ficam à margem e são empurrados para a periferia, gera e sustenta as desigualdades e exclusão social no Brasil por meio da segregação.

A segregação urbana é uma das faces mais importantes da desigualdade social e parte promotora dela. À dificuldade de acesso aos serviços e infraestrutura urbanos (transporte precário, saneamento deficiente, drenagem inexistente, dificuldade de abastecimento, difícil acesso aos serviços de saúde, educação e creches, maior exposição à ocorrência de enchentes e desmoronamento etc.) somam-se menos oportunidades de emprego (particularmente do emprego formal), menos oportunidade de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. A lista é interminável (MARICATO, 2003. p. 152).

Já a abordagem da segregação a partir das distâncias físicas é, talvez, a maior geradora de estudos na atualidade brasileira. Nesse contexto, Villaça (2001, p.142) indica a segregação como “um processo segundo o qual diferentes classes ou camadas tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões ou conjuntos de bairros da metrópole”. Para o autor, esse processo é resultado da luta por localização entre as classes sociais, e nesse caso, necessário para a dominação social, econômica e política por meio do espaço. Villaça foi um dos primeiros a desenvolver uma abordagem que se aplica a diversas metrópoles brasileiras, tendo como suporte os setores circulares, mais conhecido como padrão centro-periferia, “o primeiro, dotado da maioria dos serviços urbanos, públicos e privados, é ocupado pelas classes de mais alta renda. A segunda, subequipada e longínqua, é ocupada predominantemente pelos excluídos” (VILLAÇA, 2001, p.143).

Esse padrão demonstra a atuação do espaço como mecanismo de exclusão (VILLAÇA, 2001), por meio da necessidade da classe dominante em se manter perto do centro urbano e dos melhores locais com infraestrutura consolidada, assim, a segregação, é um processo que realça o consumo da localização da elite a partir da ação de diversos agentes e instrumentos, sobretudo do Estado, do mercado imobiliário, e da ideologia. Villaça ainda complementa que essa localização incide diretamente nos deslocamentos, e que esses podem ser a chave principal para o entendimento da organização social no espaço urbano, pois “a classe dominante manipula a produção desse espaço, priorizando sempre a otimização dos *seus* tempos de deslocamento. (VILLAÇA, 2012, p. 66-67- grifo no original).

Esse campo fértil permitiu outros estudos a reforçarem ou implementarem o conceito defendido por Villaça. Um desses que merece destaque é o trabalho de Caldeira (2011) que abordou a cidade de São Paulo, a partir de um amplo debate sobre o referido fenômeno e o crime. A autora detectou um novo padrão de segregação baseado na criação de enclaves

fortificados que representam o lado complementar da privatização da segurança e transformação das concepções do público.

Os enclaves fortificados são espaços privatizados, fechados, monitorados, destinados a residência, lazer, trabalho e consumo. Podem ser shopping centers, conjuntos comerciais e empresariais, ou condomínios residenciais. Eles atraem aqueles que temem a heterogeneidade social dos bairros urbanos mais antigos e preferem abandoná-los para os pobres, os marginais, os sem-teto. Por serem espaços fechados cujo acesso é controlado, privadamente, ainda que tenham um uso coletivo e semipúblico, eles transformam profundamente o caráter do espaço público. Na verdade, criam um espaço que contradiz diretamente os ideais de heterogeneidade, acessibilidade e igualdade que ajudaram a organizar tanto o espaço público moderno quanto as modernas democracias (CALDEIRA, 2011, p.13).

Conforme Caldeira, esses espaços são criados através da justificativa do medo do crime e estratégias de proteção, e no geral, “minam os valores de acessibilidade do espaço público urbano e substitui por um novo tipo de público que tem a desigualdade, a separação e controle de fronteiras como valores estruturantes” (CALDEIRA, 2011, p. 13), criando um novo modelo de segregação.

Partindo para uma abordagem mais diferenciada, outros estudiosos têm trabalhado a segregação a partir do contexto das redes sociais. O primeiro a realizar uma pesquisa com esse viés foi Holanda (2000) identificado como “*pegadas de classe na paisagem*”⁹, que investigou a relação entre estruturas de classes e padrões espaciais em Brasília a partir da dependência e proximidade. Para isso, o autor realizou 297 entrevistas domiciliares em áreas residenciais com indivíduos de diferentes níveis de renda. O resultado demonstrou que sujeitos de classe de renda média possuem uma maior tendência de encontros transpaciais comparados aos trabalhadores com menor renda.

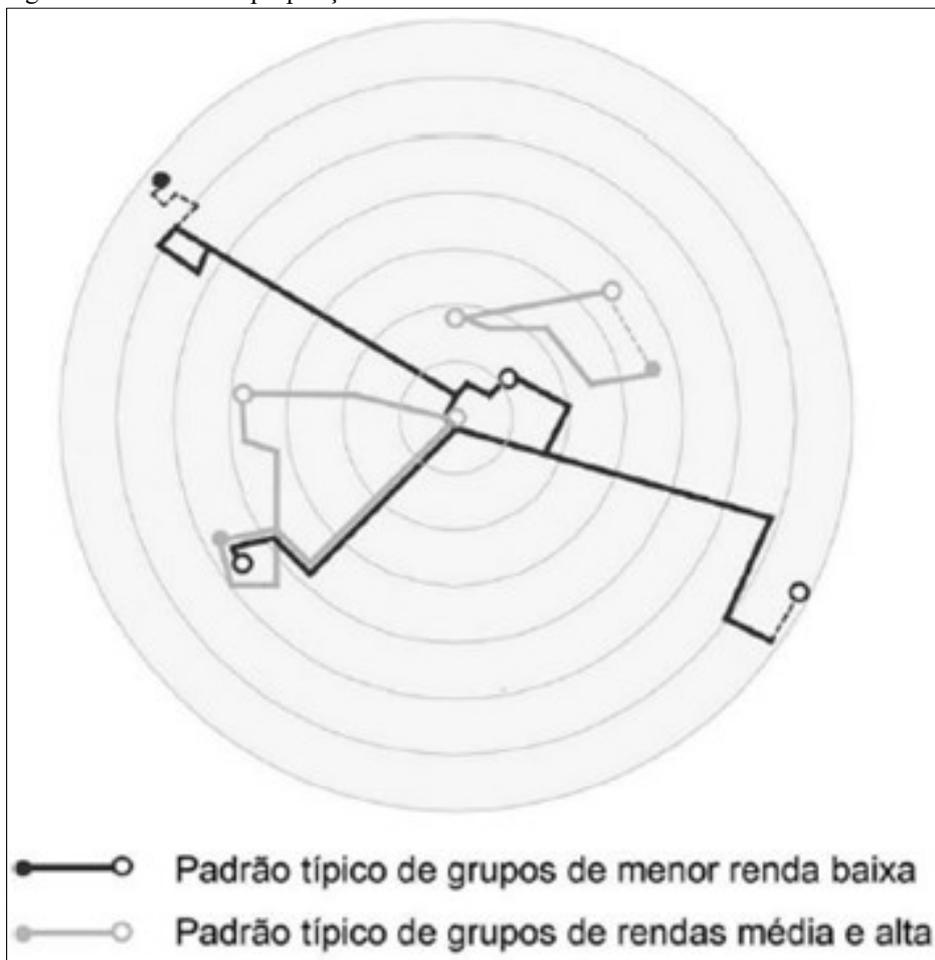
Outro trabalho de grande importância é o de Marques (2010), que estudou a sociabilidade entre indivíduos segregados e suas redes de contato e como essas podem ser determinantes na estrutura de oportunidades dos indivíduos. O estudo espacializado na cidade de São Paulo teve como um dos principais resultados a confirmação de que os “indivíduos isolados pelo espaço, aqueles que apresentam padrões de vínculos de sociabilidade mais variados costumam ter melhores condições sociais, o que sugere que as redes realmente podem combater o efeito do isolamento social produzido pela segregação” (MARQUES, 2010, p.190).

Netto (2014) também realizou um amplo estudo sobre a influência das redes sociais para a segregação. Primeiramente, o autor trabalha o fenômeno como restrição do contato entre atores diferentes, pois defende que “se considerarmos apenas a diferenciação espacial entre

⁹ Class footprints in the landscape.

classes e não o fenômeno ocorrendo no tempo do agora, corremos o risco de não vermos *como* a segregação molda as relações sociais entre os grupos, impondo as distâncias sociais e invisibilização do diferente” (NETTO, 2014, p.45 – grifo no original) e utiliza a mobilidade como vetor chave para o entendimento da segregação a partir desta abordagem. O autor desenvolveu um modelo de apropriação social, bastante presente nas cidades brasileiras, espacializado a partir de rendas diferentes, sendo o primeiro baseado no padrão de apropriação do espaço para atores de menor renda e o segundo um padrão de apropriação do espaço para atores de maior renda, conforme exemplificado na **Figura 2**.

Figura 2 - Padrões de apropriação de classes sociais.



Fonte: Netto (2014).

No padrão de apropriação do espaço para atores de menor renda, Netto indicou que envolve uma alta densidade de encontros, devido aos usos constantes de espaços que possibilitam tal ação, como a frequência na utilização de estações de transportes públicos, locais de consumo e trabalho. No entanto, “essa lógica permanece na medida da dependência de transporte coletivo e da renda para desenvolver outra atividade” (NETTO, 2014, p. 80). Já os

padrões de apropriação do espaço para atores de rendas médias e altas compreendem uma capacidade menor de encontros, devido ao uso do automóvel privado, mas também corresponde a um “número maior de atividades em posições mais distantes entre si, induzindo assim a produção de percursos que vão se sobrepondo ao longo do tempo” (NETTO, 2014, p.80).

De modo geral, fica evidente ao longo desses estudos abordados que o contexto sobre a segregação no Brasil segue o materialismo dialético Marxista e têm suas diversas vertentes de análise. Todos reforçam que as diferenças sociais são materializadas no espaço, por isso, é apropriado de forma desigual, e se caracterizam como uma das variáveis principais na manutenção do processo da segregação, bem como da luta de classes entre seus mais diversos agentes. Percebemos também o realce dado à segregação pela dimensão residencial, por grande parte dos estudos e os valores simbólicos que estão além dos efeitos desse processo. Embora todos englobem as perspectivas das principais metrópoles brasileiras, o panorama se aplica a muitos outros portes citadinos, obviamente que com suas especificidades.

A partir dos estudos citados acima podemos afirmar ainda que os efeitos dessa apropriação desigual percorrem os mais distintos cenários, sendo que os que se sobressaem perpassam entre as dificuldades de acesso a equipamentos, serviços e infraestrutura pública; exposição à violência; diferenças salariais e redução de oportunidades de empregos; preconceito; inflação e altos impostos que diminuem o poder de consumo; falta de estímulo a programas socioculturais, da saúde e da educação; descriminalização etc. No entanto, um efeito é comum a todos esses contextos: a restrição de alguma parte, seja ela física, comunicacional ou social. Na próxima seção desenvolveremos esse contexto a partir do nosso objeto de estudo.

2.2 SEGREGAÇÃO: COMO RESTRIÇÃO DO CONTATO

A segregação, como fruto das desigualdades sociais, tem apresentado diversos efeitos nas estruturas das sociedades moderna. Em países em fase de desenvolvimento, como o Brasil, se consolidam de forma brutal e atingem substancialmente as classes de rendas mais baixas. Os estudos acima analisados não apenas confirmam tal asserção, como também nos apresentam informações importantes sobre esse processo, em especial como se dá a divisão social do espaço, sua apropriação e os agentes envolvidos. Todos os resultados endossam que as distâncias sociais provenientes da separação territorial se configuram, de alguma forma, como restrição, seja ela espacial, social, cultural, econômica, ou em sua forma mais simples: a de comunicação/interação.

Investigamos aqui a restrição como um efeito da segregação, entretanto não excluimos a possibilidade de ela aparecer como sua própria causa. Entendemos seu significado a partir da sua etimologia, que segundo o dicionário Aurélio¹⁰ é oriundo do Latim e indica exceções, exclusões e limitações. Em termos gerais, o estudo sobre alguma forma de restrição abrange muitas áreas do conhecimento, então é comum vermos o termo associado a outro contexto.

Nos estudos característicos sobre segregação, o primeiro a trabalhar a restrição foi Freeman, em 1978, com seu trabalho intitulado “*segregação em redes sociais*”¹² que classificou a segregação como *restrição do contato*, ao citar que “qualquer dispositivo que resulta em restrições em alguma forma de contato social entre pessoas que possuem interesses sociais diferentes favorece a segregação e, no mais fundamental nível, tal restrição é a forma mais básica de segregação” (FREEMAN, 1978, p. 413 – tradução nossa)¹³. O intuito do autor com esse trabalho foi criar um índice de segregação com base nesse conceito, pois segundo ele, sem exceção, as medidas existentes de segregação não se referem a limitações de interação, mas as restrições de acesso para algum espaço físico (FREEMAN, 1978), como bastante enfatizado nas literaturas brasileiras.

O estudo de Freeman nos auxilia nas formas de estudar esse tipo de segregação, que segundo ele, requer o exame das redes de contatos e relações sociais que vinculam indivíduos juntos. Para constatar a segregação, devemos ser capazes de diferenciar duas ou mais classes de pessoas de acordo com seus atributos pessoais. Normalmente, as pessoas são diferenciadas para esse fim de acordo com origem étnica, classe social, sexo, idade, ocupação, educação ou qualquer uma das centenas de outras características. “Então, dada essa partição, classes de pessoas são segregadas no grau em que suas relações sociais são restritas a membros de sua própria classe e não “cruze” com membros de outras classes (FREEMAN, 1978, p. 413-414 – tradução e grifo nosso)¹⁴.

Esse delineamento indica também que a ausência de interação proveniente do espaço advém, em primeiro plano da falta de encontros, ou seja, só é possível uma comunicação quando há, pelo menos, dois indivíduos em um determinado espaço, ao mesmo tempo, e abertos a

¹⁰ Referenciado como Ferreira (1999).

¹² Segregation in Social Networks.

¹³ “Any social device that results in restrictions on some form of social contact between persons who possess different socially relevant characteristics fosters segregation and at the most fundamental level such a restriction is the most basic form of segregation.” (FREEMAN, 1989, p.413).

¹⁴ Then, given this partition, classes of persons are segregated to the degree that their social relations are restricted to members of their own class and do not “cross over” to members of other classes (FREEMAN, 1989, p. 413-414).

algum tipo de contato. As duas faces desse argumento (encontros no espaço e contato) nos abrem um leque de situações que devemos levar em consideração por dois fatores significativos.

O primeiro é que o contato é restrito a diversos espaços, ou seja, não é um problema espacial relativo absolutamente à segregação. Embora extraímos sua existência desse processo, consideramos também que, em muitos casos, não há conexão direta, pois essa restrição está no dia a dia, na ida ao supermercado, na volta do trabalho, no ponto de ônibus, nos parques e praças, na saída de casa, no cinema, ao levar um filho à escola (tanto as classes semelhantes como as diferentes), uma vez que, se apresenta em todo o tecido urbano das cidades contemporâneas, nas brasileiras, em especial, pois o país ainda carrega a herança das desigualdades sociais em sua sociedade.

O segundo, como consequência do primeiro, é a investigação dessas restrições além das áreas residenciais, pois como sugeriu Zechin (2014), antes de tudo, os grupos sociais necessitam se encontrar para que estabeleçam relações, quaisquer que sejam elas. Por isso, decidimos estudar o presente contexto em espaços públicos, sendo esses localizados em áreas com aspectos segregados, e entender sua relação com os atributos morfológicos, pois alguns trabalhos já nos indicaram que a forma urbana é geradora de encontros e copresença, que podem resultar em alguma interação, principalmente entre diferentes grupos sociais (HILLIER e HANSON, 1984; VAUGHAN e ARABACI, 2011).

Deter-se a esse panorama implica no conhecimento da forma urbana e seus processos sociais, os quais Hillier e Hanson (1984) já identificaram como indissociáveis. Esse fato nos permite dizer que se correlacionarmos ambas as variáveis (configuração urbana e restrições do contato), concedendo-lhes pesos iguais podemos avançar em maior grau no entendimento das distâncias sociais moldados pelo próprio espaço que provocam a restrição de alguma forma de interação. Assim, nos organizamos a partir de duas bases conceituais que nos guiarão a essa correspondência.

No que tange aos aspectos espaciais, recorreremos à Teoria da Sintaxe Espacial (TSE), desenvolvida por Bill Hillier e Juliane Hanson, no final da década de 1970, que tem como princípio fundamental a lógica social do espaço, dado pela “organização espacial em função da solidariedade social”¹⁵ (HILLIER e HANSON, 1984, p. 142). A organização do espaço corresponde à sua configuração e é constituída por um sistema de barreiras e permeabilidades que pode criar uma arena de encontros e restringir qualquer tipo de contato (HILLIER e HANSON, 1984). Já a solidariedade social advém do caráter do encontro no espaço, que pode

¹⁵ “Spatial organization is a function of the form of social solidarity.” (HILLIER e HANSON, 1983, p. 142).

ser de duas formas: a aleatória, realizada por grupos variados, e a programada, feita por grupos homogêneos, (HILLIER e HANSON, 1984). Esses conceitos contribuirão para análise refinada da configuração urbana a partir de diferentes escalas, indicando aspectos importantes que podem favorecer ou restringir o contato entre indivíduos diferentes.

Além do conhecimento do espaço, precisamos identificar seus condicionantes sociais de engajamento que influenciam no contato social, bem como sua restrição. Assim, encontramos os maiores subsídios nos estudos de Giddens (2008) e Goffman (2010). O primeiro trabalhou com o conceito de rotinização, oriundo da sua Teoria da Estruturação, que pode nos auxiliar no entendimento das práticas cotidianas que levam ou não a algum contato e restrições entre indivíduos diferentes. Já o segundo trabalha com a copresença em espaços públicos a partir de interações sociais. Embora a copresença em união com a rotinização influencie a expansão das relações sociais, ela não é sinônimo de interação social, bem como salientou Goffman (2010), mas pode ser uma chave para o entendimento da espacialização das relações, e possivelmente suas restrições.

A partir destas considerações, tomaremos como ponto inicial de discussão a importância dos espaços públicos para as relações sociais das cidades, realizando um pequeno percurso explicativo sobre dados gerais desses espaços, e posteriormente uma elucidação de como seus aspectos espaciais e sociais podem nos ajudar a identificar as restrições, como também ampliar as relações de contato social, minimizando as distâncias sociais e consequentemente as restrições impostas por ela.

2.2.1 O contato e sua restrição em espaços públicos

Nos últimos anos tem-se visto uma série de estudos sobre espaços públicos, a fim de examinar seus: tipos (LAMAS, 2004), evolução (GALLENDER, 1982), forma (DAMATTA, 1997), função (CARLOS, 1996; CARNEIRO e MESQUITA, 2000, SERPA, 2007) e importância (JACOBS, 1961, WHYTE, 2009; GEHL, 2010), dentre outras dimensões. Conceitualmente, o espaço público é aqui entendido como “qualquer área urbanizada inalienável, sem edificação e destinada ao uso comum ou especial dos municípios, como praças, parques, ruas, jardins, largos etc.” (FERRARI, 2004, p.219). Atenemos ao modelo praça.

A praça é o “lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, consequentemente, de funções estruturantes” (LAMAS, 2004, p.102). É um “espaço simbólico, da reprodução de diferentes ideias de cultura, da intersubjetividade que relaciona sujeitos e

percepções na produção e reprodução” (SERPA, 2007, p. 09). O posicionamento de ambos os autores aborda características que consideramos importantes para o desenvolvimento da nossa pesquisa por dois motivos. Primeiro, por considerarmos a materialidade reprodutora das relações a partir do encontro como peça fundamental para a ampliação das redes de contato heterogêneo. E o segundo pelo realce dado à essência que esses espaços carregam na promoção democrática do convívio entre diferentes.

Historicamente, o entendimento desses espaços a partir dessas percepções é recente e se deu com o surgimento da esfera social, entendida como a dimensão social do espaço entre sociedade e Estado. Na clássica obra “*A condição humana*”, Hannah Arendt (2011) traça o contexto histórico entre as civilizações antigas até meados do século XX para relacionar as dimensões entre público e privado com intuito de investigar o advento dessa esfera. Conforme a autora, a esfera social que “não era nem de ordem privada nem de ordem pública, é um fenômeno relativamente novo, cuja origem coincidiu com a eclosão da era moderna e que encontrou sua forma política no Estado-nação” (ARENDR, 2011, p.33).

Já nos estudos de Sennett (2016), a esfera social é vista desde 1470, no entanto, o autor indica que só apresentou evoluções significativas visíveis a partir do século XVIII, quando a difusão das comodidades urbanas ultrapassou o pequeno círculo da elite e alcançou um espectro muito mais abrangente da sociedade, de modo que “até mesmo as classes laboriosas começaram a adotar alguns hábitos de sociabilidade, como passeios em parques, antes terreno exclusivo da elite” (SENNETT, 2016, p.35). Essa novidade, ainda segundo Sennet, possibilitou o intercâmbio entre estranhos que não dependiam de privilégios feudais fixos, nem do controle monopolista estabelecido por favores régios (SENNETT, 2016).

No entanto, a promoção desse contato veio a declínio quando, segundo Arendt (2011), a sociedade passou a se separar de forma homogênea através dos códigos sociais, políticos e econômicos que eclodiram com a sociedade moderna, “impondo inúmeras regras, todas elas tendentes a normalizar os seus membros, a fazê-los comportarem-se, a excluir a ação espontânea ou a façanha extraordinária” (ARENDR, 2011, p.49). Sennet (2011) corrobora e inclui que esse declínio se deu com as transformações que foram ocorrendo nas cidades, mas não podemos considerá-lo como um efeito único e exclusivo do capitalismo, pois existem razões éticas e morais que colaboraram para a falta de sociabilidade em qualquer espaço, sobretudo nos de âmbito público. Para Carlos (2014), as relações atuais de contato que se realizam nos espaços públicos da cidade são marcadas pelos contornos de uma crise urbana cujo conteúdo é a constituição da cidade como espaço de negócios, visando a reprodução

econômica em detrimento das necessidades sociais que pontuam e explicitam a realização da vida urbana.

Essas razões morais (SENNETT, 2016) e reprodução econômica (CARLOS, 2014) originam as primeiras formas de restrição, por meio dos arranjos sociais¹⁶, pois nesses conjuntos simbólicos existem regras de exclusão e fica claro que “a mera presença do indivíduo, independentemente de sua conduta enquanto presente, comunica ou que ele possui as qualificações necessárias para a entrada ou que ele está se comportando inapropriadamente” (GOFFMAN, 2010, p.21). O contato, nesse caso, é o primeiro afetado, pois conforme Giddens (2008) e Goffman (2010), não há a predisposição de indivíduos de classes diferentes em iniciar uma abertura de engajamento sem uma motivação, muito pelo contrário, há a tendência de julgarmos o indivíduo socialmente pela forma que ele é visto, logo, ser trazido para um engajamento com essa pessoa em público é ser colocado na posição de ser socialmente identificado com a forma que o outro é identificado.

Giddens (2008) faz uso de um olhar Lacaniano¹⁷ para explicar essa relação. Segundo o autor, o reconhecimento simbólico de ser igual ao outro quando envolve questões estruturais, como condição de classe social, de gênero, de etnia, dentre outras dimensões, sinaliza a identificação com o próprio ser, e se auto reconhecer possuidor de uma visibilidade ou invisibilidade perante os sistemas sociais não faz parte da consciência discursiva¹⁸ de sociedades marginalizadas ou opressoras, e quando há esse entendimento e dificuldade de entender tais diferenças, dão-se, então, as mais diversas formas de preconceito ou diminuição do outro.

Essa forma de restrição, bem como outros efeitos, tem se apresentado de maneira constante na realidade das cidades brasileiras e, segundo Andrade et al., (2009, p.132), “detectam o declínio dos espaços públicos e o domínio do tempo presente por um individualismo exacerbado que prioriza a vida entre iguais em espaços vigiados e privatizados”. Como resposta, tem-se evidenciado uma preocupação na retomada do papel social desses espaços, indicando diversos atributos essenciais para a promoção do seu uso entre pessoas diferentes.

¹⁶ O entendimento de arranjos sociais desta pesquisa é o mesmo proposto por Giddens (2008) e Goffman (2010) que os caracterizam como formas de vida baseado na classe social do indivíduo, fato que o faz se comportar e utilizar espaços a partir de um código de conduta simbólico.

¹⁷ Uso do texto de Jacques Lacan "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise", de 1953.

¹⁸ Significa ser capaz de pôr as ideias em palavras.

2.2.2 Processos espaciais na promoção do contato e sua restrição

A relação dialética entre espaço e sociedade é discutida neste item a partir da importância da configuração morfológica de um espaço público na promoção da sua vida social. Para isso, fazemos uso do entendimento da Teoria da Sintaxe Espacial (TSE) que advoga sobre essa relação indissociável. Essa, por sua vez, foi desenvolvida nos finais da década de 1970, quando o mundo passava por grandes transformações tecno-científicas, a partir de observações na atmosfera física da cidade de Londres e sua integração com os aspectos sociais. Os seus criadores Bill Hillier e Julienne Hanson perceberam que essas variáveis formavam um conjunto indissociável, no qual uma não inibia a outra, ao contrário, se complementavam, e unidas podiam explicar o surgimento e desenvolvimento de muitos fenômenos urbanos.

A TSE considera que a configuração de um local, constituída por um sistema de barreiras e permeabilidades, pode criar uma arena de encontros ou restringi-los. Para tanto, faz uso de técnicas computacionais de representação, quantificação e interpretação para explicar esse sistema formado pela forma física e suas relações sociais, por meio de uma abordagem que leva em consideração tanto seu contexto global quanto o local, no qual o espaço está inserido, a partir de uma distância topológica, e não métrica, como costuma ser o caso nos estudos convencionais.

Esse conhecimento permitiu a operacionalização da teoria em unidades espaciais, com intuito de estudar tanto espaços fechados, quanto abertos, de maneira generalizada para toda as escalas geográficas. Essas unidades foram nomeadas de: linhas axiais, espaços convexos, isovistas e, em um contexto mais recente, surgiram as análises angulares e por segmentos. As linhas axiais, às quais Hillier e Hanson (1984) definiram como maiores linhas retas capazes de cobrir todo o sistema de espaços abertos de um determinado recorte. Conforme Saboya et al. (2016, p.137) “essas linhas apresentam movimento e visibilidade, reduzindo, para fins analíticos, a complexidade da forma urbana e capturando aspectos como continuidade e linearidade do traçado”, e concebem os mapas axiais. Esses mapas, por sua vez, revelam os níveis de acessibilidade de uma determinada linha em relação às demais do sistema em estudo, sendo que esses níveis são determinados a partir de uma escala cromática entre vermelho (rasa ou mais integrada) e azul (profunda ou mais segregada). Esse processo resulta em algumas medidas sintáticas, as quais, convencionalmente, Hillier e Hanson (1984) chamaram de: Conectividade, Escolha e Integração. Enfoquemos nessa última.

A medida de Integração, que será mais explorada ao longo da metodologia deste estudo, é uma das mais utilizadas em todo o desenvolvimento da Teoria da Sintaxe e expressa

o inverso da profundidade média de um espaço em relação aos demais em um determinado sistema. Dizer que um espaço é integrado é o mesmo que falar que ele está mais próximo, ou a menos passos (topológicos) de todos os outros, em média. Ao realizar uma análise de Integração, comumente, utiliza-se a letra “r” para representar o raio, ou a quantidade de passos topológicos que foram considerados. Quando esse raio se relaciona com as propriedades globais, a medida de integração é classificada em “n”, por fazer referência a um número ilimitado de passos topológicos. Já no que diz respeito às propriedades locais, se caracteriza como “r3”, por considerar, tradicionalmente, até três linhas em qualquer direção.

Todos esses conceitos possibilitaram uma leitura refinada sobre os processos de diferenciação espacial provocados pela ausência de movimento, fato que viabilizou a muitos estudos empíricos aperfeiçoarem as técnicas de investigação de toda a teoria, considerando, a partir disso, o movimento como um dos principais componentes de pesquisa. Esse movimento, o qual Hillier *et al.*, (1993) chamaram de movimento natural, é o próprio movimento de transeuntes, e é, em parte, determinado pela configuração das ruas, das praças, ou até mesmo das conexões entre esses espaços. Assim sendo, a configuração espacial não só estabelece os padrões de movimento, como também seus elementos resultantes (integração, uso do solo etc.).

Desta forma, a integração global costuma estar associada a maiores níveis de movimento e, segundo Holanda (2002), tende a estar relacionada com um maior número de pessoas estranhas no espaço. Por outro lado, baixos níveis de integração tendem a se relacionar com maior número de moradores naquela localidade. Isso acontece porque, geralmente, os espaços que estão mais próximos, em média, do restante do sistema apresentam condições de usos (atividades e porte) para escalas mais globais, logo tendem a concentrar maiores fluxos; na mesma intensidade em que espaços com menores níveis de acessibilidade concentram usos com características mais locais e, por isso, apresentam uma demanda menor de atividades e, conseqüentemente, menos fluxos resultantes.

Esse movimento tão importante para os processos sociais cria um sistema de encontros e esquivanças que, conforme Holanda (2002), permitem avaliar as práticas sociais estabelecidas no espaço e busca sua relação com a estrutura espacial, sendo que a sua possibilidade de existência entre as diferentes classes e grupos sociais tem a ver com as distâncias físicas que separam seus membros na vida cotidiana. Essa concepção trazida pela TSE é uma das chaves principais desta pesquisa, porque desse entendimento extraímos que a relação entre espaço apropriado por classes sociais diferentes pode ser analisada mediante os padrões de movimento, ideia já trabalhada por Netto (2014), pois além de ser fundamental para a vida social, pode incentivar ou restringir, no contexto de interação social, os encontros.

Algumas pesquisas empíricas realizadas por todo o mundo endossam a importância da configuração urbana para o movimento e seus efeitos no contato social a partir do encontro. O estudo de Zakariya et al., (2014), por exemplo, mostrou em uma praça no distrito empresarial central de Melbourne, na Austrália, que as características físicas do espaço, como a oferta de espaços abertos e verdes, conectividade, visibilidade e mudanças de níveis topográficos afetam diretamente a sociabilidade entre os usuários, pois antes o espaço não era utilizado. No entanto, com a mudança do design que levou em consideração todos os itens citados, a praça se tornou mais movimentada, permeável e claramente visível para o público de todos os lados, tornando-a acessível, segura e muito mais fácil para o conselho municipal controlar grandes multidões. Já a pesquisa de Hajmirsadegui et al. (2013) detectou em alguns espaços públicos do Iran interferências positivas entre forma física e atividades sociais, pois as praças estudadas foram projetadas fisicamente para ter efeitos diretos e indiretos sobre a vida de seus usuários a partir da inclusão de lojas de comidas e bebidas, edifícios comerciais e de estudo ao redor, para facilitar os encontros humanos no uso desse espaço por meio dos movimentos. O estudo de Chitrakar (2016), por sua vez, realizado no Vale de Kathmandu, no Nepal, reconheceu a importância da configuração do espaço para as ações sociais de movimento, sobretudo as que envolvem contato social entre imigrantes. No entanto, os resultados indicaram que, embora os moradores indiquem essa relação para todo o conjunto de melhorias na sociedade, sua vivência cotidiana não reflete na experiência contada.

Os encontros, oriundos do movimento, são fenômenos sequenciais interpolados na serialidade da vida cotidiana e conferem forma a essa mesma serialidade (GIDDENS, 2008). São o fio condutor do contato social e possuem propriedades sistemáticas que podem ser entendidas por duas características: uma de abertura e encerramento e a outra de alternância. Para Giddens (2008), essas propriedades agem na forma de abrir espaços, uma vez que se referem a posição do corpo de um indivíduo em relação ao outro, sendo esse posicionamento uma característica elementar da estruturação de encontros, pois tão importante como o motivo do encontro é o espaço desse encontro.

Segundo Giddens (2008), a importância do posicionamento dos corpos está estreitamente ligada ao nível de distanciamento espaço-temporal das totalidades sociais, pois nas sociedades contemporâneas os indivíduos são posicionados numa gama cada vez mais ampla de zonas, em lares, locais de trabalho, bairros, cidades, nações-estados, todas elas apresentando características de integração de sistema que se relacionam de forma diferente, envolvendo questões de múltiplas dimensões, sobretudo natural, cultural, econômica e social.

A partir disso, há um panorama favorável de contato, bem como de sua restrição, pois o contexto em que cada indivíduo está envolvido condiciona a apropriação de espaços condizentes com a sua classe, promovendo uma homogeneização das relações e impondo restrições perante outras classes diferentes, tanto no âmbito espacial como nas formas de contato. Tal condição, embora fortaleça a coesão social entre as classes semelhantes no âmbito interno, reproduz continuamente o afastamento entre classes diferentes, como destacou Netto (2014), uma vez que “a distância social invade e conquista o cotidiano através da sucessão de interações restritas no espaço urbano” (NETTO, 2014, p.61).

Essa restrição, oriunda da falta de encontros espaciais entre grupos diferentes, é típica na sociedade brasileira e se manifesta em exemplos concretos no funcionamento das relações sociais de contato. O Censo do IBGE de (2010) mostrou que mais de 70% da população se casa com pessoas semelhantes, nos âmbitos de classe social, cor e escolaridade²³. Obviamente, tal constatação envolve muitas outras proporções, mas não há como desassociar o efeito da apropriação do espaço na materialização dessas relações, pois o estudo de Netto (2014, p.59) já confirmou que “no interior da rede de campo ou classe, linhas de ação dos atores tendem a entrelaçar-se menos ou mais frequentemente, devido suas disposições e as situações sociais compartilhadas localmente.”

Além dessa propriedade de restrição entre os que não se cruzam, há ainda outra condição de restrição por meio da evitação social entre os que se cruzam, que é fundamental discutirmos. O conceito de evitação social foi discutido, primeiramente, nos estudos brasileiros pertinentes à segregação, por Lucio Kowarick, em 2004, a partir do contexto da violência. Segundo o autor, “a evitação social cria formas de distanciamento e isolamento, que são extremamente importantes para separar ou segregar um grupo do outro, principalmente os abastados dos pobres” (KOWARICK, 2004, p. 96). Esse tipo de restrição abrange aspectos de instâncias diferentes (classe, gênero, raça, cultura, condições biológicas etc.) que devem sempre serem levadas em conta. No entanto, em sociedades com grande índice de desigualdade, como o Brasil, as raízes dessa evitação denotam o processo de fundação do território que se concretizou perante os modelos excludentes da vida cidadina e tomam forma no preconceito.

O sociólogo Jessé Souza lançou, em 2006, o livro a invisibilidade da desigualdade brasileira, no qual destrinchou esse processo. Segundo o autor, o Brasil desenvolveu uma sociabilidade como produto de um povo emotivo e caloroso, mas que serve apenas para

²³ Para uma melhor explicação, ler matéria disposta no link: <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/10/1170344-brasileiros-casam-se-mais-com-pessoas-de-mesma-etnia-e-instrucao-diz-ibge.shtml> | Acesso em Maio de 2019.

solidariedades pragmáticas dentro de classes semelhantes, em especial, as que detêm maiores poderes aquisitivos, enquanto as mais pobres só recebem alguma atenção quando seus problemas adquirem forma em proporções gigantes, como em tragédias ou caso de grande impacto nacional. Quando materializado no espaço, esse modo de evitação, segundo Harvey (1992) e Kowarick (2004), cria ações que invisibilizam o indivíduo que é diferente, ou seja, aquele que não se adequa às condições sociais, econômicas e políticas do grupo dominante, promovendo a restrição do contato, mesmo que frequentem o mesmo espaço.

O psicólogo Fernando Costa, em seu livro *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*, lançado em 2004, narrou a experiência de vivenciar as atividades de garis, na cidade de São Paulo, como fruto de um trabalho proposto na Universidade de São Paulo (USP), e nos apresenta um claro exemplo da evitação do contato, tanto entre classes diferentes, como em situações que aproximam indivíduos de classes semelhantes que não se sentem pertencentes. Costa (2004) relatou que enquanto assumiu comportamento pessoal da classe social que fazia parte (maior que a dos Garis) e ficou apenas no posto de observação, não teve abertura com os profissionais. No entanto, quando se mostrou igual, executando a mesma rotina e praticando ações, como tomar café, vestir a mesma roupa, realizar as mesmas funções, conseguiu conversar com maior engajamento, se sentindo como um deles. Outro ponto importante, foi que ao se colocar no mesmo espaço que seus amigos, mas com os trajes de Gari e realizando tal atividade, ele não foi reconhecido.

No intervalo entre as aulas no Instituto de Psicologia, foi preciso que eu passasse por dentro do prédio daquela faculdade. Imaginei, então, que vestindo aquele uniforme ali incomum [...] fosse chamar a atenção de toda a gente [...] Não fui reconhecido [...] Nenhuma saudação corriqueira, um olhar, sequer um aceno de cabeça. Foi surpreendente. Eu era um uniforme que perambulava: estava invisível [...] (COSTA, 2004, p. 58).

Para o autor, quanto menor a posição social do indivíduo, maior sua invisibilidade (COSTA, 2004). Essa condição certamente provoca indagações que estão além dos atributos espaciais, envolvendo as condições de desigualdade que constantemente são naturalizadas e engendradas no dia a dia como um fator comum às atividades corriqueiras. Identificar as formas pelas quais as relações sociais se espacializam a partir das atividades cotidianas de cada indivíduo possibilitadas pelo encontro que geram as invisibilidades, pode ser um passo no entendimento dessa equação. Possíveis formas de análise desse contexto estão nos estudos de Giddens (2008) e Goffman (2010), por meio da copresença, rotinização e interação social, as

quais apresentaremos nos próximos itens. Apesar de os termos apresentarem conexão direta, debateremos cada um em suas dimensões a partir dos seus significados, relacionando-os.

2.2.2.1 Copresença

De origem sociológica, o termo copresença tem aparecido constantemente em pesquisas de diversas áreas e com isso apresentado inúmeras conceituações. Ao longo deste estudo entenderemos a copresença como o ato de pelo menos duas pessoas estarem presente ao mesmo tempo em um mesmo espaço. O sociólogo Erving Goffman (2010) foi um dos propulsores desse conceito e indicou que a copresença surge a partir do desenvolvimento da vida cotidiana e por meio dela manifestam-se as trocas sociais, tanto no âmbito de interação direta, como também pela desatenção civil, que neste caso, é o modo de demonstrar interesse inconsciente²⁴.

A copresença deixa as pessoas singularmente acessíveis, disponíveis e sujeitas umas às outras (GOFFMAN, 2010), mas sua ocorrência varia, entre outros fatores, de acordo com a integração das linha axiais da malha urbana (HOLANDA, 2002). Isso nos sugere que a copresença é requisito essencial para dar vida a qualquer espaço, pelo fato de criar uma relação bilateral entre estranhos e moradores do entorno dos locais. Por outro lado, a ausência da copresença, sobretudo entre grupos sociais diferentes, pode significar, segundo Netto (2012), a instalação de um distanciamento e a redução substancial da possibilidade de interação e reconhecimento, favorecendo a restrição.

2.2.2.2 Rotinização

O conceito de copresença é debatido também por Giddens (1989, 1991, 2008), por meio da sua Teoria da Estruturação. Essa teoria teve como objetivo central romper com o dualismo entre objetivismo e subjetivismo na leitura dos atos individuais na estruturação dos sistemas modernos e evidenciar as práticas sociais no espaço-tempo a partir de suas relações. Giddens (2008) dividiu a Teoria em duas dimensões: a de ação social e a estrutura. Ambas formam um processo, sendo que uma não existe sem a outra. A correspondência entre ação e estrutura consolida alguns efeitos, dentre eles a Rotinização, evento movido pela copresença.

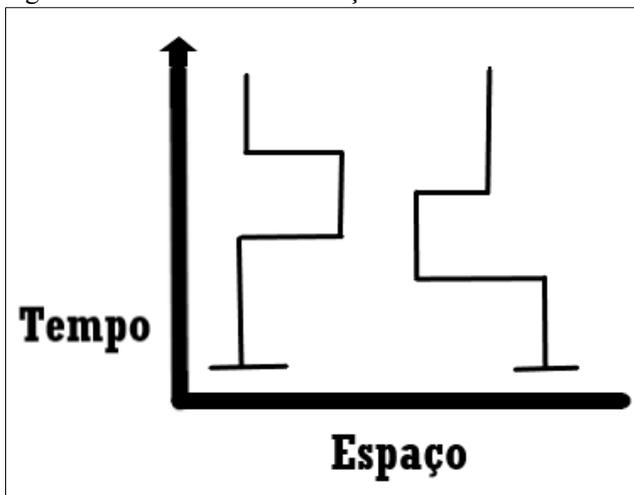
²⁴ O interesse inconsciente é identificado como o ato de se relacionar apenas pela presença do outro, sem fazer uso de expressões verbais, como por exemplo, o sentimento de conforto entre duas pessoas ao permanecer em um ponto de ônibus, durante a espera, em um horário de menor movimento de pedestres e carros.

O entendimento do termo rotinização é oriundo do termo rotina (tudo aquilo que é feito habitualmente) e constitui um elemento básico da atividade social cotidiana. Segundo Giddens (2008), as rotinas da vida cotidiana são fundamentais até mesmo para as mais elaboradas formas de organização da sociedade, pois no decorrer de suas atividades diárias, os indivíduos encontram-se uns com os outros em contextos situados de interação. Essa rotinização é formada por uma natureza repetitiva de atividades empreendidas de maneira quase idêntica dia após dia, e é “vital para os mecanismos psicológicos por meio dos quais um senso de confiança ou segurança ontológica é sustentado nas atividades cotidianas da vida social” (GIDDENS, 2008, p. 64).

De acordo com Giddens (2008) os padrões típicos de movimento de indivíduos podem ser representados como a repetição das atividades de rotina através dos dias ou de períodos mais longos de tempo-espço. Os agentes movimentam-se em contextos físicos cujas propriedades interagem com suas capacidades, ao mesmo tempo em que aqueles interagem uns com os outros. “As interações de indivíduos movendo-se no tempo-espço compõem ‘feixe’ de encontros que reúnem em estações, ou localizações espço-temporais definidas, dentro de regiões circunscritas (por exemplo, casas, ruas, cidades, estados)” (GIDDENS, 2008, p.132).

A **Figura 3** ilustra um modelo de Rotinização destacado por Giddens (2008), em sua forma mais simples. Segundo o autor, dois indivíduos vivem um quilômetro afastado do outro no mesmo bairro. Seus percursos espços-temporais ao longo do dia põem-se em contato num encontro de curta duração. Esse modelo será utilizado como exemplo para a realização das rotinizações desse estudo, porque apresenta o contexto geral das atividades desenvolvidas a partir de uma relação entre espço, tempo e contato.

Figura 3 – Modelo de Rotinização



Fonte: Giddens (2008), adaptado pela autora.

Para Giddens (2008), a rotina funda-se na tradição, costume ou hábito, e é um grave erro supor que esses fenômenos não precisam de explicação, que são simplesmente formas repetitivas de comportamentos executadas sem pensar. Segundo Netto (2014), uma chave para o entendimento da segregação como restrição pode ser encontrada na compreensão da rotinização da vida coletiva e na conformação das rotinas de atores socialmente distintos, principalmente em função da renda e campo ou classe social. Essas atividades cotidianas apoiam-se e reproduzem aspectos estruturais de sistemas sociais mais amplos, e ao mesmo tempo podem ajudar atores em circunstâncias de acentuada inferioridade social, no conhecimento consciente de sua opressão (GIDDENS, 2008). A rotinização contribui nesta pesquisa por possibilitar as mais diversas interações, acesso indispensável para o entendimento das restrições.

2.2.2.3 Interação Social

A interação social é aqui entendida pelos conceitos de Giddens (2008) e Goffman (2010), que a indicam como uma ação e reação de comunicação entre indivíduos situados em um mesmo espaço. Embora ambos os autores reconheçam que a copresença em união com a rotinização não gerem diretamente interação social, consideram esse processo como um dos seus principais efeitos, porque a interação social só ocorre com o posicionamento dos indivíduos nos contextos temporais de atividades, muitas delas rotinizadas. Essa interação social é um processo de grande importância para o desenvolvimento das sociedades, porque é por meio dela que há a fala dos indivíduos que partilham de interesses comuns e diferentes.

Na atualidade, os estudos microsociológicos de Simmel (2005, 2006) demonstraram que as formas de interação social exibem relações de convívio conflitantes, de subordinação ou dominação, uma vez que nos relacionamos pela condição social que ocupamos. Essa condição social, fortemente engendrada no capitalismo, estrutura as relações sociais, bem como a interação social oriundas delas, ao mesmo tempo que restringe, pois segundo Goffman (2010), somos sugeridos a nos comportar através da reprodução do comportamento do outro, que segundo ele não são regras morais, mas que naturalmente indicam condições de interações ou até mesmo de restrição. Isso é comum, mas não natural, porque a todo tempo expomos nossa identidade e, em muitos casos, a condição em que essa identidade foi construída não é aceita, pois realça fatores comportamentais, culturais, sociais, políticos, religiosos e econômicos.

Goffman (2010) ao materializar essa dimensão em seus estudos, identificou dois padrões de interações: a focada e a desfocada, sendo essa última mais abordada em todas suas pesquisas. A interação focada indica comunicação verbal, ou reconhecimento focal. Essa, por sua vez, se configura a partir da copresença e tem no olhar a primeira abertura de engajamento. Já a interação desfocada é aquela em que não há compartilhamento verbal, foco de atenção, ou qualquer condicionante que possa estender ao contato social, o que para Giddens (2008) revela a consciência mútua que indivíduos têm uns dos outros em grandes concentrações de pessoas, quando não estão diretamente conversando. Nesse caso, as propriedades físicas do corpo e o alcance limitado do posicionamento da face constituem importantes restrições (GOFFMAN, 2010). Para Giddens (2008), a interação desfocada tem lugar sempre que, num dado contexto, os indivíduos mostram ter consciência mútua da presença dos outros, pois os agentes não só controlam e regulam continuamente o fluxo de suas atividades e esperam que outros façam o mesmo por sua própria conta, mas também monitoram rotineiramente aspectos sociais e físicos dos contextos que se movem.

Isto acontece habitualmente quando um grande número de pessoas se reúne, seja numa avenida movimentada, num teatro sobrelotado ou numa festa. Quando indivíduos estão na presença uns dos outros, mesmo que não falem diretamente entre si, mantêm uma constante comunicação não verbal, através da sua postura corporal, facial e gestual (GIDDENS, 2008, p.94).

Goffman (2010) também investigou as dimensões de restrições dessas interações, por meio de propriedades situacionais envolvendo indivíduos que se conhecem e os que não se conhecem. Na primeira situação, Goffman (2010) esclarece que há essa restrição quando os indivíduos não estabelecem um reconhecimento mútuo de caráter cognitivo e social, embora se conheçam. O reconhecimento cognitivo é quando nos identificamos com outro pela sua desenvoltura social e pessoal; já o reconhecimento pessoal é quando há engajamento por meio de gestos cerimoniais, como olhares e sorrisos. Quando não há nenhuma forma desse reconhecimento, há automaticamente restrições de iniciar ou estender o engajamento, pois é muito difícil os indivíduos se sentirem confortáveis na conversa.

Já as restrições entre indivíduos que não se conhecem no processo de interação acontecem quando não há nenhuma motivação específica para início da conversa, mas quando isso ocorre e um dos lados não se sente confortável, é comum realizar o que Goffman (2010) chamou de “contorção final” em que se volta a atenção para outras situações, pessoas, objetos e ações. Um exemplo específico é estar sentado em um ponto de ônibus e ser abordado por

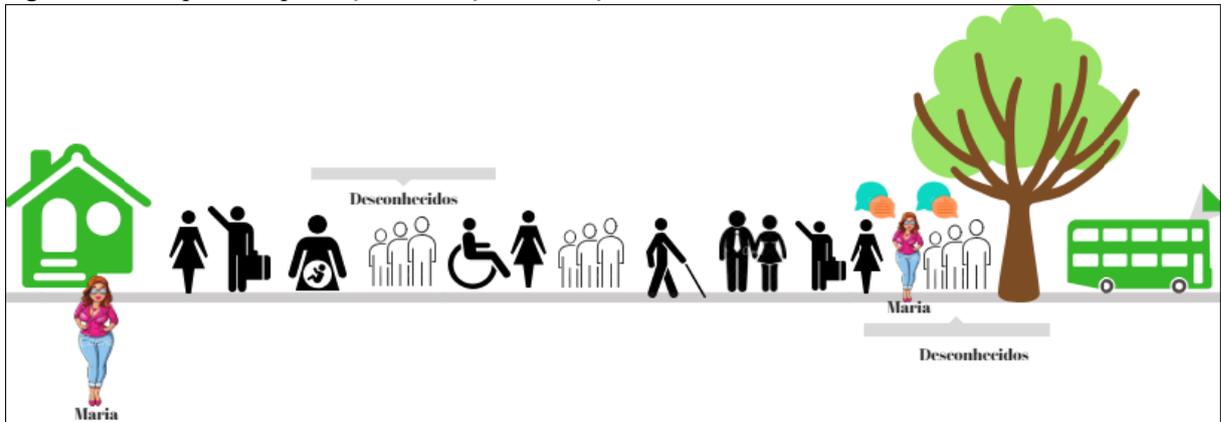
alguém pedindo esmola e a pessoa se atentar exclusivamente ao telefone, sem ofertar nenhum gesto, como olhar, ajudar, ou falar.

As restrições do dia a dia entre grupos sociais diferentes nas formas de interação social podem nos falar como essas diferenças são espacializadas, suas motivações e subordinações. Seu estudo é de grande valia, porque a interação social em si estrutura as relações sociais, que podem transformar a estrutura social de cada indivíduo. Giddens (2008) cita três razões oportunas que tornam importante o seu estudo na vida cotidiana.

Em primeiro lugar, as rotinas do dia-a-dia, com as suas interações quase constantes com outras pessoas, dão forma e estruturam o que fazemos. Através do seu estudo, podemos aprender bastante sobre nós mesmos enquanto seres sociais e acerca da própria vida social. As nossas vidas estão organizadas de acordo com a repetição de padrões semelhantes de comportamento dia após dia, semana após semana, mês após mês e ano após ano [...] Em segundo lugar, o estudo da vida cotidiana é revelador quanto à forma como os seres humanos podem agir de modo a moldar a realidade. Embora o comportamento social, até certo ponto, se guie por determinadas forças, como os papéis, as normas e as expectativas partilhadas, os indivíduos percebem a realidade de forma diferente de acordo com a sua origem social, interesses e motivações [...] a realidade não é rígida ou estática - é uma criação das interações humanas [...]. Em terceiro lugar, estudar a interação social na vida cotidiana ilumina a interpretação de sistemas e instituições sociais mais amplos. Na verdade, todos os sistemas sociais de grande dimensão dependem dos padrões de interação social em que nos envolvemos no decorrer das nossas vidas cotidianas (GIDDENS, 2008a, p. 82).

No geral, os três conceitos nos fornecem informações importantes sobre as formas de restrição no espaço e como podemos analisá-las. Tomemos uma história fictícia como exemplo, conforme a **Figura 4**. Maria sai de casa para o trabalho todo dia às 06h. Ela vai de ônibus e o ponto fica a 400 metros de distância de casa, localizado na única praça do seu bairro. No percurso, Maria vê e fala com vizinhos e conhecidos, os quais muitos também fazem a mesma rotina que ela, sendo que alguns com a finalidade de estudos ou saúde; encara alguns desconhecidos e sorri para outros ao desejar bom dia. Ao chegar no ponto de ônibus, cumprimenta todos e começa a conversar com sua vizinha Luiza que está ao seu lado sobre um programa de incentivo ao financiamento estudantil. A conversa se estende a outro grupo de desconhecidos que se identificam com o assunto, sendo que um dos rapazes acentua que a data final para recorrer a bolsa será até o último dia desta semana, o que deixa Maria e Luiza atentas. O ônibus finalmente chega e todos vão embora.

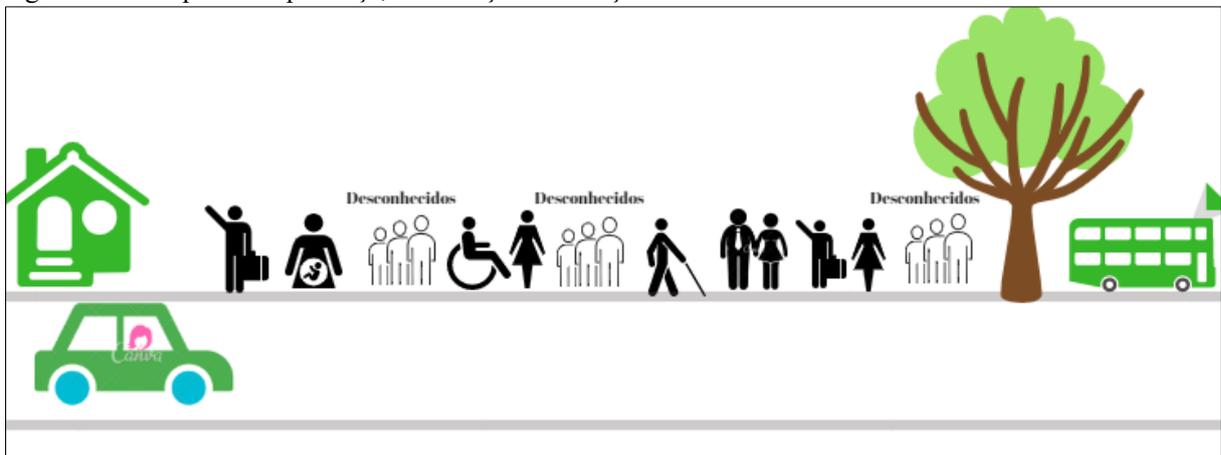
Figura 4 - Exemplo de copresença, rotinização e interação social



Fonte: Desenvolvido pela autora com o aplicativo Canva.

Em um outro exemplo, Maria possui uma condição diferente de mobilidade, conforme a **Figura 5**. Ela sai de casa para o trabalho todo dia às 06h e vai de carro próprio. No percurso, Maria, às vezes, vê algum conhecido em sua rua e buzina, mas não tem nenhuma relação de contato além disso, devido aos fatores de mobilidade dela, bem como dos outros envolvidos. Finalmente chega ao trabalho sem manter nenhuma interação com ninguém.

Figura 5 - Exemplo de Copresença, Rotinização e Interação Social - Carro



Fonte: Desenvolvido pela autora com o aplicativo Canva.

Embora essa rotinização de Maria siga o senso comum, podemos retirar alguns dados importantes. No exemplo 1, em que Maria se desloca a pé, há a copresença que fornece uma maior segurança em seu transitar até seu percurso desejado, como também esperar seu transporte, influenciada pela sua rotina comum a muitos outros moradores de seu bairro. A interação social desenvolvida ao longo da espera poderá auxiliá-la em se alertar para não perder seu prazo, fato que poderá transformar sua estrutura social mais tarde. Já no exemplo 2, em que Maria se desloca de carro, há a copresença, influenciada pela sua rotina e comum a muitos

outros moradores, no entanto, não há nenhum tipo de interação social focada. De acordo com Figueiredo (2012), ao contrário de uma caminhada, a ‘copresença’ num percurso de automóvel está restrita a seus passageiros. Mesmo quando há fachadas ativas, o uso do automóvel reduz paulatinamente a interação entre o movimento que passa e essas fachadas.

Obviamente existem importantes discrepâncias entre os dois exemplos influenciadas pelo contexto da mobilidade que afeta diferentes grupos, e nesse caso, não apenas a Maria. No entanto, podemos analisar o modo como as nossas rotinas diárias são delimitadas pela combinação das atividades e simultaneamente ampliam alguma rede de contato a partir do encontro e da abertura do contato. Os encontros sucessivos, de acordo com Netto (2014), constituem ações de um dado ator que podem, em certo momento, colocá-lo em contato com outro ator, em relação ao qual pode entrelaçar sua linha de ação, desviá-la e provocar, a partir de tal sobreposição de ações, modificações na constituição de séries de novas interseções. Esses fatos condizem com o objetivo deste estudo, devido à possibilidade de expansão do contato social, e conseqüentemente das estruturas sociais e diminuição ou entendimento das restrições.



MÉTODO

3 MÉTODO

Com base em toda a discussão já apresentada ao longo deste estudo, entendemos que a segregação como restrição do contato entre grupos socioeconômicos diferentes pode ser ampliada pelas distâncias e dificuldades impostas por espaços puramente homogêneos (tanto de classes com rendas baixas como classes com rendas altas). Isso dificulta o encontro pelo viés espacial de classes diferenciadas e ao mesmo tempo fortalece as estruturas contrárias à diversidade de contato social, reforçando as restrições. Dessa forma, esse panorama sugere a análise comparativa entre duas áreas semelhantes entre si, mas inseridas em regiões com maior e menor diversidade de faixas de renda.

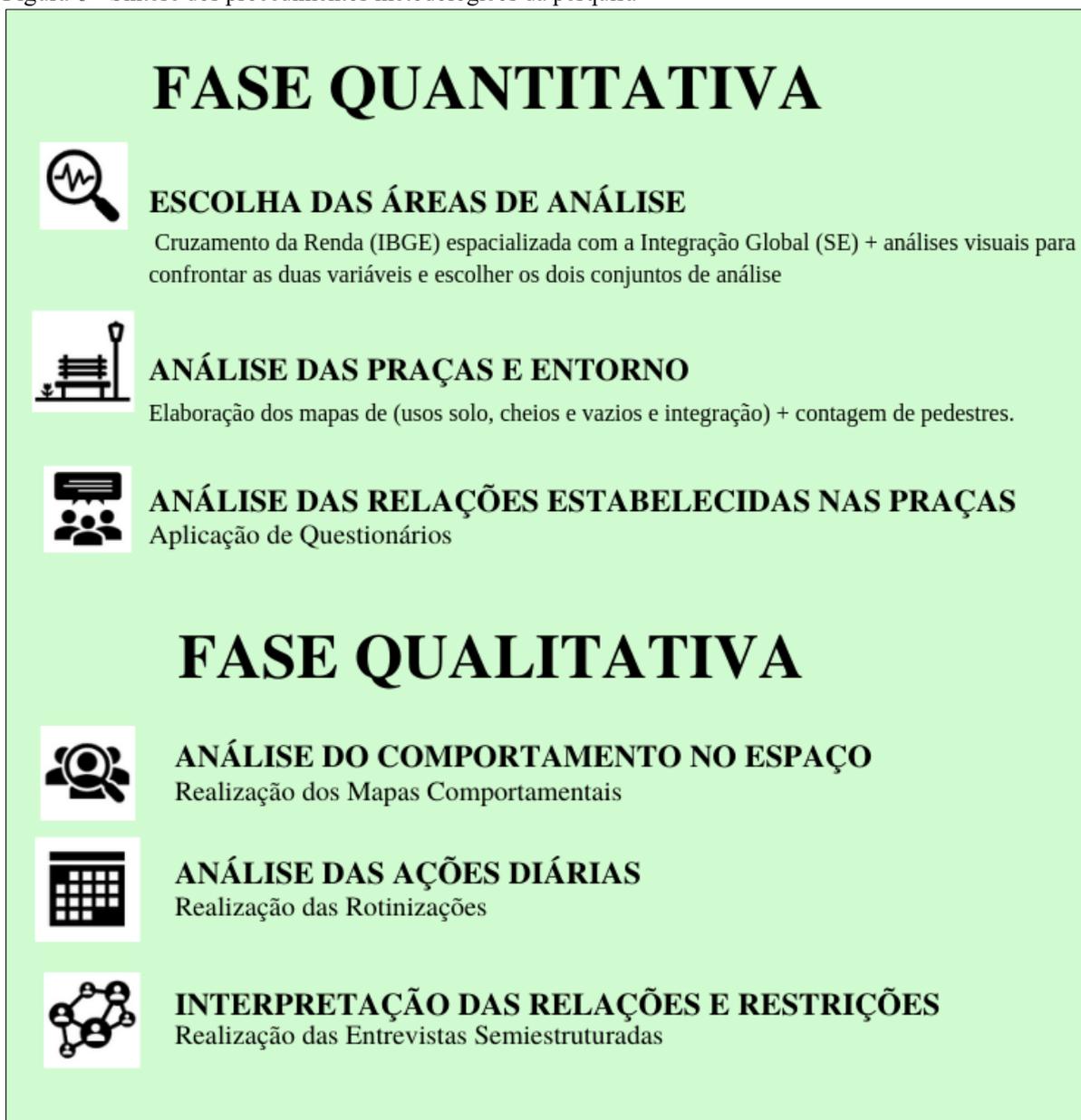
Assim, utilizamos a cidade de Arapiraca, localizada no interior do estado de Alagoas, como recorte espacial. Identificamos duas áreas, ambas com integração semelhantes, mas com diversidade de renda diferentes. Nessas áreas examinamos a forma urbana de duas praças para determinar sua influência na restrição do contato entre grupos sociais diferentes. A Praça Pereira Magalhães localiza-se no Bairro Cacimbas em área de menor renda média e maior amplitude de valores de renda dos setores vizinhos; a Praça Coronel José Farias, por outro lado, localiza-se no Bairro Baixão e possui renda média maior e menor variação nos valores de renda dos setores censitários do entorno. Esse processo seguiu uma abordagem multimétodos de naturezas quantitativa e qualitativa, a qual foi subdividida nos seguintes procedimentos:

1. Espacialização dos dados socioeconômicos dos setores censitários do IBGE segundo a renda que compreende o valor nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade;
2. Cruzamento da Renda espacializada com a Integração Global da Sintaxe Espacial, análises visuais para confrontar as duas variáveis e escolher os dois conjuntos de análise;
3. Mapeamento e escolha das praças;
4. Levantamento das características físicas das duas praças selecionadas e seus entornos: diversidade do uso do solo, cheios e vazios e mapa viário;
5. Contagem de pedestres para entender o fluxo das atividades em cada praça e seu entorno;
6. Aplicação de um questionário fechado com intuito de entender o perfil do indivíduo que utiliza o espaço, se ele estabelece algum contato com outros que também estão usando esse espaço, qual o nível desse contato e se há alguma restrição;
7. Realização de mapeamento comportamental centrado no espaço;
8. Realização de rotinizações, conforme Giddens (2008);

9. Aplicação de entrevistas semiestruturadas para interpretar minuciosamente a relação desse indivíduo com o espaço apropriado, bem como destrinchar os dados encontrados nas etapas anteriores, compatibilizando os atributos espaciais com a promoção ou restrição do contato social.

Uma síntese desses procedimentos pode ser vista na **Figura 6**.

Figura 6 - Síntese dos procedimentos metodológicos da pesquisa



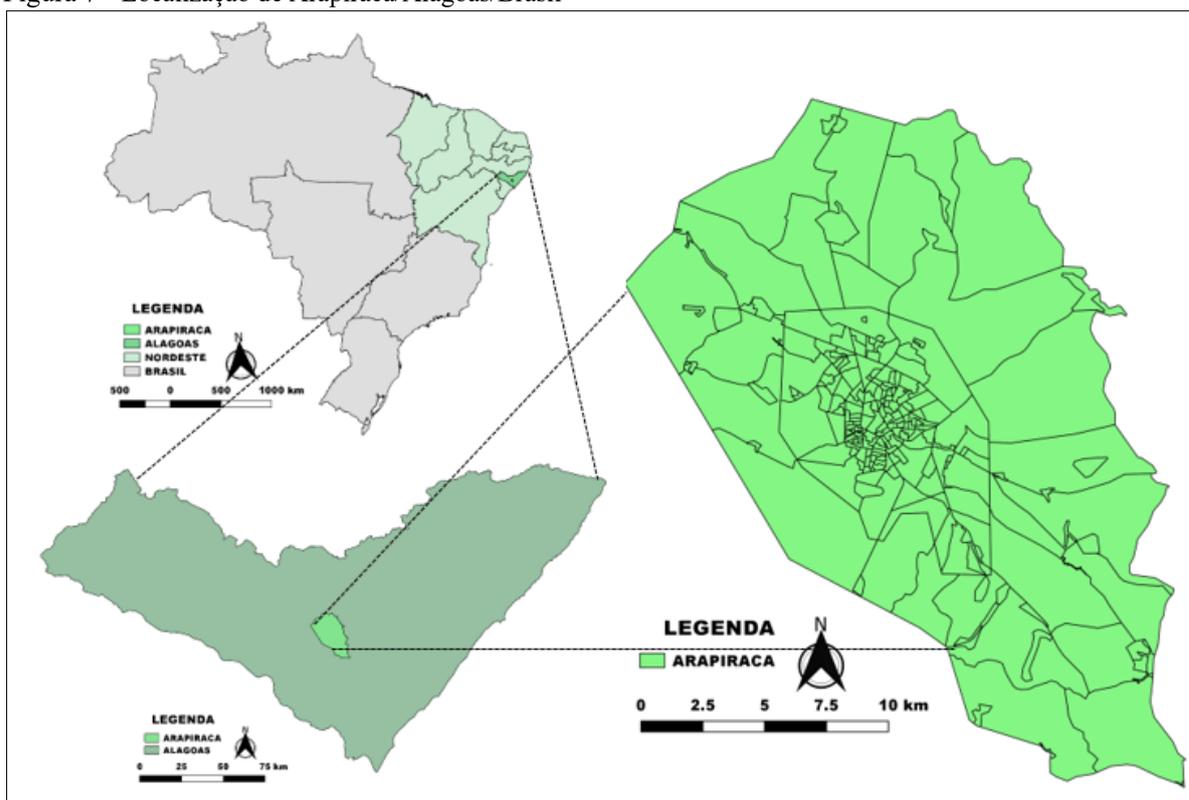
A seguir, apresentaremos detalhadamente cada um desses procedimentos, em conformidade com o viés a que cada um pertence, neste caso, quantitativo e qualitativo.

3.1 FASE 1: QUANTITATIVA

3.1.1 Escolha das áreas de análise

O recorte espacial deste estudo é Arapiraca. A cidade está situada no agreste do estado de Alagoas-Brasil, a 135 km de distância da capital Maceió; possui 230.417 habitantes, de acordo com estimativa do IBGE (2010), distribuídos numa densidade demográfica de 600,00 Km². Devido à sua localização geográfica no centro do estado, conforme **Figura 7**, a cidade é atualmente um importante centro comercial na região por interligar cidades circunvizinhas. Segundo informações da Prefeitura Municipal, a área de influência direta do município atinge uma população de aproximadamente meio milhão de habitantes, sendo considerada a principal cidade do interior do estado.

Figura 7 - Localização de Arapiraca/Alagoas/Brasil

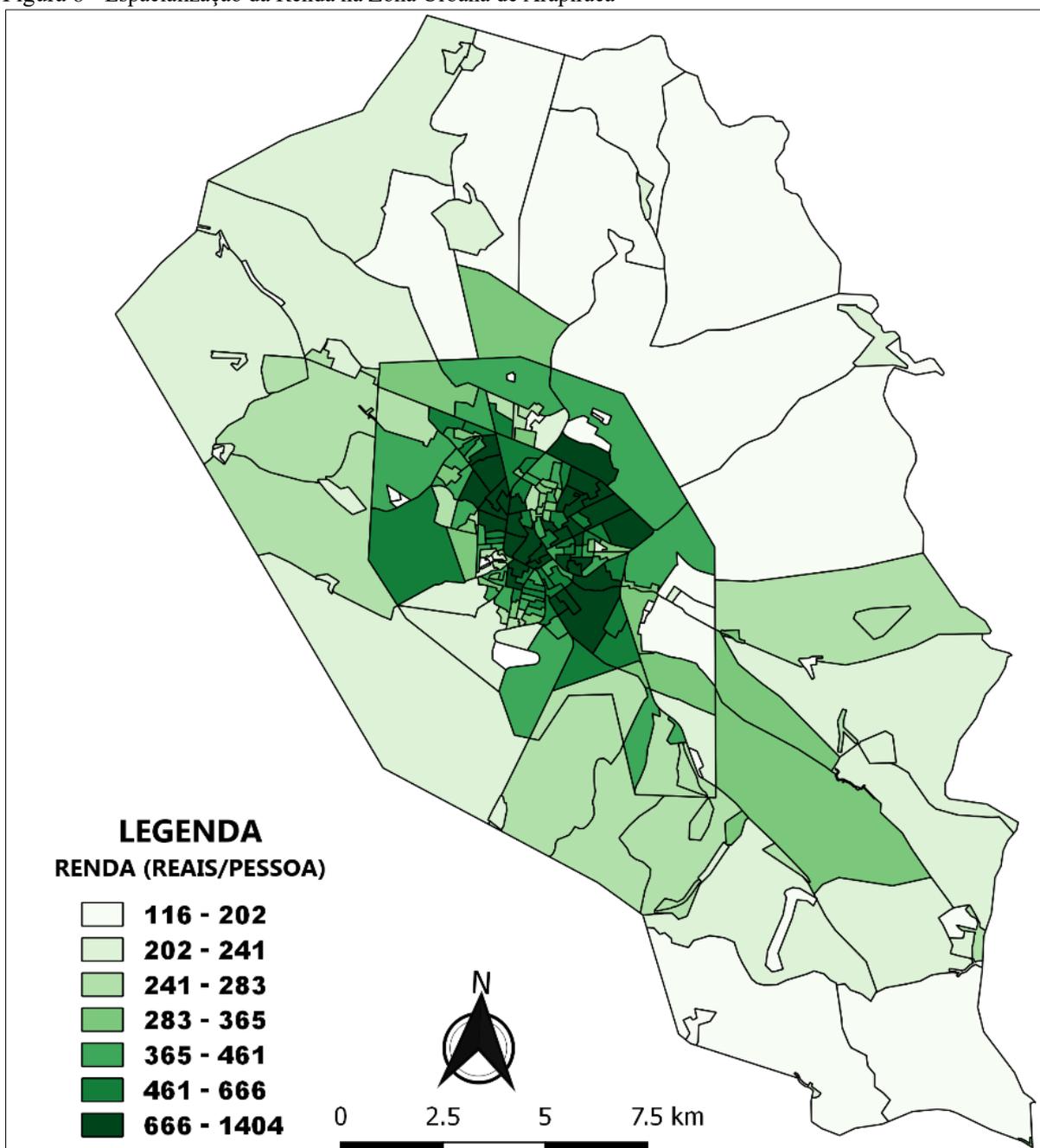


Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do IBGE (2010)

Para nosso estudo, consideramos apenas a sua Zona Urbana, que, conforme a Lei Municipal de nº 2.470 de 2006, está subdividida em 38 bairros. Como critério de exclusão, não consideramos o Centro da cidade, que possui dinâmicas que dificultariam o estudo da restrição do contato associado à localização das residências e de seus espaços públicos adjacentes. Com

isso, espacializamos, no software QGIS, os dados socioeconômicos dos setores censitários do IBGE, tendo a renda que compreende o valor nominal médio mensal das pessoas de dez anos ou mais de idade (com e sem rendimento) como principal variável. A **Figura 8** mostra esses dados. É possível perceber que os bairros que circundam a parte central são os de maior renda.

Figura 8 - Espacialização da Renda na Zona Urbana de Arapiraca

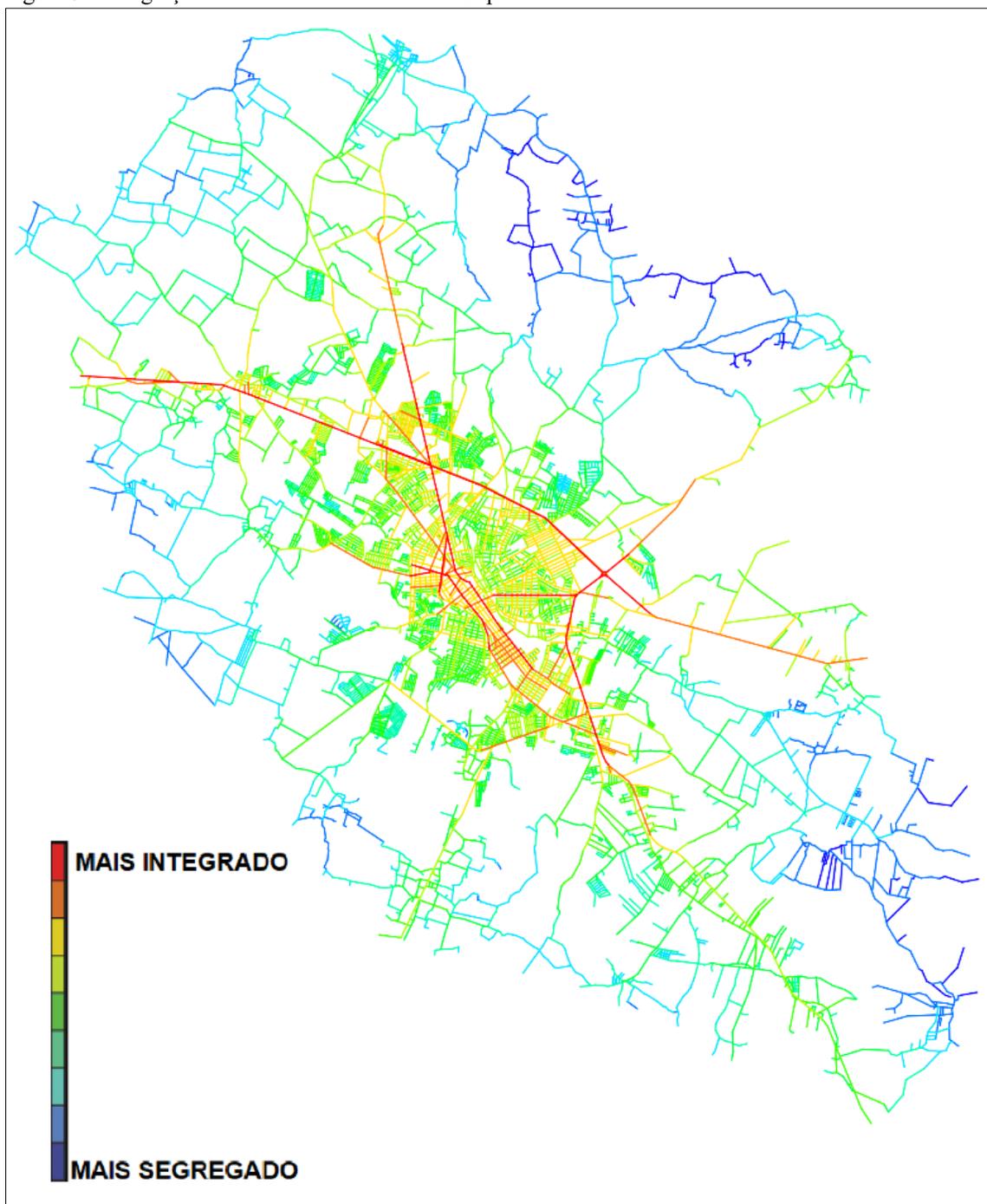


Fonte: Desenvolvido pela autora a partir de dados do IBGE (2010)

Posteriormente, realizamos a análise da Integração Global da Sintaxe Espacial, que neste caso é essencial para identificarmos a acessibilidade topológica de cada área, que por sua

vez afeta a produção e a distribuição de padrões de movimento no espaço, como também de encontros aleatórios entre os ocupantes (HILLIER; PENN, 1991). O mapa sintático foi cedido por Daniel Paim, que o construiu ao longo de sua dissertação de Mestrado, em 2015, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas. Com isso, realizamos uma análise angular por segmento através do *plugin* Space Syntax Toolkit no software QGIS a partir do Depthmap XNet v.0.30, conforme a **Figura 9**.

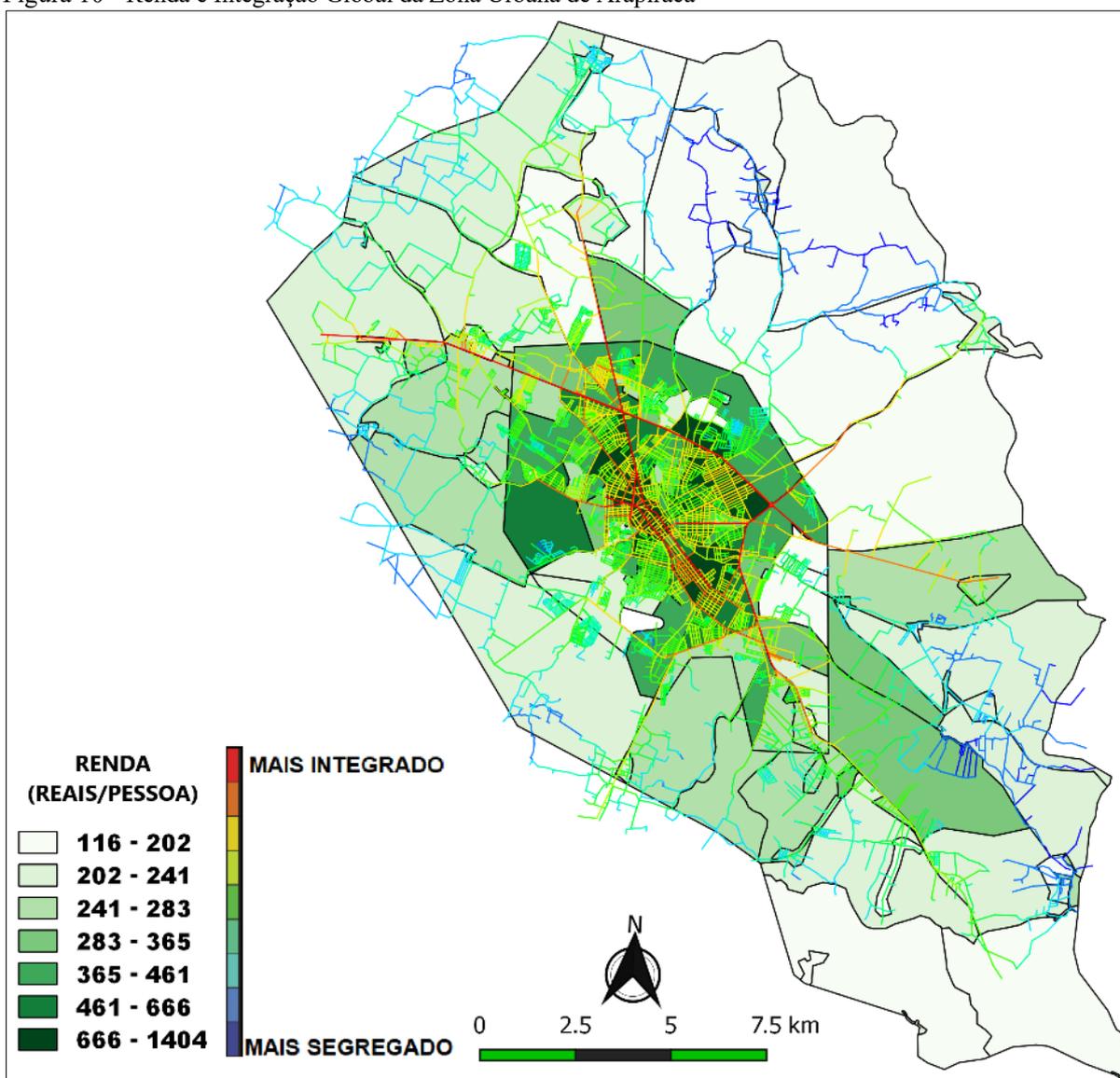
Figura 9 - Integração Global da zona urbana de Arapiraca



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir de dados de Daniel Paim (2015)

Nas análises visuais, percebemos que as vias mais integradas estão na parte central que conecta grande parte dos bairros da cidade, um dos efeitos da sua dispersão. Esses bairros apresentam os maiores índices de densidade populacional, os quais dispõem de maiores ofertas de comércio e serviços, e atraem o surgimento, como também o desenvolvimento de inúmeras atividades. Posteriormente, realizamos por meio das análises visuais, o cruzamento entre Renda e Integração Global, de acordo com a **Figura 10**.

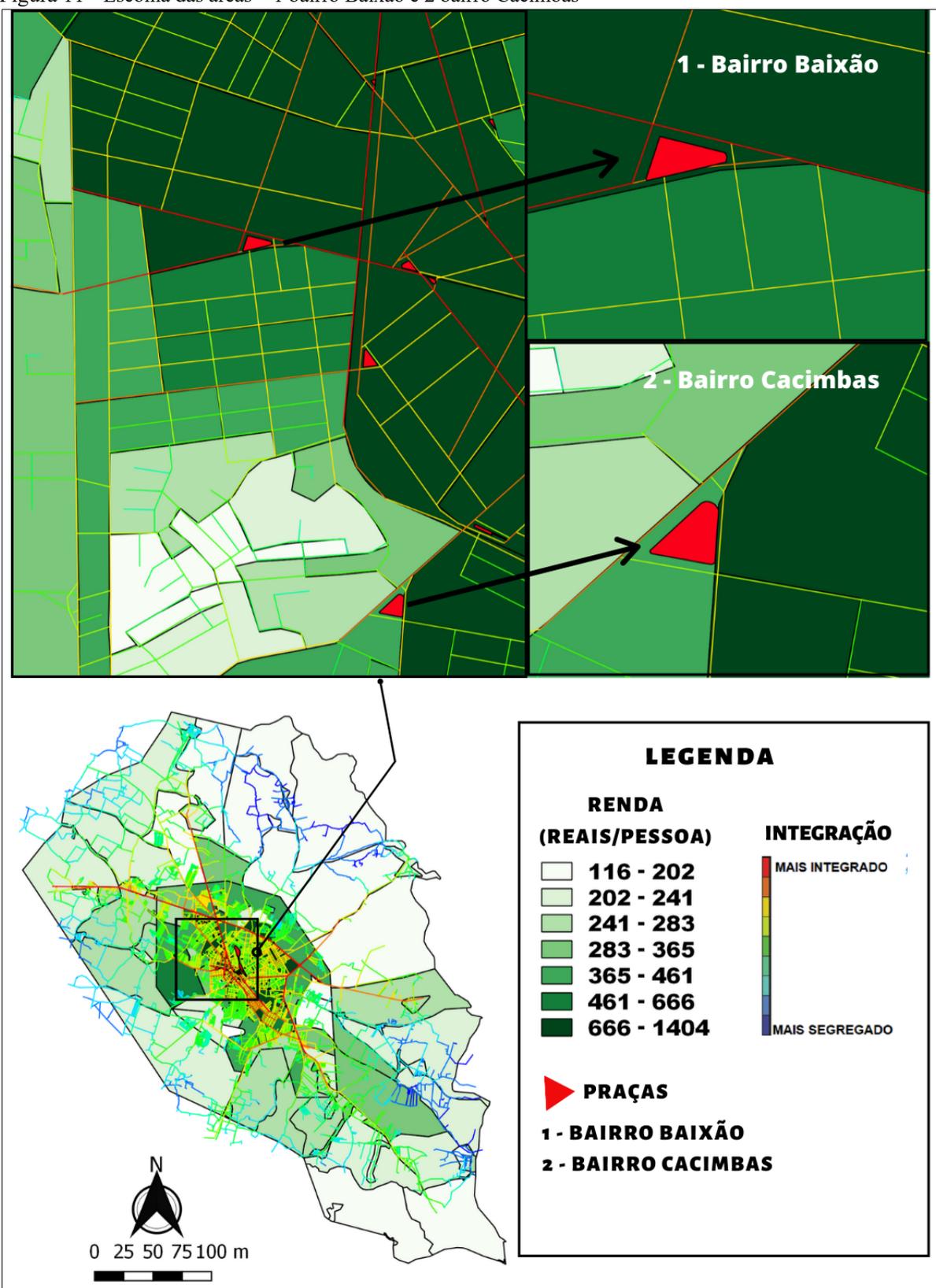
Figura 10 - Renda e Integração Global da Zona Urbana de Arapiraca



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir de dados do IBGE (2010) e Daniel Paim (2015)

Conforme essa relação, vimos que os bairros Cacimbas e Baixão são os dois mais promissores para a análise, pelo fato de ambas as áreas apresentarem rendas diferenciadas e integração semelhantes. A **Figura 11** apresenta tais informações.

Figura 11 - Escolha das áreas – 1 bairro Baixão e 2 bairro Cacimbas



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir de dados do IBGE (2010) e Daniel Paim (2015).

No entanto, quando consideramos os setores do entorno de ambas as áreas, vimos que o bairro Cacimbas, indicado como número 2 na **Figura 11**, possui uma maior amplitude de valores de renda média, com alguns setores de renda baixa e outros de renda média-alta. Por outro lado, a área do bairro Baixão possui uma renda média maior, com menor contraste entre os setores. Assim, mapeamos todas as praças dessas áreas, a partir do critério de não se situarem dentro de conjuntos habitacionais ou condomínios para facilitar o uso por indivíduos diversos.

A área de maior renda corresponde ao bairro Baixão. O território desse bairro foi um dos primeiros a serem constituídos em Arapiraca, por ser um dos locais de morada dos primeiros habitantes da cidade. Atualmente, possui uma população de 4.198 habitantes distribuídos em uma área territorial de 498,44 Km², conforme dados do IBGE (2010). A praça aqui analisada chama-se Coronel José Farias e é a única do bairro. Está situada entre as ruas Santos Dummont, José Alexandre e Marechal Floriano Peixoto, fato que a configura em modelo triangular, conforme destacado na **Figura 12**.

Figura 12 - Localização da praça Coronel José Farias no bairro Baixão

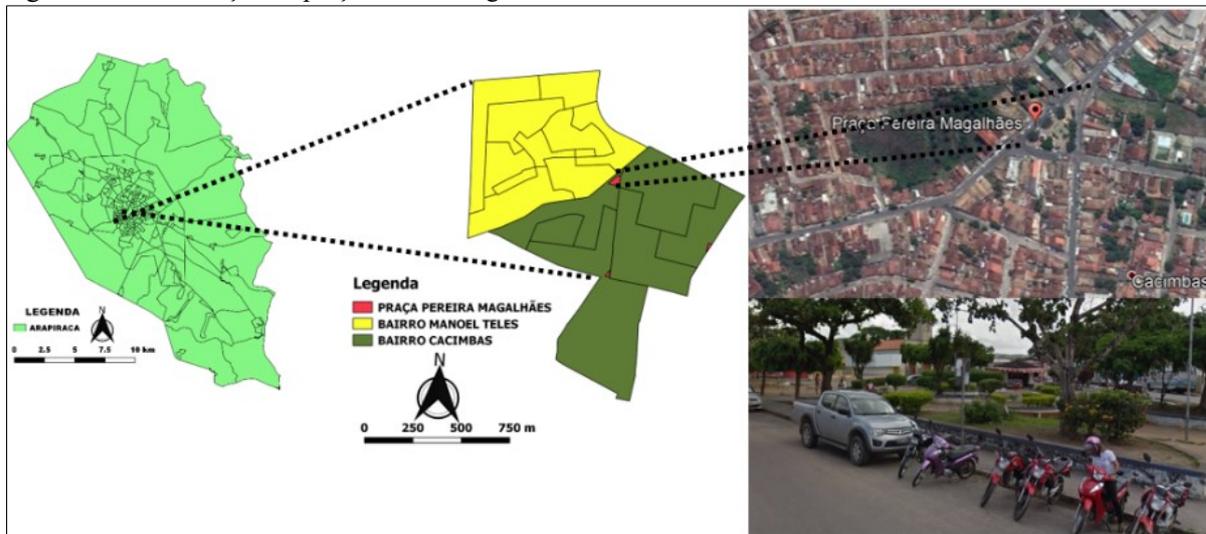


Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010) e Google Earth (2018).

A área de menor renda corresponde ao bairro Cacimbas. Esse bairro é considerado um dos mais antigos e tradicionais de Arapiraca e, conforme dados do IBGE (2010), sua população residente equivale a 6.568 habitantes, distribuídos em uma área territorial de 726,29 Km². Esse dispõe de três praças. Para a análise escolhemos a praça que apresenta características semelhantes ao nível de integração global da praça da área de maior renda, de modo a tornar a comparação mais justa. Neste caso, a praça escolhida foi a Pereira Magalhães que tem extensão no bairro Manoel Teles. Essa, por sua vez, está situada nas conexões entre as ruas Manoel Leal,

Vereador Benício Alves de Oliveira e Manoel Lúcio, fato que a configura em um modelo triangular e bastante visível, conforme **Figura 13**.

Figura 13 - Localização da praça Pereira Magalhães no bairro Cacimbas



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010) e Google Earth (2018).

Essa praça é considerada uma dos espaços mais antigos da cidade, com mais de 60 anos e segundo o historiador Zezito Guedes em seu livro, “Arapiraca através do tempo” (1999), a Praça Pereira Magalhães, que carrega o nome de um dos moradores mais antigos, configurou o desenvolvimento do bairro, tanto que até hoje é considerada o principal espaço público do local, como também dos seus arredores, em especial do bairro Manoel Teles, que não abriga nenhum espaço público, além das vias de trânsito.

3.1.2 Análises dos Atributos Espaciais das Praças

Nesta etapa levantamos as características físicas de cada praça e entorno com auxílio da Plataforma Geográfica e Virtual da Prefeitura Municipal de Arapiraca²⁵ e do Google Earth. As análises foram referentes ao:

✚ **Uso do Solo:** o ordenamento do uso do solo apresenta relação direta com os padrões de movimento, sendo essencial seu reconhecimento, a fim de identificamos o caráter local e global de atividades que cada praça apresenta;

✚ **Cheios e Vazios:** a identificação da relação morfológica entre cheios e vazios permite o entendimento sobre o adensamento, tamanho e fragmentação do tecido urbano, fato

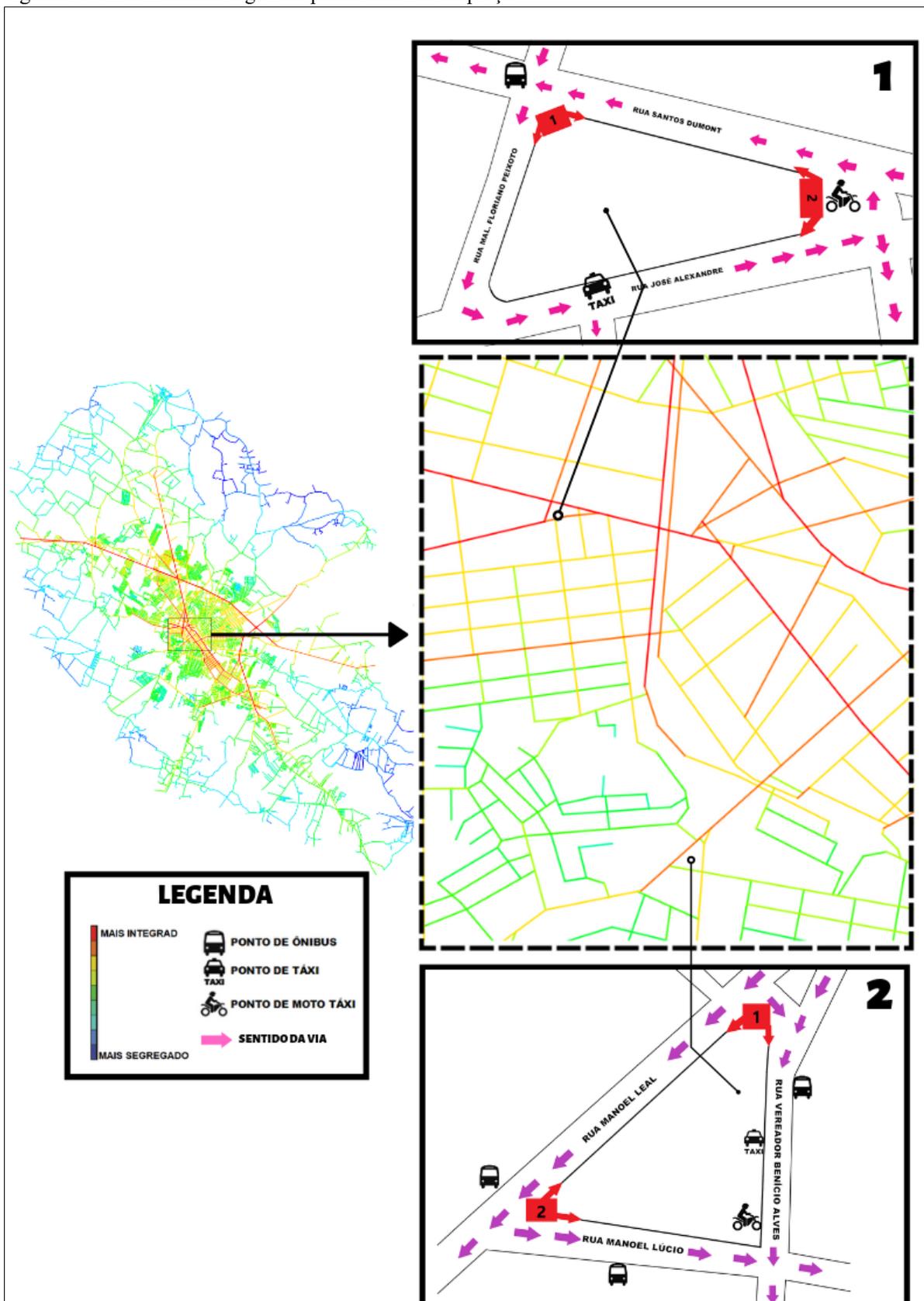
²⁵ Disponível no endereço: <https://geo.arapiraca.al.gov.br/geoarapiraca/> | Acesso em 2018/2019

que interfere nas possibilidades da presença ou ausência dos encontros pelas quadras do entorno das praças;

✚**Mapa Viário:** o reconhecimento dos fluxos e vias mais utilizadas dos bairros estudados permitirão analisar se as praças estudadas apresentam padrões de movimento com possibilidade de interação entre grupos sociais diferentes;

✚**Contagem de Pedestres:** para relacionar com o fluxo das vias, no entorno de cada praça. Essa contagem ocorreu durante as segundas e terças feiras, nas duas praças, sendo que no bairro Cacimbas se deu nos dias 11 e 12 de março de 2019 e no bairro Baixão nos dias de 18 a 19 de março de 2019, para contrastar entre um dia bastante movimentado que é segunda feira, devido à ocorrência da feira municipal, com um dia de fluxo normal, nos períodos de 10 min a cada hora, entre 07h e 18h. Para isso, escolhemos as vias mais integradas, neste caso, as mais movimentadas, em dois pontos específicos. A **Figura 14** apresenta o nível de integração das praças (1 – área com renda mais alta, ou bairro Baixão e 2 – área com renda mais baixa ou bairro Cacimbas), a escolha dos pontos de contagem, bem como seus fluxos de análise (setas vermelhas). Na contagem não fizemos distinção de sexo, nem idade, e excluimos as pessoas que trabalham na praça, como motoristas de táxi e motoristas de moto, pois eles estão sempre saindo e chegando na praça, e assim não interferir na quantidade encontrada. Em todos os dias o clima estava ensolarado, com nenhuma possibilidade de chuva. O procedimento foi realizado por dois voluntários nas duas praças, e mais a autora da pesquisa. Esses voluntários foram orientados sobre a realização do procedimento, os dados obtidos iam sendo pontuados em tabelas (para uma melhor análise ver o **Apêndice 1**). A análise desses dados se deu com o uso de estatística descritiva, tirando as médias, a partir do estudo dos gráficos, produzidos exclusivamente pelo Programa Microsoft Excel.

Figura 14 - Escolha da contagem de pedestres em cada praça



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir do mapa de Paim (2015).

3.1.3 Análises das Relações de Contato e suas Restrições

As análises de contato referentes às relações estabelecidas nas praças se deram com a aplicação de um questionário fechado. Esse instrumento, segundo Zeisel (1981), é de grande utilidade quando se necessita descobrir regularidades entre grupos de pessoas por meio da comparação de respostas relativas a um conjunto de questões. Assim, o desenvolvemos com o intuito de entender o perfil do indivíduo que utiliza o espaço, se ele estabelece algum contato com os outros usuários que também estão usando esse espaço e qual o nível desse contato.

O critério da inclusão da participação se deu mediante três aspectos importantes: a) distribuição entre homens e mulheres; b) frequência alta de uso; c) disponibilidade em participar. A aplicação se deu pela autora da pesquisa, ao longo de seis dias (segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado) nas semanas de 09 a 14 de julho de 2018 (praça do bairro Cacimbas) e de 14 a 21 de julho de 2018 (praça do bairro Baixão), durante os horários de 08h às 12h e de 13h às 17h, sendo que na quinta-feira estendeu-se até às 19h (para ter o conhecimento dos usuários noturnos) e no sábado entre 08h até às 11h (para saber quem utiliza cada praça nos finais de semana).

As perguntas principais tiveram como foco entender o perfil dos usuários nos quesitos de gênero, idade, estado civil, profissão, escolaridade, local de residência e meio de transporte utilizado para chegar até a praça²⁶. Esse reconhecimento é importante para entendermos quem são eles, se são diferentes ou semelhantes nos níveis sociais e econômicos e, por fim, como utilizam e por que utilizam as praças. Não optamos por fazer perguntas diretas sobre a renda, pois reconhecemos que alguns omitem ou não se sentem à vontade em responder, por isso utilizamos outros meios, como a profissão, meio de transporte utilizado, local de residência etc. Embora sabendo que há exceções, geralmente esses fatores já indicam uma diferenciação nos níveis socioeconômicos dos sujeitos, conforme identificado, por exemplo, em um estudo do IBGE (2010)²⁷.

No momento de abordagem para a participação foram apresentados a pesquisadora e os principais delineamentos da pesquisa, como objetivos e importância da participação. Quando concordavam, entregávamos a folha com as perguntas, e buscávamos não realizar nenhuma

²⁶ As perguntas seguintes serão discutidas nos próximos itens. Os resultados gerais desse procedimento constarão no **Apêndice 8** deste documento.

²⁷ Para mais informações, segue um link de um estudo correlativo disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/concluir-ensino-superior-triplica-renda-mostra-ibge-22579344> com acesso em Abril de 2019.

interferência nas respostas. Contudo, por vezes, perguntavam sobre questões específicas como o fato de não saber ou não querer responder as perguntas 10 e 13 (“pessoas de outros bairros utilizam essa praça?” e “como essas pessoas de outros bairros utilizam essa praça?”, respectivamente), logo respondíamos que podiam deixar em branco ou explicávamos o motivo e o sentido da pergunta, assim se sentiam mais seguros em responder.

Ao todo foram 220 entrevistados na praça Cel. José Alves, sendo 112 mulheres e 108 homens com idade entre 16 até 85 anos. Já na Praça Pereira Magalhães foram 295 entrevistados, sendo 136 mulheres e 159 homens com idade entre 16 até 85 anos. As abstenções contabilizam um total de 5% do percentual da quantidade em cada praça, e os motivos geralmente indicavam a pressa, ou não residiam na cidade e não saberiam o que responder, ou que realmente não queriam. A análise desses dados se deu com o uso de estatística descritiva, a partir do estudo dos gráficos e tabelas, produzidos exclusivamente pelo Programa Microsoft Excel.

3.2 FASE 2: QUALITATIVA

Nesta fase aprofundamos as análises sobre as relações sociais estabelecidas nas praças, como também suas restrições.

3.2.1 Análise do comportamento no espaço

O primeiro procedimento de viés qualitativo foi a realização de Mapas Comportamentais (MC) para investigar os usos e comportamentos nas praças que podem facilitar ou restringir o contato entre indivíduos diferentes. Segundo Rheingantz et al. (2009), esse instrumento é utilizado para o registro de observação sobre o comportamento e as atividades dos usuários em um determinado ambiente. Foram escolhidos por serem úteis para identificar os usos, os arranjos espaciais ou layouts, os fluxos e as relações espaciais observadas, bem como indicar graficamente as interações, os movimentos e a distribuição das pessoas, sejam elas relativas ao espaço ou ao tempo que permanecem no ambiente considerado (RHEINGANTZ et al., 2009).

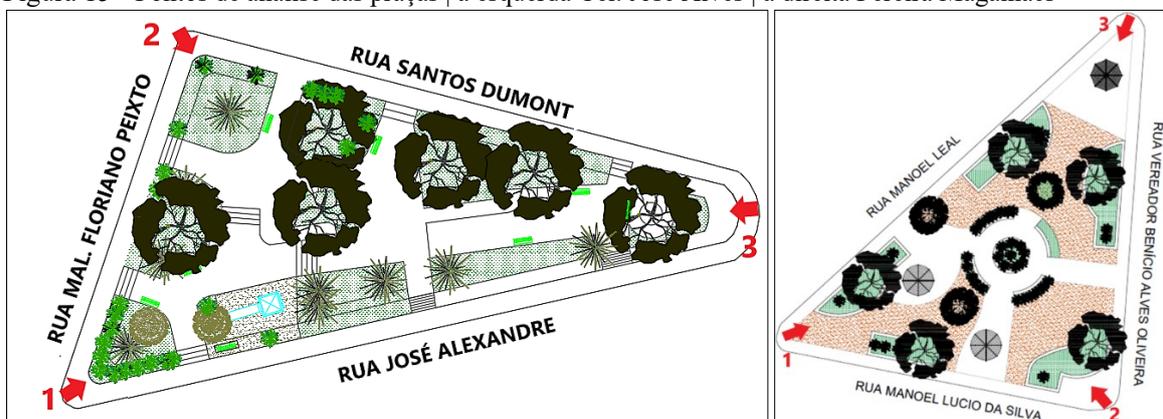
Existem duas modalidades desses instrumentos, os que são centrados em lugares e os que são centrados em pessoas. Para nossa pesquisa consideramos apenas o que são centrados no lugar, pois ilustram o comportamento no espaço e conseqüentemente as relações oriundas dele. De acordo com Pinheiro et al. (2008), a aplicação técnica dessa ferramenta inclui: a) um diagrama representando a área observada; b) uma definição clara dos comportamentos

observados – unidades prováveis de comportamento; c) um procedimento sistemático de observação, que incluía a codificação e contagem, de modo a minimizar a dificuldade de registro e observação.

Assim, iniciamos o protocolo do desenvolvimento dos Mapas Comportamentais deste estudo com a aquisição da planta baixa de cada praça pela Prefeitura Municipal em junho de 2018. Com esses dados em mãos e outros importantes extraídos da fase 1 da metodologia, referentes aos usos e relações dos usuários, foi possível realizar a primeira fase da observação, considerada de caráter assistemático e exploratório, durante duas semanas consecutivas em cada praça, sendo os dias 07 a 19 de janeiro de 2019 na praça do bairro Cacimbas e de 21 de janeiro a 2 de fevereiro de 2019 na praça do bairro Baixão. Esses dias foram escolhidos para ter o entendimento completo sobre os usos durante todos os dias de uma semana. Nessas observações consideramos aspectos da duração dos usos de cada praça, de acordo com três diretrizes (1- uso prolongado, 2 - uso de passagem, mas demorada, e 3 - uso de espera momentânea). A partir disso, conseguimos identificar unidades prováveis de comportamento (se estavam interagindo ou não) a partir dos setores. Não levamos em consideração crianças para manter a similaridade com as outras etapas da pesquisa que só consideraram adultos.

Na segunda fase do procedimento, organizamos o material de campo e a sistematização das observações. De início, construímos a tabela de observação indicando o comportamento (desenvolvendo alguma interação/sozinho) e gênero (feminino/masculino), por intermédio de cada setor. A tabela contou ainda com um espaço para situações eventuais (ver **Apêndice 3**). Posteriormente, fizemos a identificação dos setores levando em consideração a sequência das observações e maior abrangência da visão. A **Figura 15** mostra as duas praças com a definição dos pontos de observação.

Figura 15 - Pontos de análise das praças | à esquerda Cel. José Alves | à direita Pereira Magalhães



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal

Depois iniciamos as observações propriamente ditas, que se realizaram durante três dias em cada praça, sendo 12, 13 e 14 (terça-feira, quarta-feira e quinta-feira, respectivamente) de março de 2019, na praça do bairro Baixão; e 19, 20 e 21 (terça-feira, quarta-feira e quinta-feira, respectivamente) de março de 2019, na praça do bairro Cacimbas, com tempo máximo de 20 min para cada setor, com intervalo de uma hora, entre as 08h00min e as 19h00min. A escolha dos dias se deu pela análise dos dias convencionais em cada praça, bem como os horários.

Todos os dias apresentaram condições climáticas sem chuva. Essas observações foram realizadas por quatro examinadores, incluindo a pesquisadora responsável pela pesquisa. Nelas utilizamos a dinâmica do instante congelado no tempo, proposta por Pinheiro et al. (2008), que se refere a um processo de fotografar o número de pessoas realizando atividades naquele momento do setor analisado, podendo registrar os dados também em uma tabela de observação. Para análise desse instrumento buscamos identificar as categorias comportamentais que se sobressaíram em todas as observações. Posteriormente, organizamos os dados em tabelas e gráficos para uma melhor compreensão da disposição dos usos por seus frequentadores a partir do contato e sua restrição.

3.2.2 Análise das Relações e Restrições de Contato

Este momento envolveu um aprofundamento das análises das relações sociais e sua restrição pelos usuários de cada espaço por meio de rotinizações e entrevistas. As rotinizações seguiram um modelo realizado por Giddens (2008) e foram realizadas entre usuários das praças para identificarmos como as rotinas sociais de cada um se realizam a partir daquele espaço e, sobretudo, identificar sua influência na constituição das relações sociais de contato, ou em sua ausência provocando as restrições. Giddens (2008) explica que se as atividades diárias de um indivíduo específico são registradas, é fácil construir uma caracterização de grosso modo delas, na medida em que elas compreendam trajetória no tempo e no espaço.

Assim, para as rotinizações desta pesquisa buscamos, inicialmente, identificar os critérios de inclusão para a escolha da amostra. Para isso, levamos em consideração o tempo e o espaço, o que configurou quatro aspectos importantes na escolha dos sujeitos: a) o sujeito deve residir nos bairros ao redor de cada praça; b) o sujeito deve utilizar a praça diariamente ao realizar uma determinada atividade com dimensões além da praça, por exemplo, utilizar a praça para espera de ônibus, a fim de identificarmos o caráter das outras atividades ocasionadas mediante o uso da praça; c) ser maior de 18 anos e d) concordar em participar.

Com isso, fizemos a abordagem para a participação. Nela foram apresentados a pesquisadora (que realizou todas as rotinizações) e os principais delineamentos da pesquisa, como objetivos e importância da participação. Posteriormente falamos como seria o procedimento e se aceitassem marcaríamos o momento específico, nesse caso, nas duas praças foram os dias seguintes. Os participantes que se disponibilizaram assinaram documentos comprovando e liberando o uso das informações constatadas, mediante os recursos éticos (Ver **Apêndice 4**).

Esse procedimento ocorreu durante a última semana do mês de fevereiro de 2019, no período da manhã, nos dias 25 e 26 (segunda-feira e terça-feira, respectivamente) na Praça Cel. José Alves e 27 e 28 (quarta-feira e quinta-feira, respectivamente) na Praça Pereira Magalhães. A escolha dos dias se pela disponibilidade de cada rotinizado. Ocorreu da seguinte forma: marcamos o horário de encontro da realização da atividade - em todos os casos, foi da casa do sujeito, até a praça. A partir disso, seguíamos com o participante até a praça, onde ele realizava sua atividade e depois seguia para outra atividade (a nossa participação envolveu apenas as atividades que se seguiam entre as praças – como antes e depois – mas se exercesse outra atividade além da outra depois da praça não acompanhávamos mais). A participação da pesquisadora foi apenas observação do trajeto, da espera/ou realização da atividade com anotação de todos os detalhes e fez uso do mapa de localização dos endereços, obtidos pelo programa *Google Maps*.

Incluindo as duas praças, mais de quarenta pessoas que se encaixavam nas peculiaridades da amostra foram solicitadas, no entanto, apenas quatro aceitaram participar, sendo duas em cada praça. A praça Cel. José Alves (do bairro Baixão) contou com a participação de um homem e uma mulher com idades de 38 e 21 anos, respectivamente, que utilizam a praça para realizar outras atividades de saúde e educação. Já na praça Pereira Magalhães (do bairro Cacimbas) participaram um homem e uma mulher com idades de 46 e 22 anos, respectivamente, que utilizam a praça para realizar atividades com motivos de trabalho. Cada rotinização aconteceu em tempos específicos com durações diferentes, no entanto, nenhuma durou mais de duas horas.

A análise dessas rotinizações aconteceu com a organização dos dados encontrados, primeiramente no Programa Word e depois espacializado no software QGIS, a partir da base de dados do IBGE (2010) para ilustração e, por fim, elaboração de um gráfico para cruzamento das rotinas de ambos os participantes em cada praça. Para manter o sigilo das informações dos participantes, os caracterizamos partindo da ideia de personas de Cooper (1999), a qual consiste em construir personagens fictícios mediante as características básicas coletadas na pesquisa

desenvolvida. Esse instrumento possui diversos objetivos, no entanto, para nossa pesquisa a utilizamos apenas para incorporar o sigilo dos participantes e ainda assim manter as particularidades das suas informações.

O último procedimento da fase qualitativa foi a realização de entrevistas semiestruturadas. A escolha por essa modalidade se deu por permitir uma maior liberdade no direcionamento das questões, bem como apresentar uma caráter mais informal na conversa com os agentes da pesquisa (MARCONI, LAKATOS, 2003), pois queremos com ela provocar uma fala cujos conteúdos provoquem os sujeitos para refletirem sobre si mesmos, enxergando-se de outro ângulo, conteúdos que estarão relacionados com os objetivos da pesquisa. O critério de inclusão de participação se deu por quatro características importantes: a) distribuição entre homens e mulheres; b) idade acima de 18 anos; c) residente na cidade de Arapiraca (Zona Urbana e Rural); d) frequência alta no uso em cada espaço; e) disponibilidade em participar.

Fazer esse tipo de pesquisa impõe consequências éticas, por isso, o desenvolvimento das entrevistas se deu, inicialmente, com a submissão do projeto que recebeu aprovação perante o parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC), através do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº 05667518.7.0000.0121, ver **Apêndice 5**. Esse projeto envolveu a construção de um roteiro com perguntas abertas, ver o **Apêndice 6**, que foram delineadas a partir dos resultados da etapa 2 para aprofundamento e versaram sobre a caracterização dos sujeitos, ações e atitudes que auxiliam o contato social, bem como sua restrição, o grau dessa restrição, e as dimensões das praças que reforçam o contato e sua restrição.

A aplicação das entrevistas ocorreu durante as semanas de 11 a 16 (de segunda a sábado) de março de 2019, na praça do bairro Cacimbas e, 18 a 23 de março de 2019 (segunda a sábado) na praça do bairro Baixão, durante os horários de 08h às 12h e de 13h às 17h, sendo que na quinta-feira estendeu-se até às 19h, e no sábado entre 08h e 11h. Ao todo foram feitas quarenta entrevistas, sendo vinte em cada praça. Entre os participantes não houve nenhum incômodo relatado ou possível risco à saúde física e/ou mental a partir da produção de ansiedade ao falar sobre o tema pesquisado na entrevista. Em relação ao tempo, em nenhum caso a conversa se prolongou para mais de uma (1) hora, chegando no máximo a 41 minutos.

No momento de abordagem para a participação foram apresentados a pesquisadora e os principais delineamentos da pesquisa, como objetivos e importância da participação. Posteriormente falamos como seria o procedimento, que seria gravado e que os dados encontrados serão usados, guardados em arquivos físicos e digitais e preservados em sigilo por

um período de cinco anos após o término da pesquisa, e eventuais divulgações observarão os princípios éticos da pesquisa. Quando concordavam, entregávamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ver **Apêndice 7**), que apresentava todos esses direcionamentos. Por fim, assinavam e iniciávamos a conversa. Houve cerca de 25% de abstenções do valor total em cada praça. Os recusantes quando sabiam que iam ser gravados rejeitavam de imediato, ou perguntavam sobre a possibilidade de não serem gravados, fato que não se enquadrava perante os requisitos da pesquisa.

O tratamento dos dados dessas entrevistas se deu por meio do conjunto de técnicas chamado de Análise de Conteúdo (AC). Para Bardin (1997), a Análise do Conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens (BARDIN, 1977, p.42).

Nesta pesquisa utilizamos a Análise do Conteúdo com viés qualitativo. Conforme Bardin (1997) ambos os vieses podem ser realizados através de três fases: 1) Pré-Análise; 2) Exploração do Material; 3) Tratamento dos Resultados, Inferência e Interpretação.

Segundo Bardin (1997) a Pré-Análise é demarcada como a fase que apresenta o estudo ao pesquisador, por meio da coleta de dados, escolha dos documentos, formulação de hipóteses, elaboração de indicadores e preparação do material; já a fase de Exploração do Material é o momento em que o pesquisador busca, através do material já preparado, encontrar categorias que expressem o conteúdo geral em um processo mais organizado. Por fim, a fase de Tratamento dos Resultados, Inferência e Interpretação permite a codificação e categorização com intuito de representar a fala a partir de sua expressão e que pode servir de índices para o conhecimento do problema geral.

Para a presente pesquisa definimos a operacionalização dos dados encontrados nas entrevistas mediante três fases relacionadas com as propostas por Bardin (1997), as quais também nomeamos de: Pré-Análise, Exploração do Material e Categorização.

A Pré-Análise possibilitou a transcrição das entrevistas, organizando a fala dos sujeitos de forma direta, sem nenhuma interferência da pesquisadora, procurando identificar confusões e informações distorcidas para deixar o texto mais fluido e preciso. Essa transcrição foi feita por meio da Programa Microsoft Word, à medida que o trabalho de campo ia sendo realizado.

Já a etapa de Exploração do Material nos permitiu a criação de uma codificação a partir do texto pronto das falas dos sujeitos. Essa codificação foi feita através da plataforma Microsoft

Word levando em consideração as características de cada sujeito para propiciar uma representação dos códigos selecionados pela fala deles. Com isso, agrupamos os dados a partir da fala dos participantes que apresentavam grau semelhante ou diferente nos aspectos socioeconômicos e, assim, chegamos ao processo de agrupamento mediante um conjunto importante chamado de CONTATO RESTRITO.

Uma vez feito esse processo, fomos para a etapa propriamente dita de Categorização com objetivo de evidenciar as relações que se estabelecem a partir do conjunto CONTATO RESTRITO. Essa etapa final teve auxílio da plataforma Microsoft Excel. Conforme Bardin (1997), para se obter um bom conjunto de categorias é importante levar em consideração 5 requisitos: a) homogeneidade: um único elemento deve organizar a categorização; b) exclusão mútua: cada elemento não pode existir em mais de uma divisão; c) objetividade: mesmo mudando o foco de análise, as categorias devem refletir a fidelidade da classificação; d) pertinência: o sistema de categorias deve refletir as intenções da investigação; e) produtividade: o conjunto de categorias deve organizar e proporcionar bons resultados.

A partir das respostas, em conjunto com os objetivos da pesquisa e a revisão de literatura, emergiram as categorias desta pesquisa, que buscaram, na medida do possível, atender aos requisitos elencados acima. Todavia, algumas categorias incluem elementos que, por vezes, aparecem em outra categoria, o que foi preservado a fim de manter condições melhores de exploração dos resultados. No geral, as chamamos de:

a) Contato restrito por atributos morfológicos: nessa categoria analisamos aspectos sobre o uso do solo, integração global e copresença que contribuem para análise do favorecimento do movimento e encontros que possibilitam a restrição do contato entre pessoas de grupos sociais distintos. Embora a copresença apresente aspectos também sociais, a relevância dela para o estudo se destaca na parte do espaço e seus atributos, por isso faz parte dessa categoria;

b) Contato restrito por atributos socioeconômicos: nessa categoria analisamos aspectos de renda, que automaticamente englobam posição da classe social;

c) Contato restrito por atributos individuais: nessa categoria analisamos questões mais individuais de cada participante, como o fato de ser mais aberto para uma interação social, personalidade, e rotina. Ainda que a rotinização apareça ligada a aspectos morfológicos e socioeconômicos, se sobressai na forma de apropriação das praças mais intrínseca a cada participante.

Posteriormente, realizamos as comparações entre as duas praças na mesma categoria identificando as relações entre os dois espaços e como se conformam. É desse momento que extraímos os principais resultados da pesquisa.



ANÁLISE DOS RESULTADOS

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção apresentaremos os resultados da pesquisa e suas respectivas discussões. Eles foram agrupados em um conjunto chamado de **CONTATO RESTRITO**. Desse conjunto emergiram três variáveis explicativas que englobam os principais pontos trabalhados, identificadas como: **Contato restrito por atributos morfológicos**, **Contato restrito por atributos socioeconômicos** e **Contato restrito por atributos individuais**. A **Figura 16** apresenta essa relação.

Figura 16 - Distribuição das categorias de análise da pesquisa



A partir dessas categorias, derivadas especialmente dos resultados das entrevistas, vamos percorrer um caminho de entendimento sobre as praças, seus usuários, suas formas de apropriação e as relações constituídas a partir delas, evidenciando se há ou não as restrições do contato e como elas se dão. Essa discussão será realizada por meio de quatro blocos diferentes, mas complementares. O primeiro abrangerá um compilado das características principais de cada praça que permitirão uma relação direta entre os blocos seguintes, enfatizando os atributos morfológicos (das praças), socioeconômicos (tanto das praças, como de seus usuários) e individuais (relativos exclusivamente aos usuários), respectivamente. Os resultados das rotinizações não foram considerados plenamente satisfatórios²⁸ e, por esse motivo, serão citados apenas brevemente dentro das categorias pertinentes.

²⁸ Foram realizadas duas rotinizações em casa praça, totalizando quatro no geral. Os resultados coletados não apresentaram informações novas e oportunas para a pesquisa, conseguiram corroborar apenas com as discussões dispostas no referencial teórico da pesquisa e, conseqüentemente com algumas situações esperadas nas praças.

Embora a metodologia deste estudo tenha apresentado, de forma preliminar, as características básicas e essenciais que levaram a escolha das praças estudadas, torna-se oportuno conhecer aspectos mais específicos de cada uma. Esse conhecimento nos oferecerá um subsídio importante para a leitura especificamente da constituição do território que engloba cada praça e, conseqüentemente, dos usuários que as utilizam e como utilizam. Para isso, conheçamos, de forma breve, a consolidação de Arapiraca, que influenciou no surgimento e progresso dos locais estudados.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL DAS PRAÇAS ESTUDADAS

Semelhante a muitas cidades do interior Nordeste, Arapiraca, recorte que situa as praças estudadas, apresenta um processo de constituição do seu território aliado à vulnerabilidade. Não é nosso objetivo aqui apresentar os alicerces que fundaram esses determinantes, ainda tão atuantes na cidade, mas é importante reconhecer o contexto geral em que se insere o município, e sobretudo, como tais fatores podem nos ajudar a entender como se estruturam as relações de apropriação dos espaços públicos da sua zona urbana, em especial as praças aqui trabalhadas: Pereira Magalhães (no bairro Cacimbas) e Coronel José Alves (no bairro Baixão).

Arapiraca foi fundada por volta de 1848, como resultado da expansão pecuarista da região da Zona da Mata de Alagoas²⁹. Por apresentar um clima mais seco, comparado ao litoral, a cidade não sustentava a monocultura da cana de açúcar, principal atividade econômica do estado na época e se desenvolveu por meio do cultivo do fumo, por causa da maior predisposição à plantação. A cultura fumageira é, sem dúvida, a principal responsável pelo desenvolvimento de Arapiraca, entre as décadas de 1920, quando foi elevada à condição de cidade, até 1980, quando se iniciou o declínio do plantio.

O fumo implementou a feira livre da cidade, que reunia pessoas de diversas localidades ao longo das segundas feiras para sua comercialização do produto. Para Hermeto Pascoal³⁰ “não se trata de uma feira que se estabeleceu numa cidade. Mas uma cidade que se formou em torno de uma feira”. Por causa disso, Arapiraca consagrou-se no cenário estadual e nacional por dispor de um território promissor para investimentos, recebendo empresas de grande empenho

²⁹ Há outros acontecimentos que influenciaram a constituição do território de Arapiraca, para maiores esclarecimentos indicamos o livro *Arapiraca Através do Tempo* (1999) de Zezito Guedes.

³⁰ Compositor Instrumentalista Alagoano que concentrou alguns trabalhos a propagação cultural da feira de Arapiraca. Para mais informações do artista consultar: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa26091/hermeto-pascoal> | Acesso em Setembro de 2019.

econômico internacional, tornando-se conhecida como a capital brasileira do fumo. Essa visibilidade atraiu serviços institucionais que antes só existiam na capital Maceió, transformando-a em um polo nodal para as cidades circunvizinhas do Agreste Alagoano. Todos esses fatores favoreceram o êxodo rural do município e ainda de outras localidades do Brasil, fato que triplicou seu índice populacional (em 1960 a população urbana era 21.149 – em 1980 foi para 81.175), conforme dados do IBGE (2010).

Para Guedes (1999) é nessa época que começam a se estabelecer alguns bairros no entorno do Centro, como os bairros Baixão e Cacimbas. O primeiro consolida-se como um dos principais da cidade, por ser morada da população com condições socioeconômicas mais altas (os investidores das empresas nacionais e internacionais) que evitavam residir no Centro, pela quantidade de trabalhadores que habitavam aquela localidade, em cortiços, que foram surgindo para atender a demanda da população que chegava à cidade. E depois, por ocupar a feira livre municipal. O bairro Cacimbas, por sua vez, ia aos poucos sendo ocupado por uma população com um nível menor de renda, porque apresentava características mais rurais.

É ainda da década de 1980 que começam as implementações dos principais espaços públicos de ambos os bairros, com destaque para as praças estudadas: Coronel José Alves (Baixão) e Pereira Magalhães (Cacimbas), com intuito de reforçar o estilo de vida da população Arapiraquense, que é marcada, segundo Gomes *et al.*, (2012, p.141), “por traços culturais que privilegiam o espaço da rua, da praça e do parque, quer seja como o lugar de trocas, de cultos religiosos, de cerimônias cívicas, de conversas informais, de atividades lúdicas e esportivas, quer seja como um espaço que se complementa e se entrecruza às delimitações do espaço privado, neste caso, a própria casa”.

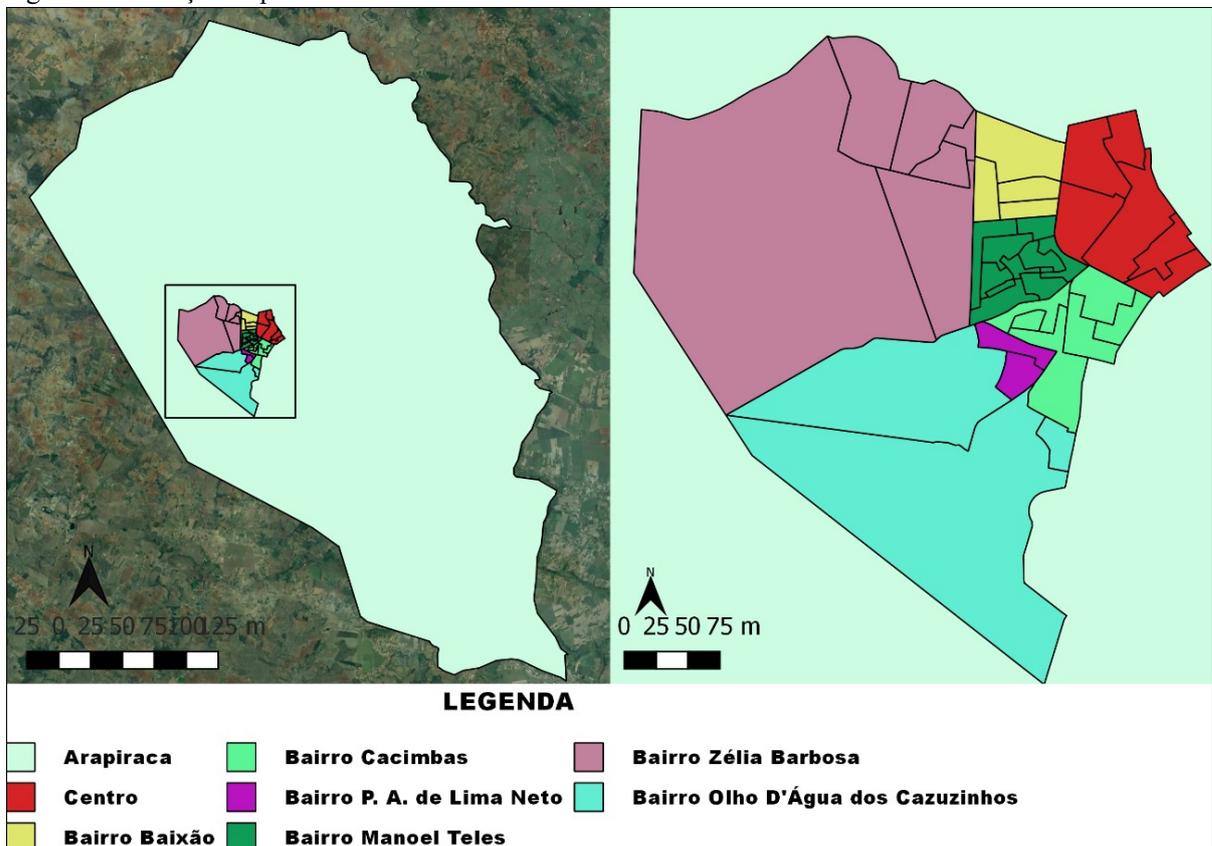
As duas praças apresentam semelhanças físicas, por se tratar de modelos triangulares e, segundo Guedes (1999), surgiram de forma despreziosa, especificamente pelo descanso oportuno que as árvores das suas atuais estruturas internas proporcionavam à população que fazia uso das redondezas. Mais tarde, estruturaram o desenvolvimento de cada bairro por possibilitar as principais rotas entre eles e o Centro da cidade, e por causa disso, essas ruas passaram a concentrar os principais serviços e comércio no entorno. Os efeitos dessa configuração atuam além dos condicionantes de integração, incidem também no sentido de pertencimento que cada espaço inspira em seus bairros. Essas praças fazem parte do dia a dia da vida cidadina dos moradores do entorno e localidades vizinhas até hoje, embora se diferenciem pelos usos que possuem. São o ponto de encontro entre amigos.

A partir dos meados da década de 1980, o cenário urbano e econômico de Arapiraca passa por mudanças críticas, pois a economia proporcionada pela cultura do fumo entrou em

declínio, devido às campanhas publicitárias que alertavam sobre seus malefícios. Com isso, grande parte da população foi afetada. As pessoas que perderam suas rendas ocuparam de forma irregular o Centro da cidade, transformando o local em uma área com características marginalizadas, alertando aos gestores municipais sobre as necessidades daquela população, bem como do crescimento que continuava a acontecer em Arapiraca. Posteriormente, em 1990, a cidade encerra seu modelo de vida rural e sua economia passa a vigorar, conforme as atividades urbanas dos setores de serviço, indústria e comércio.

Com isso, a partir da década de 2000, os gestores municipais passaram a trabalhar modelos de planejamento urbano com intuito de recuperar a imagem de Arapiraca frente ao estado de Alagoas e de todo território brasileiro. Para isso, realizou obras de embelezamento na maioria dos espaços públicos do Centro, expulsando os moradores de baixa renda do local para as bordas da sua zona urbana, com a construção de dois conjuntos habitacionais de baixa renda – o residencial Brisa do Lago, localizado no bairro Olho D'Águas dos Cazuzinhos, próximo ao bairro Cacimbas – e o residencial Jardim das Paineiras, localizado no bairro Zélia Barbosa, próximo ao bairro Baixão. A **Figura 17** apresenta a relação de proximidade entre esses bairros.

Figura 17 - Relação de proximidade entre os bairros



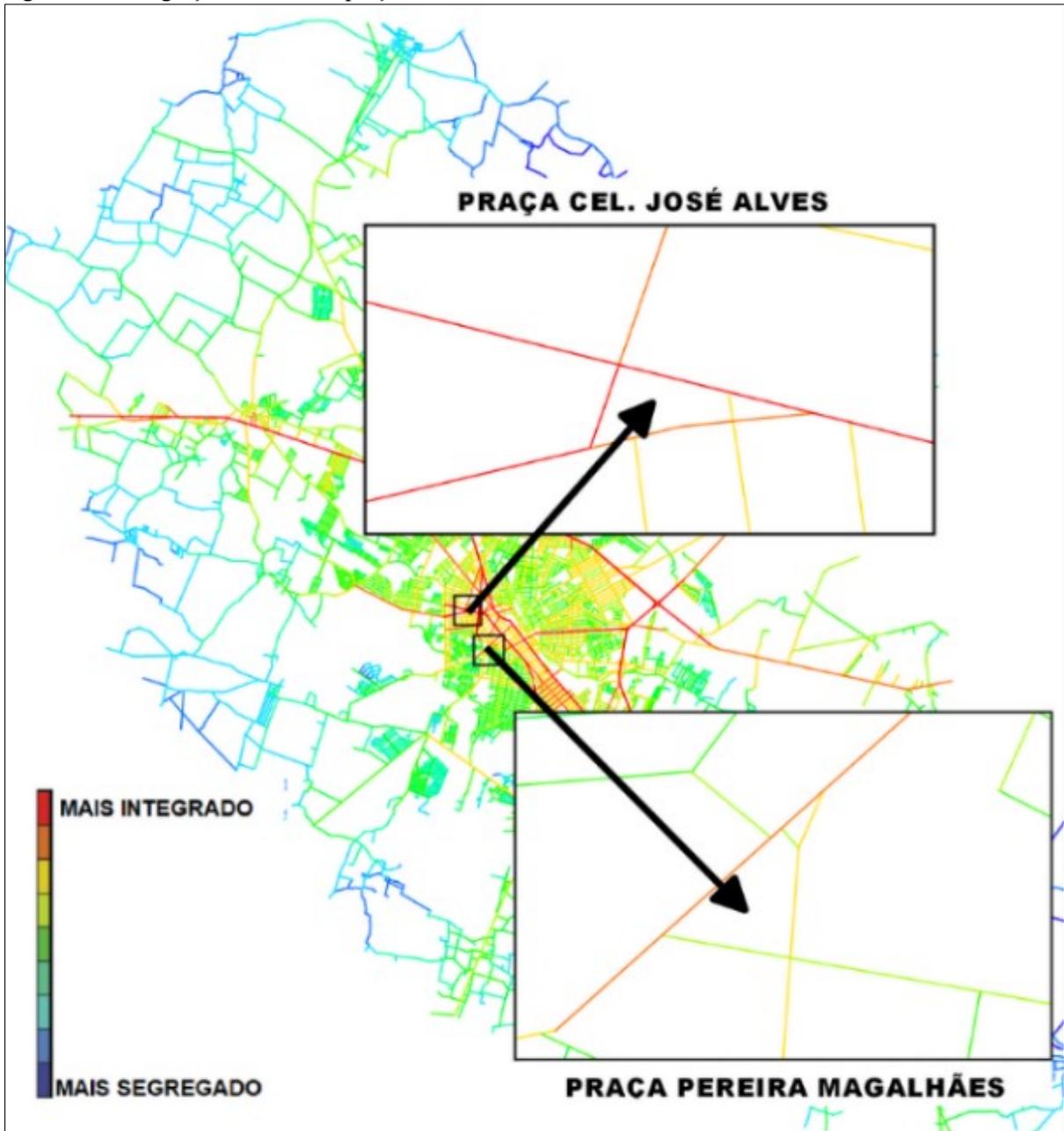
Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010)

A constituição desses residenciais mudou completamente a organização dos dois bairros estudados (Baixão e Cacimbas), porque sua população, caracterizada como de classe de baixa renda, se apropriou de toda a estrutura desses bairros, uma vez que os que os contemplam não dispõem de atrativos básicos, como equipamentos educacionais, de lazer, comércio e serviços mais gerais. Logo, com as praças estudadas não foi diferente. Além da população do próprio bairro, as praças Coronel José Alves (bairro Baixão) e Pereira Magalhães (Cacimbas) passaram a ser ocupadas rotineiramente pela população dos bairros Zélia Barbosa e Olho D'água dos Cazuzinhos, respectivamente, para diversas atividades.

Essa apropriação pode ser explicada também pelos fatores globais e locais que cada bairro estudado apresenta, bem como a forma urbana de Arapiraca. A cidade configurou-se a partir de uma estrutura mononuclear com traçado radioconcêntrico. Seu perímetro urbano é constituído por um semianel que compreende três rodovias estaduais (AL-110 que liga a BR-316 à BR-101, permitindo a ligação com o Sul do país; a AL-115 que liga a AL-110 aos municípios localizados na direção do Baixo São Francisco; e a AL-220 que liga a AL-110 ao Sertão de Alagoas). Embora a cidade disponha desses acessos principais, todo movimento viário ocorre pelo Centro, sobretudo pelos bairros que estão no seu entorno, como os bairros em estudo: Cacimbas e Baixão.

Ao analisar a configuração desses bairros em relação com a cidade, encontramos uma semelhança na integração global, no entanto, o bairro Baixão é mais integrado, segundo o mapa axial gerado, disposto na **Figura 18**, pois o bairro faz ligações importantes com diversas partes da cidade, enquanto o bairro Cacimbas se conecta diretamente apenas com o Centro da cidade e a AL-115, rodovia importante para o contexto de ligação de Arapiraca com a região sudoeste do estado de Alagoas.

Figura 18 – Integração Global das praças

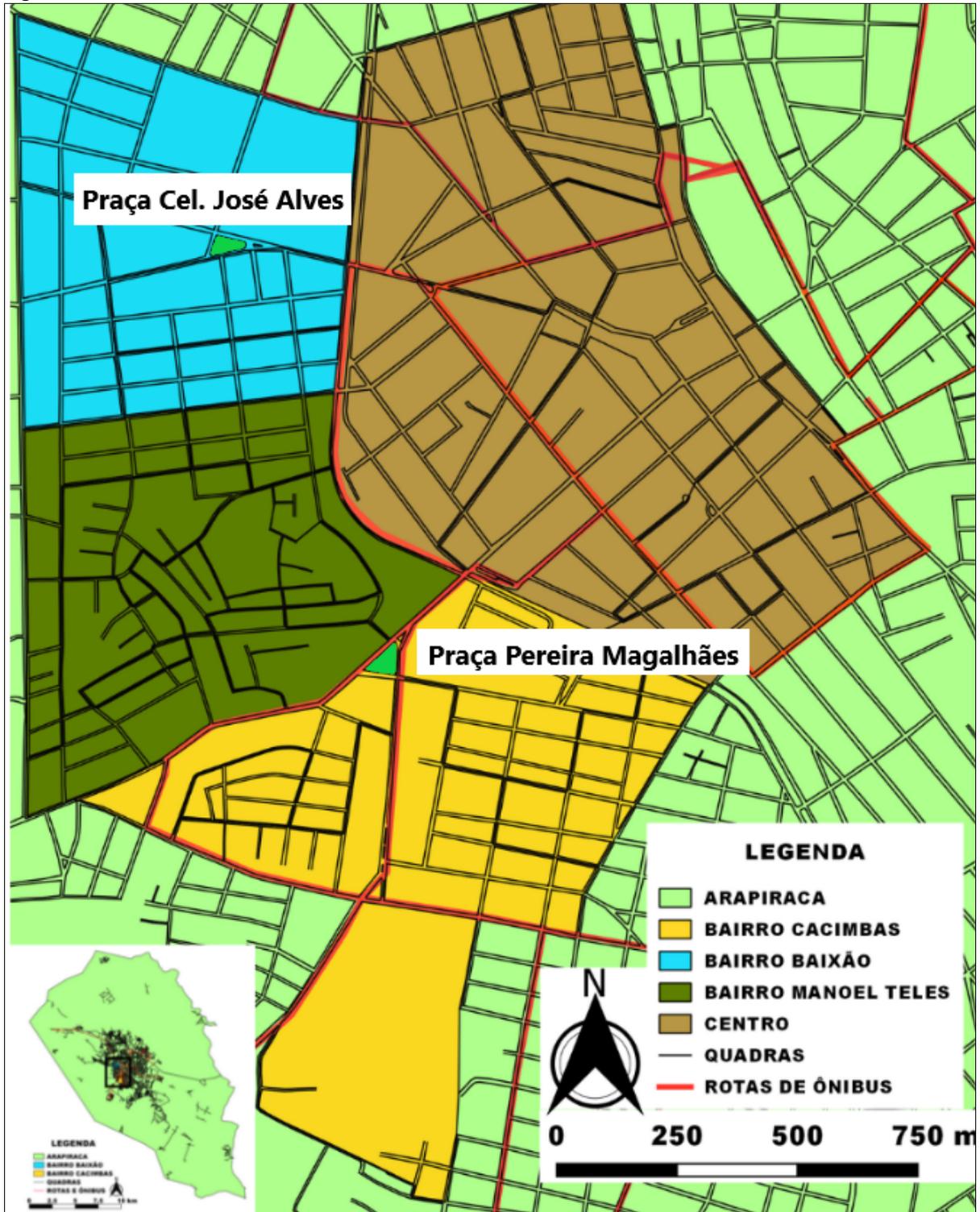


Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos mapa de Paim (2015)

As linhas de ônibus da cidade configuram-se pela concentração de atividades de serviço e comércio no Centro. Os bairros Cacimbas e Baixão que fazem ligação direta com essa parte compreendem um sistema definido pela demanda habitacional. O bairro Cacimbas, por exemplo, compreende um sistema que integra as principais vias do seu tecido, enquanto o bairro Baixão apresenta apenas duas linhas, sendo a principal localizada na via que se localiza no entorno da praça Cel. José Alves. Segundo a Secretaria Municipal de Transporte e Trânsito (SMTT) de Arapiraca, isso se dá pela demanda, pois há uma necessidade maior no bairro Cacimbas, pois as rotas que o cruzam interligam outros bairros de grande porte, como o

Primavera e Olho D'Água dos Cazuzinhos. A **Figura 19** mostra como se dão as ligações em ambos os bairros.

Figura 19 - Rotas de ônibus dos bairros Baixão e Cacimbas



Fonte: desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010) e plataforma GeoArapiraca (2019).

É importante ressaltar que ambas as praças não apresentam nenhum ponto de ônibus em sua estrutura, mas dispõem de pontos de táxi e alguns moto táxis que fazem uso das árvores das duas praças para a espera de passageiros. Os pontos de ônibus existentes no entorno foram demarcados pelos próprios habitantes do local, pois não existe delimitação feita pela Secretaria Municipal de Trânsito, pelo menos em torno das praças. Assim, os habitantes fazem a espera dos ônibus na praça e quando este se aproxima, vão para o espaço específico, sobretudo em dias de sol.

A **Figura 20** evidencia o funcionamento das vias que circundam o bairro Cacimbas, em especial as da praça Pereira Magalhães. Percebemos que a praça apresenta localização privilegiada, a qual consideramos um fator relevante nos encontros proporcionados pelo espaço, pois possibilita a passagem obrigatória no seu entorno ao se realizar algumas rotas específicas na cidade e saída para municípios vizinhos.

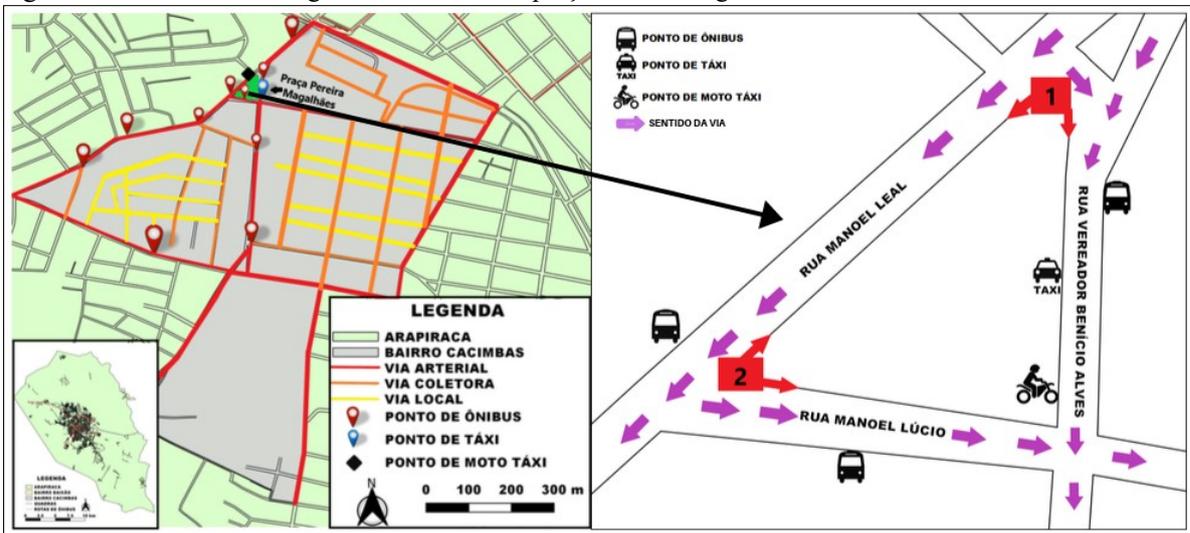
Figura 20 - Funcionamento das vias do bairro Cacimbas



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir de dados do IBGE (2010) e a Plataforma GeoArapiraca (2019)

No entanto, a maioria dos trajetos possuem um caráter mais local, pois as vias coletoras localizadas mais nas bordas fazem com que haja uma maior movimentação e fluxo, abrangendo os trajetos mais expressivos no bairro. Nessas concentram-se os principais usos de comércio e serviço. Nos principais pontos das vias coletoras da praça, realizamos contagem de pedestres, conforme indicação da **Figura 21** para entender o fluxo de passagem em dois dias diferentes, o primeiro na segunda feira, quando há a feira municipal que ocorre próxima à praça, mas no Centro; e o segundo numa terça feira, quando há o fluxo normal. Com isso, encontramos os dados dispostos nos **Gráficos 1 e 2** (pontos 1 e 2, respectivamente).

Figura 21 - Pontos de Contagem de Pedestres da praça Pereira Magalhães



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir de dados do IBGE (2010) e a Plataforma GeoArapiraca (2019)

Gráfico 1 – Contagem de pedestres no PONTO 1 (Pessoas/Hora)

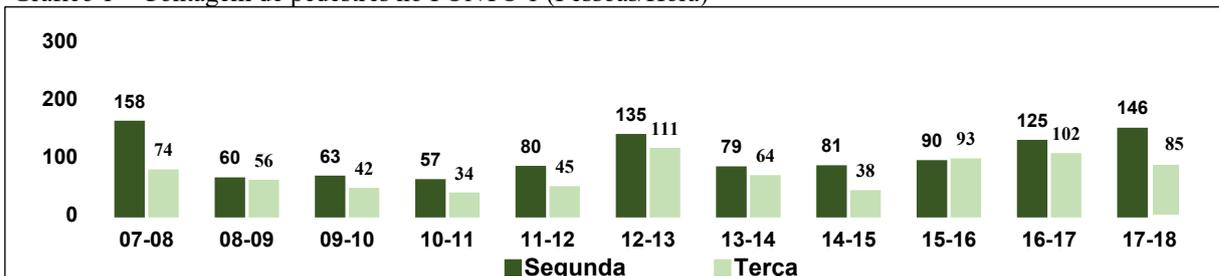
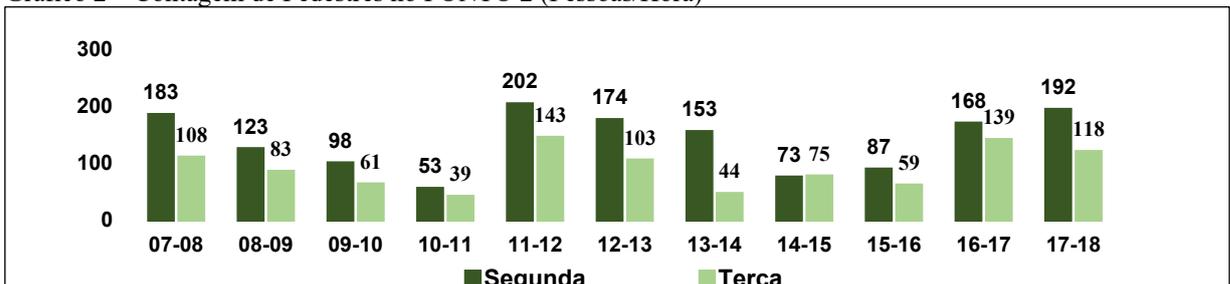
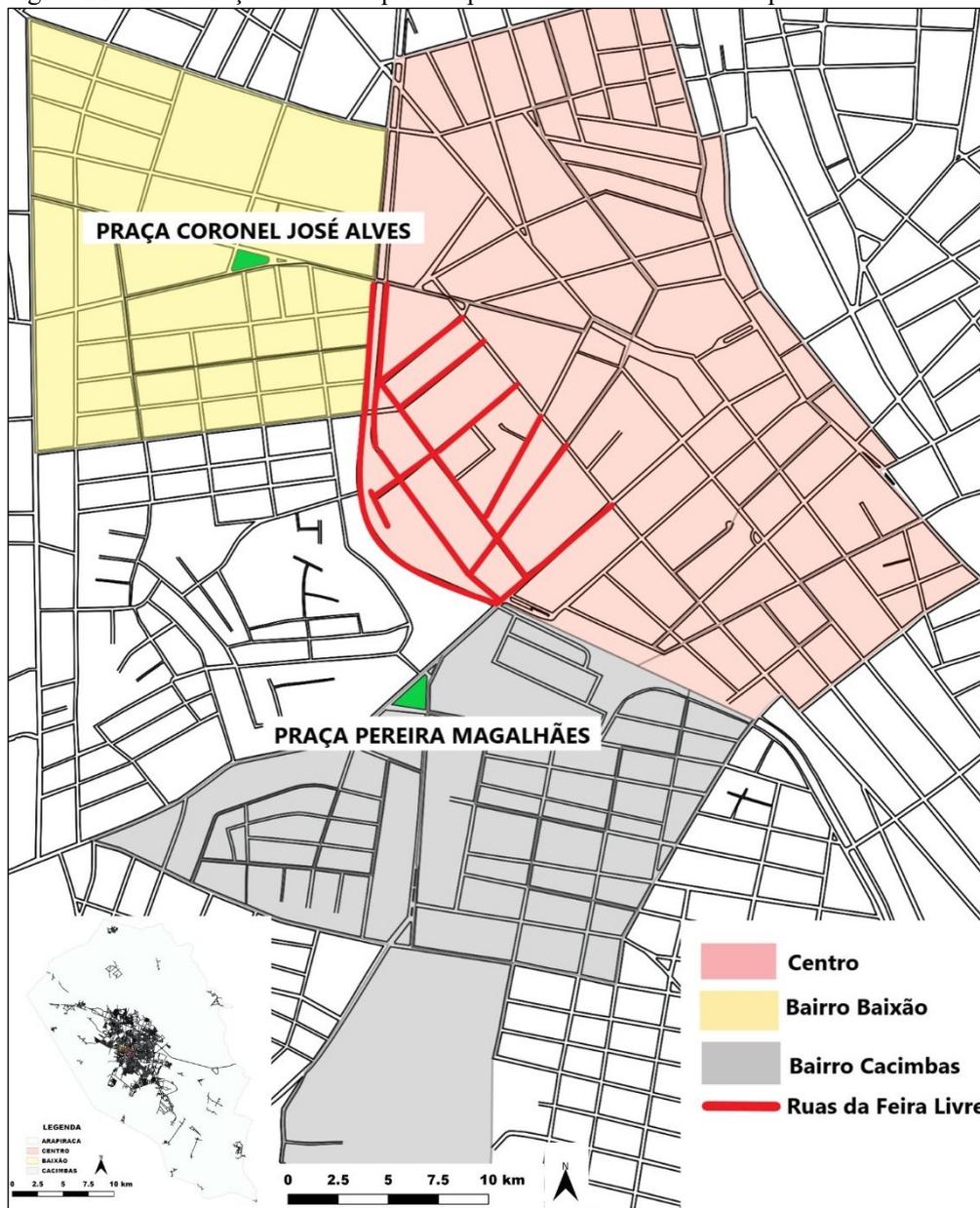


Gráfico 2 – Contagem de Pedestres no PONTO 2 (Pessoas/Hora)



Os resultados sugerem uma frequente movimentação das vias, especialmente nos horários de pico de 07h às 08h, de 12h às 13h e de 17h às 18h. Como esperado, a segunda-feira foi o dia em que há um número mais expressivo de pedestres, devido à ocorrência da feira municipal que atrai mais atividades para o centro da cidade, e conseqüentemente a visita de pessoas de municípios vizinhos. A **Figura 22** apresenta a relação entre a localização da feira tradicional, em 2019, e os dois bairros estudados. Percebamos que a realização ocorre em ruas próximas aos dois bairros, sendo elas: ruas Rua Maurício Pereira, Rua Teodorico Costa, Rua do Sol, Rua Pedro Leão, Rua Tiradentes, Rua Miguel Correia Amorim, Rua Padre Cicero, Rua José Lopes da Silva e Rua Manoel Ângelo Tavares.

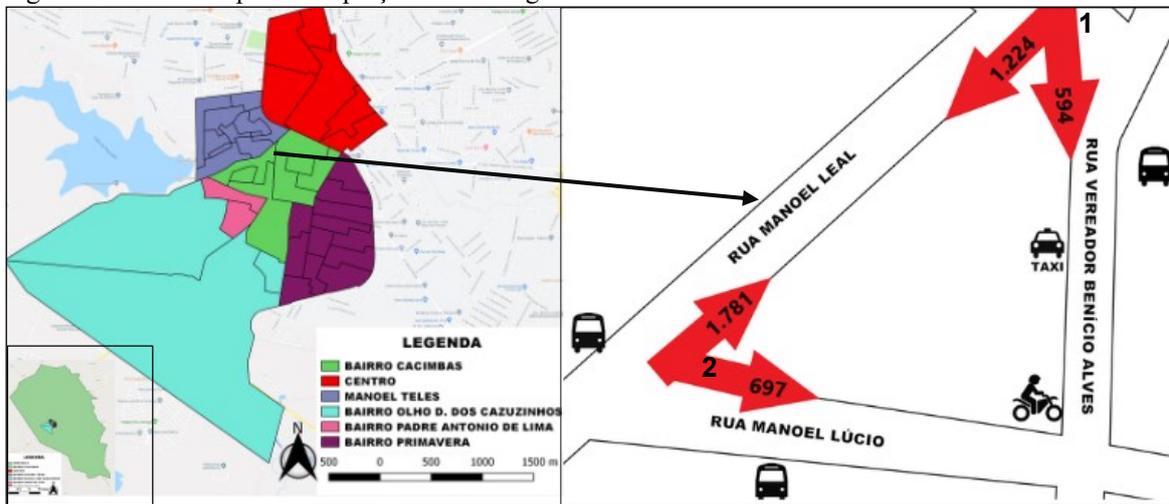
Figura 22 – Localização das ruas que compreende a feira livre de Arapiraca



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010).

O ponto 1 da praça Pereira Magalhães contou com 1074 pedestres na segunda-feira e 744 na terça-feira, enquanto o ponto 2 apresentou 1506 na segunda-feira e 972 na terça-feira. A **Figura 23** apresenta a somatória geral dos dias em cada ponto, a partir do fluxo realizado.

Figura 23 - Fluxo de pedestres praça Pereira Magalhães. Pontos 1 e 2



Fonte: desenvolvido pela autora a partir dos dados do IBGE (2010) e Google Maps

Esses fluxos indicam também que a praça Pereira Magalhães é utilizada sempre que há a necessidade de fazer o percurso entre Centro, o próprio bairro Cacimbas, e outros como os bairros Manoel Teles, Olho D'Água dos Cazuzinhos, Padre Antônio de Lima e Primavera, especialmente no ponto 2 (ver **Figura 23**). Com isso, é comum ver os transeuntes fazendo sua rota entrando na praça, ou fazendo usos das calçadas, mesmo que essas estejam em forte desgaste físico. A **Figura 24** apresenta algum desses fluxos. No entanto, são ocorrências apenas de passagem, dificilmente encontramos um pedestre sem propósito específico entrar e permanecer no local.

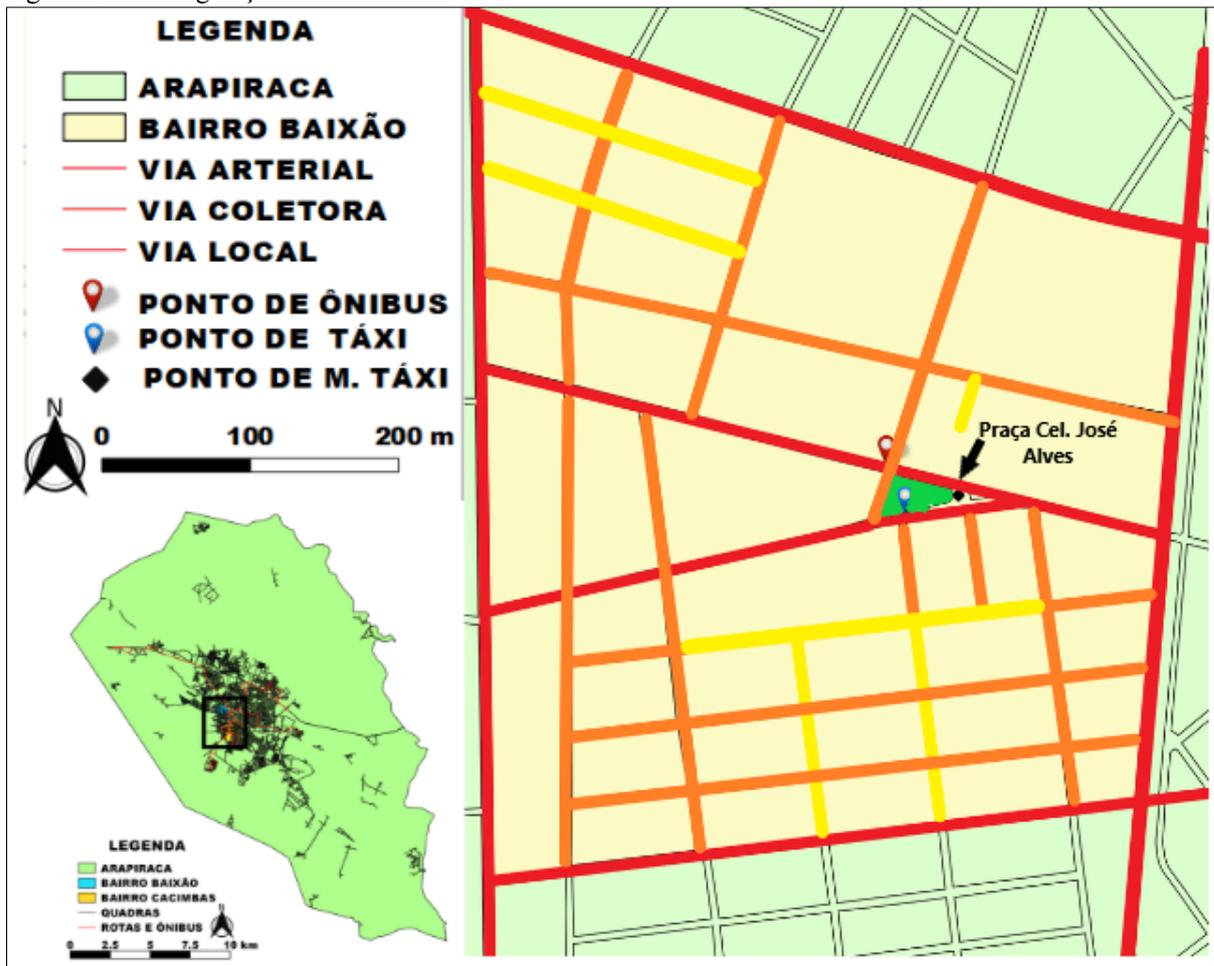
Figura 24 - Pedestres que usam a praça Pereira Magalhães como rota



Fonte: Acervo pessoal da autora, Março de 2019.

A **Figura 25** apresenta o funcionamento das vias do bairro Baixão. A partir dela, percebemos que as principais vias coletoras estão situadas no entorno da praça Coronel José Alves, fato que a transforma em um espaço bastante integrado com fluxo intenso durante todo o dia, pois nessas se localizam ainda os principais usos de comércio e serviço.

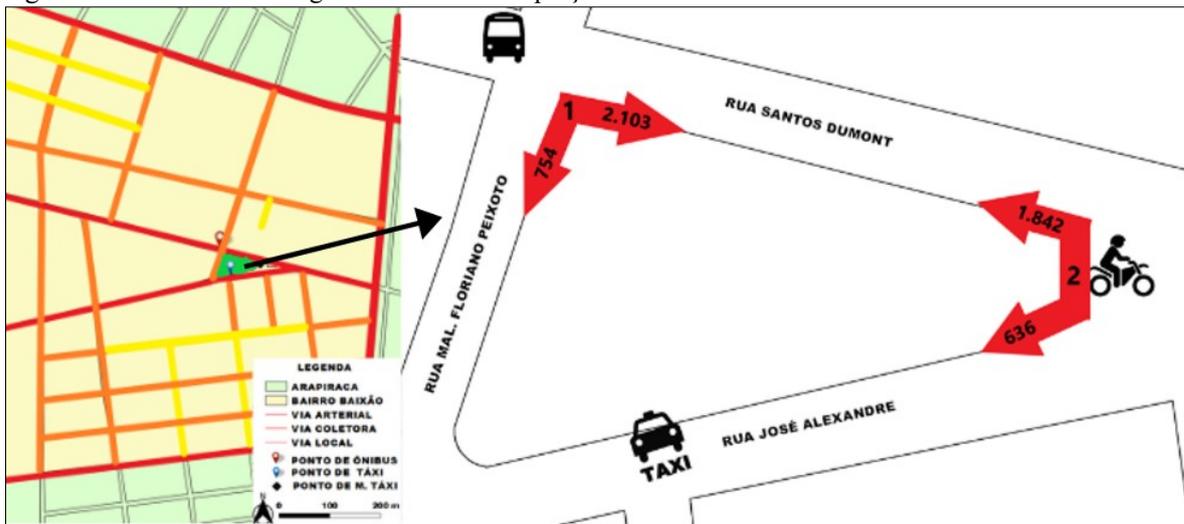
Figura 25 - Configuração do bairro Baixão



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir de dados do IBGE (2010) e Plataforma GeoArapiraca (2019)

Considerando o tecido geral do bairro, indicamos que ele apresenta características mais globais, quando relacionamos os usos do solo e a integração das vias. Seguindo as premissas de Hillier et al., (1993), esses fatos indicam que há uma maior movimentação de pedestres na praça Cel. José Alves. Para analisar melhor essa conjectura, realizamos também contagem de pedestres, em dois dias diferentes, nas principais vias que circundam a praça estudada, a fim de entender como ocorrem esses fluxos. A **Figura 26** apresenta a localização exata desses pontos e os resultados podem ser encontrados nos **Gráficos 3** (ponto 1) e **4** (ponto 2).

Figura 26 - Pontos de Contagem de Pedestres da praça Cel. José Alves



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir de dados do IBGE (2010) e a Plataforma GeoArapiraca (2019)

Gráfico 3 - Contagem de Pedestres no PONTO 1 (Pessoas/Hora)

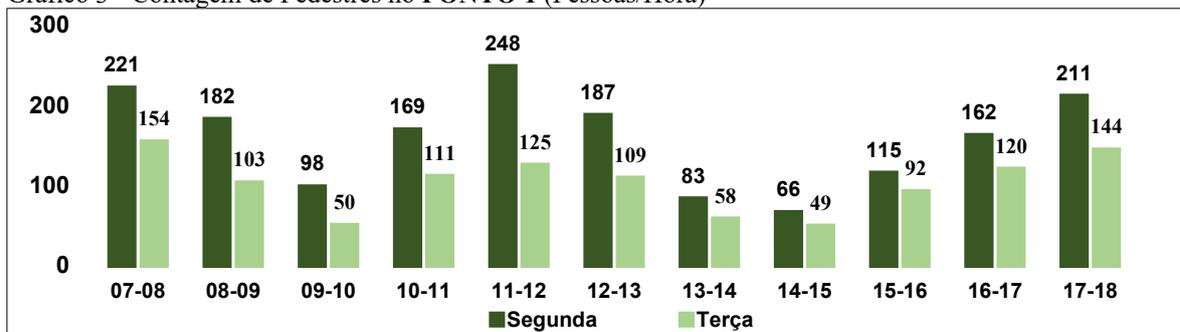
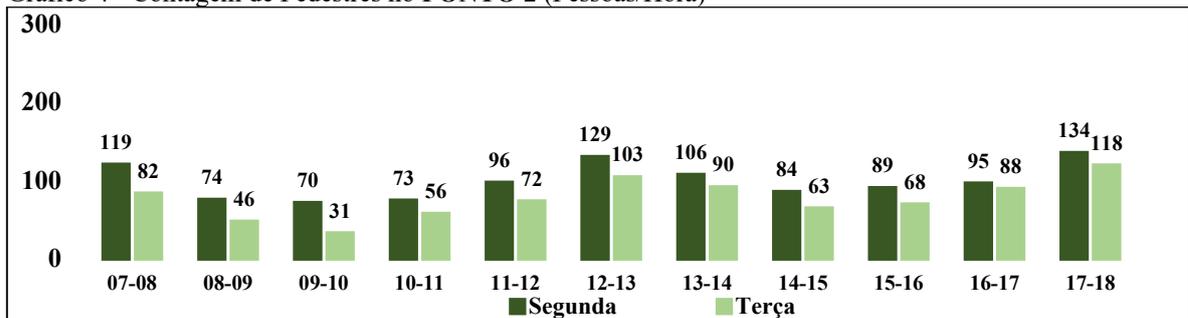


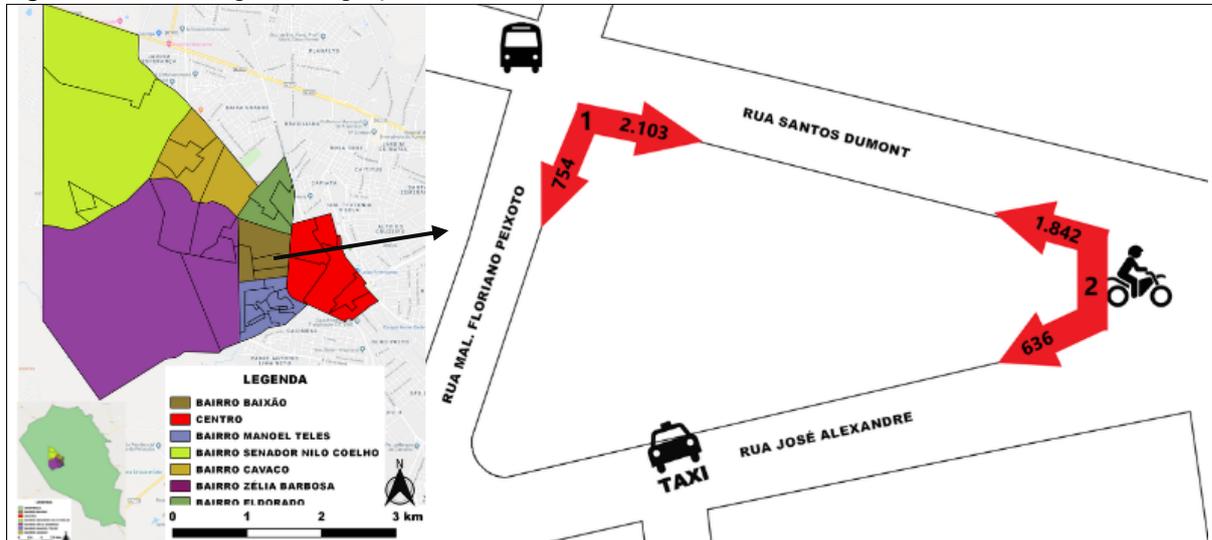
Gráfico 4 - Contagem de Pedestres no PONTO 2 (Pessoas/Hora)



Os resultados indicam que, assim como na praça Pereira Magalhães, há uma maior movimentação nas principais vias, sobretudo na segunda-feira, em horários de picos, como de 07h às 08h, de 12h às 13h e de 17h às 18h devido a ocorrência da feira livre, cujo bairro faz rota direta com as ruas que sediam. O ponto 1 contou com 1742 pedestres na segunda-feira e 1115 na terça-feira, enquanto o ponto 2 apresentou 1475 na segunda-feira e 1003 na terça-feira. A **Figura 27** apresenta a somatória geral dos dias em cada ponto, a partir do fluxo realizada. Nela podemos perceber os bairros que podem indicar a origem de muitos transeuntes, com

destaque para os bairros Manoel Teles, Senador Nilo Coelho, Cavaco, Zélia Barbosa, Eldorado e Centro.

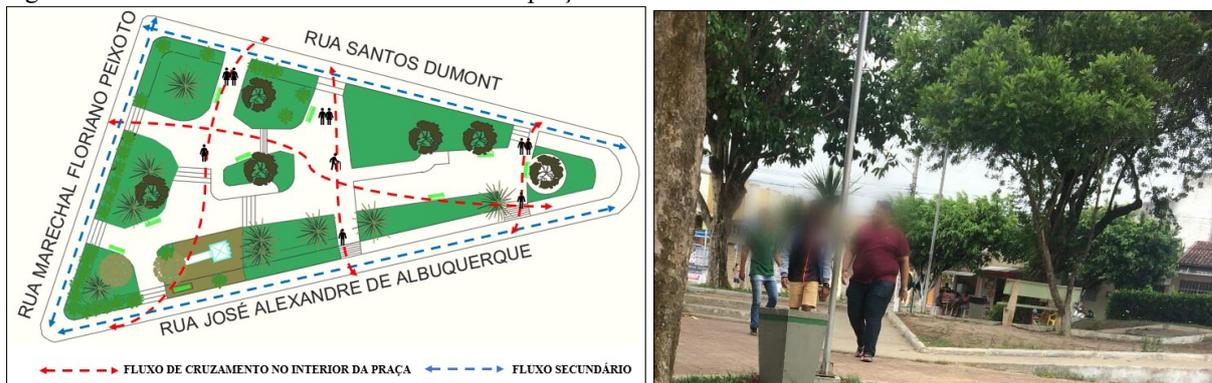
Figura 27 - Fluxo de pedestres praça Cel. José Alves. Ponto 1 e 2



Fonte: desenvolvido pela autora a partir dos dados do IBGE (2010) e Google Maps

Na contagem, não percebemos a entrada dos pedestres na praça, semelhante ao encontrado na praça Pereira Magalhães, isso se dá porque as vias que estão ao redor da praça Coronel José Alves são maiores, bem como as calçadas do seu contorno, então, geralmente, só entra na praça os pedestres que querem cruzar entre uma via e outra ou os que realmente se apropriam com um objetivo específico. A **Figura 28** identifica algumas dessas passagens.

Figura 28 – Fluxos de cruzamento no interior da praça Cel. José Alves



Fonte: Acervo pessoal da autora, Março de 2019.

A partir desses dados mencionados, é possível perceber que os dois bairros apresentam muitas semelhanças, na mesma intensidade que apresentam diferenças. Isso porque, desde a formação de Arapiraca e, especialmente até os dias atuais, o bairro Baixão, da praça Coronel José Alves, apresenta um processo de desenvolvimento mais acentuado, por isso sua renda

tende a ser maior. Esse fato reforça os investimentos recorrentes no bairro com obras periódicas em sua estrutura viária, espaços de lazer e órgãos institucionais, atrativos essenciais para o capital imobiliário da cidade, que tem atuado de forma significativa no bairro. Com isso, sua única praça (Coronel José Alves) é reformada sempre que apresenta alguma necessidade e exibe sempre condições de cuidados, como também de mobiliário, acessibilidade e iluminação. A **Figura 29** apresenta algumas dessas informações.

Figura 29 - Condições de cuidados da praça Coronel José Alves – bairro Baixão



Fonte: Acervo da Autora, Março de 2019.

O bairro Cacimbas, da praça Pereira Magalhães, por sua vez, apresenta uma renda média menor, sobretudo quando relacionada com os setores censitários do entorno. Diferentemente do bairro Baixão, o bairro é mais invisibilizado nas questões estruturais de investimentos, tanto do setor privado, como do público. O exemplo mais concreto está na praça Pereira Magalhães, que recebeu sua última reforma em 2002 e exibe condições de degradação, conforme a **Figura 30**. Segundo informações da Prefeitura Municipal³², há um projeto de reforma para o ano de 2019, mas até o mês de setembro do corrente ano, nada foi realizado.

Figura 30 - Condições de cuidados da praça Pereira Magalhães – bairro Cacimbas



Fonte: Acervo da Autora, Março de 2019.

³² Informação obtida em: <http://web.arapiraca.al.gov.br/2018/11/prefeito-assina-ordens-de-servicos-e-transformara-arapiraca-em-um-canteiro-de-obras/> com acesso dia 23 de Abril de 2019.

Embora apresente uma estrutura física bastante desgastada, a praça Pereira Magalhães é utilizada diariamente para diversas atividades recreativas, religiosas e educacionais, lazer, comércio e alimentação, por dispor de quiosques no seu interior. Semelhante a praça Coronel José Alves, esta praça tem como um dos principais pontos positivos a presença de árvores de grande porte e algumas de médio porte que oferecem sombras durante todo dia. No entorno da praça, destacam-se ainda atividades informais, que recebem diariamente camelôs para vendas de frutas, verduras e lanches rápidos, como sanduíches e sucos.

Analisando a distribuição dos usos do solo dos bairros, inicialmente consultamos o Plano Diretor municipal de 2005³³, sobre a ocupação espacial, para identificar como se deu a constituição desses usos, em consonância com a cidade. Esse documento evidencia que com exceção do bairro do Centro, onde existe um crescimento acelerado do uso comercial e de serviço, os outros bairros da cidade possuem característica predominantemente residencial. Entretanto, ocorre paulatinamente um processo de diversificação de usos de forma pulverizada em vários bairros residenciais, bem como a tendência a novas centralidades, ancoradas na implantação de empreendimentos públicos e privados, e informalidade na maioria dos espaços públicos, sobretudo nas praças. É marcante também a presença informal do uso misto nas áreas residenciais, onde as pessoas usam a própria casa como fonte de geração de renda (ROMÃO, 2008).

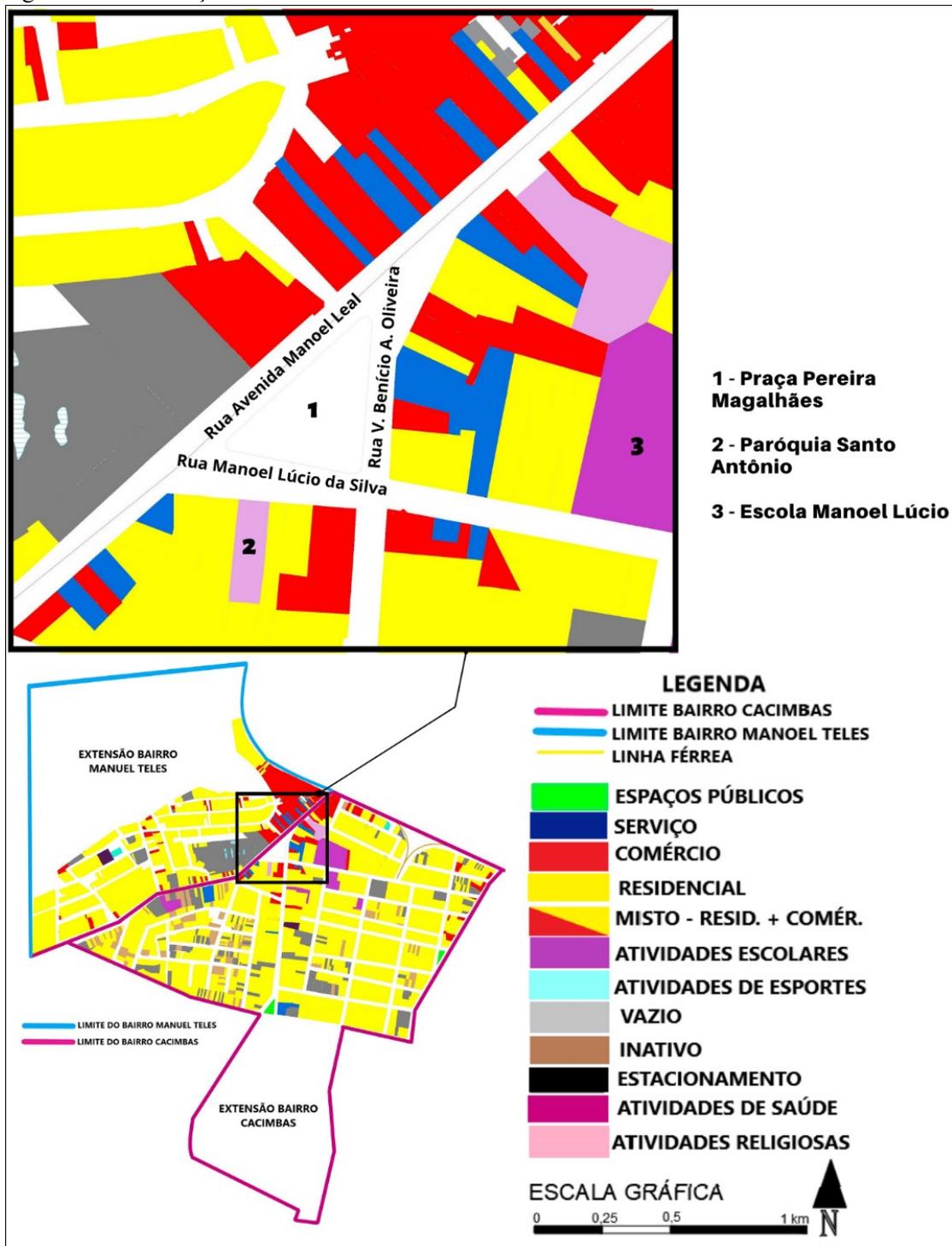
Embora os dados do Plano Diretor estejam, em sua maioria, desatualizados, comprovamos que a distribuição dos usos do solo dos bairros Cacimbas e Baixão apresentam usos majoritariamente residenciais, predominando construções unifamiliares de até três pavimentos. Ou seja, há uma similaridade em relação a essa atividade. Merecem destaque também os usos de ensino, pois nos dois bairros situam-se as duas maiores escolas estaduais do município, a Escola Estadual Manoel Lúcio (no bairro Cacimbas) e a escola Estadual José Quintela Cavalcante (no bairro Baixão). Os alunos de ambas as instituições realizam atividades nas praças, de espera do transporte público, lazer e lanches (essa última na praça Pereira Magalhães).

A grande diferença entre os usos desses bairros está nos de comércio e serviço, pois o bairro Cacimbas detém uma maior concentração de atividades destinadas a atender a demanda da população local, como por exemplo, mercados de pequeno porte, lanchonetes, padarias,

³³ Desde então as atualizações existentes não se configuraram em arquivos que pudessem ser utilizadas de forma legal, ou esses dados não foram disponibilizados para a população. Em conversa informal com um técnico da prefeitura, ele cedeu apenas os mapas atualizados, mas não pode disponibilizar os textos provenientes das consultas públicas.

salão de beleza etc., que se localizam nas vias no entorno da praça estudada, sobretudo na rua Manoel Leal. A **Figura 31** apresenta a distribuição do uso do solo desse bairro.

Figura 31 - Distribuição do uso do solo do bairro Cacimbas

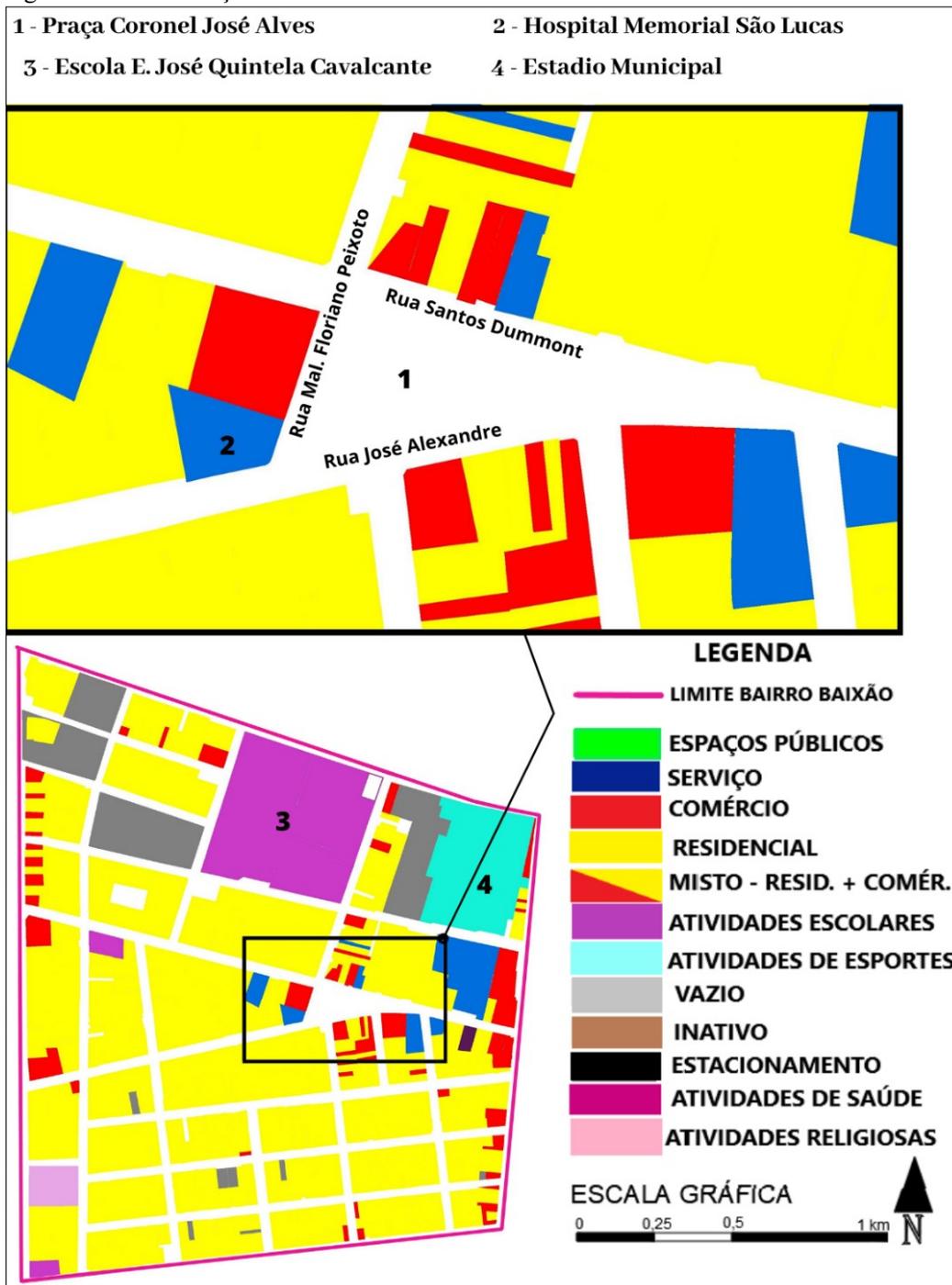


Fonte: desenvolvido pela autora a partir dos dados disponibilizado pela Prefeitura de Arapiraca

Já no bairro Baixão há uma forte incidência de usos mais gerais, destinados a atender a população de toda a cidade, bem como municípios vizinhos, como hospitais, unidades de

órgãos profissionais, lojas de decoração, empresas privadas, farmácia de manipulação, e atividades de esporte, pois no bairro se situa o estádio municipal Coaracy da Mata Fonseca, que recebe jogos de todo o estado. As atividades de comércio e serviço se localizam nas vias principais do entorno da praça estudada Cel. José Alves. No bairro há também atividades com usos mais locais como mercadinhos, mercearias, hortifrúti e padarias, no entanto localizam-se nas bordas. A **Figura 32** mostra a distribuição do uso desse bairro.

Figura 32 – Distribuição do uso do solo do bairro Baixão



Fonte: desenvolvido pela autora a partir dos dados disponibilizado pela Prefeitura de Arapiraca.

Ao analisar a morfologia dos bairros de cada praça, observamos, inicialmente, que no bairro Cacimbas, conforme **Figura 33**, o lado leste apresenta um traçado ortogonal das vias e algumas irregularidade nos lotes, fato que endossa o processo de alteração do uso solo ao longo dos anos, sobretudo nas últimas duas décadas, pois é nessa área que se localizam as primeiras ocupações irregulares do bairro, desde sua constituição, com forte atuação até hoje. No lado oeste, por sua vez, podemos observar uma ocupação com linhas orgânicas de um traçado acidentado bastante acentuado, principalmente nas cotas mais baixas, com lotes menores e adensados, efeitos de ocupações irregulares. Apresenta poucas quadras curtas, sendo as maiores as que estão ao redor das principais vias de acesso e saída do bairro.

Figura 33 – Cheios e Vazios do bairro Cacimbas



Fonte: desenvolvido pela autora a partir dos dados disponibilizado pela Prefeitura de Arapiraca | Fotos: acervo da autora, 2019 (superior) e Google Maps (inferior)

As quadras que estão no entorno da praça possuem lotes estreitos e profundos, com muita visibilidade de dentro para fora. Isso ocorre porque a praça permite uma segurança maior aos moradores do entorno, bem como aos pedestres, fato diferenciado em quadras mais distantes do bairro que são marcadas pela construção de muros ou fachadas fechadas. A **Figura 33** apresenta ainda exemplos das fachadas no entorno da praça e de lotes distantes dela. No geral, a morfologia urbana do bairro não apresenta tantos vazios, exceto pelos espaços públicos, com ênfase na praça Pereira Magalhães que se localiza em uma parte mais ocupada, fato que contribui para um maior senso de comunidade, conferindo-lhe mais oportunidades de ser utilizada pela população do entorno, como de fato o é.

Já a morfologia urbana do bairro Baixão apresenta um traçado ortogonal das vias e algumas irregularidades nos lotes por todo o perímetro do bairro. A **Figura 34** apresenta esse resultado. Por ela percebemos que na parte noroeste há muitos vazios devido a um processo de reabilitação urbana pelo qual a área está passando. Também é possível identificar os grandes empreendimentos que começam a surgir de forma pontual e, às vezes, configuram realces ou impedimentos, tais como supermercados, condomínios residenciais e galpões de lojas e/ou serviços, na parte leste. Apresenta ainda poucas quadras curtas, sendo que as longas circundam as vias principais da praça Cel. José Alves, e tem lotes de alto padrão com grande aberturas ao longo dos terrenos.

Figura 34 – Cheios e Vazios do bairro Baixão.

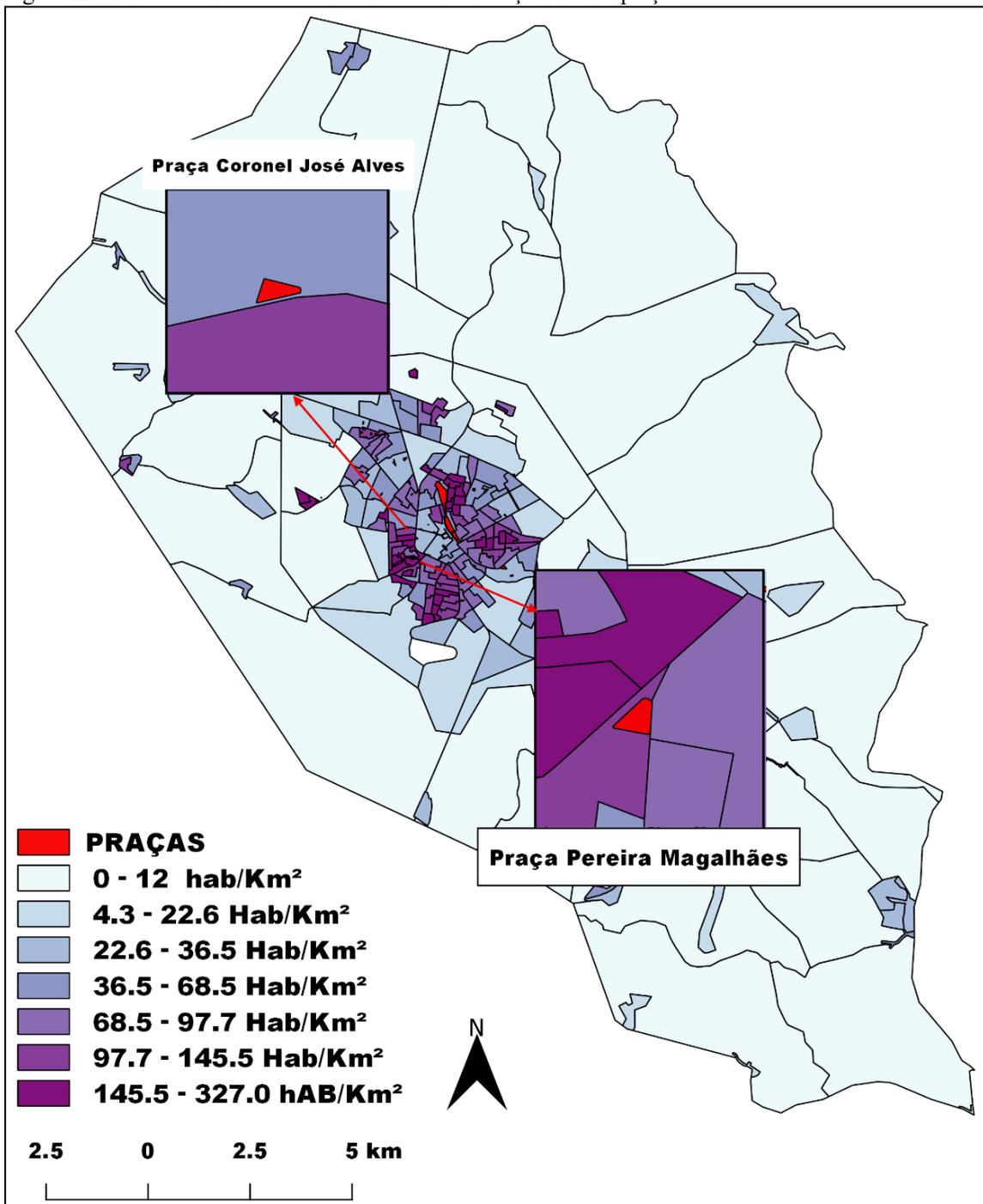


Fonte: desenvolvido pela autora a partir dos dados disponibilizado pela Prefeitura de Arapiraca | Fotos: Acervo pessoal da autora, 2019.

Esses resultados implicam que os dois bairros apresentam características morfológicas parecidas, apesar de que o bairro Baixão possui menos condições de densidade, porque apresenta grandes lotes fechados no entorno da praça Cel. José Alves. Essa condição dificulta a vitalidade ao redor da praça e, em sua essência, uma maior movimentação de pedestres em diversos horários do dia, inibindo a ocorrência de encontros. No entanto, quando há esses

encontros, há a possibilidade de eles ocorrerem por perfis socioeconômicos mais diversos, diferentemente do bairro Cacimbas que tem um entorno com maiores condições de densidade, não só populacional, conforme a **Figura 35**, mas também de usos que atraem essa mesma população. Por outro lado, tende a proporcionar encontros com uma maior facilidade entre os próprios moradores do local, limitando-se a uma movimentação mais homogênea, conforme mostrarão os dados apresentados mais adiante.

Figura 35 - Densidade habitacional dos bairros em relação com as praças



Fonte: Desenvolvido pela autora, a partir dos dados de IBGE (2010)

Essas informações indicam que ambas as praças possuem potencialidades de fluxos e usos com condições de movimento no seu entorno. No entanto, a praça Coronel José Alves, do bairro Baixão, tem uma maior facilidade de propiciar encontros entre indivíduos mais diferenciados com objetivos também diversificados, sendo que a praça é apropriada com necessidades específicas, por exemplo, o indivíduo que a utiliza almeja ir sentar-se, esperar, conversar etc. Já a praça Pereira Magalhães, no bairro Cacimbas, embora apresente uma configuração com capacidade alta de movimento, tende a atrair um público mais homogêneo, e que seu uso é rotativo, na maioria das vezes, por questões de passagem. Esses fatos reforçam que configuração das duas praças é considerada um dos principais atratores do seu uso e por ela pode se estabelecer relações não apenas de movimento, mas também de contato social.

4.2 AS PRAÇAS: APROPRIAÇÃO E CONTATOS

A partir do conhecimento exposto ao longo do item acima, iniciamos a exploração dos procedimentos da pesquisa, que buscou, de forma inicial, investigar o perfil dos usuários de cada praça que se apropriam de forma ativa ou passiva (sentar-se, conversar, lancha, brincar, ou situações parecidas), por meio da aplicação de um questionário. A partir dos resultados obtidos foi possível identificar um perfil feminino e outro masculino representativos do conjunto em ambas as praças, por meio das respostas que mais se sobressaíram. A identificação dos perfis por gênero foi escolhida porque há diferenças nas formas de se relacionar entre homens e mulheres em um espaço público, conforme evidenciado no estudo de Poeschl et al., (2003). Entender essas diferenças é essencial na presente pesquisa, pois pode evidenciar fatores importantes na investigação das restrições do contato. Com isso, o **Quadro 1** foi construído com o perfil feminino e o masculino da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas.

Quadro 1 - Identificação dos perfis da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas

PRAÇA PEREIRA MAGALHÃES	
	IDADE: entre 20 a 56 anos
	ESTADO CIVIL: casado
	ESCOLARIDADE: entre o ensino básico incompleto e completo
	PROFISSÃO: desempregado ou estudante
	RESIDEM: no próprio bairro, ou circunvizinhos, como o Manoel Teles, Primavera e Olho D'Água dos Cazuzinhos
	TRANSPORTE: a pé ou motocicleta
	IDADE: entre 18 a 36 anos
	ESTADO CIVIL: solteiras
	ESCOLARIDADE: ensino médio incompleto ou completo
	PROFISSÃO: estudantes ou desempregadas
	RESIDEM: no próprio bairro, ou circunvizinhos, como o Manoel Teles, Primavera e Olho D'Água dos Cazuzinhos
	TRANSPORTE: a pé ou transporte público

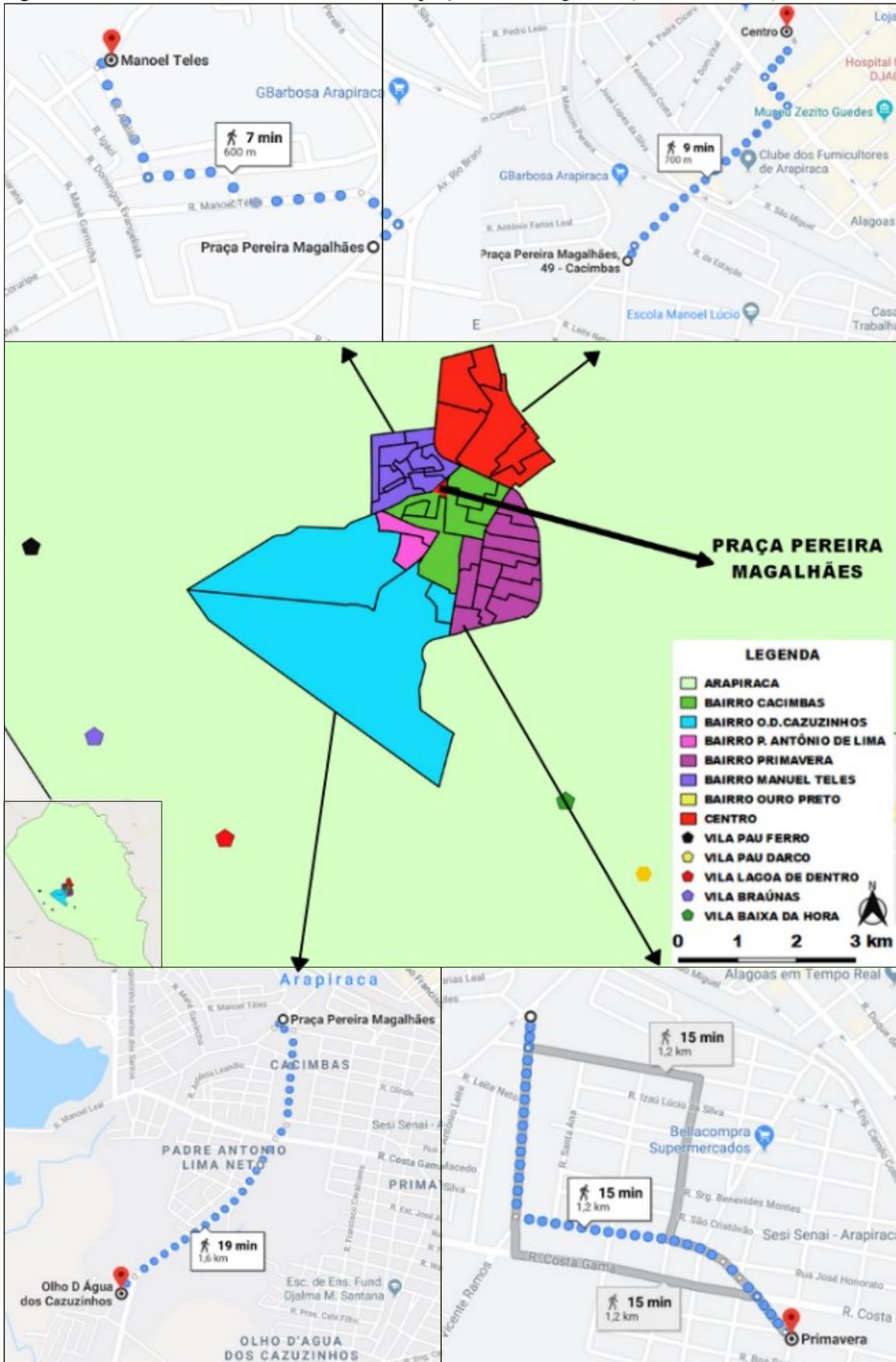
Por ele evidenciamos que a maioria das mulheres, com idade entre 18 a 36 anos, que se apropriam da praça são solteiras, enquanto os homens são casados. As mulheres apresentam um nível de escolaridade maior, com destaque para as estudantes do ensino médio incompleto, que fazem uso da praça para a espera do transporte escolar.

Em relação à profissão de ambos os perfis há uma grande quantidade de desempregados, e isso justifica o uso da praça, porque segundos eles não querem ficar em casa sem fazer nada. Houve ainda outras profissões, mas que apareceram em menor quantidade, como: funcionário público, estagiário, gerente financeiro, camelô, artista plástico, agricultor, agente de endemias, auxiliar de lava jato, vidraceiro, empresário, vigilante e técnico de enfermagem.

A origem de ambos os perfis é semelhante, sobressaindo-se o próprio bairro e alguns próximos como: Olho D'Água dos Cazuzinhos, Manoel Teles, Centro e Primavera. É importante frisar que há residentes de Vilas rurais, como: Pau Ferro, Pau D'Arco, Braúnas, Lagoa de Dentro e Baixa da Hora. A **Figura 36** mostra a localização desses bairros e vilas, como também a distância entre os que estão mais afastados. São localidades com um padrão socioeconômico baixo ou semelhante ao bairro Cacimbas.

E sobre o modo de transporte utilizado, há uma maior abrangência de usuários que chegam a pé, porque moram no mesmo bairro ou nas localidades vizinhas; de transporte público, por causa dos estudantes; e motos, por causa da grande quantidade de motociclistas em toda a cidade, especialmente os profissionais mototáxis que usam a praça como ponto de trabalho.

Figura 36 - Bairros de residência dos usuários da praça Pereira Magalhães (bairro Cacimbas)



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010) e Google Maps

Já o **Quadro 2** foi construído com o perfil feminino e o masculino da praça Coronel José Alves, do bairro Baixão.

Quadro 2 - Identificação dos perfis da praça Cel. José Alves (bairro Baixão)

PRAÇA CEL. JOSÉ ALVES	
	<p>IDADE: entre 18 a 76 anos ESTADO CIVIL: Casado ESCOLARIDADE: entre o ensino médio incompleto e completo PROFISSÃO: aposentados ou estudantes RESIDEM: no próprio bairro, ou circunvizinhos, como o Zélia Barbosa, Senador Nilo Coelho, Eldorado e Centro TRANSPORTE: a pé, transporte público e carro</p>
	<p>IDADE: 18 a 52 anos ESTADO CIVIL: casadas ESCOLARIDADE: ensino médio completo ou superior incompleto PROFISSÃO: estudantes, desempregadas ou vendedoras RESIDEM: no próprio bairro, ou circunvizinhos, como o Zélia Barbosa e Centro TRANSPORTE: a pé ou transporte público</p>

Por ele constatamos uma diferença em ambos os perfis comparados aos da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, em alguns aspectos importantes.

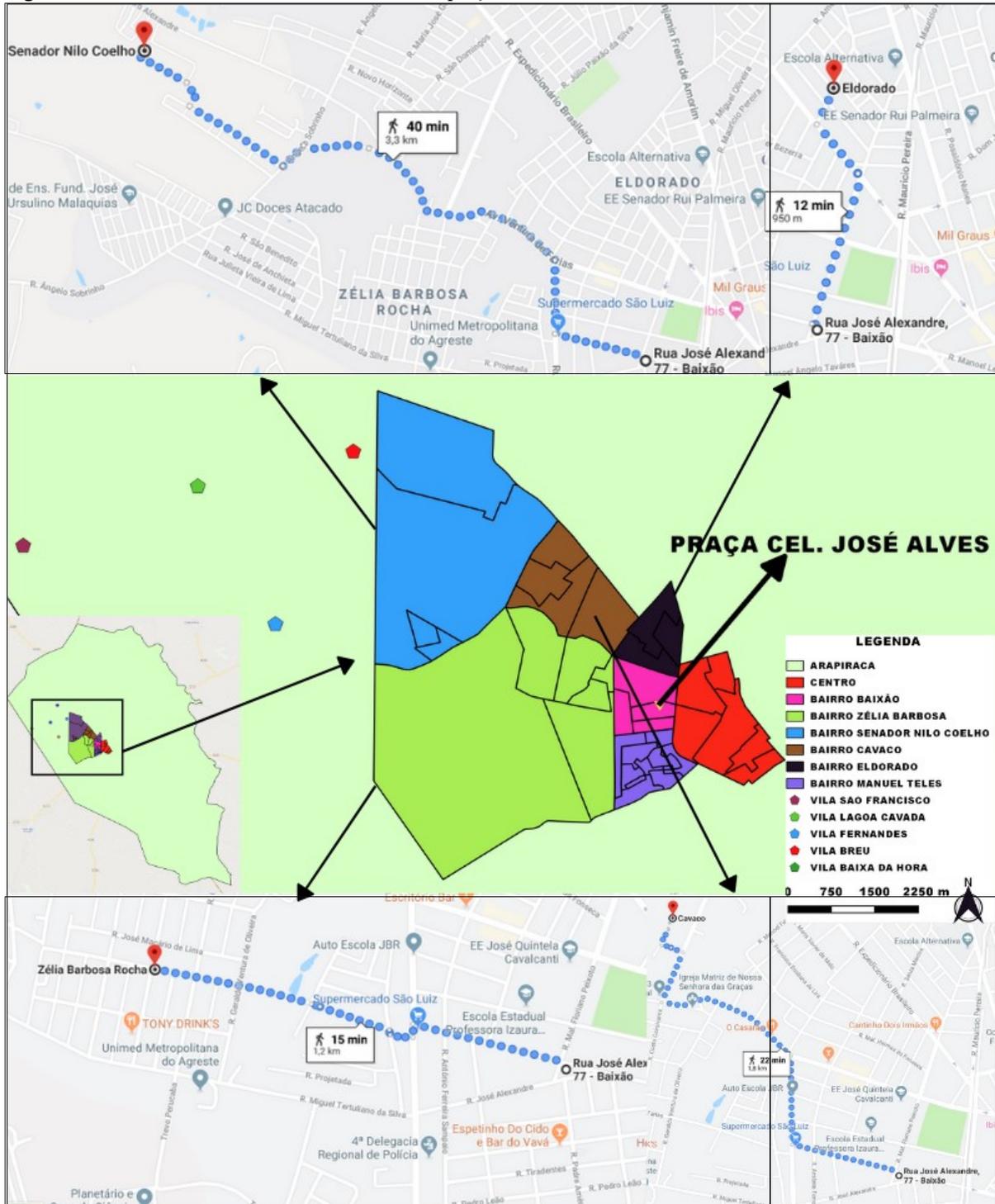
O primeiro é o nível educacional que já apresenta ensino superior no perfil feminino.

O segundo, conseqüentemente, é a profissão. Embora houvesse muitos aposentados, em menor porcentagem apareceram outras ocupações, tanto no perfil masculino como feminino. Dentre elas destacaram-se: enfermeiro, fiscal de obras, agrônomo, educador(a) físico(a), analista de RH, psicóloga, terapeuta ocupacional, advogada, cabelereira e manicure.

O terceiro é que a origem de ambos os perfis é semelhante, no entanto, daqui extraímos outro ponto relevante, porque grande parte das pessoas que utilizam a praça localizam-se em bairros com nível socioeconômico maior ou semelhante ao bairro Baixão, como o Eldorado e Cavaco. A **Figura 37** ilustra a localização desses, bem como suas principais distâncias.

O quarto aspecto importante é que há o uso do automóvel para chegar até a praça.

Figura 37 - Bairros de residência dos usuários da praça Cel. José Alves



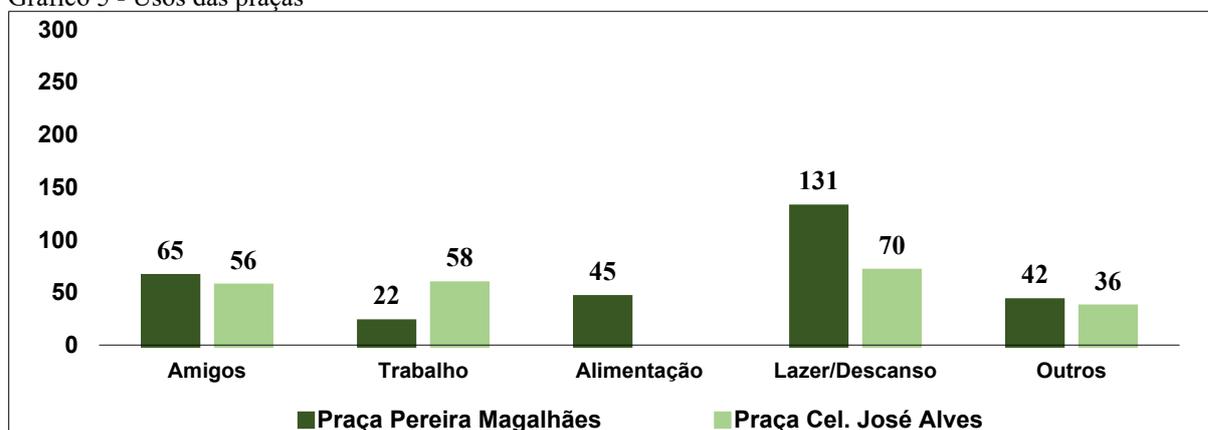
Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010) e Google Maps.

Percebamos que embora haja algumas semelhanças, os números que aparecem em menor quantidade indicam a presença de usuários com condições sociais diferentes na praça Coronel José Alves, no bairro Baixão, quando comparamos com os usuários da praça Pereira Magalhães, no bairro Cacimbas. Após o reconhecimento desses usuários, buscamos entender

os motivos de utilizarem as praças, pois queremos investigar as formas de apropriação pelos usos.

O **Gráfico 5** apresenta os resultados encontrados. Podemos ver que há diferenças entre os dois espaços no item alimentação, isso porque a praça Pereira Magalhães tem o uso de quiosques em seu interior, então, a resposta em utilizar a praça para lanches rápidos se sobressaiu de forma acentuada, por ambos os perfis, o que leva ainda ao item trabalho, pois os sujeitos que responderam sobre essa atividade são os donos e trabalhadores dos quiosques. Podemos ver também a semelhança na apropriação dos dois espaços por motivos de encontrar amigos, lazer e descanso. O item “outros” equivale a atividades como: família, religião, estudos, relacionamentos, conversar, ver pessoas, mas foram mencionados poucas vezes.

Gráfico 5 - Usos das praças



Analisando os usos de forma separada em cada praça, identificamos que a praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, apresenta características interessantes que facilitam a presença de pessoas durante todo o dia, como por exemplo, equipamentos de alimentação, descanso e lazer. No entanto, quando cruzamos as respostas sobre esses usos com a localização dos sujeitos que os citaram, percebemos que são usuários do próprio bairro ou vizinhos, pois embora seu interior e entorno apresentem uma distribuição considerável de atividades, estas estão voltadas ao público local e raramente possibilitam a presença de indivíduos em condições sociais diferenciadas para atividades do dia a dia.

Outro item importante, mas com pouca influência de contatos diferenciados é o uso educacional, pois os usuários oriundos desse uso que se apropriam da praça são estudantes de origem de bairros ou comunidades rurais estigmatizados, em situações socioeconômicas iguais ou até mesmo menores que as encontradas no próprio bairro Cacimbas, isto é, são usuários com características homogêneas para estabelecimento de contatos.

Já na praça Coronel José Alves, do bairro Baixão, a presença de um brinquedo infantil e as árvores foram itens indicados como dois dos principais responsáveis pelos usos da praça, na questão de lazer e descanso, sobretudo por mães que levam as crianças para passar tempo no período da tarde. Claramente, essa atividade é realizada por usuários locais. Todavia, a distribuição de usos com características mais gerais no entorno da praça possibilita uma presença diferenciada de usuários ao longo do dia, como exemplo, tem-se os profissionais do hospital particular, empresas privadas e conselhos profissionais, fato que o item trabalho foi um dos mais indicados entre as atividades realizadas na praça, pois apesar de os participantes não estarem em momentos de trabalho, não entendiam a estadia como um momento de lazer, apenas como uma pequena pausa de serviço. Esses trabalhadores ocupam diversas profissões da área da saúde, direito, arquitetura, administração e educação, e residem em distintos bairros caracterizados com as maiores rendas da cidade, como por exemplo, o bairro Itapuã, Verdes Campos, São Luiz e Brasília. Outro destaque vem do estádio municipal que proporciona encontros entre visitantes de toda a cidade, assim como cidades vizinhas, pois a praça é citada como ponto de referência antes da ida direta para o local.

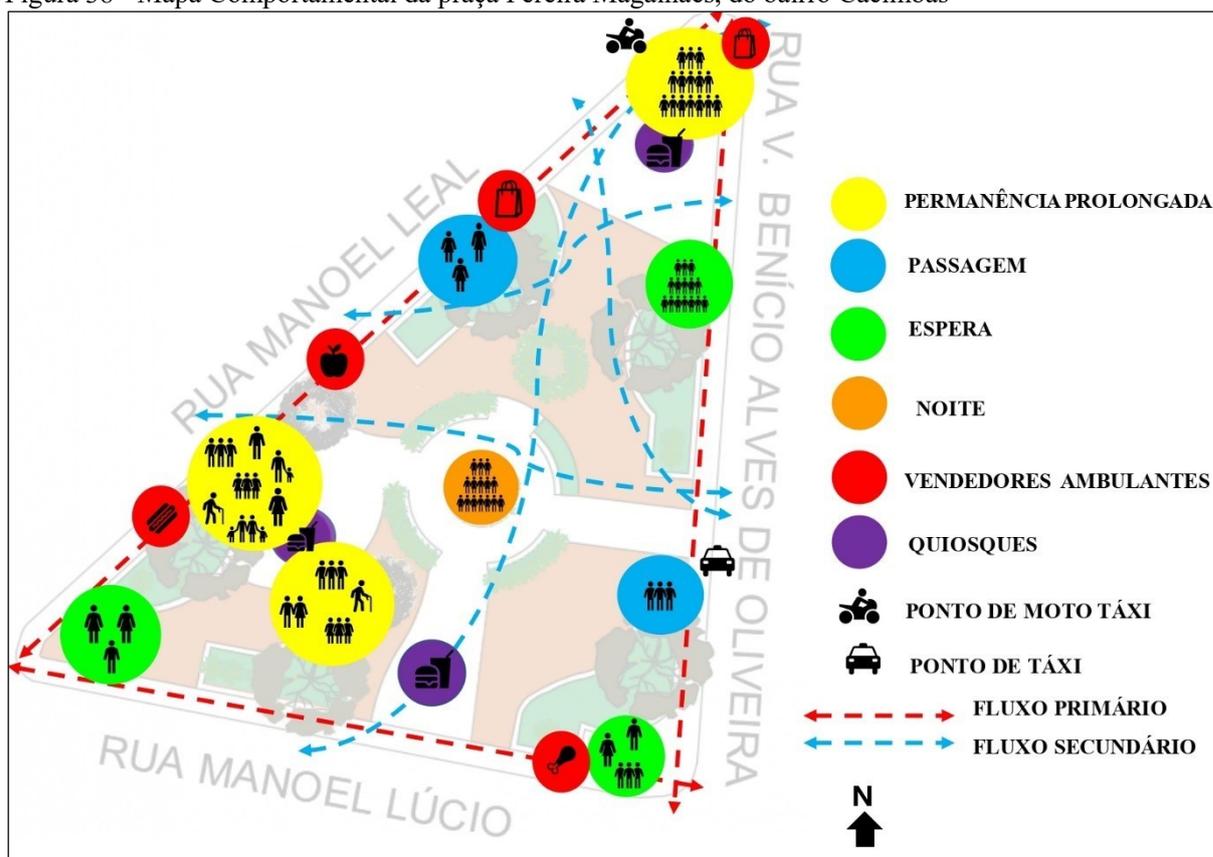
No geral, os dados sugerem uma semelhança entre o perfil dos usuários das duas praças, mas considerando os usuários que aparecem em menos números, a praça Coronel José Alves, do bairro Baixão, apresenta uma maior diversidade quando comparada com a praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas. São usuários com rendas diferenciadas, nível educacional maior, que residem nos mais distintos bairros da cidade. Na praça Pereira Magalhaes raramente aparecem indivíduos de bairros mais consolidados economicamente, sendo que alguns usuários não se sentem confortáveis em manter qualquer tipo de contato com outros que compartilham do mesmo espaço.

Para análises mais precisas dos dados citados, realizamos um mapeamento comportamental centrado nas praças, para entender seu funcionamento e usos por essas pessoas. Como mencionado no item 3.2.1, a técnica se dividiu em duas fases de observação em cada praça, uma de caráter assistemático e outra sistematizada. Na primeira fase de caráter assistemático, conseguimos explorar os dados da contagem de pedestres, a partir dos fluxos mais utilizados e, com isso, detectar unidades prováveis de comportamento por setores, conforme o tipo de uso que os indivíduos faziam no espaço, se estavam ali de passagem, se estavam em momento de espera (entre 5 a 15 min), ou realizando alguma atividade de uso mais prolongado (acima de 15 min). Diante dessa organização, foi possível reforçar o entendimento sobre os principais fluxos de ambas as praças, mediante os espaços mais utilizados no interior de cada uma, de acordo com gênero. A partir da delimitação desses setores e,

consequentemente, o conhecimento dos seus usos, fomos para a segunda etapa do procedimento, buscando identificar o comportamento dos usuários ao se apropriar deles, considerando se estavam realizando alguma interação ou não.

A **Figura 38** apresenta o resultado encontrado na praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas. Por ela podemos identificar alguns padrões de comportamento pela preferência dos setores de permanência prolongada (amarelo), espera (verde), passagem (azul) como também os fluxos principais (vermelho) e secundários (azul). Observamos um setor noite, que se classifica como permanência prolongada, no entanto, sua utilização é bastante específica, por isso determinamos sua existência de forma separada. Há ainda a localização dos quiosques, pontos de táxi, moto táxi e vendedores informais. Os ícones dispostos em cada setor não correspondem a números específicos encontrados, mas apenas uma representação de quem se apropria, como homens, mulheres ou ambos os sexos.

Figura 38 - Mapa Comportamental da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados obtidos pela Prefeitura Municipal de Arapiraca (2018)

O setor amarelo corresponde aos espaços que são mais utilizados na praça como um todo, pois se localizam entre dois quiosques e alguns comerciantes informais. É comum durante todas as horas do dia a permanência prolongada tanto de homens como mulheres, sejam eles

em grupo ou sozinhos. Seus usuários, geralmente, o utilizam pelo consumo nos quiosques ou descanso nas árvores que o cercam, sobretudo os estudantes que estão à espera do ônibus escolar (saem cedo, por exemplo, às 10h e precisam esperar a saída do ônibus às 12h) e homens que estão realizando atividades conjuntas como jogos de baralho e truco com mobiliário criado por eles mesmos, como por exemplo: levam cadeira de casa e mesinha. É possível encontrar as mais diversas formas de contato, por pessoas do mesmo gênero, ou entre gêneros diferentes, e até mesmo entre grupos de ambos os gêneros, em todos os períodos analisados (manhã, tarde e noite). Essas relações aparentam ser entre pessoas conhecidas, ou entre vendedores e compradores. Há ainda a prevalência de pessoas sozinhas, em menor abrangência, tanto em momento de espera, como realizando lanches ou compras.

No setor verde, por sua vez, encontramos também uma alta frequência de uso, no entanto, são para ações mais passageiras, como por exemplo, a espera de um ônibus, táxi, moto táxi, dentre outras atividades rápidas. O setor é ocupado por ambos os gêneros. É comum encontramos pequenos grupos, geralmente formados por mulheres conversando. Há também a prevalência de homens e mulheres desacompanhadas.

Já o setor azul corresponde a uma área de passagem e é muito difícil algum usuário se estabelecer nele sem algum objetivo específico. No entanto, quando isso ocorreu foi notada apenas a presença de homens no setor perto do ponto de táxi e mais mulheres entre os vendedores ambulantes.

Por fim, o setor laranja é apropriado apenas após as 17h por homens e mulheres que são membros de um albergue coletivo que se localiza nas adjacências da praça, especificado na **Figura 39**. Nesse horário especificado, os ocupantes que vão chegando para passar a noite no abrigo ficam nesse local até a abertura da instituição, às 18h. Em conversa informal com alguns, eles justificam que é por causa do banco que comporta a maioria e por ser uma parte mais invisibilizada (no banco há vegetação que cobre todo o setor), visto que a maioria são pessoas em situação de rua ou dependentes químicos e não se sentem bem sendo vistos pelos outros usuários da praça que não estão nas mesmas condições que eles, ou seja, não há contato além dos integrantes desse grupo. Essas informações, de certa forma, já explicam o porquê dessa parte da praça apresentar restrições de uso, especialmente no período noturno.

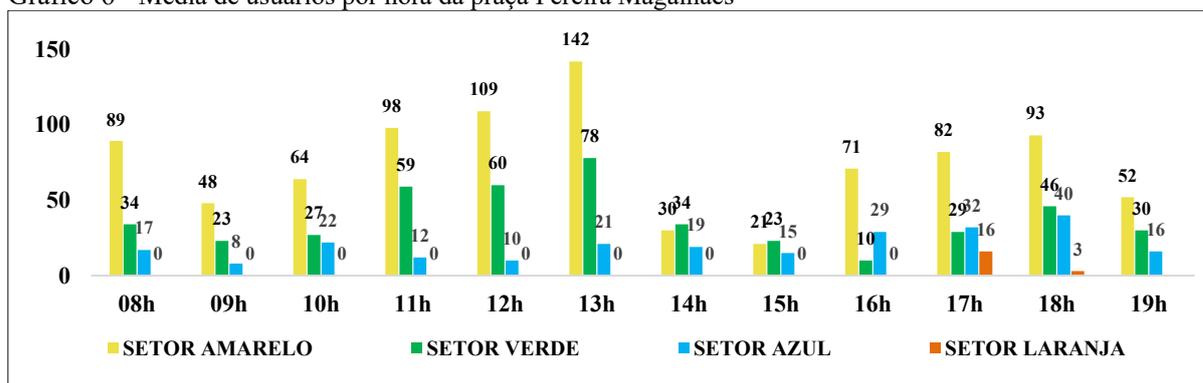
Figura 39 – Praça Pereira Magalhães e albergue noturno Monsenhor Jose Neto.



Fonte: Google Maps adaptado pela autora (2019).

O **Gráfico 6** apresenta a média de usuários por dia durante os horários observados, confirmando a preferência pelo setor amarelo. Os maiores números correspondem as horas que os alunos chegam e saem da escola próxima.

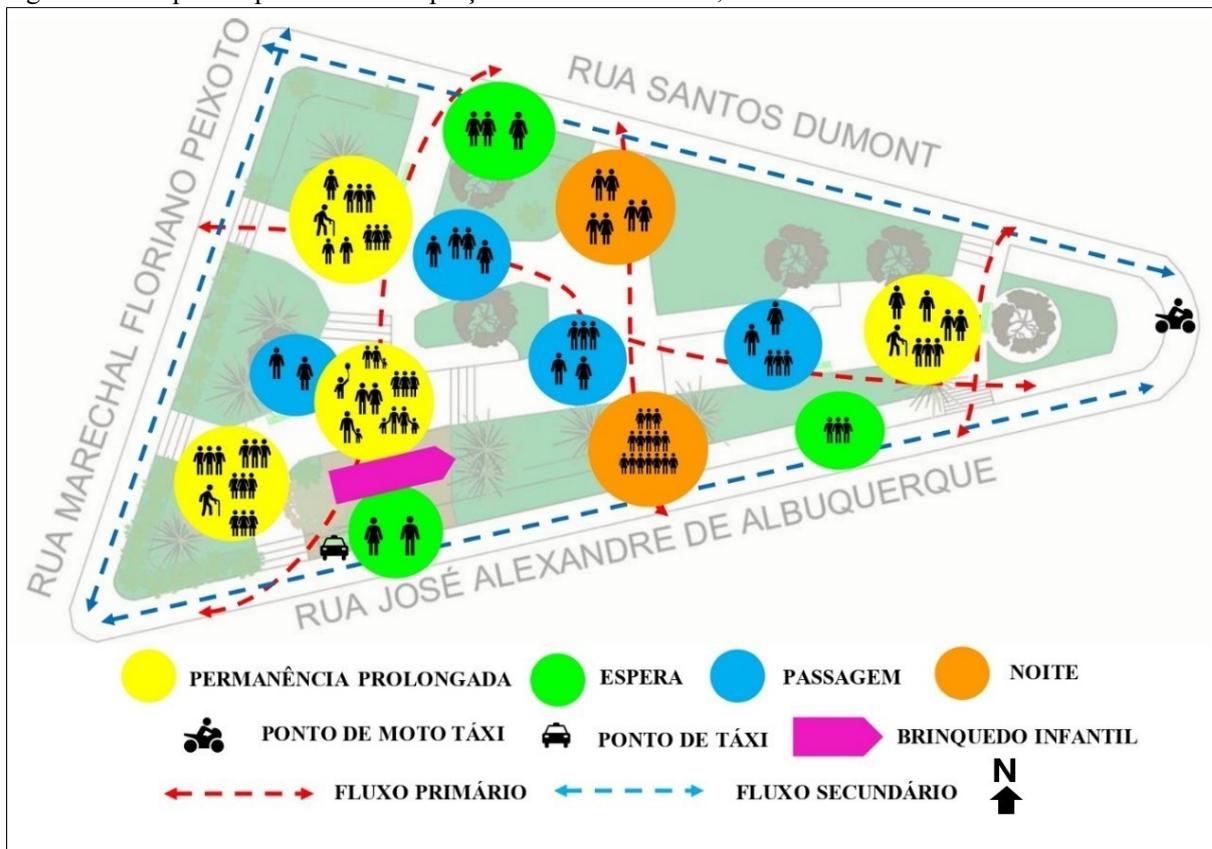
Gráfico 6 - Média de usuários por hora da praça Pereira Magalhães



A **Figura 40** apresenta o resultado encontrado na praça Cel. José Alves. Nela encontramos diferenças da praça Pereira Magalhães, porque grande parte dos usos dessa última conformam-se com base nos quiosques e ambulantes, enquanto na praça Cel. José Alves a apropriação ocorre por causa da sombra das árvores. Com isso, conseguimos delimitar um

padrão de comportamento também levando em consideração os setores de permanência prolongada (amarelo), espera (verde), passagem (azul), como também os fluxos principais (vermelho) e secundários (azul). Observamos um setor noite, que se classifica como permanência prolongada. No entanto, sua utilização é bastante específica, por isso determinamos sua existência de forma separada. Há ainda a localização dos quiosques, pontos de táxi, moto táxi e vendedores informais. Os ícones dispostos em cada setor não correspondem a números específicos encontrados, mas apenas uma representação de quem se apropria, como homens, mulheres ou ambos os sexos.

Figura 40 - Mapa comportamental da praça Coronel José Alves, do bairro Baixão



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados obtidos pela Prefeitura Municipal de Arapiraca (2018)

Os setores de permanência prolongada (amarelo) equivalem às laterais da praça e se conformam a partir dos maiores usos, devido às árvores em cada local. São espaços apropriados em todas as horas do dia pelos dois gêneros. Nos arredores do equipamento infantil é comum a presença de estudantes no período da manhã e de mães e pais acompanhados dos filhos no período da tarde. Há ainda uma forte presença de grupos de idosos pela manhã e tarde em todas as demarcações desses setores. É perceptível a predominância das relações de contato entre os dois gêneros em todos os horários observados, especialmente dos idosos que se reúnem nos

períodos da manhã e tarde e conversam durante horas. Há ainda mulheres e homens sozinhos que dificilmente conversam entre si, geralmente sentados em bancos separados. Há outros grupos que parecem estar em pausa de trabalho, formado por ambos os gêneros, comumente estão fumando, comendo lanches trazidos por eles mesmos, ou simplesmente conversando.

Já os setores de espera (verde) apresentam uma rotatividade de usos pelos dois gêneros, mas no período da manhã é mais comum a presença de mulheres, e à tarde, homens. Aparentam ser usuários que utilizam a praça antes e pós trabalho. Esse setor é um dos mais frequentados, e onde há mais relações diferenciadas estabelecidas. Nele há pais e mães com crianças que interagem com idosos, com casais, com mulheres e homens sozinhos. Há ainda mulheres e homens que raramente interagem, todavia quando há esse contato são restritos a grupos homogêneos, de pessoas que chegam sempre acompanhadas de outras conhecidas.

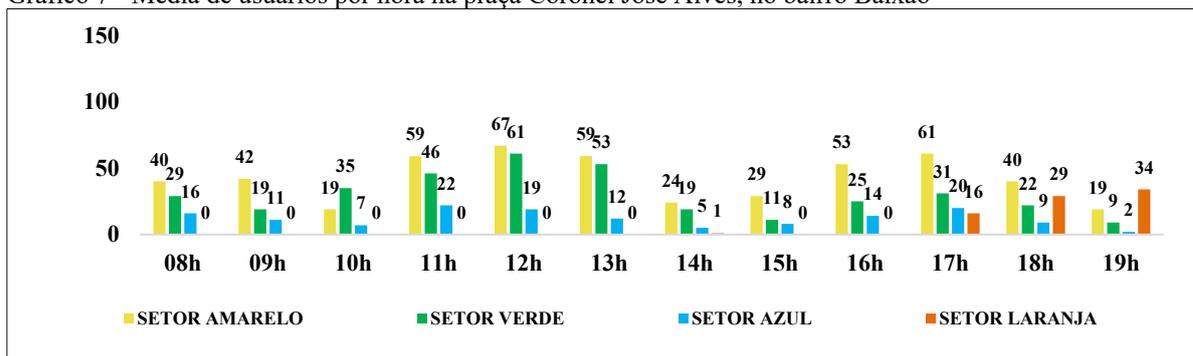
Os setores de passagem (azul), como o próprio nome sugere, compreendem apenas atos rápidos. É comum a presença dos dois gêneros em todas as delimitações dessas áreas.

Por fim, no setor de passagem (azul) há a prevalência de contato entre os perfis que estão juntos em grupo. Quando estão sozinhos, raramente há algum grau de interação.

No período noturno, assim como na praça Pereira Magalhães, a praça Cel. José Alves ganha novos integrantes, mas esses são estudantes que só estão presentes em horários rotativos (quando são liberados mais cedo, ou quando chegam às 18h30min e saem às 22h30min). Esse fato provoca o esvaziamento da praça em alguns momentos, e nos deixou em momento de atenção durante as observações, devido às questões de segurança. Com isso, houve a necessidade de criarmos um setor, e para manter a similaridade com a praça Pereira Magalhães também o chamamos de setor noite (laranja). O setor Noite (laranja) é ocupado essencialmente por estudantes do colégio estadual Quintela Cavalcante. De um lado, há a permanência de um grupo com homens e mulheres em constante conversa, no outro ficam casais que só interagem entre si. É importante destacar que esses alunos ficam em outros espaços da praça, mas a prevalência de tempo se dá nesse setor. É um grupo totalmente homogêneo que raramente conversa com pessoas diferenciadas do perfil quando se fazem presente também nesse setor.

O **Gráfico 7** apresenta a média de usuários por dia durante os horários observados, confirmando a preferência pelos setores amarelo.

Gráfico 7 - Média de usuários por hora na praça Coronel José Alves, no bairro Baixão



Os dados de ambas as praças nos indicam que há preferências entre os perfis por setores e indicam a prevalência de outros que são raramente apropriados. No entanto, diferentemente do que foi encontrado na praça Pereira Magalhães, os usos da praça Coronel José Alves, do bairro Baixão, aparentam ser mais voltados ao fortalecimento de relações sociais existentes, porque seus usuários aparecem mais vezes em grupos de interação, enquanto os da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, aparecem realizando mais atividades de consumo, mesmo que estejam acompanhados. Esses dados reforçam a importância dos usos diferenciados para o estabelecimento e fortalecimento das relações sociais, mas ao mesmo tempo evidencia a homogeneização das interações que dificilmente se expandem para outros contextos.

Esses resultados se assemelham com os dados encontrados no procedimento das rotinas³⁶. Na praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, por exemplo, as rotinas realizadas, reforçaram a utilização dos setores de permanência prolongada para o perfil feminino, e o de espera para o perfil masculino, ao mesmo tempo que confirma que esse gênero faz uso do setor de passagem, que se localiza ao lado do ponto de táxi, para conversar com os homens que por ali se estabelecem diariamente. Já a mulher o evita, semelhante ao encontrado no mapeamento comportamental, pois segundo ela, é mais fácil de ver a chegada do ônibus, ou quando ela vai de moto com o namorado, que estaciona ao lado.

Na praça Coronel José Alves, do bairro Baixão, confirmamos que a permanência do perfil masculino se deu no setor de permanência prolongada, e ele confirma que isso ocorre, essencialmente, devido à presença das árvores, do banco para se sentar e por se localizar próximo ao local de parada da esposa com o carro, nesse caso do lado da rua Marechal Floriano Peixoto. Já a espera do perfil feminino se dá no próprio setor de espera, e ela justifica que é por

³⁶ A descrição geral desse procedimento consta no **Apêndice 9** desse documento.

facilitar a visibilidade da vinda do transporte e, por esse utilizar a via lateral da calçada, neste caso, a rua Santos Dummont.

O gerenciamento das rotinas realizadas evidencia a importância das praças para a constituição das atividades diárias, isto é, as atividades relatadas partem das necessidades de cada sujeito e se conformam pelo fato de os dois espaços apresentarem vitalidade ao ponto de serem incluídos no trajeto de cada indivíduo. Ou seja, além da organização temporal-pessoal, o espaço tem bastante influência nessa realização, sobretudo sua configuração. As relações constituídas a partir desse cenário, embora não tenham sido sucedidas nas duas praça ao ponto de indicarmos com propriedade a ocorrência do contato, permite identificarmos uma aproximação, de forma circunstancial, como enfatizado por Giddens (2008), tanto entre indivíduos com características sociais semelhantes, como diferentes. Esse mesmo cenário enfatiza as restrições que ocorrem por determinações pessoais.

Por meio dos dados apresentados, discutiremos nos próximos itens sobre as formas de contato, bem como sua restrição em cada espaço, a partir dos atributos morfológicos (das praças, como localização das fachadas cegas, paradas de ônibus etc.), socioeconômicos (do entorno da praça, bem como de seus usuários) e individuais (dos usuários de cada praça). Apresentaremos os resultados de ambos os locais mediante esses eixos, extraídos do procedimento das entrevistas³⁷ e, quando pertinentes, relacionaremos com os outros procedimentos metodológicos realizados.

4.3 CONTATO RESTRITO POR ATRIBUTOS MORFOLÓGICOS

Entender como o espaço e seus atributos espaciais atuam na restrição do contato entre grupos socioeconômicos distintos é o foco dessa categoria. Nesta, buscamos destrinchar como o uso do solo, a integração global e a copresença contribuem para o favorecimento do movimento e encontros que possibilitam as relações de contato social ou se contribuem para alguma forma de restrição. A análise desta categoria emergiu das perguntas relativas aos usos que as pessoas fazem nas praças, bem como a preferência por determinados setores e outros não, a visibilidade proporcionada pelo seu traçado e a influência da presença de outras pessoas na realização dessas atividades. Vamos analisar, primeiramente, a importância dos usos internos e nas bordas das praças para as relações sociais estabelecidas ou restritas.

A praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, conforme visto no resultado dos procedimentos citados acima, apresenta um processo de apropriação por indivíduos com

³⁷ Uma explanação aprofundada da realização desse procedimento encontra-se no **Apêndice 3** desse documento.

condições socioeconômicas semelhantes. Seus usos internos dispõem de quiosques e uma grande concentração de vendas informais, como o comércio de frutas, verduras, utensílios diversificados e lanches rápidos, como sanduíches e sucos. A **Figura 41** demonstra alguns desses usos.

Figura 41 - Usos internos da praça Pereira Magalhães, no bairro Cacimbas



Fonte: Acervo pessoal da autora, Junho de 2018.

Em conversa informal com os vendedores da praça, percebemos que grande parte deles residem em bairros próximos e veem na acessibilidade proporcionada pelo traçado da praça a oportunidade de aumento de renda, pois o espaço se localiza em vias de grande fluxo que dão

para o centro da cidade e conecta cidades circunvizinhas. Identificamos também que eles apresentam um perfil socioeconômico diferenciado, há alguns que vendem para aumentar a renda e outros como única fonte de renda. Já os compradores, segundo os vendedores, geralmente são pessoas que residem no próprio bairro ou que estão de passagem e apresentam um perfil socioeconômico mais diversificado, no entanto, são paradas rápidas e espontâneas, quase nunca programadas.

Confirmamos pelas respostas dos entrevistados dessa praça que as trocas provenientes do comércio informal, das lanchonetes e da permanência pela sombra das árvores são as principais formas de contato por indivíduos de classes semelhantes e diferentes. As falas do Tião e da Clarice confirmam as constantes conversas oriundas desses usos, deixando clara a preferência das pessoas por determinados setores oriundos dessas mesmas atividades.

Eu vejo todo tipo de conversa aqui, na lanchonete, com o pessoal que vende, de estudante com estudante, de aposentado com aposentado [...] Pessoal gosta de ficar por aqui, que tem as árvores, as lanchonetes [...].

Tião Felizardo, 63 anos, Aposentado, morador do bairro Cacimbas.

A hora que você passar aqui, vai ter gente, ou conversando, ou jogando. No meu caso, eu uso porque estava de passagem, e resolvi parar para lancha, de vez em quando faço isso [...], só fico por aqui mesmo para facilitar a passagem [...].

Clarice Bezerra, 28 anos, Recepcionista, moradora do bairro Padre Antônio de Lima.

Já na praça Coronel José Alves, do bairro Baixão, que apresenta uma apropriação por um perfil mais diversificado, suas trocas de contato se configuram pela disposição das árvores, conforme encontrado no mapeamento comportamental e rotinizações. Essa praça não apresenta nenhum uso de comércio em seu interior, porque não consegue sustentá-lo, tal como a praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, uma vez que não dispõe de quiosques e ainda devido à demanda inexistente, pois de acordo com moradores do entorno, alguns comerciantes já iniciaram tal prática com vendas de produtos parecidos com os que são atualmente vendidos na praça do bairro Cacimbas (Pereira Magalhães), no entanto não obtiveram retorno expressivo para continuar o negócio.

Os entrevistados dessa praça responderam que utilizam para atividades específicas, como lazer, esperas rápidas ou demoradas, sendo que até mesmo os que estão de passagem, indicaram que param ali por causa das árvores, que provoca melhores sensações de conforto, devido ao clima de Arapiraca ser seco e quente. Nos setores em que há a predominância dessa vegetação são visíveis os contatos diferenciados, por diversos perfis, tanto mulheres, como

homens, idosos, jovens, crianças etc. A fala dos aposentados Givaldo e Deoclecio reforçam esses usos.

Eu estou todo dia aqui, se você vier amanhã, depois ou daqui a um mês, se eu tiver saúde, de certeza estarei aqui, conversando com meus camaradas [...] Fico aqui onde estou, porque é nosso ponto, tem as árvores, dá para cada um deixar sua bicicleta ou moto e todo mundo ficar vendo, dá pra ver carro indo e voltando, dá pra ver tudo [...]

Givaldo Gomes, 66 anos, Aposentado, morador do bairro Baixão

Quem passa por essa praça e pode parar, fica aqui e ali, porque tem sombra, você vê isso em qualquer hora, gente vindo de lá e de cá, às vezes não tem nem intenção de parar, mas vê um calor danado e para [...] Ai vê gente esquentando o sol³⁸ também e conversa [...]

Deoclécio, 60 anos, Aposentado, morador do bairro Baixão

Percebamos que essas falas, bem como a de outros entrevistados não citados, vão, paulatinamente, enfatizando aspectos que não englobam apenas características dos usos internos, mas da própria configuração desses espaços, como a visibilidade do traçado, a disposição das árvores, dos bancos, das lanchonetes e das vendas informais. É justamente desses atributos que conseguimos captar como eles geram ou acentuam as restrições do contato entre os usuários das praças. Vejamos um exemplo na praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas.

Valmir e Edson exercem atividades de vendas distintas nessa praça. O primeiro se localiza em uma das esquinas, porque é mais vantajoso, uma vez que é mais fácil de chamar atenção para o seu produto, devido à visibilidade do setor em que ele fica. O segundo se situa no meio das duas esquinas, pois seus consumidores já o conhecem e sabem onde ele fica, é um espaço menos visível que o de Valmir. Ambos ficam na rua Manoel Leal, a mais integrada do bairro Cacimbas. Os dois dificilmente conversam, afinal estão trabalhando e não podem se desfocar das atividades realizadas. As cenas espaciais e sociais que os envolvem os fazem ter contato com um público também distinto, e é daí que percebemos pelos seus discursos as formas de restrições.

Esse local que eu fico é bom porque todo mundo que passa me ver e dá para as vans pararem e as mulheres dos sítios me verem [...] são elas que me compram [...] Ai eu te digo que é uma conversa boa [...] Porque é gente da gente [...] **Só que aqui passa muita gente ruim também [...] são pessoas que me veem nessas condições e acham que estão fazendo um favor para comprar, aí fala como se tivesse falando com um animal, às vezes nem olham para minha cara [...]** Já fui assaltado também, mas quem precisa tem que passar por muita coisa [...]

Valmir Arantes, 44 anos, comerciante, morador do bairro Olho D'Água dos Cazuzinhos.

³⁸ Significa saindo do sol para a sombra.

Eu fico aqui à tarde e de manhã o meu pai. Meu pai desde que veio vender já ficou por aqui. Eu gosto desse ponto porque é bom, tem as árvores, é bem visto pelo freguês [...] aqui facilita para eles parar, descer, conversar comigo e depois ir embora. [...] **já teve vezes que alguns me pediram para ficar mais longe dos outros ali de cima, que são estranhos [...]** Meus fregueses são gente mais ou menos, na verdade tem gente de todo tipo, **mas quem pede para a gente ficar aqui é gente mais ou menos que não gosta da farra dali do milho, do espetinho, das vassouras [...]**

Edson Soares, 21 anos, Comerciante, morador do bairro Cacimbas

Essas falas evidenciam como a disposição das vendas, proporcionadas pela configuração da praça, visibilizam as diferenças sociais, e sobretudo como ocorre a restrição, à medida em que há um indivíduo com estereótipo aceitável e um produto com maior receptividade pela maioria dos consumidores, no caso do Edson. Esse fato nos permite dizer que embora a configuração da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, apresente aspectos menores de integração, quando comparamos com a praça Cel. José Alves, tende a aproximar pessoas de classes sociais diferentes.

No entanto, o contato oriundo dessa aproximação funciona apenas por intermédio das trocas comerciais, e as restrições presentes, embora se materializem pela visibilidade dos setores em que os dois entrevistados costumam permanecer, revelam mais restrições de interações pelo estereótipo de miséria que um comerciante informal apresenta, do que um produto exclusivo do atributos espaciais, mas que de certa forma é materializado pelo espaço.

Com isso, buscamos aprofundar se há escolhas por determinados setores nas duas praças, sem evidenciar os usos que eles possuem, focando apenas nas pessoas que estão nele. Na praça Coronel José Alves, do bairro Baixão, encontramos uma peculiaridade na resposta de uma estudante. Os outros respondentes citaram que, embora façam uso de setores mais específicos, e quase sempre de acordo com as necessidades do momento, não há restrição por parte de nenhum outro setor. Já a estudante citou que fica apenas no local em que ela se encontrava, porque nos outros indicados costumam ficar moradores do Residencial Jardim das Paineiras, mais precisamente no setor Laranja do mapeamento comportamental, e quando indagada sobre ela também ser da mesma localidade, ela enfatizou que poucos que moram lá se ‘salvam’, indicando que os outros estudantes geralmente furtam os próprios colegas e ela, assim como as amigas que a acompanhavam, evitavam estar mais próximos.

A gente costuma ficar em todos os locais aqui na praça, só que tem vezes que tem um pessoal conhecido nosso, que está perto e a gente se afasta, porque já temos uma fama ruim, só que a gente não faz nada, mas tem alguns que fazem e eu conheço quem são [...] é ruim pensar assim, mas eu conheço a maioria, e eu não confio e prefiro ficar aqui e quase nunca por ali.

Analu, 18 anos, estudante, moradora do Bairro Senador Nilo Coelho, no conjunto habitacional Jardim das Paineiras.

Como já nos alertou Goffman (2010), as pessoas impõem regras de exclusão no próprio espaço, para não serem comparadas com outros presentes que exibam condutas inapropriadas. É o caso de Analu que se limita a determinados setores para restringir não apenas o contato com outros estudantes, mas também para não ser comparada com eles. Esse fato é semelhante ao que encontramos nas rotinizações, que conseguiram reforçar o entendimento de Giddens (2008) ao nos mostrar que os agentes humanos sempre sabem o que estão fazendo no nível da consciência discursiva, sob alguma forma de descrição. Entretanto, o que eles fazem pode ser-lhes inteiramente desconhecido sob outras descrições, e talvez conheçam muito pouco sobre as consequências ramificadas das atividades em que estão empenhados. Por isso que, de alguma forma, as rotinas configuram algumas restrições.

Nos casos específicos, os rotinizados que não mantêm contato com outros usuários que utilizam a praça enfatizaram que não é pela falta de vontade de se relacionar com as outras pessoas que estão próximas e justificam que isso se dá pela predisposição de cada um em termos abertura de iniciar uma conversa com um desconhecido, embora esse se faça presente nas atividades diárias que eles realizam. Reforçam que é por questões de segurança, mas caso haja necessidade, iniciam o contato.

Já na praça Pereira Magalhães, encontramos uma semelhança desse entendimento, e ainda com os dados vistos no Mapeamento Comportamental. Segundo as respostas dos entrevistados, o setor Noite, ou melhor, o centro da praça, é evitado porque é considerado ponto das drogas, então quem não quer ser taxado de drogado dificilmente o utiliza. Apenas dois estudantes citaram que já fizeram uso dele, mas estavam acompanhados e frisaram que era no período diurno. Todos os entrevistados aconselharam não utilizar o setor durante a noite. A fala da Alice explica o porquê do receio.

<p>Eu não te aconselho a ficar ali depois das seis da noite, porque é perigoso, tem gente de todo tipo [...] Gente das drogas, dos roubos, da bebida, ah, você sabe, gente diferente da gente [...] Quando preciso ficar aqui na lanchonete à noite, eu fico sempre com medo, mesmo que meu pai fique também [...]</p>

<p>Alice Luna, 22 anos, estudante, moradora do bairro Santa Esmeralda</p>

Essa restrição espacial pelo uso de determinadas pessoas em setores das duas praças revela dois aspectos importantes: um de visibilidade, como o centro da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, dispor de uma área mais fechada, e automaticamente se tornar uma área mais frágil pelo desuso na maior parte do dia; e o outro de evitação social pelo medo de ser comparado ao outro que é diferente, especialmente na praça Coronel José Alves, do bairro Baixão. Pelo contexto explanado nessa categoria identificamos que há fatores espaciais

determinantes na expansão do contato social, bem como em sua restrição. Isso porque a forma física de cada espaço proporciona um sistema de encontros motivados pelos usos que cada uma oferece, aproximando ou distanciando cenários sociais diferentes e até mesmo os semelhantes.

4.4 CONTATO RESTRITO POR ATRIBUTOS SOCIOECONÔMICOS

Nessa categoria analisamos como a posição socioeconômica dos entrevistados interfere na formação, efetivação e restrição das relações de contato social com outros indivíduos de perfis sociais semelhantes e diferentes nas praças estudadas. As respostas que corresponderam a essa categoria emergiram, em primeiro plano da pergunta específica do contexto: sua condição socioeconômica interfere nessas relações? e foram corroboradas pela própria caracterização dos entrevistados, com as perguntas equivalentes ao seu local de residência, profissão, meio de transporte utilizado para chegar até a praça e escolaridade.

Na praça Pereira Magalhães, a maioria dos entrevistados reconhece que sua condição social é um fator determinante na formação e sustentação das relações sociais exercidas na praça, sobretudo com pessoas com realidades semelhantes de ocupação e renda. Eles explicam o porquê de usar o espaço, como por exemplo, para trabalho, espera de ônibus e lazer, e reforçam que esses fatores fazem com que eles conheçam outras pessoas, geralmente do mesmo bairro e se relacionarem de forma amigável. As falas do José Júlio e da Jacira elucidam essas informações.

Eu estou desempregado e enquanto não aparece serviço eu venho para cá, conversar, jogar, aqui tem muitos conhecidos. Eu não sou muito de conversar com quem não conheço, mas já falei com muitos, porque a gente fica aqui tudo reunido e aparece alguém novo e todo mundo fica ‘papeando’, então a gente conversa [...]

José Júlio, 47 anos, desempregado, morador do bairro Cacimbas.

Eu quase sempre converso, não quando estou trabalhando, varrendo, mas quando termino o serviço e vou ali lancha, ou me sento aqui para descansar, sempre tem alguém que fala alguma coisa [...] são pessoas conhecidas.

Jacira de Souza, 41 anos, Gari, moradora do bairro Manuel Teles

Na praça Cel. José Alves, encontramos respostas similares. Os entrevistados deixam claro que o espaço propicia o fortalecimento das relações, especialmente entre os aposentados que passam horas conversando com outros aposentados e das donas de casa que levam seus filhos para brincar no parquinho. As respostas do Givaldo e da Jéssica evidenciam essas relações pela condição de cada um.

Sempre que posso estou aqui pela tardezinha, converso muito com todos eles (*os amigos aposentados*), às vezes chega alguém que não é acostumado ficar aqui, e conversa também [...]

Givaldo Gomes, 56 anos, aposentado, morador do bairro Baixão.

Lá em casa apenas meu marido trabalha e eu cuido do nosso filho, como eu tenho mais tempo livre eu venho para a praça para ele brincar no escorregador ou com outras crianças. Já fiz muitas amizades aqui, amizade de convidar para ir à minha casa [...] são amigas que têm filhos da mesma idade que o meu [...] e do bairro mesmo [...]

Jéssica Campos, 34 anos, dona de casa, moradora do bairro Baixão.

No entanto, grande parte dos entrevistados da praça Pereira Magalhães responderam que sua condição socioeconômica não interfere negativamente nessas relações, pois ninguém nunca se negou a um contato por fatores relativos, ou há outros motivos diferentes que justificam a não conservação ou abertura do contato. A fala da Michele e da Joselina exemplificam tal entendimento.

Eu já conheci muita gente aqui na praça, isso de ficar esperando, ou vir conversar com algum conhecido, às vezes, ajuda conhecer alguém diferente, [...] **diferente do que conheço** [...], isso ocorre muito à noite, quando a gente vem para cá, lanchar, ou quando tem as festinhas da igreja, às vezes alguns meninos falam e aí trocamos contato [...] eu não vou mentir, já fiquei e não deu certo [...] **ele tinha condições melhores que as minhas, mas eu não acho que seja por causa disso**, é porque não rolou mesmo [...]

Michele Lima, 23 anos, desempregada, moradora do bairro Manuel Teles

Eu conheço muita gente que usa a praça pela manhã, porque vai não vai eu estou por aqui, esperando carona no ônibus, e também tem muita gente lá do Brisa, aí a gente se conhece e fala, dá um bom dia, fala de muitas coisas [...] tem gente de outros locais sim por aqui, nunca falta gente nessa praça, pode ver aí os estudantes, o pessoal ali jogando, **só que é difícil eles falarem comigo, mas pode ver que a juventude só gosta da Juventude** [...]

Joselina Amaral, 52 anos, desempregada, moradora do bairro Olho D'Água dos Cazuzinhos, no residencial Brisa do Lago.

Apenas três entrevistados dessa mesma praça foram mais abertos e relataram que passaram por algumas situações de restrições por fatores socioeconômicos e ao mesmo tempo espaciais. São adolescentes, estudantes, residentes de localidades estigmatizadas e acreditam que residir nesses espaços interfere no progresso das relações de namoro e oportunidades de emprego. Abaixo destacamos como eles descrevem essas restrições. Percebamos que a fala não explica apenas as formas pelas quais as relações são restritas, mas também o total conhecimento da realidade excludente que cada aluno possui de si mesmo.

Eu converso com muita gente aqui [...] são amigos que estudam comigo ou moram perto e estão esperando o ônibus [...] já conheci algumas meninas de fora e já quis ficar, marcamos de conversar aqui na lanchonete, **só que não deu certo porque eu não tenho condições de sair mais com ela [...] condições de dinheiro mesmo [...] e ela mora aqui e eu lá nas Braúna [...].**

Luiz Josias, 18 anos, estudante, morador da Vila Braúnas

Aqui na praça eu converso com minhas amigas e conhecidos, enquanto espero o ônibus [...] já fiz amizade aqui que quase deu em namoro, só que ele não quis ir lá para o Pau Ferro e terminamos [...] Mês passado conversei com a moça da lanchonete para trabalhar, mas como preciso voltar para casa à noite, tinha que sair mais cedo, e ela não aceitou. **Não vejo a hora de sair do Pau Ferro, acabo perdendo muita coisa por morar lá, tanto amizade como oportunidades [...]**

Luciana Amaral, 18 anos, estudante, moradora da Vila Pau Ferro

Eu converso com gente conhecida e de fora, **de fora da escola**, a gente conhece o povo pelo Facebook e Instagram, e marca de encontrar aqui depois da escola [...], só que já teve duas vezes que conversando, aqui mesmo na praça, e eu digo que sou do Brisa, aí a pessoa já muda [...] eu acho que isso ocorre porque ninguém quer namorar e ir à noite para lá, sabe? É perigoso [...] uma dessas pessoas **era mais do que eu** [*possuía condições socioeconômicas diferentes, neste caso, melhores*] aí eu acho que foi por isso também, **então morar lá no Brisa complica nessa parte de namoro, não só na praça, mas no geral.**

Jamili Pereira, 18 anos, estudante, moradora do Bairro Olho D'Água dos Cazuzinhos que compreende o Conjunto Habitacional Brisa do Lago

Diferentemente da praça Pereira Magalhães, muitos entrevistados da praça Coronel José Alves entendem que sua condição socioeconômica afeta diretamente no progresso negativo das relações sociais, sobretudo as que apresentam renda muito baixa, como os estudantes e os desempregados. As falas da Marta e do Murilo abaixo nos mostram as dimensões dessas restrições.

Eu converso sim com outras pessoas, de fora, da escola, amigos do mesmo bairro que eu, pessoas da praça, mas também converso quando não querem me humilhar [...] Você está vendo, eu uso sempre essas roupas, para mim é normal, mas sempre me olham diferente e me julgam por isso. Já me disseram assim: **só pode ser das Paineiras mesmo** [...] É que todo mundo que fica aqui sabe de onde os estudantes são ou das Paineiras ou do Zélia [...] **Pessoas com mais condições que nós** [*ela se refere a ela e também ao grupo que estava com mais 5 meninas*] **nunca quer nada sério com a gente, pensa que porque somos de lá, é mais fácil ficar e deixar [...]**

Marta Ferreira, 20 anos, estudante, moradora do bairro Zélia Barbosa

Eu já conversei com outras pessoas que estão na praça e não são bem conhecidas, mas é muito difícil isso acontecer e todas as vezes foram conversas rápidas e eu sempre sinto que estou incomodando. Eu acredito que **o fato de ser eu não ajuda muito** [...] Sabe a música do Criolo, que ele diz que as pessoas passam e se olham e não falam, e usam a desculpa que nem Cristo agradou, é isso mesmo, só que isso só acontece porque **eu moro no Jardim das Paineiras, ando com essas roupas, não tenho dinheiro e vivo sempre assim, ninguém de fora conversa com gente como eu, porque sabe logo de onde eu sou, até gente do mesmo bairro que mora mais para cima.**

Murilo Camargo, 18 anos, estudante, morador do bairro Senador Nilo Coelho, no residencial Jardim das Paineiras.

Esses últimos discursos dos estudantes de ambas as praças se estenderam a outras dimensões, além das relações restritas de conversa. Quando provocados a explicar melhor as situações relatadas, eles incluem aspectos de restrição devido à pobreza da família, que automaticamente os coloca em condições escassas de consumo, como roupas, alimentação e estudos. Incluíram ainda a estigmatização que os bairros que eles residem carregam. O bairro Olho D'Água dos Cazuzinhos abrange o conjunto habitacional Brisa do Lago e o bairro Senador Nilo Coelho comporta o conjunto habitacional Jardim das Paineiras, que são vistos por toda a cidade de Arapiraca e até mesmo em outras localidades do estado de Alagoas como áreas vulneráveis à violência, ao uso de drogas e crimes.

Os dois conjuntos habitacionais comportam mais de 2.500 famílias de baixa renda e, como já citado no item 4.1, foram construídos a partir de programas habitacionais do governo, seguindo uma lógica perversa de exclusão e atualmente sofrem com os descasos do Estado. Pela fala dos estudantes que residem nesses conjuntos, é como se eles refletissem esses números em sua aparência e a praça evidencia as restrições diariamente impostas a eles, e não se trata apenas do contato de relacionamento, mas de oportunidade de crescimento como a busca de emprego, estudos e lazer.

Ao analisar a fala dos entrevistados das duas praças que apresentam ensino superior completo, com emprego fixo, e neste caso, possuem melhores condições sociais quando comparados aos outros entrevistados, verificamos além da correspondência direta entre manter contato ou restringi-lo pela condição socioeconômica, a apreensão em conversar com esses alunos, reforçando o discurso de ambos os grupos. As falas da Rosana e do Ramon, entrevistados na praça Cel. José Alves, evidenciam esse entendimento.

A condição social da pessoa afeta em tudo e dependendo se ela for mais alta, a gente sabe que ela chega até facilitar no Brasil. Aqui na praça eu já conversei com alguém desconhecido, mas são conversas sem importância, tanto para mim, como para a outra pessoa, pelo menos que eu me lembro. **Só que claro que eu se estou aqui sentada e chega um homem ou uma mulher com aparência estranha eu não dou atenção [...]** Já chegou gente assim, ainda bem que estava acompanhada e logo me retirei [...]. Não cheguei a ter contato nenhum [...]. **Eu acho que era da turminha lá de cima** [ela se referiu ao residencial Jardim das Paineiras]. É proteção mesmo. Não dá para confiar muito hoje em dia nas pessoas.

Rosana Pedrosa, 36 anos, Advogada, residente no bairro Baixão.

Sim, minha condição econômica me faz ter acesso a algumas coisas e me impede de ter outras, se tratando de conversa, olha eu não posso dizer que não influencia. Por exemplo, aqui na praça fica todo tipo de gente, em todos os horários, já conversei sim com algumas pessoas, mas nada demais, são conversas com alguns que me pediram informação de hora, conversas banais, e eu respondo [...] **são pessoas que dá para conversar** [...] isso ocorre quando estou na pausa do trabalho, porque quando eu saio, que é quase à noite, eu não falo com ninguém, porque fica algumas pessoas ali, que

dão receio. **Se eu vejo essas pessoas, eu dificilmente vou conversar com eles como converso com um aposentado que fica sempre aqui.**

Ramon da Silva, 29 anos, Enfermeiro, residente no Centro de Arapiraca.

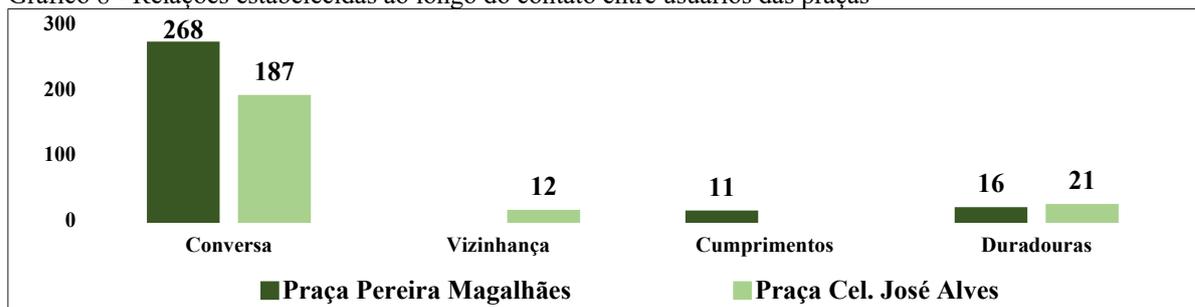
Já na praça Pereira Magalhães, a fala do Joaquim demonstra que além da condição social definir questões de comunicação, define as questões antes citadas pelos alunos desse mesmo espaço sobre os relacionamentos. Quando provocado a explicar com ênfase a situação, ele desconversa, mas deixa subentendido que não quis prolongar o relacionamento por várias razões, dentre elas a condição da outra pessoa.

Eu uso a praça para conversar com alguns funcionários quando a gente tem muito serviço por aqui e em outras horas por causa dos lanches. Afetar relacionamento, hoje em dia tudo afeta [...] Eu me reúno com meus funcionários aqui, aí eu acho que afeta, porque estou falando com eles que trabalham para mim [...] **Com outras pessoas eu já falei, me relacionei, mas não deu muito certo por incompatibilidade de locais de residência dos dois [...]** e tem outras coisas comuns das pessoas mesmo que precisa estar em sintonia com outra pessoa para ter algo [...] eu ainda estudo, trabalho muito, para ter alguém que não tem isso complica ter relacionamento, **geralmente as meninas daqui não tem isso, aí não dá.**

Joaquim da Costa, 26 anos, Engenheiro Civil, residente no Centro de Arapiraca

A fala desses entrevistados, bem como os outros não citados, nos apresentam particularidades que revelam tanto sobre as condições pessoais de cada um, como sobre a influência da praça para o estabelecimento das relações sociais, em especial as que são restritas. Esse fato coincide com as respostas que averiguamos no envolvimento das relações sociais entre os usuários das praças, nos questionários, que dificilmente se expande para relações duradouras, embora haja contato. Para ilustrar, criamos categorias, adaptadas de Marques (2010), para indicar os tipos dessas ligações, como: apenas conversa, apenas cumprimentos, relação de vizinhança, relações duradouras, como namoro ou amizade, ou se não há nenhuma relação além do contato por algum motivo específico. O **Gráfico 8** apresenta a correspondência entre as praças estudadas. Esses dados foram extraídos dos questionários.

Gráfico 8 - Relações estabelecidas ao longo do contato entre usuários das praças



Por ele, percebemos que as relações da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, dificilmente se estendem para envolvimento mais duradouros, geralmente ficam apenas em conversas, ou cumprimentos cotidianos. Já as respostas da praça Coronel José Alves, do bairro Baixão, nos remetem a um posicionamento semelhante ao que foi encontrado na praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, no entanto, há uma maior predisposição para o envolvimento de relações duradouras.

Com isso, confirmamos nas entrevistas que a condição socioeconômica é fator relevante para as relações sociais estabelecidas nesses mesmos espaços, confirmando o que já foi discutido por Giddens (2008), Goffman (2010), Marques (2010) e Netto (2014). A restrição, como face correspondente do contato, advém dos fatores socioeconômicos e se materializa nos mais diversos espaços das cidades. Nas praças estudadas, isso ocorre porque o espaço visibiliza a pobreza e a vulnerabilidade de muitos, ao passo que dificulta as relações duradouras de contato, neste caso, pelo estereótipo e a procedência habitacional.

O exemplo mais comum está nos entrevistados que apresentam melhores condições sociais, que acabam incluindo nas estimativas de crime e violência os estudantes, sem ao menos saber quem são, revelando as marcas dos preconceitos tão gritantes na sociedade brasileira. Como visto, a maioria desses estudantes é conhecedora do quadro de que fazem parte e até questionam, mas têm limitações estruturais das quais não podem sair facilmente, e aqui incluímos pontos além da classe social de que fazem parte, como as questões territoriais e preconceitos de raça e de gênero.

Por fim, consideramos que na praça Cel. José Alves, a restrição do contato por fatores socioeconômicos ocorre em, pelo menos, dois contextos diferentes: o primeiro é relativo aos perfis homogêneos (entre os próprios estudantes e desempregados) que, mesmo apresentando condições semelhantes, sobretudo o fato de viver em proximidade nos conjuntos habitacionais, não estabelecem relações entre si. Pelo contrário, não se reconhecem ou se evitam. O outro contexto concerne aos grupos diferenciados (estudantes/desempregados e pessoas com nível superior completo/renda fixa). Na praça Pereira Magalhães, os dois contextos também são notados, embora o segundo não seja tão mais visível, porque há poucos indivíduos que se diferenciam. No entanto, os casos relatados evidenciam que a realidade segregada de muitos, além de restringir as relações de contato com um grupo mais heterogêneo, dificulta oportunidades de empregos.

4.5 CONTATO RESTRITO POR ATRIBUTOS INDIVIDUAIS

Como visto ao longo das outras categorias já discutidas, a restrição do contato entre grupos socioeconômicos diferenciados se materializa a partir de diversas formas nas praças estudadas, seja em preconceito, em preferências por determinados espaços para evitar o outro, enfim, em muitas outras circunstâncias. Entender as raízes dessa restrição é objetivo principal desta categoria, porque ela está intrínseca a cada entrevistado, seja ele com qualquer condição socioeconômica operante, como o fato de ter uma personalidade, que por sua vez incide em ser mais aberto ou não para uma interação social, ou pela sua rotina.

Sendo assim, os resultados que serão apresentados nesta categoria foram organizados a partir de um compilado das respostas apresentadas em praticamente todas as perguntas, porque grande parte dos entrevistados utilizaram argumentos de natureza individual para justificarem as escolhas em se relacionar, ou se estabelecer em determinados setores, nos dando razões para investigar as raízes dessas explicações. Vamos prosseguir a discussão evidenciando as falas pelos grupos (estudantes, aposentados, desempregados, trabalhadores fixos com salários baixos e trabalhadores com rendas mais altas), pois é importante situar essas pessoas no contexto, além das praças, em que elas se inserem. Logo, para sintetizar o que foi encontrado, agrupamos pelas semelhanças das falas de cada grupo.

Tomemos início pelos estudantes. Esse grupo, em ambas as praças, apresenta condições sociais extremamente baixas; os que estão no ensino superior apresentam condições melhores, mesmo assim não os situamos em uma posição social média, porque abdicam de outros consumos por causa do estudo na universidade. No geral, todos esses estudantes citaram algum tipo de restrição que concebem ou recebem. Ao aprofundar o porquê, sobretudo do primeiro tipo, eles atribuíram às suas características pessoais, porque quase sempre reproduzem que têm uma personalidade de um tipo e para se abrir para um estranho é difícil.

Na maioria das circunstâncias, ter esse comportamento é convencional em grande parte das culturas das sociedades modernas, já que somos treinados por um conjunto de regras éticas e morais, desde o nascimento, que impõe automaticamente o receio com o desconhecido. Esse pensamento já foi estudado e discutido por diversos autores, como Bauman (2001), que nos sugere conhecer como se dá o medo ou insegurança pelo desconhecido ao ponto de provocar seu distanciamento. Dessa forma, buscamos explorar as características pessoais tão citadas, provocando-as como elas surgem, quando, onde e se tem alguém específico que faça com que essas peculiaridades se expressem.

Conseguimos estabelecer uma relação direta entre os aspectos individuais, especialmente de personalidade, oriundos dos aspectos socioeconômicos de cada participante. Muitos deles têm o completo conhecimento desse fato e nos deram exemplos concretos de como

são obrigados a restringir qualquer comunicação, sobretudo com alguém que apresente uma condição socioeconômica diferente. Já outros não consideram que restringem, por essa mesma causa, embora suas não falas corroborem com tal atitude, mas deixam claro que o posicionamento deles interfere em qualquer prolongação de conversa. Vejamos trechos selecionados de cada um deles.

[...] eu sou o mais quieto de casa, sempre fui de ficar mais calado, a gente acostumar a não ter muito contato com quem não é nosso amigo, **uma coisa é você conversar com gente sua, que vive ali com você, estuda com você, mora perto de você, outra coisa é chegar em alguém e saber que aquela pessoa é diferente e você ter um papo longo com ela** [...] acho que isso só aconteceu em festas que fui lá no Bosque, no Ceci Cunha, porque estou com os amigos e aparece alguma menina e ficamos conversando, mas nem para namorar ou algo mais aconteceu [...]

Willames Bezerra, 18 anos, Estudante, morador do bairro Olho D'Água dos Cazuzinhos

[...] É muito difícil não se sentir diferente hoje em dia, por ser de onde a gente é, por ter uma vida dessa forma [...] e a gente ver [a entrevistada] que isso mexe em tudo, em casa mesmo, na escola, com amigos, em trabalhos [...] **Eu tenho amigas que já terminaram a escola e estão procurando emprego, não tem, elas têm medo até de falar algo em uma entrevista** [...] Na escola a gente tem medo de apresentar até trabalho [...] **Aqui a gente tem medo de conversar com os nossos, como eu tenho medo de ser roubada por uma pessoa que conheço** [...] Eu acho que isso tudo vem de casa mesmo, minha mãe vive dizendo: não fala com ele, porque ele é assim [...] Aí a gente vai se ligando [...] Morar nas Paineiras é um treinamento para tudo [...] Mas um dia a gente vai ter que sair e falar pela gente, né? Aí vai ser complicado [...]

Analu Freitas, 18 anos, Estudante, moradora do Bairro Senador Nilo Coelho

[...] É muito difícil alguém vir conversar com a gente sem ter segundas intenções, nessa praça [...] Parece que ficar aqui é como um estou disponível, mas é aquela coisa, só para ficar mesmo [...] **Você percebe na conversa, por isso que a gente evita conversar com o povo desse lado** [...] É para se proteger, não ter mais fama ruim do que a gente já tem [...]

Marta Ferreira, 20 anos, estudante, moradora do bairro Zélia Barbosa

[...] Olha, se eu não tenho muito conhecimento com alguém, eu não vou ficar puxando papo, porque incomoda demais, eu já sou muito na minha quando alguém fala, agora eu falar [...] É ruim demais você falar com alguém e a pessoa nem te responder [...] **nunca aconteceu comigo, mas é porque eu não mexo com ninguém** [...]

Felipe Assunção, 22 anos, estudante, morador do bairro Zélia Barbosa

[...] Eu vou prestar o ENEM esse ano, esses dias passei aqui e vi uma moça lendo um livro que pode cair no ENEM, pensei em falar com ela para poder ler também, saber se ela pegou na escola mesmo [...] Eu me aproximei e já senti no olhar que ela não gostou [...] Ela é conhecida do meu bairro, e não gostou [...] mesmo assim eu falei, agora pense com outras pessoas. A gente acha que porque mora em Arapiraca ninguém tem preconceito com nada, é tudo gente da gente, como a Prefeitura diz, mas não é não [...] **Coloque duas pessoas para conversar, uma de lá das Paineiras, outra do Eldorado para tu ver quem vai ser a melhor. Não é nem a conversa, não sei se tu vai me entender, é que ninguém se importa com gente de certos lugares, como eu** [...]

Murilo Camargo, 18 anos, estudante, morador do bairro Senador Nilo Coelho, no residencial Jardim das Paineiras.

Nessas falas, bem como em todo o prolongamento do discurso desses estudantes, fica visível muita indignação pessoal, que se reflete nas formas de restringir o contato com outras pessoas, e muita das vezes como resposta à própria restrição que sofrem. Analisando, por meio de dados, a conjuntura que esses jovens encaram diariamente, entendemos o porquê desse posicionamento. Segundo dados do IBGE (2010), o estado de Alagoas apresenta uma das populações mais jovens do país, tendo 875 mil pessoas com idade entre 0 a 29 anos, 70% desse total são considerados negros e 35% estão na linha da pobreza. O cenário social que integra esses jovens é um dos mais preocupantes, porque lidera os rankings de desemprego⁴⁰, consumo e tráfico de drogas⁴¹, crimes⁴², maternidade precoce⁴³, dentre muitos outros indicadores sociais⁴⁴.

Nesse íterim, inserimos Arapiraca, que possui a segunda maior população do estado ficando abaixo apenas da capital Maceió, que possui 1.012.382 habitantes. Os jovens Arapiraquenses, sobretudo os entrevistados nesta pesquisa, estão imersos nesse cenário de profunda defasagem. Como era de se esperar, tais dados se refletem no contato social que é estabelecido e restrito nas praças estudadas. O espaço, nesse caso, atua como um agenciador desse contato, mas é restrito quando as diferenças sociais se manifestam pelos estereótipos, ou conhecimento do que alguém julga ter do outro. Esse grupo nos mostra que o medo do outro ou de ser parecido com o outro é fortemente influenciador das relações sociais estabelecidas ou moldadas nos espaços públicos, mas que tem origem na construção social de cada participante da pesquisa, ou seja, se configura além das praças, mas que reflete essencialmente nelas.

Já o grupo dos aposentados apresentou poucas respostas que pudéssemos englobar ou aprofundar nesta categoria, porque, segundo eles, ficam muito tempo no espaço e raramente deixam de falar com alguém por motivos específicos pessoais, sendo que praticamente todos se consideram abertos a conversar, inclusive se sentem satisfeitos quando isso ocorre. Apenas na fala de uma aposentada da praça Cel. José Alves conseguimos examinar essa discussão. A Josefa indica que ser mulher e já idosa a impede de conversar com mais clareza com alguns

⁴⁰ Para uma análise aprofundada, ver matéria em: <https://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2019/06/alagoas-e-o-sexto-estado-brasileiro-com-mais-jovens-desempregados_79472.php> | Acesso em Junho de 2019.

⁴¹ Para uma análise mais aprofundada, ver matéria em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/trafico-de-drogas-e-o-ato-infracional-mais-cometido-por-adolescentes-em-alagoas.ghtml>> | Acesso em Junho de 2019.

⁴² Para uma análise mais aprofundada, ver Relatório Mensal da Estatística Criminal pela Secretaria de Segurança do Estado de Alagoas, disponível em: <<http://seguranca.al.gov.br/estatisticas/35/>> | Acesso em Junho de 2019.

⁴³ Relatório UNIBANCO (2017).

⁴⁴ Para outras análises, ver matéria em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/alagoas-e-o-estado-com-maior-indice-de-criancas-e-adolescentes-em-situacao-de-pobreza.ghtml>> | Acesso em Junho de 2019.

jovens, então ela os evita, assim como os setores que eles ficam, pois eles, em constantes diálogos, fazem barulho. Na passagem abaixo conseguimos entender como ocorre.

<p>[...] eu não gosto de ficar aqui onde eles ficam, porque vivem conversando alto e isso dói minha cabeça, aí eu evito de tudo, até de conversar [...] é um sacrifício esperar esse ônibus com eles [...]</p> <p>Josefa da Silva, 57 anos, Aposentada, moradora do bairro Senador Nilo Coelho.</p>
--

A condição da idade de Josefa reflete no uso do espaço, assim como nas relações que podem ou não ser constituídas por meio dele. Por sua fala, vemos um claro exemplo de como há a restrição por atributos exclusivamente individuais, que embora se apresente em apenas uma entrevistada, reflete em todo o contexto da praça. A relação de contato entre pessoas com disparidade de idades ainda não é tão comum em espaços públicos, por isso, muitos estudos têm apresentado a importância dessas trocas para ambos os grupos.

Na presente pesquisa, o grupo de idosos demonstrou bastante entusiasmo não só em participar dos entrevistas e questionários, mas também em fazer uso constante das praças para se manterem ativos nos níveis sociais de amizade, mesmo que seja entre eles mesmos. No entanto, reconhecemos que a disposição pessoal dessa população não é o suficiente para o engajamento entre outros grupos, porque à medida que o tempo passa, as limitações individuais que eles enfrentam podem reduzir ou distanciar as relações sociais, sobretudo entre uma geração mais nova, como é o caso explícito da Josefa. Além disso, as praças diminuem as oportunidades de estabelecimento dessas trocas intergeracionais, quando não incluem em suas estruturas físicas condicionantes de acessibilidade que permitem o livre trajeto entre setores, dificultando, em primeiro plano, as potencialidades do encontro, bem como, por não possuir setores mais integrados para os diversos grupos que se apropriam delas, para atuar como promotores do contato.

Já na análise da fala dos desempregados, nesta categoria conseguimos extrair referências com o que foi encontrado com os estudantes, por apresentarem uma condição social muito baixa. No entanto, esse grupo foi mais seletivo e pelas respostas apresentadas não podemos relacionar o contexto deles pessoais com as restrições que recebem ou realizam, até porque eles não deixam claro como essas ações se manifestam.

Em relação ao grupo dos trabalhadores fixos, mas que mesmo assim apresentam uma condição socioeconômica baixa, conseguimos identificar que a restrição do contato por atributos individuais se dá, na maioria dos casos, pelas condutas morais em que eles estão concentrados, sobretudo as mulheres; ou as rotinas que realizam, consideradas de passagem

rápida pelas praças. Vejamos alguns trechos específicos de alguns trabalhadores de ambas as praças que expõem como isso ocorre.

[...] Se for algo necessário eu falo, se não, eu não sou muito de conversar com quem não conheço **porque não é legal uma mulher conversar com qualquer um assim, se for com homem, principalmente [...]**

Ambrósia Cruz, 37 anos, auxiliar de enfermagem, moradora do bairro Primavera

[...] **eu converso, mas eu evito conversar porque eu paro aqui para comer e é muito rápido, se eu for falar com alguém vai atrapalhar o lanche e vou demorar, vou me atrasar, aí já vi [...]** se for homem eu nem dou ousadia, porque se sorrir aqui o pessoal já pensa que a pessoa quer algo e eu tenho marido [...]

Clarice Bezerra, 28 anos, recepcionista, moradora do bairro Padre Antônio de Lima.

[...] estou sempre por aqui, mas é tudo muito rápido, não dá para comer e conversar com gente desconhecida, só quando é alguma coisa muito rápida também, dar informação de lugar, de hora [...] **se for gente conhecida aí dá para falar porque a pessoa vai saber que tenho que ir logo para trabalhar [...]**

Paulo Reis, 30 anos, vidraceiro, morador do bairro Primavera

[...] a conversa aqui é pouca, vai não vai chega um passageiro e eu tenho que ir, aí eu prefiro não conversar [...] **mas depende da pessoa e do dia, tem dias que não tem muito movimento, aí a gente conversa com quem aparece para esperar desse lado, mas quando está corrido, eu nem falo [...]**

Leonardo de Jesus, 31 anos, motorista, morador do bairro Manuel Teles

O posicionamento adotado por esses entrevistados para justificar a falta de contato com outros presentes segue o que já foi discutido ao longo desta pesquisa por meio dos trabalhos de Giddens (2008), ao enfatizar importância das rotinas para o estabelecimento das relações sociais e sua interferência direta com o espaço, e de Goffman (2010, 2011), ao destacar a influência das regras morais para o comportamento nas condutas sociais. Em ambos os casos, há questões importantes a serem exploradas.

No que concerne às rotinas rápidas que se conformam nas praças e impedem o estabelecimento de algum contato, entendemos que muitas das nossas condutas cotidianas não são diretamente motivadas, mas ocorrem como um fluxo de ação não intencional, fato já destacado por Giddens (2008). A rotina aparece, nessa situação, como definidora das relações, porque se manifesta como uma ponte para a restrição.

Sobre as regras e condutas morais, com as falas demonstradas, reforçamos o entendimento de Goffman (2010), segundo o qual só há algum estabelecimento de relação social a partir do posicionamento dos indivíduos, dentro de um espaço social de categorias e vínculos simbólicos. No presente caso, evidenciamos que as regras simbólicas das mulheres

buscam restringir o contato com os homens, porque a imagem que elas podem passar ao iniciar um engajamento pode ser transformada de forma negativa. Analisando as dimensões dessa restrição, encontramos uma cultura simbólica engendrada no patriarcalismo, machismo, e ainda a própria negação da conquista do espaço feminino, mesmo que para elas não seja proposital.

Por fim, analisando a fala do grupo das pessoas que apresentam ensino superior com renda fixa mais alta, que justificam aspectos individuais nas restrições causadas nas praças, reforçamos a compreensão dos conceitos de invisibilidade que já discutimos ao longo desta pesquisa. Semelhantemente ao que fizemos com os estudantes, vamos situar os três entrevistados em seus contextos sociais e discutir como se instala esse processo.

Segundo dados da PNAD (2018), o rendimento da população alagoana é o segundo menor do país. Para trabalhadores com renda fixa e que estejam de acordo com o piso salarial de sua profissão, as condições de vida no estado, aparentemente, são melhores que a de muitas outras pessoas, uma vez que a taxa de pobreza atinge a mais de 36% de sua população; além do que, Alagoas ocupa a terceira maior taxa de desemprego do país, com 17%, e uma das menores taxas de ocupação por emprego formal de carteira assinada, com 62,2%, segundo dados da PNAD/IBGE (2018).

Nesta perspectiva, os três entrevistados que possuem rendas mais altas apresentam um padrão de vida mais heterogêneo. Por essa condição, justificaram constantemente sua rotina de trabalho como influenciadora da restrição do contato nas praças, ao mesmo tempo que deixaram claro como e com quem ele se manifesta de forma amigável ou não. Ao aprofundar as dimensões dessas rotinas, evidenciamos a reprodução do afastamento do outro (NETTO, 2014). Para Rosana, Ramon e Joaquim, a rotina de bastante trabalho inclui ou distancia qualquer tipo de contato, mesmo que estejam realizando alguma atividade de pausa do serviço nas praças. As falas abaixo denotam esse entendimento.

A rotina é muito corrida, chegar aqui e conversar horas e horas, além das pausas que precisamos, não é muito comum [...] por exemplo, estou em meu horário de folga e quando dá, irei aproveitar para conversar com alguém conhecido ou resolver mais pendências, então, **é uma coisa mais minha de não querer conversar com outras pessoas e aproveitar o meu tempo só ou com um conhecido [...] sim, e ainda tem todo o conjunto da conversa, da pessoa, o que falar [...], então é mais fácil evitar [...]**

Rosana Pedrosa, 36 anos, Advogada, residente no bairro Baixão.

Meu trabalho exige muito, tem uma hora que você só pensa em respirar e eu uso a praça para isso [...] às vezes, faço isso com outras pessoas, ou sozinho [...] Só converso com outra pessoa se for realmente necessário [...]

Ramon da Silva, 29 anos, Enfermeiro, residente no Centro de Arapiraca.

[...] conversar com pessoas diferentes é complicado, a minha vida corrida não me deixa ter isso, e quando tive aqui na praça não foi muito proveitoso [...] porque as pessoas são diferentes, nem todas se conectam [...] se eu puder escolher com quem falar eu vou fazer, todo mundo faz, é normal [...]

Joaquim da Costa, 26 anos, Engenheiro Civil, residente no Centro de Arapiraca

De acordo com Netto (2014), as atividades na cidade possuem papéis bem definidos nas redes de contato social e rotinas (como as ações de trabalho e consumo diário, em termos instrumentais), assim como na vida social das pessoas e grupos. Com isso, encontramos uma analogia ao grupo dos trabalhadores com menor renda, no qual a rotina aparece para o presente grupo discutido, como a principal sustentação do argumento individual para estabelecimento ou omissão das relações sociais nas praças. Esse fato nos auxilia na percepção que fazemos dos encontros entre esse grupo com outros estigmatizados, como por exemplo, os estudantes.

Refletimos que os espaços propiciam encontros diversificados, com possibilidade de interação, mas não ao ponto de um contato sólido com propósito de fortalecer as estruturas sociais dos participantes do diálogo. Aqui incluímos que o conjunto de capital social e cultural é um forte influenciador desse fato, porque deles provêm as predisposições para o início de um engajamento, e quando isso não ocorre, é facilmente identificado o afastamento do outro que não se adequa ao mesmo contexto.

Por fim, ao longo dessa categoria percebemos que a restrição do contato se instala nas praças estudadas por motivos não exclusivos aos aspectos socioeconômicos, apesar de ser a principal manifestação. Aparece como intrínseca a construção social e cultural de cada participante, desta forma, se relacionando com as praças de que cada um se apropria. Mesmo sabendo que cada aspecto citado pelos participantes não deve ser reduzido exclusivamente aos atributos morfológicos das praças, reconhecemos que esses espaços públicos atuam nas ações evidenciadoras do estabelecimento do contato ou de sua restrição em relação com seus atributos sociais.

4.6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme discutido ao longo da teoria base desta pesquisa, a segregação socioespacial se apresenta no espaço urbano como uma das piores faces da desigualdade, evidenciando o poder de consumo pelas classes sociais e sua influência direta no estabelecimento ou restrição das relações sociais, sobretudo as de contato. Para análise dessa conjuntura, estabelecemos duas áreas semelhantes em diversos aspectos para comparação dos atributos socioespaciais, socioeconômicos e comportamentais das restrições oriundas deles. Com isso, buscamos

evidenciar a forma pela qual o espaço social é construído a partir das suas diferenciações simbólicas, investigando como as duas amostras podiam revelar as representações e justaposições sociais dos seus usuários, por meio das suas relações sociais. Sendo assim, os resultados apresentados serão discutidos aqui por meio das categorias apresentadas, comparando o que foi encontrado nos dois espaços públicos.

Os atributos morfológicos demonstraram sua influência nos encontros e, conseqüentemente, se geram algum tipo de contato ou se favorecem a restrição. Percebemos que as atividades desenvolvidas no interior da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, se caracterizam como as atividades necessárias, opcionais e sociais. Essas atividades realçam diferentes possibilidades de apropriação, em diversas horas do dia, em razão dos comerciantes e dos quiosques que são atividades mais diversificadas e tendem a atrair mais usuários, facilitando o encontro por um público com objetivos também variados. Já a praça Coronel José Alves, do bairro Baixão, dispõe de uma apropriação por atividades mais opcionais e sociais, razão que torna os usuários mais propícios a algum estabelecimento de relações.

Em termos quantitativos, os resultados demonstram que a praça Pereira Magalhães possui mais arranjos que acolhem mais pessoas, mesmo assim, os efeitos oriundos desses usos não agem na composição de contatos diferenciados, isso porque o contexto de distribuição geral que envolve os dois bairros os colocam em posições diferentes, pois o bairro Cacimbas detém uma maior concentração de atividades mais locais, enquanto o bairro Baixão, da praça Cel. José Alves, possui uma maior incidência de usos mais gerais.

Esses fatos conseguem explicar a relação de movimento e encontros nas praças. Embora o bairro Cacimbas, da praça Pereira Magalhães, apresente opções diversas de economias, os encontros oriundos desses usos possuem características mais homogêneas, uma vez que as pessoas que desfrutam deles ou são do próprio bairro, ou de localidades com as mesmas condições socioeconômicas. No entanto, quando há algum tipo de engajamento entre perfis heterogêneos, se caracterizam como as relações pontuadas por Carlos (2014), como relações de trocas econômicas, neste caso, entre comerciantes/vendedores e compradores, que dificilmente se prolongam para interações duradouras. Já o bairro Baixão, da praça Cel. José Alves, contém características de encontros por perfis mais heterogêneos, porque as atividades de comércio e serviço possuem propriedades mais globais e atendem a um público mais diversificado.

A relação desses usos, tanto internos quanto gerais, com as características morfológicas das praças e seus bairros é direta. Os resultados demonstraram que o bairro Cacimbas dispõe de maiores condições de densidades, fato que explica os usos intensos por

parte da população local na praça Pereira Magalhães e seu entorno. Já o bairro Baixão apresenta lotes grandes e fechados no entorno da praça Cel. José Alves. Essa condição dificulta a vitalidade ao redor da praça, fato que explica, em sua essência, um forte desuso em variadas horas do dia, por causa da baixa movimentação de pedestres nesses mesmos horários.

Todos esses dados se relacionam diretamente com a configuração das praças, pois ela é a geradora desses efeitos, fato que corroboramos com Hillier et al., (1993) ao destacar a importância dessa configuração para fragmentação do tecido urbano e tamanho dos eixos nas possibilidades da presença ou ausência dos encontros. Os resultados desse item demonstraram que ambas as praças possuem potencialidades de fluxos com condições de movimento no seu entorno. No entanto, a praça Cel. José Alves tem uma maior facilidade de propiciar encontros por um público mais heterogêneo, diferentemente da praça Pereira Magalhães, que tende a atrair um público mais homogêneo. Os resultados das análises dos atributos espaciais indicam que a praça Cel. José Alves possui maiores geradores de contatos por um público mais heterogêneo, quando comparada com os atributos da praça Pereira Magalhães.

Os dados se confirmaram com identificação dos usuários de ambas as praças. Na praça Coronel José Alves, do bairro Baixão, há usuários com rendas diferenciadas, nível educacional maior, que residem nos mais distintos bairros da cidade. Esses fatos corroboram com o que foi encontrado em Netto (2014) e Marques (2010) ao indicar que pessoas com essas características possuem condições de apropriação de espaços diferenciados e apresentam condições de redes sociais maiores, com predisposição para o envolvimento em relações duradoras. Diferentemente da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, da qual dificilmente se apropriam usuários com qualidades diferentes, sendo que a maioria não se coloca à disposição de desenvolver algum contato, independentemente do público e do contexto da interação.

No geral, essa categoria, conseguiu demonstrar que os atributos espaciais, como usos internos, distribuição do uso do solo geral, morfologia, integração e fluxos são resultantes das configurações dos bairros e se materializa na apropriação em cada praça. Esses atributos são essenciais para o estímulo ao movimento e, conseqüentemente, aos encontros que podem resultar em contatos. No entanto, convém mencionar que o grande fluxo de movimento encontrado na praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, ainda não consegue influenciar na copresença de pessoas diferenciadas, porque a relação desse movimento com a praça e com o todo do bairro ainda é muito local, sem atratores mais gerais que direcionem um público diferente.

Esses fatos sugerem que uma configuração urbana com atributos mais locais funciona como uma restrição, tanto de acesso por sujeitos diferenciados, como das relações que podem

se desenvolver a partir dela. Ou seja, a disposição dos espaços urbanos visibiliza as posições sociais de cada indivíduo, ao mesmo tempo que poderia ajudar nas invisibilidades a que eles estão sujeitos. A relevância desse conhecimento para as ações de planejamento parte do pressuposto que a configuração urbana é um dos principais elementos a serem analisados no desenvolvimento das políticas públicas que propaguem a minimização das diferenças sociais.

Partindo do entendimento que a configuração de cada praça é agente fundamental nesse processo, conseguimos detectar por meio dos mapas comportamentais que há preferências entre homens e mulheres por determinados setores em cada espaço público analisado. Pensar nessas condições de apropriação pode ser um elo importante no entendimento das questões de gêneros. A praça Coronel José Alves, por exemplo, dispõe de setores voltados ao fortalecimento de relações sociais existentes, porque seus usuários aparecem mais vezes em grupos de interação, enquanto os da praça Pereira Magalhães aparecem realizando mais atividades de consumo, reforçando a importância do tipo de atividade desenvolvida no espaço para a homogeneização das interações que provoca a sua restrição pela ausência da heterogeneização.

Os resultados encontrados nas rotinizações, embora sejam rasos, mostraram a importância da configuração urbana para a copresença, que por sua vez, incide na constituição das atividades diárias, mais especificamente nos trajetos realizados, endossando os trabalhos de Giddens (2008) e Goffman (2010), ao indicar que a organização do tempo e espaço podem influenciar na composição das relações, sobretudo se houver correspondência entre os lados envolvidos. Deixam claro ainda que a restrição pode ocorrer, sobretudo, quando há a fragmentação dos espaços por parte do valor socioeconômico, que coloca os indivíduos em posições diferentes, de modo especial nas questões de mobilidade e consumo.

Por fim, os resultados do procedimento das entrevistas nos mostraram condicionantes específicos dos aspectos de restrição do contato, além do olhar morfológico. Pela categoria 1 contato restrito por atributos morfológicos ficou claro que o espaço pode aproximar ou distanciar cenários sociais diferentes, à medida em que as diferenças são visibilizadas. Na praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, as falas dos entrevistados expõem que a visibilidade do traçado das praças proporcionada pela configuração morfológica pode minimizar as condições de desigualdade pelas vendas dos comerciantes, ao mesmo tempo que pode aumentar quando as diversas formas de preconceito se manifestam. Isso evidencia que os fatores espaciais materializam as desigualdades, por isso, nas tentativas de minimizá-las, devem ser discutidos de forma uníssona.

Na categoria 2 - contato restrito por atributos socioeconômicos - os resultados são reflexos da categoria 1, porque a condição socioeconômica é fator relevante para as relações

sociais estabelecidas na configuração desses espaços, confirmando o que já foi discutido por Giddens (2008), Goffman (2010), Marques (2010) e Netto (2014). Consideramos que na praça Cel. José Alves a restrição do contato por fatores socioeconômicos ocorre em, pelo menos, dois contextos diferentes, um relativo aos perfis homogêneos (entre os próprios estudantes e desempregados) que mesmo apresentando condições semelhantes, sobretudo, de viver em proximidade nos conjuntos habitacionais, não há relação estabelecida entre eles, pelo contrário, não se reconhecem ou se evitam; e o outro concernente aos grupos diferenciados (estudantes/desempregados e pessoas com nível superior completo/renda fixa). Na praça Pereira Magalhães, os dois contextos também são notados, embora o segundo não seja tão mais visível, porque há poucos indivíduos que se diferenciam. No entanto, os casos relatados evidenciam que a realidade segregada de muitos, além de restringir as relações de contato com um grupo mais heterogêneo, dificulta oportunidades de empregos.

Na última categoria - contato restrito por atributos individuais – os resultados coletados destacam a influência de quatro aspectos importantes na restrição do contato nas praças analisadas:

(1) as praças evidenciam os estereótipos, que por sua vez determinam o conhecimento prévio do outro, fato que faz muitas pessoas se distanciarem de outras, pelo medo de ser colocado como igual e, desta forma, se dá a forma mais básica de restrição;

(2) as escolhas pelos setores das praças determinam a preferência de idosos e jovens, que dificulta o estabelecimento de alguma relação e, possivelmente, de contato;

(3) a construção social e cultural das pessoas entrevistadas é motivo determinante na restrição do contato, pelo fato de colocar as regras e condutas morais em primeiro plano, como já tinha nos alertado Sennet (2016), como forma de demonstrar se pode ou não dar abertura para início de uma conversa;

(4) e finalmente que as rotinas sociais aparecem como pontes para as relações sociais, à medida em que as urgências cotidianas colocam os indivíduos em constante movimento, identificando esse intermediador entre possibilidade de contato e restrição.

No geral, a etapa qualitativa nos apresentou que as relações sociais estabelecidas ou restritas em um espaço público sofrem relação direta com seus aspectos espaciais, mas principalmente advém do posicionamento social, econômico e cultural dos seus usuários. Esse conhecimento clarifica que há um desafio a ser proposto, porque atualmente as políticas urbanas privilegiam separadamente esses aspectos, ou de forma que relacionam apenas dois ou três, nunca o conjunto, fato extremamente desproporcional, que pode reforçar o efeito de um ao tentar minimizar o outro.

Considerados os resultados gerais, evidenciamos que a praça Cel. José Alves dispõe de melhores atributos espaciais e sociais para propiciar trocas entre grupos diversos, diferentemente da praça Pereira Magalhães, que tende a manter as trocas entre iguais, por causa da sua inserção social e espacial com características mais locais. Constatamos que, além desses fatores, os interesses comportamentais, engendrados em concepções sociais, econômicas e culturais dos usuários, fazem diferença nas restrições do contato, reforçando que os dois quesitos trabalhados - atributos socioespaciais e relações de contato e restrição - formam uma equação com variáveis que merecem serem mais destrinchadas em outras oportunidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento de apresentar as considerações finais desta pesquisa, enfatizamos que o termo dado é apenas para fins de nomenclatura, uma vez que não é nosso objetivo esgotar a presente discussão. Assim, de início, recorreremos ao nosso objetivo principal: investigar a copresença e os contatos sociais e suas restrições nas praças Pereira Magalhães e Coronel José Alves na cidade de Arapiraca, AL, relacionando-os a aspectos morfológicos do contexto urbano e a aspectos socioeconômicos e individuais dos usuários. Para falar do seu desenvolvimento e concretização reservamos aqui três momentos, sob três perspectivas de análises: uma concernente ao referencial teórico, outra discutindo a metodologia utilizada e a última por meio das discussões dos resultados encontrados, enfatizando o objetivo final realizado e as limitações da pesquisa.

A construção do referencial teórico desta pesquisa ocorreu durante os dois anos destinados à sua produção, ou seja, foi um percurso dinâmico. Fizemos leituras críticas constantes que versaram sobre o contexto, envolvendo áreas como o Urbanismo, Geografia, Sociologia e Psicologia, provocando diálogos conjuntos entre as áreas, com intuito de se aprofundar no objetivo pretendido e, ao mesmo tempo, dispor de condicionantes novos nesse processo de investigação. Como esperado, a escolha dos autores e suas correlativas áreas foi fundamental para o delineamento geral do estudo. No entanto, houve alguns que se sobressaíram, primeiros os Sociólogos Marxistas por nos apresentar o posicionamento assumido ao longo da discussão e os estudos mais recentes, como o de Frederico Holanda (2002), o de Eduardo Marques (2010) e de Vinicius Netto (2014), que conseguiram explorar as particularidades do tema, nos propiciando um terreno fértil de investigação. O estudo de Netto (2014), em especial, nos possibilitou a esquematização das categorias de análise, como a copresença, a rotinização e a interação social.

O entendimento decorrente da teoria da Sintaxe Espacial se alinhou ao caminho da discussão de forma eficiente por dispor de análises refinadas do espaço, que poderia e foi comprovado na pesquisa de campo. A discussão proposta por Giddens (2008) e Goffman (2010) conectou o comportamento espacial estudado pela Sintaxe Espacial com o comportamento das pessoas que estão neste mesmo espaço. Essa relação foi vista tanto na discussão teórica, como também reforçada na pesquisa de campo. Acreditamos que esse referencial apresentado supriu com as necessidades do estudo, no entanto, sabemos que a pesquisa científica deve seguir seu processo de aprimoramento, logo indicamos que ainda há muito a ser estudado teoricamente sobre tal tema.

A metodologia utilizada está fundamentada no pensamento sistêmico, por realçar a interdisciplinaridade dos procedimentos escolhidos. É por isso que frisamos no início dessa discussão, no presente capítulo, que a pesquisa aqui não se esgota, pelo contrário, buscamos dar suporte a outras novas investigações desse mesmo objeto. No que diz respeito, especificamente, aos procedimentos adotados, é importante falarmos dos acertos e imprecisões encontradas na coleta dos dados.

Na etapa quantitativa, a espacialização dos dados do IBGE, em cruzamento com os dados da Sintaxe Espacial, possibilitou a escolha das amostras, de forma justa e precisa, porque na escolha levamos em consideração os fatores que fossem correspondentes ao referencial teórico abordado, e também que pudessem apresentar os condicionantes principais de investigação, como os atributos socioeconômicos e atributos socioespaciais.

O levantamento das características físicas das praças e seus entornos foi um processo demorado, porque a prefeitura municipal de Arapiraca só disponibilizou os mapas elaborados em 2005, na construção do Plano Diretor da cidade. Desde então, houve mudanças significativas em cada bairro estudado, logo precisamos atualizar esses dados. Depois de prontos, eles nos forneceram considerações importantes sobre a relação de uso e integração das praças, e como visto, conseguiram nos situar nas questões propícias ou não sobre as restrições. Já a contagem de pedestres nos apresentou os fluxos dos pedestres que utilizam as praças de diversas formas e horas do dia, informações importantes que foram exploradas depois no mapeamento comportamental. A utilização do questionário, embora tenha cumprido com a sua finalidade na pesquisa, foi limitante e pode apresentar incorreções pelos participantes, no entanto, a amostra significativa (n=515) realizada, nos deu segurança de discutir e utilizar os resultados encontrados na pesquisa.

O mapeamento comportamental se insere como um procedimento de grande relevância para o fortalecimento dos outros procedimentos, porque possibilitou o olhar exclusivo para o espaço, mas pela forma que ele é apropriado, ou seja, conectando tanto o usuário, como os setores que eles se apropriavam. Essa relação de uso e comportamento facilitou a realização das entrevistas, pois dele retiramos perguntas, como a escolha por espaços específicos da praça, o uso por determinados horários, bem como as restrição de setores também por horários e pelos seus usuários.

As rotinizações, por sua vez, embora tenham sido importantes para o entendimento de como se dão as atividades diárias dos participantes, a partir das praças estudadas, pouco conseguiram extrair de conhecimento novo. Por isso, sugerimos que em outras oportunidades, o procedimento possa ter mais participantes com diferentes condições sociais e em diversos

horários, os quais possam indicar uma correspondência de contato e restrição de forma mais expressiva.

As entrevistas, por fim, foram o procedimento que mais julgávamos que poderiam nos oferecer informações, como de fato o foi. No entanto, apresentaram fatos possíveis de correções, como por exemplo: o número de entrevistados deveria ter sido menor, porque há saturação das respostas, mesmo ela sendo dadas por indivíduos que apresentam condições (sociais, econômicas, culturais, comportamentais) diferentes, assim, haveria maiores e melhores condições de exploração dos conteúdos mencionados; outro fator importante é a preparação do pesquisador em áreas que ajudariam o desenrolar do procedimento, como a Psicologia e a Linguística, pois os estudos referentes aos contextos de Arquitetura, e até mesmo os livros que retratam as melhores formas de realizar o procedimento, ainda não esgotam as condições dispostas pelas duas áreas citadas, uma vez que ajudaria a identificar com mais frequência quando o entrevistado apresentava incoerências na fala e nos gestos.

A utilização do método de análise das entrevistas foi eficiente, mas frisamos que as categorias utilizadas podem ser adotadas e discutidas de outras formas, dependendo da visão intencionada. Na presente pesquisa, elas buscaram se adequar ao objeto de estudo e, sobretudo, às falas dos participantes. As falas, embora relatem a construção de cada participante, nos aproximaram das reflexões do referencial teórico que se configura em aspectos mais gerais, isso porque a realidade deles, embora apresente um recorte temporal e espacial diferente, é comum ao contexto da segregação socioespacial da maioria das cidades.

Por esses procedimentos conseguimos identificar que os arranjos espaciais e sociais que situam as duas praças são determinantes para o estabelecimento ou restrição das relações sociais de contato, evidenciando que a renda, uso do solo, integração e, sobretudo, a configuração visibilizam as formas mais básicas de desigualdade. A restrição, como plano principal de análise, foi vista em todas as fases metodológicas porque está intrínseca ao contexto de desenvolvimento social do ser humano. Como relevância primordial desse conhecimento para os estudos urbanos, imploramos por olhares mais aprofundados, não exclusivo às restrições do contato, mas que também incluam a configuração desses espaços, que pode ser trabalhada para minimizar as decorrências do capitalismo que divide as relações pelo poder econômico.

Reforçamos ainda questões importantes sobre a apropriação dos espaços públicos pelo gênero, como a preferência do público feminino por permanecer em espaços mais abertos, visíveis e com outras presenças femininas, ao ponto de se restringir e não manter contato com o gênero masculino. Constatamos, de forma estreita, que há restrições nas relações intergeracionais pelo comportamento social dos jovens que não se atentam às condições dos

idosos. Esse entendimento pode ajudar em estudos da área, portanto, deixamos em aberto para aprofundamento.

Mostramos que a praça Coronel José Alves, do bairro Baixão, apresenta atributos espaciais, como maior integração global, uso do solo diversificado com atividades de caráter global, que por sua vez, facilita a apropriação de pessoas diferenciadas nos níveis socioeconômicos. No entanto, a visibilidade que a praça possui classifica seus usuários, conforme sua condição social. Evidenciando que além de uma correspondência espacial para o estabelecimento do contato, é imprescindível a ruptura do olhar estereotipado tão presente no Brasil, que determina se o outro pode ser convidado a participar de um engajamento ou não.

Confirmamos que a praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, apresenta uma apropriação mais homogênea, devido à grande presença de usuários locais na maior parte do dia, mas dificilmente essas pessoas estabelecem contatos, além dos que estão imersos no seu ciclo social, fortalecendo que embora a configuração do espaço propicie movimentos diários, com grande intensidade, nem sempre influencia o contato com o outro diferente, pelo contrário, pode visibilizar as desigualdades e restringir automaticamente o esboço do que poderia se constituir em uma relação.

Como toda pesquisa científica, esta também apresenta algumas limitações. Convém mencionar primeiramente que o referencial teórico desenvolvido ao longo dessa pesquisa não é único e exclusivo sobre o objetivo abordado, pois buscamos utilizar dados e discursos que caminhassem de forma conjunta para o que pensamos que poderia ser importante e de novo a ser coletado. Segundo, destacamos que os procedimentos aplicados, mesmo com todo seu rigor, reforçam que para trabalhar com participantes que apresentam fragilidades sociais é preciso cuidado e cautela, tanto na aplicação como na averiguação dos resultados coletados, porque as histórias relatadas podem ser entendidas de formas diferentes, dependendo do olhar utilizado.

Por fim, os resultados demonstraram que a realidade da cidade de Arapiraca se assemelha a muitos estudos sobre segregação discutidos neste texto, mas não devemos desconsiderar as particularidades que a cidade apresenta e, por isso, aconselhamos que em estudos futuros um quadro geral, com detalhes mais específicos do recorte espacial devam ser considerados, como histórico, desenvolvimento social e cultural. Frisamos também que nas análises realizadas não foi possível explorar a influência do contato existente entre usuários das praças com condições socioeconômicas diferenciadas nas oportunidades de crescimento social e econômico dos indivíduos, sobretudo os que apresentavam rendas menores, uma vez que focamos apenas nos efeitos da restrição. Fato importante que poderá ser trabalhado em outras oportunidades

No mais, a pesquisa com todo seu objetivo, extensão e limitação enfatizou a segregação socioespacial por meio da restrição do contato entre grupos socioeconômicos diferentes em praças públicas da cidade de Arapiraca, discutindo a importância dos atributos espaciais e de contato no estabelecimento ou não das relações sociais. Acreditamos que essa discussão poderá ajudar de forma direta nos estudos urbanos que se referem à segregação socioespacial, morfologia urbana, restrição do contato e espaços públicos com vistas a ser incorporada no desenvolvimento de políticas sociais que visem a minimização das diferenças sociais tão gritantes nas cidades, por meio das relações sociais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luciana Teixeira; JAYME, Juliana Gonzaga; ALMEIDA, Rachel de Castro. Espaços públicos: novas sociabilidades, novos controles. **Cadernos Metrópole**, 21, pp. 131-153, 10 sem. 2009.

_____. MENDONÇA, Jupira Gomes. Explorando as consequências da segregação metropolitana em dois contextos socioespaciais. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 12, n. 23, pp. 169-188, jan/jun 2010.

ARAPIRACA. **Lei n  2.424 instituída no dia 22 de Dezembro de 2006**. Dispôs sobre as altera es do perímetro da Zona Urbana do Município de Arapiraca e seus bairros, definindo-os e nomeando-os e adota providencias correlatas. Acessível em: <<http://web.arapiraca.al.gov.br/leis/>> no dia 21/02/2018

ARENDDT, Hannah. **A condi o humana**. 11.ed. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2011.

AZEVEDO, Simone José Sardinha. **Segrega o e oportunidades de acesso aos serviços básicos de saúde em Campinas: vulnerabilidades sociodemográficas no espaço intra-urbano**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de Popula o/Unicamp, 2014

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70  Lisboa: Edi es, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BICHIR, Renata. Segrega o e acesso a políticas públicas no Município de São Paulo. **Disserta o** (Mestrado) - Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2006.

BÓGUS, Lúcia Maria Machado. Segrega es urbanas. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério (org.). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. Coimbra: Almedina, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos Avançados** 27 (79), 2013

BURGESS, Ernest Watson. Residential Segregation in American Cities. **Annals of the American Academy of Political and Social Science, The American Negro**, Vol. 140, pp. 105-115, 1928.

_____. O crescimento da cidade: introdu o a um projeto de pesquisa. In: PIERSON, Donald (Org). **Estudos de Ecologia Humana**. Leituras de Sociologia e Antropologia Social. São Paulo: Martins Fontes, 1948 [1925]. p. 353-368.

BRIGGS, Xavier de Souza. Bridging networks, social capital and racial segregation in America. **Faculty Research Working Paper Series**, John F. Kennedy School of Government. Cambridge-MA, 2003.

_____. **Capital Social and Segregation in the United States.** Albany: Sunny Press, 2005.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidades de Muros: crimes, segregação e cidadania em São Paulo.** 3ª Ed. São Paulo: Editora 34, Edusp, 2011.

CASTELLS, Manuel. **Questão Urbana.** Editora Paz e Terra, São Paulo, 1983.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. **A reprodução da cidade como “negócio”.** In CARLOS, Ana Fani Alessandri, CARRERAS, Carles. **Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole.** São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade.** **GEOUSP – Espaço e Tempo,** São Paulo v. 18 n. 2 p. 472-486, 2014

CARNEIRO, Ana Rita de Sá; MESQUITA, Liana de Barros. **Espaços livres do Recife.** Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/ Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

CHITRAKAR, Rajjan Man. Meaning of public space sense of community: The Case of New Neighbourhoods in the Kathmandu Valley. **Archnet-IJAR,** Volume 10 - Issue 1 - March 2016 - (213-227) – Regular Section.

COOPER, Alan. **The Inmates are Running the Asylum.** SAMS, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito chave na Geografia.** In: CASTRO, Iná Elias (Org.): **Geografia: Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **Espaço Urbano.** 3ª Ed., São Paulo: Editora Ática, 1995a.

COSTA; Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social.** São Paulo: Editora Globo, 2004.

CUNHA, José Marcos Pinto; JAKOB, Alberto Augusto. Segregação Socioespacial e inserção no mercado de trabalho na região metropolitana de Campinas. **Rev. bras. estud. popul.** vol.27 no.1 São Paulo Jan./June 2010.

CRESWELL, Jhon. **Projeto de Pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

DACANAL, Cristiane; RIBEIRO, Bruno; RANCURA, Raquel; LABAKI, Lucia Chebel. Conforto Térmico em Espaços Públicos: Estudo de Caso em Campinas – SP. **Anais do X Encontro Nacional e VI Encontro Latino Americano de Conforto Ambiental Construído.** Natal, 2009.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** 5ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FARLEY, Reynolds. Residential Segregation in Urbanized Areas of the United States in 1970: An Analysis of Social Class and Racial Differences. **Demografy**, v. 14, n. 4, p.4497-518, 1977.

FERRARI, Celson. **Dicionário de Urbanismo**. São Paulo: Disal, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio do século XXI: dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIX, Mariana. **Parceiros da exclusão**. São Paulo: Boitempo, 2001.

FIGUEIREDO, Lucas. **Desurbanismo: um manual rápido de destruição de cidades**. IN: AGUIAR, Douglas; NETTO, Vinicius M. (Orgs). **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012.

FLORES, Carolina. **Consequências da segregação residencial: teoria e métodos**. In: CUNHA, J. M. P. (Org.). **Novas Metrôpoles Paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2006.

FREEMAN, Linton. Segregation in Social Networks. **Sociological Methods & Research**, Vol. 6 No. 4, May 1978.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. 1. ed. São Paulo: Global Editora, 2014.

GALENDER, Fany Cutcher. Considerações sobre a conceituação sobre espaços públicos. **Paisagem e ambiente: ensaios**, n. 4, dez. 1982.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

_____. **A constituição da Sociedade**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Sociologia**. 6ª Ed. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian, 2008a.

GOMES, Marcos Antonio Silvestre; SILVA, Rosineide Nascimento; SILVA, José Claudio dos Santos; SILVA, Thiago Gilney Ferreira. Caracterização e análise dos espaços públicos da cidade de Arapiraca – AL – Brasil. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO v. 6, n. 4 Dez/2012.

GONZALEZ-REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Thomson, 2002.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em Lugares Públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2010.

_____. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUEDES, Zezito. **Arapiraca através do tempo**. Maceió: Gráfica Mastergraphy LTDA, 1999.

GUIA, George Alex; FARIA, Lúcia Cony. Segregação Residencial e reprodução das desigualdades socioespaciais no aglomerado urbano de Brasília. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 12, n. 23, pp. 145-168, jan/jun 2010.

HAJMIRSADEGHI, Reihaneh Sadat; SHAMSUDDIN, Shuhana; LAMIT, Bin Hasanuddin, FOROUGH, Amir. Design's factors influencing social interaction in public squares.

European Online Journal of Natural and Social Sciences vol.2, No.4, pp. 556-564, 2013.

HARVEY, David. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.

_____. Social Justice, Postmodernism and the city. **International Journal of Urban and Regional Research**, 16: 588-601, 1992.

HILLIER, Bill; HANSON, Jullienne. **The social logic of space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HILLIER, Bill; PENN, Alan; HANSON, Juliane; GRAJEWSKI, T.; XU, J. Natural movement: or, configuration and attraction in urban pedestrian movement. **Environment & Planning B**, v. 20, p. 29-66, 1993.

HOLANDA, Frederico. Class footprints in the landscape. **Urban Design Internacional**, n 5, p.189-198, 2000.

_____. **O Espaço de Exceção**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

HUGHES, Pedro Javier Aguerre. Segregação Socioespacial e violência na cidade de São Paulo: referências para a formulação de políticas pública. **São Paulo em Perspectiva**, 18(4) 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese dos indicadores 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. 288 p.

_____. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese dos indicadores 2011**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. 272 p.

_____. (IBGE). **Sinopse do censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2011. 265 p.

KAZTMAN, Rúben. La dimensión espacial en las políticas de la superación de la pobreza urbana. Santiago de Chile: **CEPAL** (Serie Medio Ambiente y Desarrollo), 2003.

KAZTMAN, Rubén; RETAMOSO, Alejandro. Spatial Segregation; Employment and Poverty in Montevideo. **Cepal Review**, n. 85, p.42-125, 2005.

KAZTMAN, Ruben; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. **Metrópoles e Sociabilidade: reflexões sobre os impactos das transformações sócio-territoriais das grandes cidades na**

coesão social dos países da América Latina. São Paulo, Brasil e Santiago do Chile, IFHC/CIEPLAN, 2008.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana.** Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

_____. A pesquisa sobre segregação: conceitos, métodos e medições. **Espaço & Debates**, São Paulo, SP, v. 24, n. 45, p. 87-109, jan./jul.2004.

LAMAS, José Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e desenho da cidade.** 3 ed. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **A Reprodução das relações de produção.** Porto: Edições Escorpião, 1973.

_____. **A produção do espaço.** Tradução: Grupo "As (im) possibilidades do urbano na metrópole contemporânea, do Núcleo de Geografia Urbana da UFMG (do original: La production de l'espace. 4ª ed. Paris: Editions Anthropos, 2000).

_____. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **A Revolução Urbana.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

LEGEBY, Ann; LARS, Marcus. Does the urban structure of Swedish cities inhibit the sharing of public space? **Built Environment**, 37 (2): 155–69, 2011.

LÉVY, Jacques. **O Contato e o Afastamento.** Tournant Géographique: Penser l' espace pour lire le monde (A Virada Geográfica: pensar o espaço para ler o mundo). Paris: Belin, 1999. p. 13-24. Tradução de trabalho de Jaime Tadeu Oliva.

LIMA, Mads. Análise de conteúdo: estudo e aplicação. **Rev Logos**, (1): 53-8, 1993.

LOJKINE, Jean. **O Estado Capitalista e a Questão Urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LUCO, Camilo Arriagada; VIGNOLI, Jorge Rodríguez; Segregación residencial en áreas metropolitanas de América Latina: magnitud, características, evolución e implicaciones de política. **Cepal** (Serie Población y Desarrollo), n. 47, out. 2003.

MARAFON, Glaucio José. Espaço Urbano: A abordagem da Escola de Chicago e da Escola Marxista. **Ciência e Natura**, Santa Maria, 18: 149 - 181, 1996.

MARICATO, Ermínia. **Habitação e Cidade.** In: **Espaço e Debate.** São Paulo: Atual, 1997.

_____. Metrópole, legislação e desigualdade. **Estudos Avançados**, v. 17, p. 151-167, 2003.

_____. **O impasse da Política Urbana no Brasil.** 3ª Ed. Petrópolis-RJ, Vozes, 2014.

MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARCUSE, Peter. Enclaves, sim; guetos, não: a segregação e o Estado. **Espaço e Debates**, v. 24, nº 45, 2004.

MARQUES, Eduardo e BICHIR, Renata. Estado e espaço urbano – Revisitando criticamente as explicações correntes sobre as políticas estatais urbanas: Padrões espaciais de ação estatal na infra-estrutura urbana em São Paulo 1978/1998. **Revista de Sociologia e Política**, n. 15, pp. 9-30, 2001.

MARQUES, Eduardo; BITAR, Sandra. Espaço e grupos sociais na metrópole paulistana. **Novos Estudos Cebrap**, n. 64, pp. 123-131, 2002.

MARQUES, Eduardo. **Elementos conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado**. In: TORRES, Haroldo. (Org.). **São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais**. São Paulo, SP: Editora SENAC São Paulo, 2005.

MARQUES, Eduardo. **Redes Sociais Segregação e Pobreza em São Paulo**. São Paulo: Editora da UNESP, Centro de Estudos da Metrópole, 2010.

MAAS, Lucas Wan der; FARIA, Erick de Oliveria; FERNANDES, Júlia Leite de Carvalho. Segregação Socioespacial e oferta de serviços de saúde na Região Metropolitana de Belo Horizonte em 2010. **Cad. Metrop.** vol.21 no.45 São Paulo May/Aug. 2019.

MASSEY, Douglas; DENTON, Nancy. **American apartheid – segregation and the making of the underclass**. Harvard University Press, 1993.

MCKENZIE, Roderick Duncan. **The Neighborhood: A Study of local life in the city of Columbus, Ohio**. Chicago: The University of Chicago Press, 1923.

_____. O âmbito da ecologia humana. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 2, n. 4, p. 341-353, 2005.

MELLO, Camila Canuto. Direções da Segregação Socioespacial na Região Metropolitana de Campinas: Uma abordagem sociodemográfica a partir dos censos 2000 e 2010. **Dissertação de Mestrado** - apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2013.

NEGRI, Silvio Moisés. Segregação Sócio-Espacial: Alguns Conceitos e Análises. **Coletâneas do Nosso Tempo**, Ano VII, v. 8, nº 8, p. 129-153, 2008.

NETTO, Vinicius. **Cidade & Sociedade: as tramas da prática e seus espaços**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

_____. **A urbanidade como devir do urbano**. IN: AGUIAR, Douglas; NETTO, Vinicius M. (Orgs). **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012.

PARK, Robert. The city: suggestions for the investigation of human behavior in the urban environment. **American Journal of Sociology**, XX, p. 577-612, 1916.

PEPONIS, John. Espaço, Cultura e Desenho Urbano no Modernismo Tardio e Além Dele. In: **Boletim do IAU**, Brasília, UnB, no. 51, 1991.

PETTIGREW, Thomas; TROPP, Linda. How does intergroup contact reduce prejudice? Meta-analytic tests of three mediators. **Eur. J. Soc. Psychol.** 38, 922–934 (2008).

PRÉTECEILLE, Edmond. A construção social da segregação urbana: convergências e divergências. **Espaço e Debates**, v. 24, nº 45, p.11-23, 2004.

PINHEIRO, José Queiroz, ELALI, Gleice; FERNANDES, Odara. **Observando a interação pessoa-ambiente: vestígios ambientais e mapeamento comportamental**. In: Pinheiro, J.Q. & Günther, H. (Orgs.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. (pp.75-104). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

POCHMANN, Márcio. **Mobilidade social no capitalismo e redivisão internacional da classe média**. In: BARTELT, Dawid Danilo (Org.). **A nova classe média no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, p.156-170, 2013.

POESCHEL, Gabriele; MÚRIAS, Cláudia; RIBEIRO, Raquel. As diferenças entre os sexos: mito ou realidade. **Análise Psicológica**, 2 (XXI), p.213-228, 2003.

RHEINGANTZ, Paulo A.; AZEVEDO, Giselle; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise de; QUEIROZ, Mônica. **Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU-UFRJ, 2009 [livro eletrônico].

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. **Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1997.

_____. Segregação residencial e políticas públicas: análise do espaço da cidade na gestão do território. In: RASSI, Elias Neto; BÓGUS, Cláudia Maria. (org.). **Saúde nos aglomerados urbanos: uma visão integrada**. Brasília: OPAS, série técnica 3, p.155-182, 2003.

ROITMAN, Sonia. Barrios cerrados y segregación social urbana. **Scripta Nova Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, vol. VII, núm. 146(118), ago. 2003.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Desigualdades Socioespaciais – A luta pelo direito à cidade. **CIDADES**, v. 4, n. 6, 2007, p. 73-88.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Editora Nobel, 1989.

_____. **O que é a cidade**. 3. ed. Editora brasiliense, 1994.

_____. **O lazer humaniza o espaço urbano**. In: SESC SP. (Org.). **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.

_____. **Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças.** São Paulo: Boitempo, 2015.

OLIVEIRA, Reinaldo José de Oliveira; OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Origens da Segregação Racial no Brasil. *Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers, ALHIM*, 2015.

SABATINI, Francisco. Reforma de los Mercados de Suelo en Santiago, Chile: efectos sobre los precios de la tierra y la segregación residencial. **Revista Eure**, Santiago, vol. 26, n. 77, mai. 1998.

SABOYA, Renato Tibiriçá; REIS, Almir; BUENO, Airton. Caracterização da estrutura configuracional da área conurbada de Florianópolis. **Oculum Ensaios**, v. 13, n. 1, p. 129–152, 2016.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

_____. **Espaço e Sociedade.** Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **A Natureza do Espaço.** São Paulo: Editora da USP, 1996.

_____. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a Geografia Crítica.** São Paulo: Editora da USP, 2002.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** São Paulo: Editora da USP, 2008.

SAVOIA, Mariângela Gentil. **Psicologia social.** São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

SENNET, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias das intimidades.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2007.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006 [ed. Original 1917].

_____. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, Out. 2005. [texto Original 1903].

SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOUZA, Jessé (Org). **A invisibilidade da desigualdade brasileira.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SUGAI, Maria Inês. **Segregação silenciosa: investimentos públicos e dinâmica socioespacial na área conurbada de Florianópolis (1970- 2000).** Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

VARGAS, João H. Costa. Apartheid brasileiro: raça e segregação residencial no Rio de Janeiro. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, V. 48 N° 1, 2005.

VAUGHAN, Laura; ARBACI, Sonia. The Challenges of Understanding Urban Segregation. **Built Environment**, 37(2), 128-138, 2011.

VETTER, David; MASSENA, Rosa Maria. Quem se apropria dos benefícios líquidos dos investimentos do Estado em infra-estrutura? Uma teoria de causação circular. In: MACHADO DA SILVA, L. (Org). **Solo Urbano: tópicos sobre o uso da terra**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1981.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

_____. **Reflexões sobre as cidades brasileiras**. São Paulo, SP: Studio Nobel, 2012.

ZAKARIYA, Khalilah; HARUN, Nor Zalina; MANSOR, Mazlina. Spatial Characteristics of Urban Square and Sociability: A review of the City Square, Melbourne. **Procedia - Social and Behavioral Sciences** 153, 678 – 688, 2014.

ZECHIN, Patrick Di Almeida Vieira. Sobre a dimensão espacial da desigualdade socioeconômica urbana: um estudo sobre cinco cidades brasileiras. **Tese de Doutorado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Brasília – DF, 2014.

ZEISEL, John. **Inquiry by Design**. Monterey: Brooks/Cole Publishing Company, 1981.

Figuras da capa do Método

FIGURA 1: IBGE CIDADES, disponível em:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/arapiraca/panorama>> | Acesso em Dezembro de 2018.

FIGURA 2: IBGE CIDADES, disponível em:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/arapiraca/panorama>> | Acesso em Dezembro de 2018.

FIGURA 3: BLOG PESSOAL | disponível em: <<http://ricardonezinho.com.br/a-historia-de-arapiraca/>> Acesso em Dezembro 2018.

FIGURA 4: PREFEITURA DE ARAPIRACA, disponível em:
<<http://web.arapiraca.al.gov.br/a-cidade/dados-gerais/>> | Acesso em Dezembro de 2018

FIGURA 5: PREFEITURA DE ARAPIRACA, disponível em:
<<http://web.arapiraca.al.gov.br/a-cidade/dados-gerais/>> | Acesso em Dezembro de 2018.

APÊNDICE 1 – TABELA CONTAGEM DE PEDESTRES

TABELA PARA CONTAGEM DE PEDESTRES

Esta tabela foi desenvolvida para o procedimento de contagem de pedestres oriundos da investigação da Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina da Discente Laini de Souza Santos sob orientação do Professor Dr. Renato de Tibiriçá Saboya.

PRAÇA: _____			
DIA: _____		PONTO: _____	
Horário	Fluxo 1	Fluxo 2	Total
07:00			
08:00			
09:00			
10:00			
11:00			
12:00			
13:00			
14:00			
15:00			
16:00			
17:00			
18:00			
OBSERVAÇÕES:			
Responsável: _____			

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIOS

QUESTIONÁRIOS

Este questionário enquadra-se na investigação da Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina da Discente Laini de Souza Santos sob orientação do Professor Dr. Renato de Tibiriçá Saboya. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos, sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual. Não existem respostas certas ou erradas, por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera todas as questões. Obrigado pela sua colaboração.

1 - Gênero: Feminino Masculino

2 - Idade: _____

3 - Estado Civil: Solteiro (a) Casado (a) Divorciado (a) Viúvo (a) União Estável

4 - Profissão: _____

5 - Escolaridade: Nunca Frequentou Ensino Básico Incompleto Ensino Básico Completo Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo Ensino Superior Incompleto Ensino Superior Completo.

6 - Local de residência: Neste mesmo Bairro Outros _____

7 - Como chegou a essa praça: A pé Bicicleta Moto Carro Transporte Público Outros:

8 - O que faz você usar essa praça: Família Amigos Trabalho Educação Alimentação Religião Relacionamentos Lazer/Descansar Passar tempo Ver pessoas Conversar Não uso esse espaço Outros: _____

9 - Você já deixou de usar essa praça? Não Sim, por quê? _____

10 - Pessoas de outros bairros utilizam essa praça: Sim Não Não sei dizer

11 - Você conversa com alguém de outros bairros que utilizam essa praça: Sim Não, por quê?

12 - Qual a relação que você estabelece com essas pessoas: Nenhuma Conversa De vizinhança Dar informação Cumprimentos De Amizade Outras: _____

13 - Como essas pessoas de outros bairros utilizam essa praça? Família Amigos Trabalho Educação Alimentação Religião Relacionamentos Lazer/Descansar Passar tempo Ver pessoas Conversar Não uso esse espaço Outros

APÊNDICE 3 – TABELA PARA MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL

TABELA PARA MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL

Esta tabela foi desenvolvida para o procedimento de Mapeamento Comportamental centrado no espaço da investigação da Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina da Discente Laini de Souza Santos sob orientação do Professor Dr. Renato de Tibiriçá Saboya.

PRAÇA:			
DIA:	HORÁRIO:		
COMPORTAMENTO	PONTO DE OBSERVAÇÃO		
	1	2	3
	SETOR		
	PERMANÊNCIA PROLONGADA	ESPERA	PASSAGEM
Mulher sozinha			
Mulher acompanhada conversando			
Homem sozinho			
Homem acompanhado conversando			
OBSERVAÇÕES			
Responsável:			

APÊNDICE 4 – TCL ROTINIZAÇÕES

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO PARA REALIZAÇÃO DAS ROTINIZAÇÕES

Este procedimento enquadra-se na investigação da Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina da Discente Laini de Souza Santos sob orientação do Professor Dr. Renato de Tibiriçá Saboya. Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados serão divulgados em eventos e/ou revistas científicas. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo com seus dados pessoais. Os pesquisadores se comprometem em orientá-lo(a) e encaminhá-lo(a) para profissionais especializados em caso de ser identificado algum sinal de desconforto psicológico da sua participação na pesquisa. A qualquer momento você pode se recusar a responder qualquer pergunta ou interromper a participação e retirar seu consentimento, sem penalização alguma.

Eu _____, declaro ter sido informado (a) sobre o presente procedimento da pesquisa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina da Discente Laini de Souza Santos sob orientação do Professor Dr. Renato de Tibiriçá Saboya. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, e que posso abandonar minha participação a qualquer momento e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

_____ Data: ____ / ____ / ____
Assinatura do Participante

APÊNDICE 5 – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

PROJETO APROVADO PELO COMITÊ DE ÉTICA - UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A invisibilidade do outro: a restrição do contato na apropriação de espaços públicos entre indivíduos diferentes na cidade de Arapiraca-AL

Pesquisador: Renato Tibiriçá de Saboya

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 05667518.7.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.167.345

Apresentação do Projeto:

O projeto de Pesquisa intitulado “A invisibilidade do outro: a restrição do contato na apropriação de espaços públicos entre indivíduos diferentes na cidade de Arapiraca-AL” trata-se de uma pesquisa de mestrado de Laini de Souza Santos sob orientação de Renato Tibiriçá Saboya do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) da UFSC. Propõe um estudo qualitativo com procedimento metodológico de entrevistas semiestruturadas com usuários de dois espaços públicos (Praças), localizadas em dois bairros na Zona Urbana da cidade de Arapiraca, no estado de Alagoas. Pretende-se entrevistar 20 sujeitos em cada praça, totalizando cerca de 40 usuários. Esses, por sua vez, serão distribuídos entre homens e mulheres com idades acima de 18 anos e serão captados a partir da sua disponibilidade e frequência de uso em cada espaço.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar a relação entre segregação socioespacial e forma urbana a partir dos seus efeitos na restrição do contato entre grupos socioeconômicos diferentes, considerando os padrões de copresença em espaços públicos.

Objetivo Secundário:

- Identificar os atributos espaciais que influenciam na copresença dos espaços públicos estudados;

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401

Bairro: Trindade

CEP: 88.040-400

UF: SC

Município: FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3721-6094

E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 3.167.345

- Analisar a influência da copresença na interação social;
- Verificar se ocorre interação social entre diferentes nos espaços públicos

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde

Benefícios:

Ao participar desta pesquisa o participante não terá nenhum benefício direto, entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o avanço no conhecimento das relações sociais estabelecidas e moldadas no próprio espaço. Logo, os pesquisadores se comprometem em divulgar os resultados obtidos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta clareza na definição de sua problemática e delineamento metodológico pertinente ao problema definido. Apresenta também um roteiro guia para o entrevistador realizar as entrevistas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1- O projeto submetido não apresenta Carta de anuência e não há mesmo necessidade pois os sujeitos serão selecionados nos dois espaços públicos (Praças).
- 2- Folha de Rosto assinada tanto pelo pesquisador Renato Tibiriçá Saboya bem como pelo do coordenador do PPGArq Michele Fossati – com carimbo.
- 3- TCLE: Está bem elaborado e contém os pontos obrigatórios.

Recomendações:

- 1- Incluir os Objetivos Secundários no sistema pois somente encontram-se no projeto.
- 2- O TCLE está bem elaborado e contém os pontos obrigatórios. Sugerimos ainda incluir os benefícios da pesquisa para a sociedade como um todo (produção de conhecimento) mesmo que não haja benefício direto para os participantes.
- 3- Sugerimos a ampliação da análise de riscos, particularmente no TCLE, de modo a incluir:

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 3.167.345

- cansaço ou aborrecimento ao responder questionários;
- constrangimento ao se expor durante a realização de testes de qualquer natureza;
- desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo;
- alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização sobre uma condição física ou psicológica restritiva ou incapacitante;
- alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade, divisão de trabalho familiar, satisfação profissional etc.

Há um risco, entretanto, que é comum a todas as pesquisas com seres humanos: o risco de quebra de sigilo. Obviamente, os pesquisadores sempre garantem o sigilo e fazem tudo ao seu alcance para mantê-lo, mas como a mídia nos lembra, até governos de grandes potências têm seus sigilos quebrados.

Desse modo, a quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional, é um risco que deve sempre ser reconhecido e informado ao participante no TCLE. Vale lembrar que a legislação inclui uma cláusula genérica sobre indenizações a que o participante pode achar-se no direito de receber por compensação de danos materiais ou morais decorrentes da pesquisa, inclusive relacionados à quebra de sigilo. Deixá-lo expressamente ciente desse risco no TCLE é, portanto, importante também para a proteção do pesquisador.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1276500.pdf	11/01/2019 17:26:07		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Laini.docx	11/01/2019 17:25:39	LAINI DE SOUZA SANTOS	Aceito

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 3.167.345

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TC_Laini.docx	11/01/2019 17:25:20	LAINI DE SOUZA SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto_assinada.pdf	19/12/2018 19:46:55	LAINI DE SOUZA SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 25 de Fevereiro de 2019

Assinado por:
Nelson Canzian da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

APÊNDICE 6 – ROTEIRO ENTREVISTAS

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

Bairro de Residência:

Frequência de uso na praça:

Qual transporte chegou à praça:

O que faz usar a praça:

O fato de ter outras pessoas na praça te deixa seguro para realizar suas atividades?

Tem alguém diferente que frequenta essa praça? Por que ele é diferente?

Por que você fica mais nesse espaço e não em outra parte?

Você evita algum espaço da praça, se sim por quê? Se evita, tem outras pessoas nele? Quem são elas?

Você conversa com alguém aqui na praça? Se a resposta for NÃO, por quê?

Essas pessoas são de outros bairros?

Qual a relação que você estabelece com essas pessoas?

Suas condições socioeconômicas interferem nessa relação? Como?

APÊNDICE 7– TCL ENTREVISTAS

TERMO DE ESCLARECIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ENTREVISTAS

O TCLE respeita as resoluções 466/2012

A(o) Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: A invisibilidade do outro: a restrição do contato na apropriação de espaços públicos entre indivíduos diferentes na cidade de Arapiraca-AL, tendo como objetivo investigar a relação entre segregação socioespacial e forma urbana a partir dos seus efeitos na restrição do contato entre grupos socioeconômicos diferentes, considerando os padrões de copresença em espaços públicos. A pesquisa é integrada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e terá duração de 3 meses, com o término previsto para Maio de 2019.

A sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista. A entrevista apresentará perguntas abertas sobre sua idade, gênero, estado civil, profissão, escolaridade, local de residência, meio de transporte utilizado para chegar ao local que se encontra, as formas de utilização da praça, se estabelece algum contato social com mais algum usuário da praça, que tipo de contato é esse, formas de permanência na praça e a evitação de determinados espaços da praça. As respostas serão gravadas para posterior transcrição, que serão guardadas por cinco (05) anos e serão posteriormente eliminadas.

Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados serão divulgados em eventos e/ou revistas científicas. A(o) Sr(a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo. A(o) Sr(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Salientamos que suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome ou qualquer uma das empresas que seja mencionado, em qualquer fase do estudo. Os pesquisadores procurarão manter o sigilo em relação à identificação das pessoas entrevistadas, contudo, considerando que se trata de pesquisas com seres humanos, existe a possibilidade remota de quebra de sigilo, mesmo que involuntário e não intencional em relação às informações prestadas. Em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa será garantido seu direito de indenização ou restituição, a partir de recursos próprios dos pesquisadores, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada.

O possível risco que a pesquisa poderá trazer a(o) Sr(a) é haver cansaço, aborrecimento ou desconforto cansaço ou aborrecimento ao responder questionários; constrangimento ao se expor durante a realização de testes de qualquer natureza; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização sobre uma condição física ou psicológica restritiva ou incapacitante; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade, divisão de trabalho familiar, satisfação profissional etc. Os pesquisadores se comprometem em orientá-lo(a) e encaminhá-lo(a) para profissionais especializados em caso de ser identificado algum desses sinais. A qualquer momento você pode se recusar a responder qualquer pergunta ou interromper a participação e retirar seu consentimento, sem penalização alguma. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador, como também na instituição que trabalha.

Este documento foi elaborado em duas vias. A(o) Sr(a) receberá uma delas, onde consta o contato/e-mail do pesquisador responsável e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Todos os pesquisadores, além de assinarem esse documento, comprometem-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

A(o) Sr(a) poderá entrar em contato com o pesquisador principal pelo telefone (48) 3721-9797, email: rtsaboya@gmail.com - endereço profissional: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Centro Tecnológico (CTC), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ), Bairro Trindade, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

A(o) Sr(a) também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, órgão responsável por defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade dos padrões éticos. O telefone é: (48) 3721-6094, e-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br ou pessoalmente na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400, Prédio Reitoria II.

Desde já agradecemos sua colaboração!

Profº Dr. Renato Tibiriçá de Saboya
Pesquisador Responsável:
E-mail: rtsaboya@gmail.com
Tel.: (48) 3721-9797

Laini de Souza Santos
Pesquisadora
E-mail: laine.souza20@gmail.com
Tel.: (82) 9 9842 1461

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Arapiraca - AL, ____ de _____ de 2019.

Participante da Pesquisa: _____

Documento de Identidade: _____

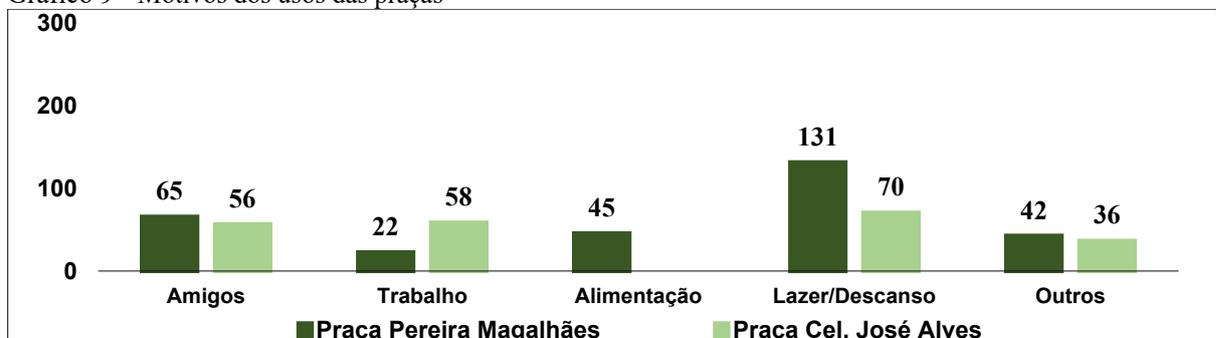
APÊNDICE 8 – RESULTADO DOS QUESTIONÁRIOS

RESULTADO DOS QUESTIONÁRIOS

Após o reconhecimento desses usuários, buscamos entender os motivos de utilizarem as praças, pois queremos entender as relações entre os usos internos e externos dos espaços; se já deixaram de frequentá-las por razões específicas quando queriam se apropriar, para saber se há algum tipo de restrição por motivos mais comuns de uso; e se reconhecem ou sabem de pessoas de bairros diferentes que utilizam as praças, para interpretar as possíveis relações com outros indivíduos e se esses são diferentes. Sobre a pergunta se já deixaram de usar a praça por algum motivo específico, as respostas foram unânimes no item não, nas duas praças; e se sabem se há pessoas de outros bairros que utilizam as praças, todos responderam que sim, já que há sempre pessoas no espaço, e provavelmente pertencem a outros bairros

O **Gráfico 9** apresenta as principais razões de usos das praças. Há diferenças entre os dois espaços no item alimentação, isso porque a praça Pereira Magalhães tem o uso de quiosques em seu interior, como já mencionamos, então, a resposta em utilizar a praça para lanches rápidos se sobressaiu de forma acentuada, por ambos os perfis, o que leva ainda ao item trabalho, pois os sujeitos que responderam sobre essa atividade, são os donos e trabalhadores dos quiosques. Podemos ver também a semelhança na apropriação dos dois espaços por motivos de encontrar amigos, lazer e descanso. O item outros equivale a atividades como: família, religião, estudos, relacionamentos, conversar, ver pessoas, mas foram mencionados poucas vezes.

Gráfico 9 - Motivos dos usos das praças



Analisando os usos de forma separada em cada praça, identificamos que a praça Pereira Magalhães apresenta características interessantes que facilitam a presença de pessoas

durante todo o dia, como por exemplo, equipamentos de alimentação, descanso e lazer. No entanto, quando cruzamos as respostas sobre esses usos com a localização dos sujeitos que os citaram, percebemos que são usuários do próprio bairro ou vizinhos, pois embora seu interior e entorno apresentem uma distribuição considerável de atividades, estas estão voltadas ao público local e raramente possibilitam a presença de indivíduos em condições sociais diferenciadas para atividades do dia a dia.

Outro item importante, mas com pouca influência de contatos diferenciados é o uso educacional, pois os usuários oriundos desse uso que se apropriam da praça, são apenas estudantes de origem de bairros ou comunidades rurais estigmatizados, em situações socioeconômicas iguais ou até mesmo menores que as encontradas no próprio bairro Cacimbas, isto é, são usuários com características homogêneas para estabelecimento de contatos.

Já na praça Cel. José de Farias a presença de um brinquedo infantil e as árvores foram itens indicados como um dos principais responsáveis pelo uso da praça, na questão de lazer e descanso, sobretudo por mães que levam as crianças para passar tempo no período da tarde. Claramente, essa atividade é realizada por usuários locais. Todavia, a distribuição de usos com características mais gerais no entorno da praça possibilita uma presença diferenciada de usuários ao longo do dia, como exemplo, tem-se os profissionais do hospital particular, empresas privadas e conselhos profissionais, fato que o item trabalho foi um dos mais indicados entre as atividades realizadas na praça, pois apesar dos participantes não estarem em momentos de trabalho, não entendiam a estadia como um momento de lazer, apenas como uma pequena pausa de serviço. Esses trabalhadores ocupam diversas profissões da área da saúde, direito, arquitetura, administração e educação, e residem em distintos bairros caracterizados com as maiores rendas da cidade, como por exemplo, o bairro Itapuã, Verdes Campos, São Luiz e Brasília. Outro destaque vem do estádio municipal que proporciona encontros entre visitantes de toda a cidade, assim como cidades vizinhas, pois a praça é citada como ponto de referência antes da ida direta para o local.

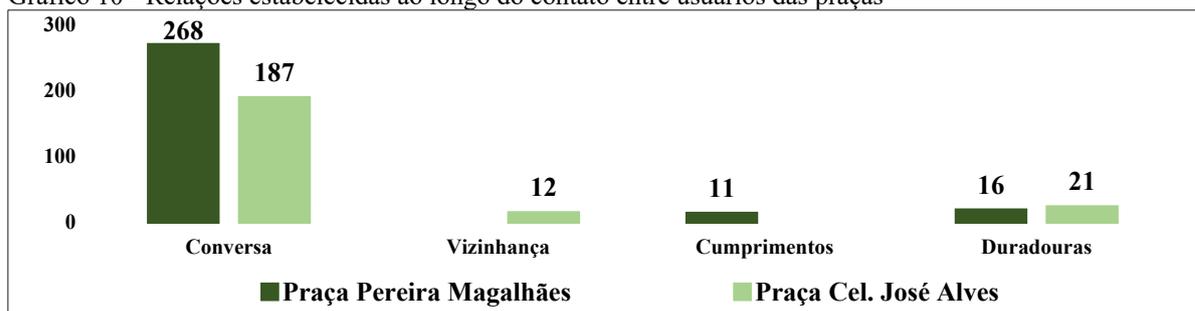
Essas constatações implicam que os usos internos e externos (do solo) interferem diretamente na apropriação das praças, e por esses conseguimos interpretar que há indivíduos mais diferenciados em níveis sociais e econômicos na praça Cel. José Alves, embora apresente uma pequena disposição desses, quando comparamos com a praça Pereira Magalhães.

Com esse entendimento posto, analisamos as últimas quatro perguntas que buscaram identificar as relações que os usuários de cada praça estabelecem com os outros que também estão utilizando o espaço, a partir de questões como se conversa com alguém, que tipo de conversa é essa e, o que os outros estão fazendo quando estão conversando.

Sobre a primeira pergunta, na praça Pereira Magalhães, encontramos que a população feminina respondeu sim, de forma geral, já a amostra masculina informou não conversar com pessoas, além das suas conhecidas, sendo que os motivos geralmente dizem respeito ao pouco tempo disponível na praça, por estarem em condições de trabalho, serem mais introvertidos ou não encontrarem abertura suficiente para manter o contato, sobretudo com as mulheres. Um exemplo específico desse último caso foi dado por um estudante que enquanto esperava sua irmã sair do colégio, tentou conversar com uma das meninas que estudava com ela para saber se a irmã já tinha saído também, mas ela se retirou do espaço sem responder a informação. Há ressalvas nesse argumento, já que pode haver outros fatores envolvendo os dois indivíduos, mesmo assim, nos ajuda a ilustrar a restrição proposta por Goffman (2010) chamada de contorção final, em que uma pessoa da conversa se retira ou utiliza acessórios para evitar responder a outra pessoa. Já na praça Cel. José Alves todas as respostas indicaram que, em algum momento, já houve ou há o estabelecimento de alguma relação com outros que utilizam a praça.

Para averiguar o envolvimento nas relações entre os que responderam que já tiveram contato com outros, criamos categorias para indicar os tipos dessas ligações, como: apenas conversa, apenas cumprimentos, relação de vizinha, relações duradouras, como namoro ou amizade, ou se não há nenhuma relação além do contato por algum motivo específico. O **Gráfico 10** apresenta a correspondência entre as praças estudadas.

Gráfico 10 - Relações estabelecidas ao longo do contato entre usuários das praças

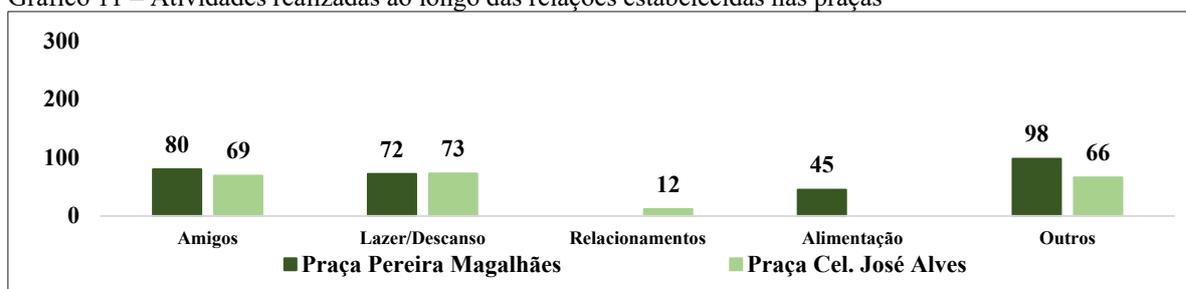


Por ele, percebemos que as relações da praça Pereira Magalhães dificilmente se estendem para envolvimento mais duradouros, geralmente fica apenas em conversas, ou cumprimentos cotidianos. Já as respostas da praça Cel. José Alves nos remetem a um posicionamento semelhante ao que foi encontrado na praça Pereira Magalhães, no entanto, há uma maior predisposição para o envolvimento entre relações duradouras. Um fato importante

extraído desse quesito foi que a população masculina destacou a influência da praça para fortalecer as relações já constituídas, especialmente entre os aposentados.

Sobre as atividades que os outros indivíduos fazem na praça durante as relações estabelecidas, o **Gráfico 11** consegue explicar a relação entre as duas praças. Percebemos que o item alimentação, na praça Pereira Magalhães, é um dos principais usos para se desenvolver contato com outras pessoas, pois os itens referentes a amigos e lazer/descanso, geralmente difundem apenas das relações já estabelecidas. Na praça Cel. José Alves, a maioria dos participantes responderam que estão em algum momento de lazer, entre amigos, ou que não sabiam. No item outros apareceram em baixa frequência os usos de trabalho, religião, conversar, ver pessoas, educação.

Gráfico 11 – Atividades realizadas ao longo das relações estabelecidas nas praças



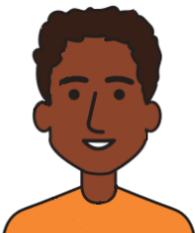
No geral, os dados sugerem uma semelhança entre o perfil dos usuários das duas praças, mas considerando os usuários que aparecem em menos números, a praça Cel. José de Farias, apresenta uma maior diversidade quando comparada com a praça Pereira Magalhães. São usuários com rendas diferenciadas, nível educacional maior, que residem nos mais distintos bairros da cidade e segundo eles todos abertos a contato. Enquanto na praça Pereira Magalhães raramente aparecem indivíduos de bairros mais consolidados economicamente, sendo que alguns usuários não se sentem confortáveis em manter qualquer tipo de contato com outros que compartilham do mesmo espaço.

APÊNDICE 9 – RESULTADO DAS ROTINIZAÇÕES

RESULTADOS ROTINIZAÇÕES

A segunda fase da etapa qualitativa, porém concernente às análises da relações e restrições de contato, se deu com a realização de rotinizações com usuários das duas praças para identificarmos como as rotinas sociais de cada um se conformam a partir dos espaços estudados e, sobretudo, identificar sua influência na constituição das relações sociais de contato, ou em sua ausência. Em cada praça conseguimos realizar duas rotinizações com indivíduos de gêneros diferentes. Para apresentação dos resultados, transformamos os participantes em personas, a fim de manter o sigilo das suas informações pessoais, sem descaracterizar a essência do que foi coletado. Esse procedimento se iniciou na praça Cel. José Alves. O **Quadro 3** apresenta os perfis dos dois rotinizados desse espaço.

Quadro 3 - Personas das rotinizações da praça Cel. José Alves

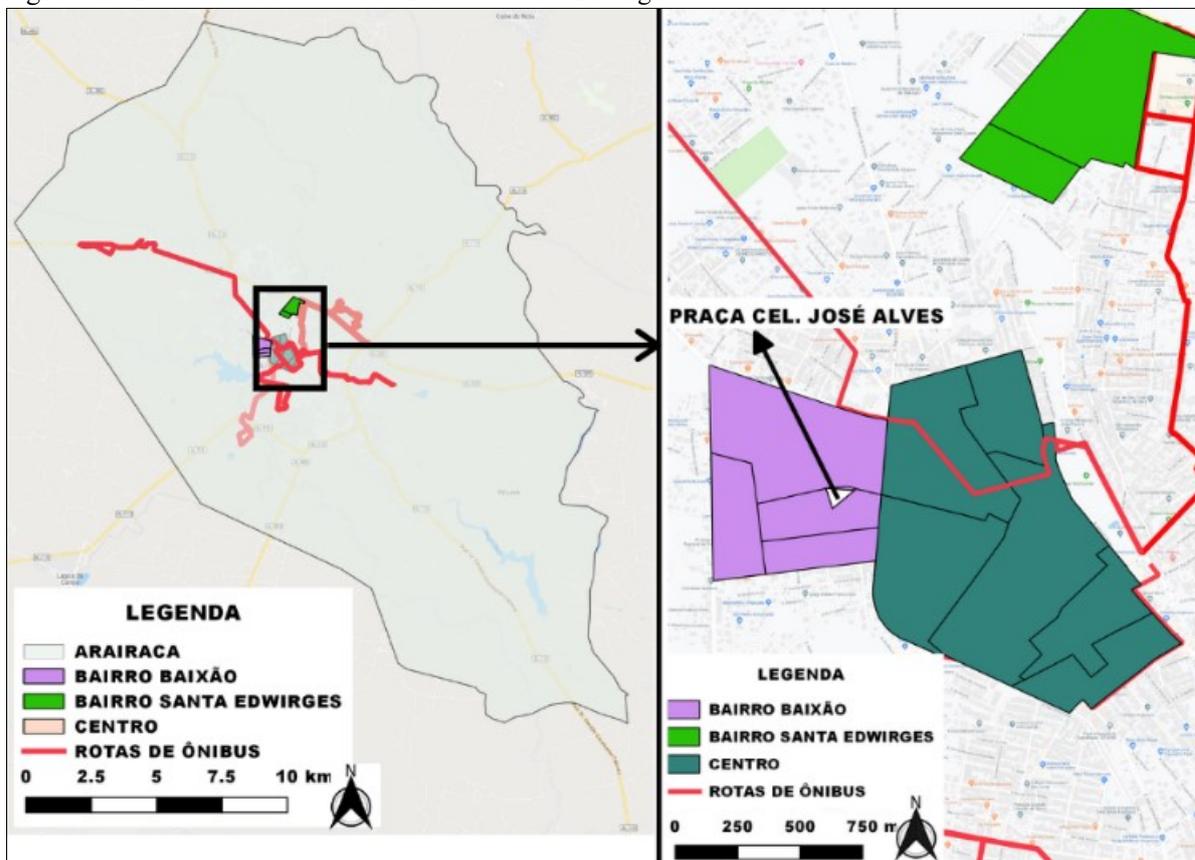
PRAÇA CEL. JOSÉ ALVES	
	<p>NOME: Paulo Gomes IDADE: 38 anos RESIDÊNCIA: entre o bairro Cavaco e Baixão ESCOLARIDADE: Superior Completo PROFISSÃO: Administrador/Funcionário Público CLASSE SOCIAL: Média/Alta FREQUÊNCIA DE USO NA PRAÇA: Média MOTIVO DE USO: Saúde/Espera transporte</p>
	<p>NOME: Luciana Pereira IDADE: 21 anos RESIDÊNCIA: bairro Baixão ESCOLARIDADE: Ensino Superior Incompleto PROFISSÃO: Estudante CLASSE SOCIAL: Média FREQUÊNCIA DE USO NA PRAÇA: Alta MOTIVO DE USO: Educação/Espera transporte</p>

Fonte: Ícones (<https://www.canva.com/>) | Acesso em Maio de 2019

O primeiro a participar do procedimento foi o homem identificado como Paulo Gomes. Ele mora na Avenida Ventura de Farias, do bairro Cavaco, mas ele entende que sua casa se localiza ainda no bairro Baixão, pois a rua divide os dois bairros. É administrador, mas trabalha como funcionário público na Justiça Federal, localizada no bairro Santa Edwiges, a 4km de sua residência. A **Figura 42** apresenta a relação de distância desses bairros. Ele atualmente utiliza a praça Cel. José Alves três vezes na semana, porque está fazendo um tratamento médico no hospital que se localiza no entorno. Ele chega de automóvel próprio, juntamente com a esposa que o deixa no hospital. Ao sair do procedimento, que demora em torno de 30 a 45 min, ele

espera a esposa para levá-lo ao trabalho da praça. Segundo ele, o tempo de espera raramente ultrapassa 15 min.

Figura 42 - Distância entre os bairro Baixão e Santa Edwirges

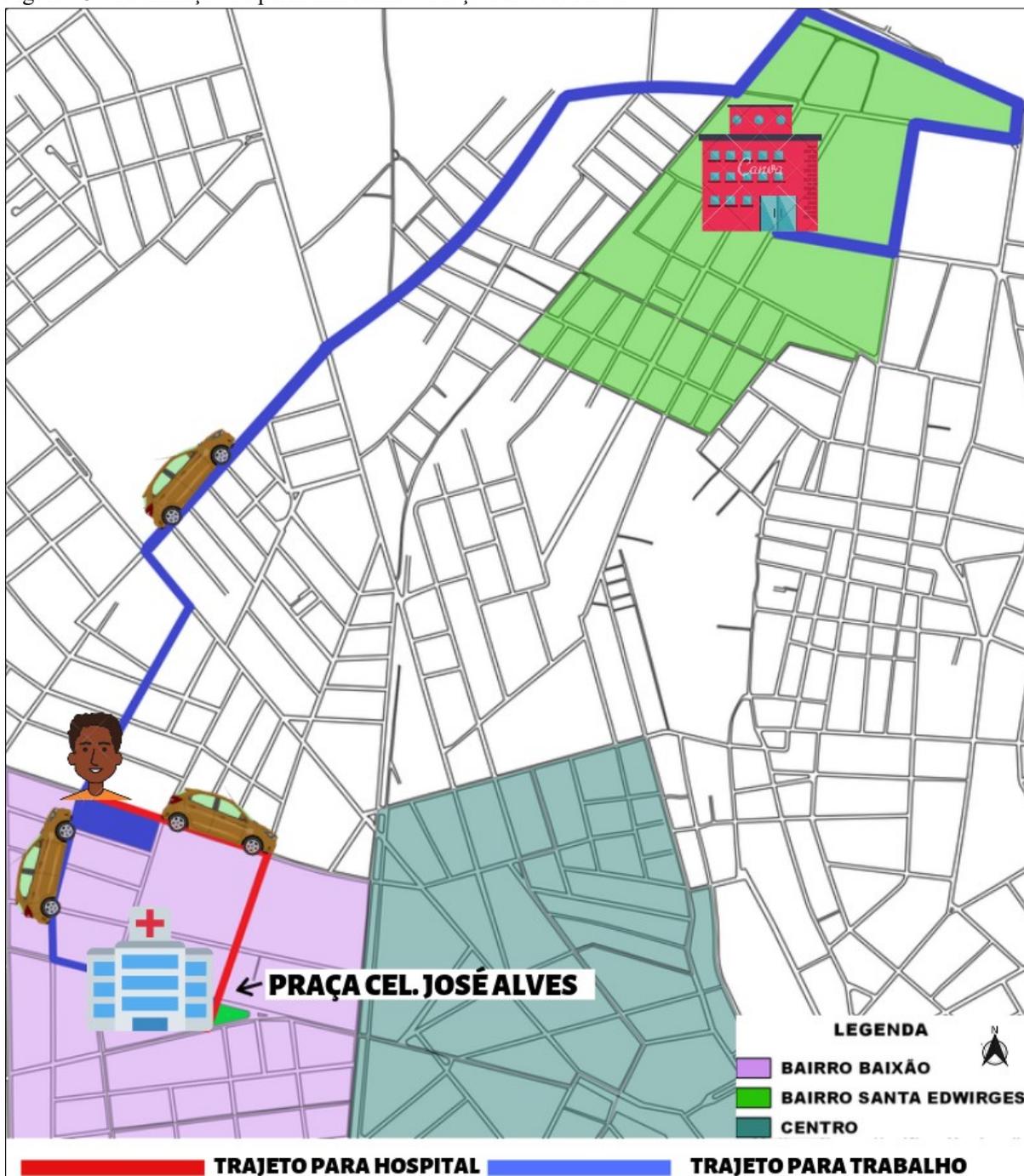


Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010)

A rotinização com Paulo se iniciou às 07h06min do dia 25 de Fevereiro, quando nos encontramos em frente à sua casa. Vamos de carro, conduzido pela esposa até o hospital. Paulo entra no carro ainda dentro da garagem e não tem nenhum contato com algum vizinho ou pessoa que está do lado exterior. A casa se localiza a 800 metros do hospital. No percurso ele conversa com a esposa sobre coisas rotineiras da relação. Quando chega no hospital, às 07h01min ele desce, se despede da esposa e adentra na instituição sem manter contato com ninguém de fora. A esposa retorna para casa e fica na expectativa de receber a ligação para o retorno do marido. Paulo demora 38 minutos dentro do hospital. Ao sair um moto taxista pergunta se ele precisa do serviço, mas ele responde que não e agradece, depois vai direto para a praça e já começa a pegar o telefone para ligar para a esposa. Senta-se em um banco da praça, do lado da rua Marechal Floriano Peixoto e não conversa com ninguém (há mais 2 homens em um outro banco e 3 mulheres na calçada). Liga para a esposa e ela vem ao seu encontro. Do lado dele há alguns estudantes, considerados crianças que estão em cima das árvores que fica no setor que ele está.

Ele pergunta aos meninos por que não estão na escola. Os meninos se olham mas não falam nada. Pouco tempo depois a esposa chega e ele vai para o carro. Entra no carro às 08h06min e segue para o trabalho. A **Figura 43** esquematiza esse processo.

Figura 43 - Rotinização do perfil masculino – Praça Cel. José Alves

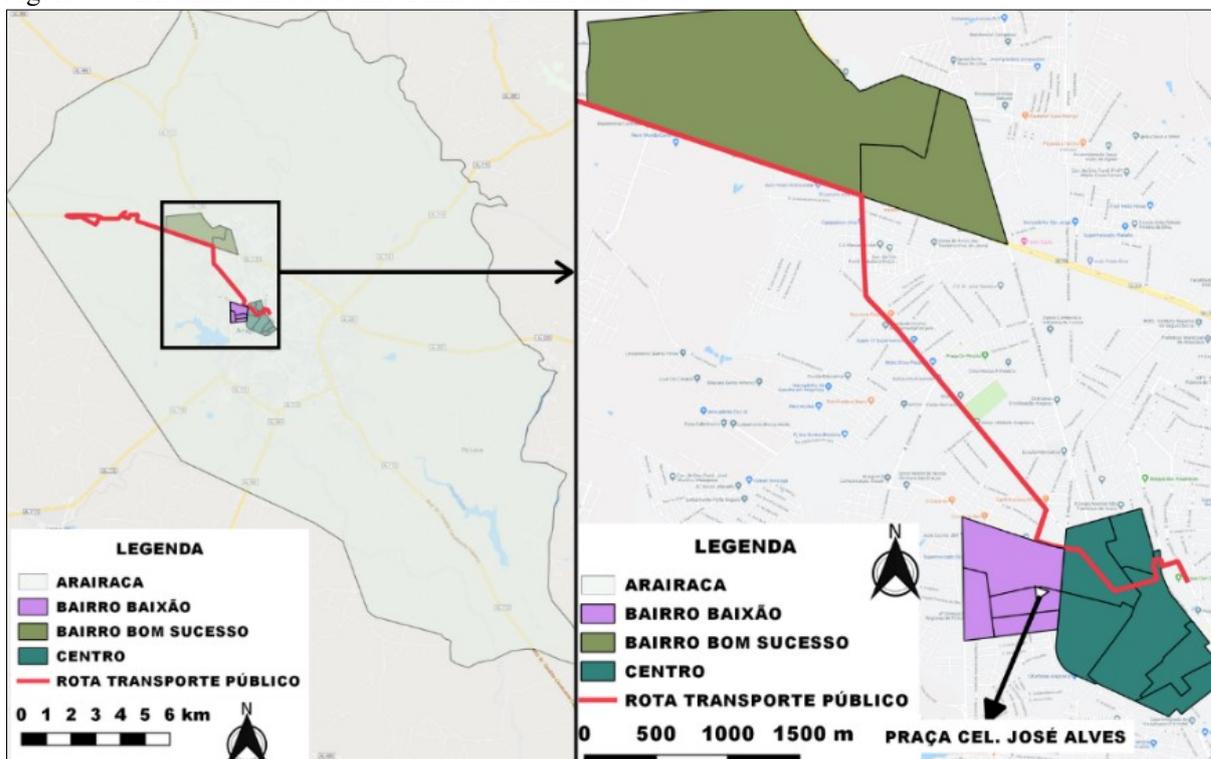


Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010) - Ícones (<https://www.canva.com/>) | Acesso em Maio de 2019.

Já o perfil feminino rotinizado foi caracterizado como Luciana Pereira. Ela tem 21 anos, mora na rua Benvinda Leão do bairro Baixão, que fica a 200 metros de sua residência.

Luciana não trabalha, apenas estuda na Universidade Federal do estado, que se localiza no bairro Bom Sucesso, a 7 Km de distância da sua residência. A **Figura 44** apresenta a relação de distância desses bairros.

Figura 44 - Distância entre os bairro Baixão e Bom Sucesso

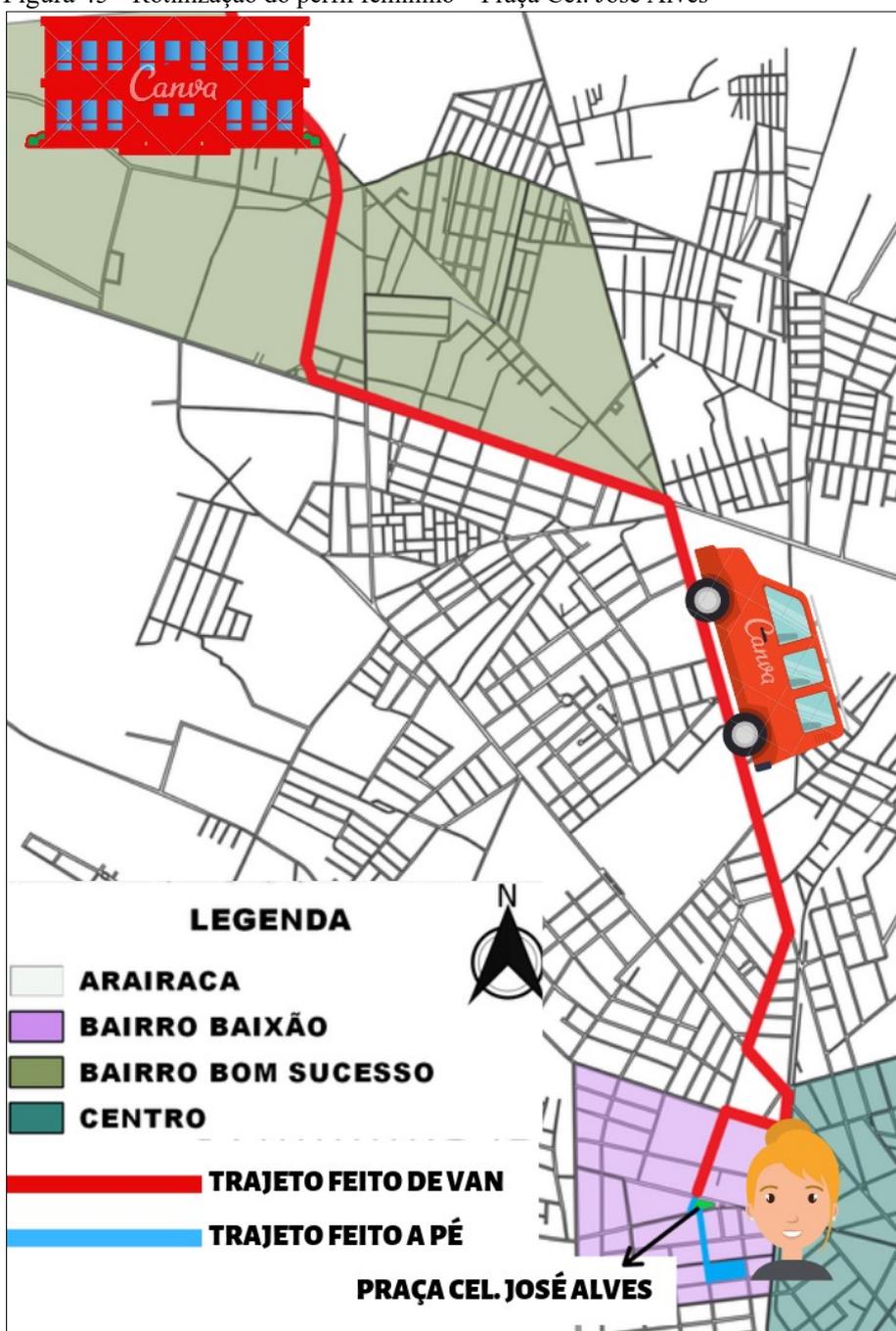


Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010)

Ela utiliza a praça diariamente para espera do transporte complementar que a leva para a instituição. A rotina de Luciana iniciou-se às 07h do dia 26 de Fevereiro, quando nos encontramos em sua residência. Ela conhece alguns vizinhos do entorno, ao passar por eles cumprimenta duas mulheres com bom dia, mas não para. Ela sempre transita pela Rua Padre Américo, segundo ela se tornou um hábito porque é mais segura. Nesta mesma rua ela encontra um tio que para e pergunta sobre os pais. Ela responde e conversam rapidamente sobre assuntos familiares, mas logo se despedem e ela continua o trajeto. Chega à praça às 07h09min e vai para a calçada da rua Santos Dumont pelo interior da praça. Se posiciona na calçada e observa se algum transporte se aproxima. Não vai de ônibus porque demora ou precisa ir para o outro lado do bairro, já que o ônibus que passa naquela rua não faz trajeto até a Universidade. Algumas pessoas passam em seus fluxos da vida cotidiana (em veículos e a pé), mas não há nenhum engajamento além da troca de olhares despreocupada. A van se aproxima às 07h15 min, ela vai para o ponto e faz sinal para parar. O motorista para. Ela sobe e consegue um espaço para sentar-se. Pega algumas folhas que precisa ler e leva toda sua atenção às leituras durante

todo o trajeto. Não há nenhuma troca de contato entre ela e as outras pessoas. Quando percebe que está chegando na Universidade, ela pede ao motorista que pare no determinado ponto. Paga ao cobrador e às 07h51min chega em frente a Universidade. Ela desce e segue para aula. A **Figura 45** esquematiza a rotinização de Luciana.

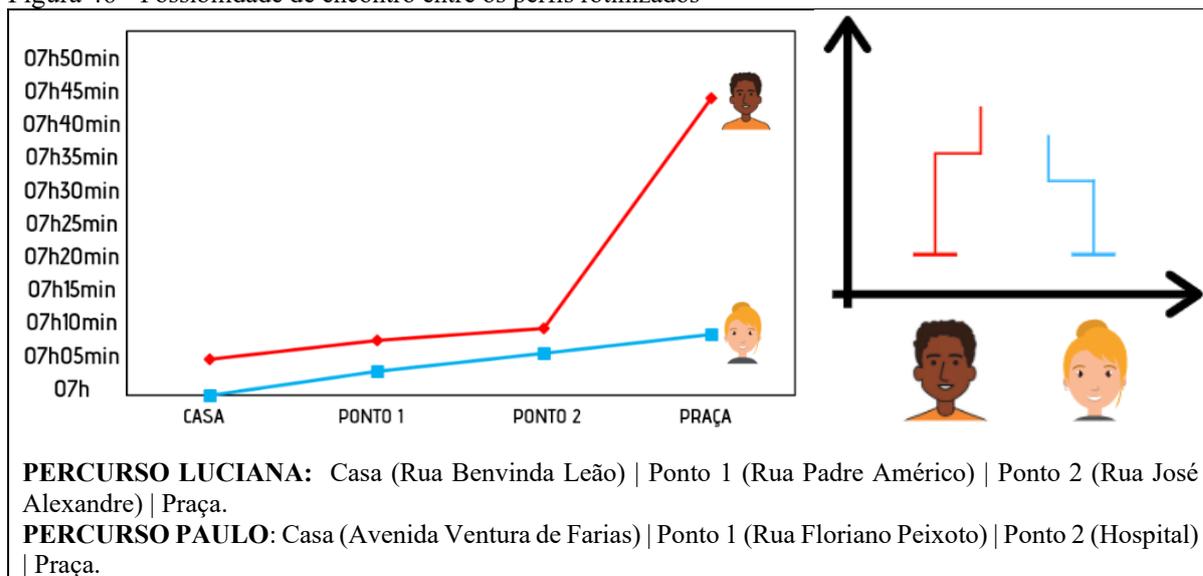
Figura 45 - Rotinização do perfil feminino – Praça Cel. José Alves



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010) - Ícones (<https://www.canva.com/>) | Acesso em Maio de 2019.

Relacionando as duas rotinas, percebemos que os dois perfis apresentam características diferentes, não apenas nos aspectos pessoais, como também nas atividades desenvolvidas em torno da praça Cel. José Alves. Utilizando o exemplo proposto por Giddens (2008), posicionamos as atividades dos dois perfis em uma feição de gráfico para identificar um possível cruzamento entre horário e espaço. A **Figura 46** apresenta o resultado.

Figura 46 - Possibilidade de encontro entre os perfis rotinizados



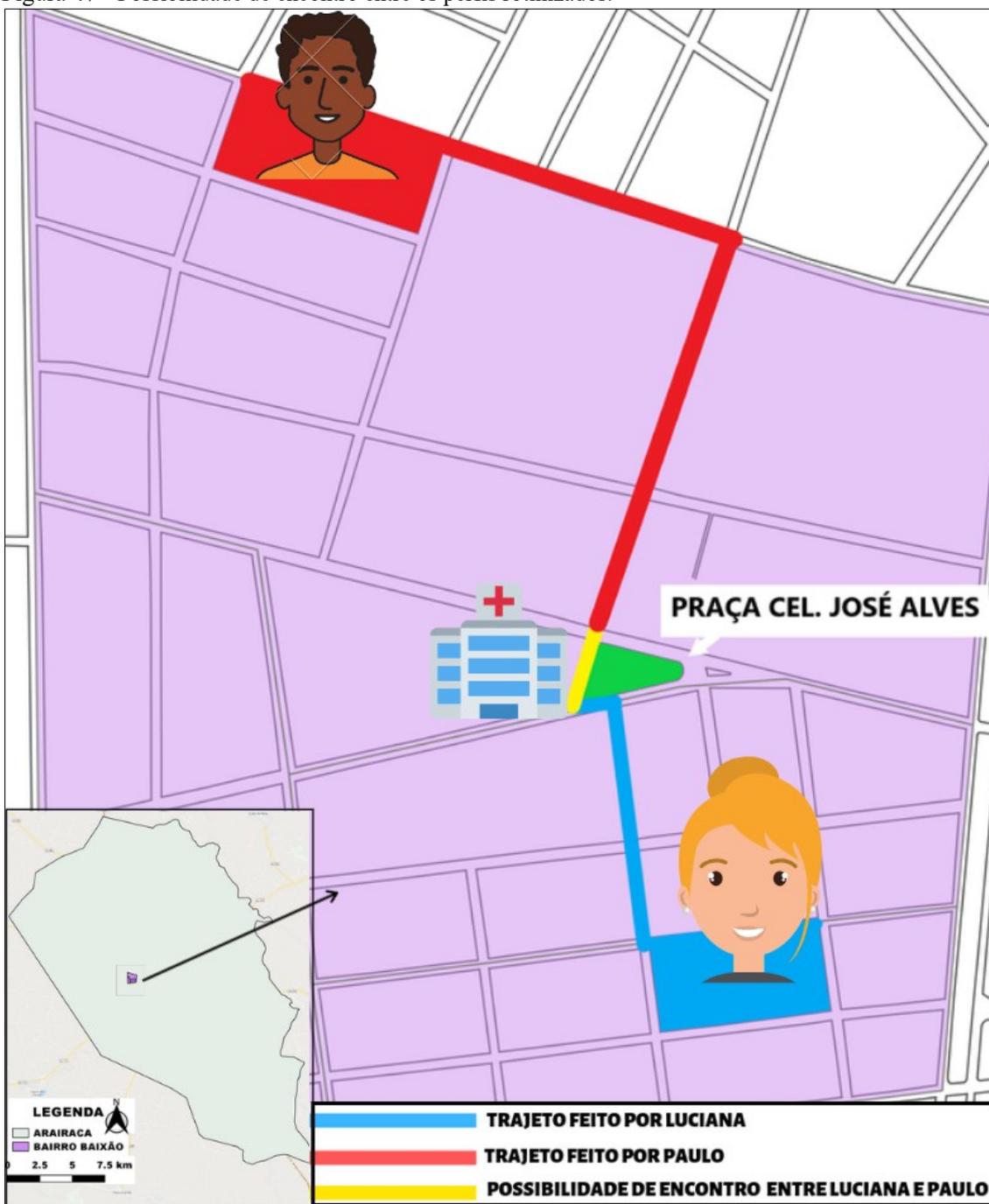
Fonte: Ícones (<https://www.canva.com/>) | Acesso em Maio de 2019.

Por ela percebemos que além da incompatibilidade de atividades, há o desencontro entre os horários. Fica evidente também que o fato do perfil masculino utilizar o carro como meio de transporte impossibilita o encontro não apenas com o perfil feminino rotinizado, mas também com qualquer outra pessoa que circule no entorno. Em uma situação hipotética, se Paulo não estivesse de veículo próprio haveria possibilidade de encontro na rua Marechal Floriano Peixoto na ida para o hospital, conforme a **Figura 47**, mesmo assim, a possibilidade de contato seria inexpressiva.

As rotinas apresentadas conseguem reforçar o entendimento de Giddens (2008) ao nos mostrar que os agentes humanos sempre sabem o que estão fazendo no nível da consciência discursiva, sob alguma forma de descrição. Entretanto, o que eles fazem pode ser-lhes inteiramente desconhecido sob outras descrições, e talvez conheçam muito pouco sobre as consequências ramificadas das atividades em que estão empenhados. Por isso que, de alguma forma, as rotinas configuram algumas restrições. Nos casos específicos, os rotinizados enfatizaram que não é pela falta vontade de se relacionar com as outras pessoas que estão próximas e justificam que isso se dá pela predisposição de cada um em ter menos abertura de

iniciar uma conversa com um desconhecido, embora esse se faça presente nas atividades diárias que eles realizam. Reforçam que é por questões de segurança, mas caso haja necessidade, iniciam o contato.

Figura 47 - Possibilidade de encontro entre os perfis rotinizados.



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010) - Ícones (<https://www.canva.com/>) | Acesso em Maio de 2019.

Concernente a praça Pereira Magalhães, o **Quadro 4** apresenta os perfis rotinizados. Comparado com os perfis da praça Cel. José Alves, esses apresentam correspondências de atividades, usos da praça e condições sociais.

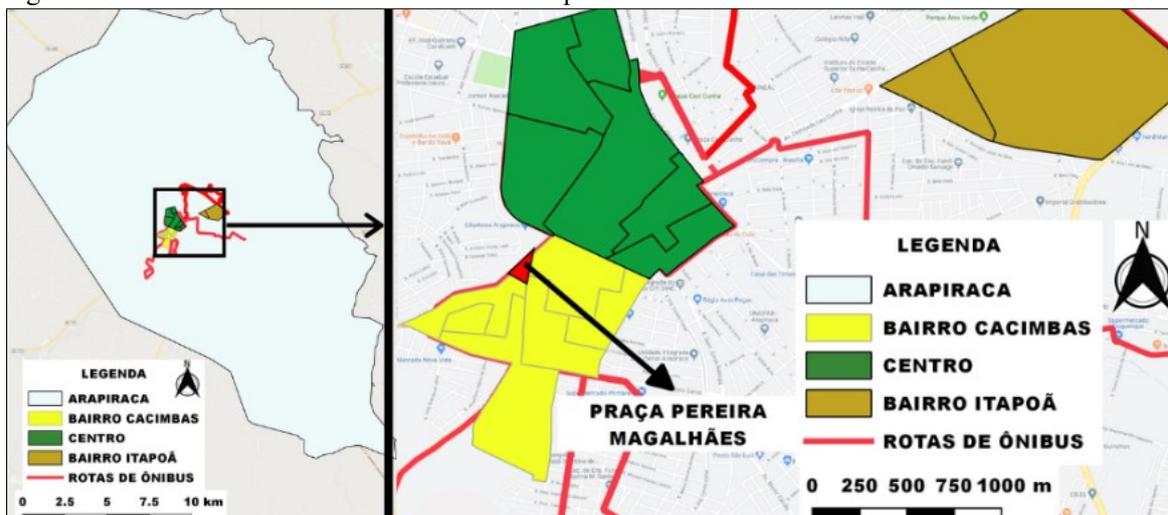
Quadro 4 - Personas das rotinizações da praça Pereira Magalhães

PRAÇA PEREIRA MAGALHÃES	
	<p>NOME: Jonas Simão IDADE: 46 anos RESIDÊNCIA: bairro Cacimbas. ESCOLARIDADE: Ensino Básico Completo PROFISSÃO: Gari CLASSE SOCIAL: Baixa FREQUÊNCIA DE USO NA PRAÇA: Alta MOTIVO DE USO: Trabalho/Espera transporte</p>
	<p>NOME: Ana Lúcia IDADE: 22 anos RESIDÊNCIA: bairro Cacimbas ESCOLARIDADE: Ensino Médio Completo PROFISSÃO: Empregada Doméstica CLASSE SOCIAL: Baixa FREQUÊNCIA DE USO NA PRAÇA: Alta MOTIVO DE USO: Trabalho/Espera transporte.</p>

Fonte: Ícones (<https://www.canva.com/>) | Acesso em Maio de 2019

O primeiro a participar do procedimento foi o homem caracterizado como Jonas Simão, que reside no bairro Cacimbas. Ele trabalha de gari para a empresa privada que faz limpeza na cidade e utiliza a praça para espera do ônibus dos funcionários para chegar ao local de trabalho, que no momento está locado no bairro Itapoã. A **Figura 48** apresenta a relação de distância entre esses bairros.

Figura 48 - Distância entre os bairro Cacimbas e Itapoã



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010)

A rotinização com Jonas se iniciou às 07h08min quando nos encontramos na sua casa, no dia 27 de Fevereiro, conforme a **Figura 49**.

Figura 49 - Rotinização do perfil masculino na praça Pereira Magalhães



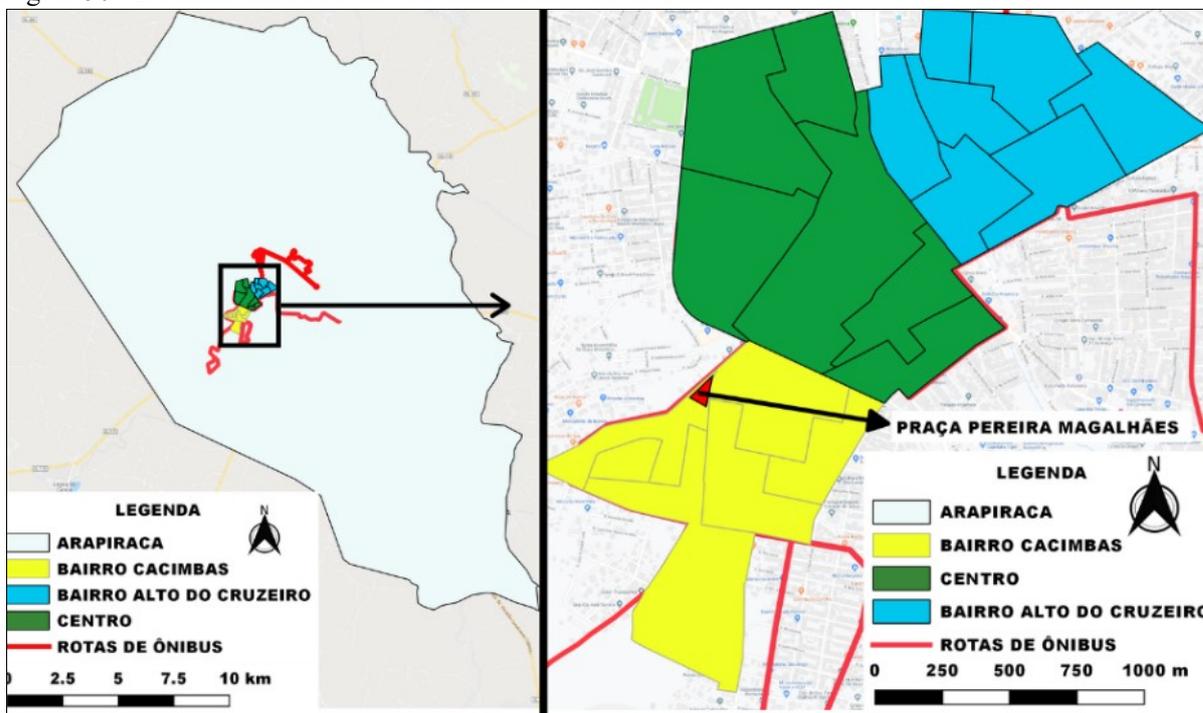
Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010) - Ícones (<https://www.canva.com/>) | Acesso em Maio de 2019.

Jonas sai de casa e caminha rápido, mesmo sabendo que o ônibus costuma passar entre 07h20min e 07h30min. Ele é bastante conhecido na sua rua e dá bom dia para quase todo mundo que encontra (geralmente homens, mas também chegou a falar com mulheres e crianças). Tem dias que ele vai de bicicleta até a praça com o filho, que fica a 450 metros da casa dele, mas neste dia ele vai a pé. Ele chega exatamente às 07h16min na praça e logo se junta ao grupo de taxistas (composto por mais três homens) que acabavam de chegar também ao local. Começam a falar do tempo que vai fazer calor, de furtos que vem ocorrendo no bairro e sobre o time da cidade que vai iniciar os jogos do campeonato. Depois de 14min minutos o ônibus chega e ele se despede do grupo. Não podemos acompanhá-lo mais, pois precisaríamos de liberação da empresa para entrar no ônibus que só é permitido funcionários. Jonas indica que o trajeto é sempre ir pegar os materiais no espaço da empresa e depois é levado ao bairro que desenvolve as atividades de limpeza.

Já a mulher foi caracterizada como Ana Lucia. Ela utiliza a praça para a espera do transporte público que a conduz para o trabalho de empregada doméstica em uma residência,

localizada no bairro Alto do Cruz. A **Figura 50** apresenta uma relação entre as distâncias dos bairros.

Figura 50 - Distância entre os bairro Cacimbas e Alto do Cruzeiro



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010)

Todo dia, Ana utiliza a praça Pereira Magalhães, que fica a 400 metros de sua casa, como ponto de espera do ônibus (que faz rota de volta do bairro Olho D'Água dos Cazuzinhos). Ela escolhe ir até a praça, mesmo tendo uma parada antes, para sentar enquanto espera e se proteger do sol. Mas às vezes isso não ocorre porque sai atrasada e acaba chegando no horário exato que o ônibus passa em um ponto antes. Às vezes, consegue carona com o Namorado que pede para ela esperar também na praça para facilitar o trajeto dos dois.

A rotinização de Ana iniciou-se às 07h10min, do dia 28 de Fevereiro, quando nos encontramos em frente à sua casa, Conforme **Figura 51**. Ela caminha devagar, porque segundo ela não dormiu bem, acordou cansada e atrasada. Pouco mais de 100 metros ela encontra duas amigas que seguem com ela no mesmo trajeto até a rua principal Vereador Benício Alves de Oliveira. As amigas residem na rua vizinha a dela e estavam se deslocando para a escola. As três conversaram sobre as festividades do carnaval que se aproxima. Ainda no trajeto, Ana cumprimenta dois conhecidos (um senhor idoso e uma adolescente), mas não para. Ao chegar na Rua Benício Alves de Oliveira ela se despede das amigas e aumenta o passo, pois tem receio de perder o ônibus. Ela chega na praça às 07h21min e ao chegar se senta em um banco. Sorri

para um homem que é motorista de táxi conhecido, mas não chega a iniciar nenhuma interação com ele. Logo o ônibus se aproxima e ela vai para o ponto. São 07h28min. No ponto há mais três mulheres, mas ela não conversa com ninguém, apenas olha e quando o ônibus para, ela entra. Não consegue lugar para sentar-se, pois está lotado. No trajeto não mantém contato com ninguém. Ela chega exatamente às 07h56min no terminal rodoviário que se localiza no Centro da cidade. Ana desce do ônibus e confessa já está atrasada, com isso começa a caminhar rápido, pois o local de trabalho fica a 850 metros do terminal. Às vezes ela vai de ônibus, que passa em frente à casa, mas no momento está economizando e precisa ir a pé. Entre o trajeto do terminal até o local de trabalho Ana também não interage com ninguém, apenas com olhares. Ela chega às 08h04min no trabalho.

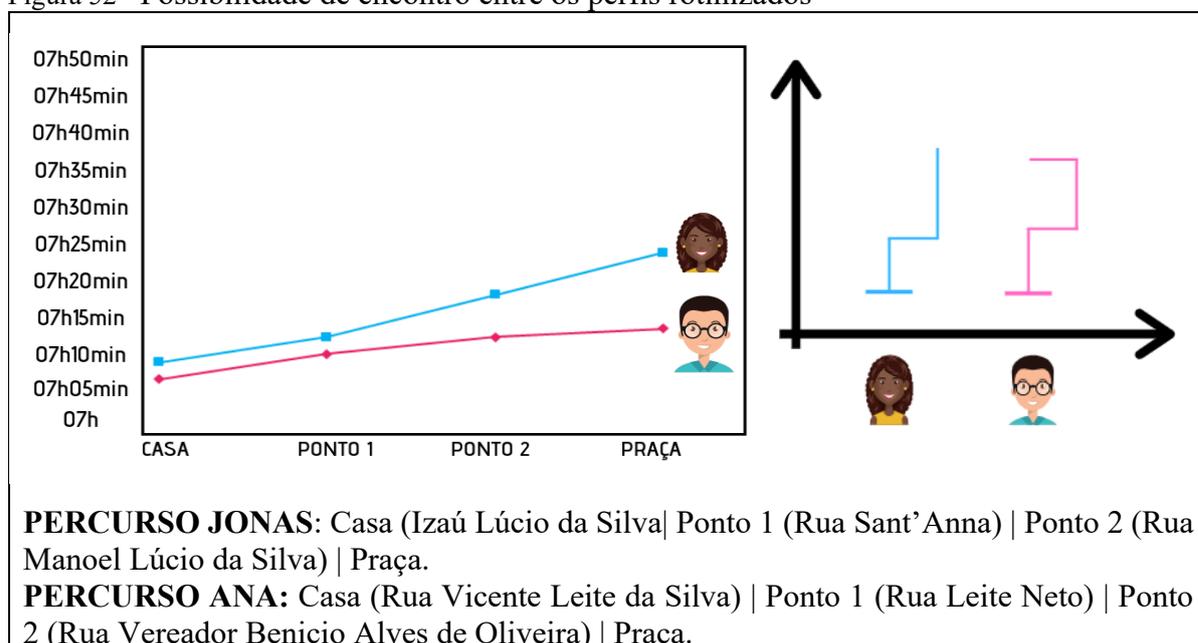
Figura 51 - Rotinização do perfil feminino na praça Pereira Magalhães



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010) - Ícones (<https://www.canva.com/>) | Acesso em Maio de 2019.

As rotinizações apresentadas dispõem de características semelhantes sobre as atividades desenvolvidas em torno da praça Pereira Magalhães. Diferentemente da praça Cel. José Alves, há a possibilidade de encontro entre os dois perfis, tanto pela compatibilidade de horário, como pela semelhança dos usos que fazem da praça. O posicionamento dos perfis no modelo proposto por Giddens (2008), apresentado na **Figura 52**, confirma essa probabilidade, pois a rotina de Jonas, embora o faça utilizar transporte diferente de Ana, permite que ele espere no mesmo espaço e horário que ela.

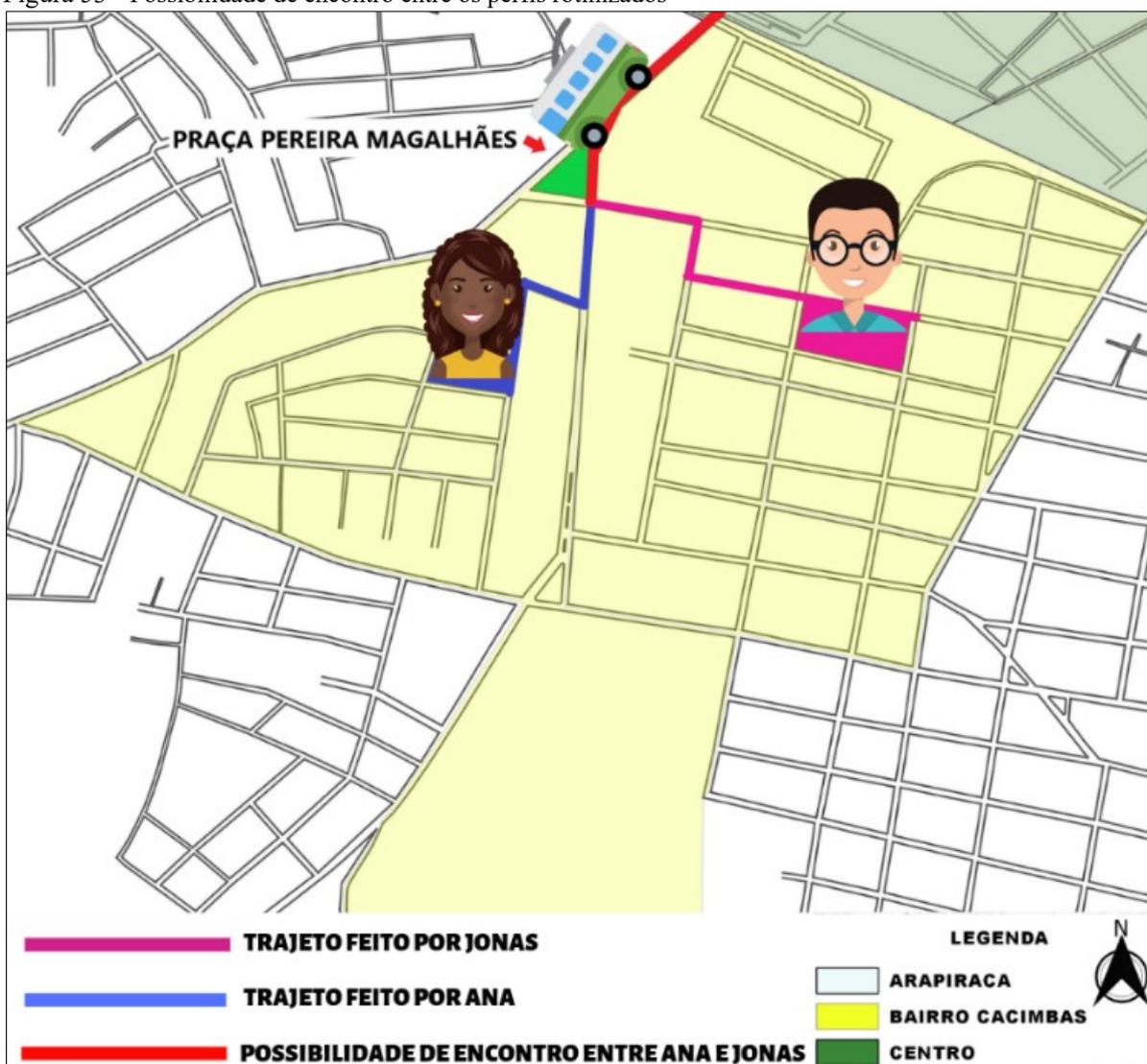
Figura 52 - Possibilidade de encontro entre os perfis rotinizados



Fonte: Ícones (<https://www.canva.com/>) | Acesso em Maio de 2019.

A **Figura 53** ilustra a possibilidade de encontro entre os dois, mais precisamente na rua Vereador Benício Alves de Oliveira, no entorno da praça Pereira Magalhães. A influência da praça para o fortalecimento dessas rotinas é fundamental, pois o espaço bastante movimentado ao longo do dia, possibilita com conforto à espera do transporte para os dois perfis. Em relação ao contato estabelecido por meio dessas rotinas e a praça, como visto não houve nenhum tipo de interação entre os perfis, mesmo havendo probabilidade de encontro, porque embora haja tal predisposição, é preciso haver abertura, e neste caso não há de nenhuma parte, ou seja, além da organização espaço-tempo apresentar similaridade é preciso que haja combinação de ações pessoais, que estão além dos aspectos rotineiros, e nesse caso, envolvem condutas mais pessoais de se relacionar.

Figura 53 - Possibilidade de encontro entre os perfis rotinizados



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010) - Ícones (<https://www.canva.com/>) | Acesso em Maio de 2019.

APÊNDICE 10 – RESULTADO DAS ENTREVISTAS

RESULTADOS ENTREVISTAS

Caracterizando os entrevistados da praça Pereira Magalhães, percebemos que a maioria são pessoas de renda baixa⁴⁶, sendo que algumas estão em condições de extrema pobreza e vivem à mercê de programas do governo. Apenas duas pessoas se caracterizam em uma renda intermediária entre baixa e média. Essas pessoas apresentam idade entre 18 a 63 anos; escolaridade entre nunca frequentou e ensino médio incompleto, mas duas pessoas se sobressaem com nível superior, sendo uma ainda em formação; e local de residência se destacam bairros próximos do bairro Cacimbas, como: Centro, Manuel Teles, Primavera, Padre Antônio de Lima, Olho D'Água dos Cazuzinhos. O **Quadro 5** resume essas informações e a **Figura 54** ilustra a distância entre os bairros de origem dos participantes.

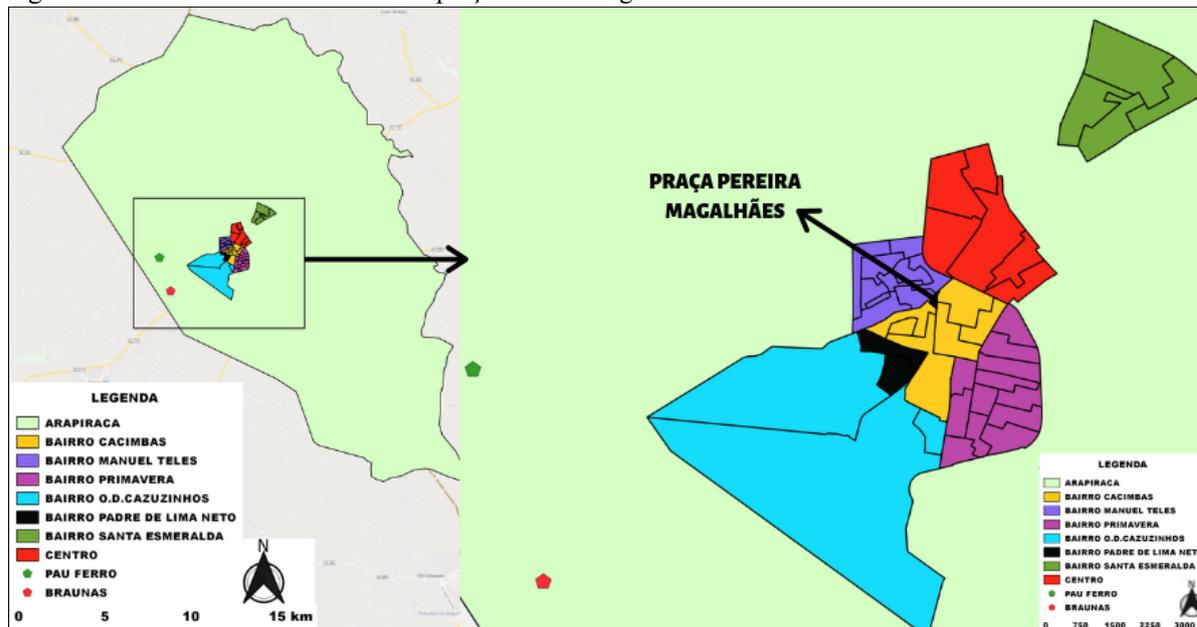
Quadro 5 - Caracterização dos entrevistados da praça Pereira Magalhães

PARTICIPANTE	G	I	E	R	P
Jamili Pereira	F	18	E. M. I.	Bairro Olho D'Água dos Cazuzinhos	Estudante
Luciana Amaral	F	18	E. M. I.	Vila Pau Ferro	Estudante
Lúcia Silva	F	50	E. B. C.	Bairro Cacimbas	Empregada Doméstica
Michelle Lima	F	23	E. M. C.	Bairro Manuel Teles	Desempregada
Ambrósia Cruz	F	37	E. M. C.	Bairro Primavera	Auxiliar de Enfermagem
Alice Luna	F	22	E. S. I.	Santa Esmeralda	Estudante
Jacira de Souza	F	41	E. B. C.	Bairro Manuel Teles	Gari
Clarice Bezerra	F	28	E. M. C.	Bairro Padre Antônio de Lima	Recepcionista
Marilânia Ferreira	F	31	E. M. C.	Bairro Cacimbas	Dona de Casa
Joselina Amaral	F	52	N. F.	Bairro Olho D'Água dos Cazuzinhos	Desempregada
José Júlio	M	47	E. B. I.	Bairro Cacimbas	Desempregado
Tião Felizardo	M	63	N. F.	Bairro Cacimbas	Aposentado
Jota Amâncio	M	49	E. B. I.	Bairro Manuel Teles	Motorista
Paulo Reis	M	30	E. M. C.	Bairro Primavera	Vidraceiro
Luiz Josias	M	18	E. M. I.	Vila Braúnas	Estudante
Edson Sorares	M	21	E. M. C.	Bairro Cacimbas	Comerciante
Willames Bezerra	M	18	E. M. I.	Bairro Olho D'Água dos Cazuzinhos	Estudante
Joaquim da Costa	M	26	E. S. C.	Centro	Engenheiro Civil
Juliano Souza	M	32	E. M. C.	Centro	Pedreiro
Valmir Arantes	M	44	E. B. I.	Bairro Olho D'Água dos Cazuzinhos	Comerciante

⁴⁶ Essa classificação foi dada conforme o rendimento domiciliar per capita (por pessoa) do IBGE, que em 2018, chegou a 1373 reais. No entanto, no estado de Alagoas, esse mesmo rendimento equivale apenas 714 reais. Além desse quesito, entendemos que as condições de classes sociais se estendem ao posicionamento citado por Poschmann (2013), que não inclui exclusivamente esses critérios de renda, mas também o acesso desigual a bens culturais, de estudo, de lazer, alimentação etc.

LEGENDA	
G:	Gênero
I:	Idade
E:	Escolaridade - Nunca Frequentou – N. F. Ensino Básico Incompleto – E. B. I. Ensino Básico Completo – E. B. C. Ensino Superior Incompleto – E. S. I. Ensino Superior Completo – E. S. C.
R:	Residência
B:	Bairro

Figura 54 - Bairro dos entrevistados da praça Pereira Magalhães



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010)

Já os participantes da praça Cel. José Alves apresentam um perfil mais diversificado nos níveis socioeconômicos, pois são pessoas de classe entre baixa e média; com idade entre 18 a 60 anos; com escolaridade entre ensino básico completo a superior completo; e local de residência em bairros próximos do bairro Baixão, como: Centro, Eldorado, Cavaco, Zélia Barbosa e Senador Nilo Coelho. O **Quadro 6** resume essas informações e a **Figura 55** ilustra a distância entre os bairros de origem dos participantes.

Quadro 6 - Caracterização dos entrevistados da praça Cel. José Alves

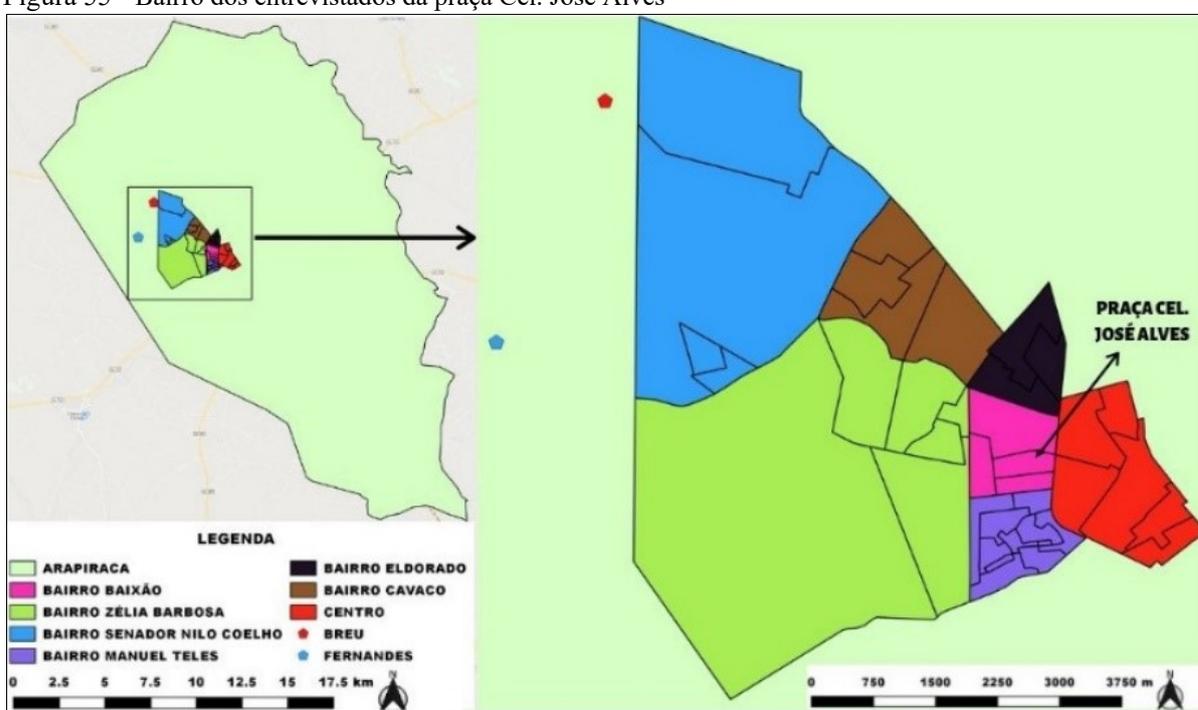
PARTICIPANTE	G	I	E	R	P
Bruna Soares	F	19	E. S. I.	Bairro Eldorado	Estudante
Carolina Ramos	F	18	E. M. I.	Vila Breu	Estudante
Joana Marques	F	46	E. B. C.	Bairro Manuel Teles	Empregada
Marília Dantas	F	31	E. M. C.	Bairro Baixão	Dona de Casa
Josefa da Silva	F	57	E. B. C.	Bairro Senador Nilo Coelho	Aposentada
Cristiane Moura	F	29	E. M. C.	Bairro Cavaco	Desempregada
Rosana Pedrosa	F	36	E. S. C.	Bairro Baixão	Advogada
Analu Freitas	F	18	E. M. I.	Bairro Senador Nilo Coelho	Estudante
Marta Ferreira	F	20	E. M. I.	Bairro Zélia Barbosa	Estudante
Jéssica Campos	F	34	E. M. C.	Bairro Baixão	Dona de Casa
Givaldo Gomes	M	56	E. B. C.	Bairro Baixão	Aposentado
Josué Ramalho	M	44	E. S. C.	Bairro Eldorado	Corretor

Murilo Camargo	M	18	E. M. I.	Bairro Senador Nilo Coelho	Estudante
Pedro Pontes	M	18	E. M. I.	Vila Fernandes	Estudante
José Pedro	M	39	E. M. C.	Bairro Baixão	Motorista de ônibus
Deoclecio	M	60	E. M. C.	Bairro Baixão	Aposentado
Ramon da Silva	M	29	E. S. C.	Centro	Enfermeiro
Leonardo de Jesus	M	31	E. M. C.	Manuel Teles	Motorista
Felipe Assunção	M	22	E. M. I.	Bairro Zélia Barbosa	Estudante

LEGENDA

G: Gênero
I: Idade
E: Escolaridade - Nunca Frequentou – N. F. | Ensino Básico Incompleto – E. B. I. | Ensino Básico Completo – E. B. C. | Ensino Superior Incompleto – E. S. I. | Ensino Superior Completo – E. S. C.
R: Residência
B: Bairro

Figura 55 - Bairro dos entrevistados da praça Cel. José Alves



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir dos dados de IBGE (2010)

A partir dessas caracterizações e as falas que serão expostas a seguir, é importante, inicialmente, relatarmos como se deu a entrevista com essas pessoas. Por elas, entenderemos que os discursos apresentados seguiram particularidades comuns aos grupos que cada entrevistado se encaixava.

Os estudantes, por exemplo, conseguiram discorrer fluidamente nas conversas, mas sempre se voltavam as questões de relacionamentos, então buscamos explorar e provocar as perguntas com base nesse contexto, e sempre que possível os trazíamos para o foco das perguntas. Esse grupo nos concedeu discursos longos, que refletem as necessidades básicas e como cada uma se materializa no dia a dia. Geralmente, estavam acompanhados e utilizavam os amigos do grupo para justificar as respostas.

Já os desempregados se sentiam desconfortáveis em falar da sua própria realidade e sempre desconversavam ou diziam que não entendiam, mas quando buscávamos inseri-los em exemplos concretos das perguntas, eles justificavam outras situações, porém nenhuma que corroborasse a fala com a realidade deles. Esse grupo, foi um dos mais complicados a extrair um discurso que pudesse nos conceder informações importantes para a pesquisa.

Os aposentados, por sua vez, apresentaram uma conversa mais fluída, sem preocupação de responder qualquer pergunta e, por vezes, contavam histórias longas para justificar uma resposta. Desse grupo, conseguimos extrair pontos importantes de utilização das praças nos mais diversos horários, porque eles estão todo dia nos espaços e passam a ter mais familiaridade com os usos, pessoas, vendas e outros acontecimentos.

Já as pessoas que apresentam algum trabalho fixo, mas que mesmo assim apresenta uma condição socioeconômica baixa, nos responderam de forma modesta, buscavam também desconversar, ou faziam usos de respostas rápidas e curtas, como muitos SIM e NÃO, e quando provocamos a dialogar mais, não encontrávamos abertura. O grupo conseguiu apresentar reflexões importantes, embora identifiquemos que o discurso deles não se alinha com suas condições e com o comportamento apresentado nas praças.

Já as pessoas que apresentam ensino superior completo, com renda fixa, sendo 3 na praça Cel. José Alves e 1 na praça Pereira Magalhães, e que certamente possuem condições melhores que todos os outros entrevistados, responderam diplomaticamente todas as questões. O interessante é que os quatro buscavam a aprovação das respostas pela pesquisadora, em quase todas as questões e expandia as respostas dadas a outras pessoas. Como por exemplo, isso aconteceu comigo, mas já ocorreu com um amigo e com um conhecido, isto é, generalizavam o contexto. Buscamos em todas as questões aprofundar todos esses argumentos, visto que, foram as pessoas mais diferenciadas nos níveis socioeconômicos entrevistados.

Semelhante as respostas encontradas na etapa quantitativa, todos os entrevistados de ambas as praças indicaram que já conversaram com alguém do mesmo bairro ou de bairros diferentes enquanto realizavam alguma ação, mesmo que se configure o mínimo de interação, como o simples fato de responder alguma pergunta, dar uma informação, retribuir expressões rotineiras ou gestos. Na praça Pereira Magalhães, algumas relações estabelecidas a partir dessa conversa, já transcenderam para ligações de amizade, sobretudo entre os entrevistados que utilizam a praça porque estão desempregados e os estudantes que se veem diariamente. Entre esses últimos foi citado também que algumas dessas relações já se configuraram em namoros. No mais, são conversas formais. Na praça Cel. José Alves, as relações que estenderam a níveis de amizade, ocorreram sobretudo entre aposentados, que utilizam a praça para lazer; entre as

mães que levam seus filhos para brincar e conhecem outras mães que estão nas mesmas condições; e estudantes que estudam no mesmo colégio, mas residem em bairros diferentes.

A partir desses delineamentos, apresentaremos os resultados de cada categoria, por meio das similaridades e diferenças entre as falas dos entrevistados nos dois espaços.